

Lettícia Batista Rodrigues Leite

Sobre os fragmentos poéticos de Safo de Lesbos e idéias da existência de uma voz feminina: reflexões sobre História, Lingüística e Literatura.

CAMPINAS, 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

L536s Leite, Lettícia Batista Rodrigues
Sobre os fragmentos poéticos de Safo de Lesbos e idéias da
existência de uma voz feminina: reflexões sobre História,
Linguística e Literatura. / Lettícia Batista Rodrigues Leite. - -
Campinas, SP : [s. n.], 2009.

Orientador: Pedro Paulo Abreu Funari.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Safo – Crítica e interpretação. 2. História antiga.
3. Literatura grega. 4. Linguagem e história. 5. Crítica feminista.
I. Funari, Pedro Paulo Abreu II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(mh\ifch)

**Título em inglês: On poetic fragments of Sappho and the
existence of a female voice: reflections on History, Linguistics
and Literature.**

Palavras chaves em inglês (keywords) : Sappho – Criticism and interpretation
History, Ancient
Greek literature
Language and History
Feminist criticism

Área de Concentração: História

Titulação: Mestre em História

**Banca examinadora: Pedro Paulo Abreu Funari, Glaydson José da Silva,
Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa.**

Data da defesa: 15-04-2009

Programa de Pós-Graduação: História

RESUMO

Letícia Batista Rodrigues Leite

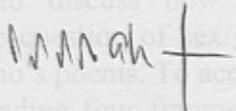
O objetivo central desta dissertação é problematizar como a relação linguagem/discurso aparece intimamente relacionada à questão do sexo/gênero, no âmbito dos trabalhos dos estudiosos que se propuseram a tratar dos fragmentos poéticos de Safo. Para tanto, realiza-se um exercício de tradução e leitura analítica de quatro fragmentos da poetisa grega Safo (VII-VI a.C.). Este exercício visa discutir aspectos formais e conté-

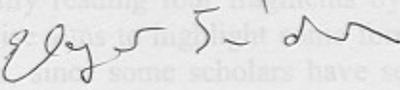
Sobre os fragmentos poéticos de Safo de Lesbos e idéias da existência de uma voz feminina: reflexões sobre História, Lingüística e Literatura.

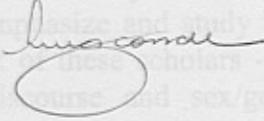
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari. Nessa perspectiva, buscare-se-á, também, apontar diferentes medidas, por meio das quais as concepções da relação proposta aqui, uma linguagem, em interfaces com discussões de caráter feminista, aparecem, sobretudo, no âmbito de disciplina histórica e da literatura. Assim como, chamar a atenção para as particularidades que devem ser levadas em consideração, no trato com as composições gregas de caráter poético produzidas no Período Arcaico (VIII - VI a.C.).

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela comissão julgadora em 15/04/2009.

Banca:

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (Orientador) 

Prof. Dr. Glaydson José da Silva 

Profª. Drª. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa 

Prof. Dr. Leandro Karnal (suplente)

Profª. Drª. Renata Senna Garraffoni (suplente)

Key words: Sappho (Criticism and interpretation), Ancient History, Greek Literature, Language and History, Feminist Criticism.

Abril, 2009

RESUMO

O objetivo central desta dissertação é problematizar como a relação linguagem/discurso aparece intimamente relacionada à questão do sexo/gênero, no âmbito dos trabalhos dos estudiosos que se propuseram a tratar dos fragmentos poéticos de Safo. Para tanto, realiza-se um exercício de tradução e leitura analítica de quatro fragmentos da poetisa grega Safo de Lesbos (VII-VI a.C.). Exercício este, que visa destacar alguns aspectos formais e de conteúdo presentes nestes fragmentos, tendo em vista que alguns estudiosos buscam, a partir destes, sublinhar uma singularidade presente nos compostos sáficos, que seria atribuível ao fato de que estes dariam a ouvir uma voz feminina. Nessa perspectiva, buscar-se-á, também, apontar e problematizar os principais pressupostos teóricos que, em diferentes medidas, perpassam os trabalhos destes estudiosos - no que diz respeito as suas concepções da relação linguagem/discurso e sexo/gênero daquele que enuncia. Para tanto, propor-se-á, aqui, uma discussão acerca das maneiras pelas quais as questões relativas à linguagem, em interface com as discussões de caráter feminista, aparecem, sobretudo, no âmbito da disciplina histórica e da literatura. Assim como, chamar a atenção para as particularidades que devem ser levadas em consideração, no trato com as composições gregas de caráter poético produzidas no Período Arcaico (VIII - VI a.C.).

Palavras-chave: Safo (Crítica e interpretação), História Antiga, Literatura Grega, Linguagem e História, Crítica Feminista.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to discuss how the relation between language/discourse is closely connected with the question of sex/gender, in the work of scholars who seek to study the fragments of Sappho's poems. To accomplish this, there will be an exercise in translating and analytically reading four fragments by the Greek poet Sappho of Lesbos (VII-VI BC). This exercise aims to highlight some formal and content-oriented aspects present in these fragments, since some scholars have sought to stress a singularity in this sapphic compositions, owing to the fact that they would allow us to hear a female voice. Accordingly, this research wants to emphasize and study the theoretical assumptions that, in different ways, permeate the work of these scholars - regarding the conceptualization of the liaison between language/discourse and sex/gender of who enounces. In order to do so, a discussion will be held on the manners in which the issues of language, in interface with the discussions of feminist character, appear, especially in History and literature, drawing attention to the particularities that should be taken into account when dealing with the Greek poetic compositions produced in the Archaic period (VIII - VI BC).

Key words: Sappho (Criticism and interpretation), Ancient History, Greek Literature, Language and History, Feminist Criticism.

Aos meus pais, Natália e João,
e aos meus queridos amigos.

AGRADECIMENTOS

Confesso que, desde que comecei a tentar escrever a primeira linha desta dissertação, era a primeira linha desta parte do trabalho que eu estava ansiosa para começar a escrever. Ansiedade que, ora devia-se à vontade de ver esta dissertação pronta para ser defendida, ora de tentar colocar no papel, no corpo de um trabalho que vejo como resultado destes sete anos de Campinas e de Unicamp, meus agradecimentos àqueles que são, em grande parte, responsáveis por eu estar aqui, assim como a todos àqueles que fizeram da minha vida aqui algo muito mais sonoro, colorido e repleto de afeto.

Agradeço, portanto, aos meus pais, Natália e João, pelo tranqüilo e sempre presente afeto, pela confiança e respeito relativo às minhas escolhas, assim como por anos de ajuda financeira - que fizeram realizáveis um milhão de coisas. Aos meus pais e à minha irmã, Pollyana: muito obrigado por se fazerem sempre presentes! Ainda que esta presença, nos últimos nove anos, corresponda, concretamente, à apenas um ou três meses do ano.

Agradeço, especialmente, à minha querida tia Doralice e a minha avó Oréstia, pelos dois anos de afável moradia em Goiânia. Anos estes, que foram decisivos no que diz respeito à escolha do curso que faria na faculdade.

Agradeço às meninas com as quais eu dividi casa e muitas experiências em Campinas: Cris, Letícia, Letícia, Daniela, Márcia, Lívia. Vocês, de maneira comum e, também, particular, dividiram comigo momentos incríveis que fizeram parte destes últimos sete anos.

O meu “muito obrigada” às duas grandes amigas com as quais eu - uma de forma efetiva, a outra não - moro há sete anos: Karina e Aninha. Amo e admiro muito vocês. Obrigada por estarem e quererem estar por todo este tempo ao meu lado e por dividirem as nem sempre tão belas experiências que a intimidade permite: sorrisos, choros, confissões muito sinceras, muitas risadas, momentos de profundo desânimo e desencanto...Ainda que sejamos tão jovens.

Obrigada, pois, além da Karina, à Fernanda e ao Miguel, por dividirem comigo a nossa casa, e, portanto, tudo o que tamanha proximidade implica. Obrigada pelo afeto e companhia diárias, pela intimidade dividida, pelo incentivo, pelos cafés, almoços, jantas, conversas e pela compreensão, ou não, de cada surto, assim como dos silêncios.

“Muito obrigada” aos mais do que necessários amigos que (re)conheci na Unicamp e que fazem, cada um à sua maneira, questão de ficar na minha vida - assim como eu, à minha maneira faço de permanecer na deles: Patrícia (sobretudo pelas nossas – mais suas que minhas, não? – reflexões afetivas compartilhadas), Rafael (uma das pessoas mais lindas e divertidas que conheci), Flávia (pelos longos telefonemas e acolhidas em Americana), Gera (por chegar e ter ficado), “Rachel”, Renata, Loyane, Valéria. Ao João, pelas sonoridades novas que, querendo ou não, trouxe pra mim.

Agradeço, em especial, também aos meus queridos amigos e companheiros de “área”: Gabriella, Luciano e Renato (aos meninos também pelo mais do que importante auxílio, respectivamente: com relação aos caracteres gregos e pela revisão das minhas traduções do inglês).

Ao pessoal do xerox, em especial: seu Luís, Bene e Rogério (pela paciência e carinho). Aos funcionários da biblioteca - em especial, ao Sandro, que sempre me escutou muito e com muita atenção e paciência.

Aos funcionários da Aliança Francesa de Campinas, em especial: Ricardo (embora não esteja mais lá), Rita, Renata, Sílvia e à professora Marisa (sobretudo, pelas leituras de Flaubert e Proust deliciosamente compartilhadas). À minha jovem professora de piano: Raquel, pela paciência, persistência e por me proporcionar um aprendizado que - segundo a Karina - me deixa mais feliz.

Agradeço, ainda, à Soninha pela revisão e pela paciência.

A todos os professores que, de maneiras variadas me inspiraram. Agradeço, em particular, a duas importantes professoras de teoria: Dra. Izabel Andrade Marson e Dra. Sílvia Hunold Lara. Aos professores de línguas clássicas: Dr. Trajano Vieira, Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira, Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos. A dois professores com os quais, parte do estágio docente, eu tive o prazer de compartilhar: Dr. Fábio Adriano Hering e Dr. Lúcio Ferreira Menezes.

Aos professores que gentilmente aceitaram participar da minha banca de mestrado: Dr. Glaydson José da Silva, Dra. Lourdes Conde Feitosa, Dr. Leandro Karnal e Dr. Renata Senna Garraffoni.

Ao meu orientador de iniciação científica e de mestrado: Dr. Pedro Paulo A. Funari, agradeço pela confiança, respeito e incentivo - presentes em todos os anos que trabalhamos juntos.

Agradeço, finalmente, ao essencial apoio proporcionado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O meu mais afetuoso agradecimento às pessoas as quais – mesmo que não estejam citadas aqui -, de forma efetiva, será sempre impossível enunciar, em uma proporção minimamente aproximada, o meu amor.

SUMÁRIO

Introdução.....01

Capítulo I - Lugares de enunciação: da História, de algumas das suas relações com a questão da linguagem e destas com as mulheres e/ou o feminino.

I.1 – Da História entendida como disciplina capaz de dar a ler uma memória verdadeira do passado à História intertextual:

I.1.1 – História ciência/ História “filológica”.....11

I.1.2 – Outras Histórias, outros problemas.....16

I.1.3 – Sobre algumas questões lingüísticas e alguns de seus desdobramentos no âmbito das Ciências Humanas.....24

I.1.4 - Da intertextualidade: de uma história intertextual e do conceito de intertextualidade como uma perspectiva de leitura tomada no âmbito deste trabalho.....35

I.2- Da História, da Literatura, das mulheres, dos feminismos e da linguagem:

I.2.1 – Dos movimentos feministas e de alguns paradigmas para se pensar sobre as mulheres e o feminino: discursos e identidades em questão.....38

I.2.2 – Da história das mulheres ao uso da categoria gênero: considerações acerca de dois modelos interpretativos.....43

I.2.3 – De quando as mulheres enunciam uma voz feminina: algumas considerações acerca deste pressuposto no âmbito da História e da crítica literária.....47

I.2.4 – Feminismos, pós-estruturalismo e identidades em questão: de quando o feminino pode ser enunciado por mulheres ou homens.....53

Capítulo II - Algumas considerações sobre as composições de caráter poético da Grécia Arcaica (VIII – VI a.C.) e sobre Safo de Lesbos e sua poesia.

II. 1 – Das composições de caráter poético da Grécia arcaica:

II. 1.1 – Das composições poéticas como “enciclopédias versificadas”65

II. 1.2 – De algumas problemáticas relativas às definições da poesia lírica.....86

II. 2 – Safo de Lesbos: de algumas controvérsias a respeito de uma ποιήτρια (poiētria):	92
II. 3 - Tradição poética masculina <i>versus</i> tradição poética feminina?	112
Capítulo III - Ensaio reflexivo a partir dos fragmentos 1, 16, 44 e 94.	
III. 1 – Breves considerações acerca da transmissão dos fragmentos poéticos de Safo de Lesbos	119
III. 2 – Dos fragmentos: traduções e comentários	122
Fragmento 1.....	122
Fragmento 16.....	139
Fragmento 44.....	150
Fragmento 94.....	154
Considerações Finais	161
Referências bibliográficas	163
Anexo	177

INTRODUÇÃO

As reflexões que estarão presentes no corpo dessa dissertação, como antes, àquelas que deram margem à elaboração do projeto inicial do mestrado, mais do que resultantes destes últimos dois anos de pesquisa, devem ser entendidas como um fruto dos últimos sete anos¹ de formação realizada no âmbito da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Formação que, embora efetivada, em sua maior parte, no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), também deve muito aos seis anos² de disciplinas cursadas no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), localizado nesta mesma instituição.

Formação desta maneira compartilhada, uma vez que, interessando-me pelas acirradas discussões suscitadas pelos fragmentos poéticos atribuídos a uma compositora que teria vivido no período da história grega definido como Arcaico (VIII – VI a.C.): Safo de Lesbos, dei-me conta de que os estudos relacionados às Letras Clássicas constituir-se-iam em parte indispensável no desenvolvimento de minhas futuras pretensões de pesquisa.

O contato com alguns dos fragmentos de Safo, ou seja, com uma tradução e problematizações relativas aos mesmos³, deu-se já no primeiro semestre de meu primeiro ano de graduação - objetos que foram de um seminário apresentado na disciplina de História Antiga, ministrada pelo professor Dr. Pedro Paulo A. Funari, que, por sua vez, viria a se tornar o orientador de meus trabalhos de pesquisa relacionados à poetisa. Contato capaz de me despertar curiosidades e inquietações iniciais que, somadas posteriormente a dois semestres de leituras dirigidas⁴, levaram-me a desenvolver um projeto de pesquisa de

¹ Considero aqui os intervalos de 2002 - 2006 e 2007 - 2008 correspondentes, respectivamente: à graduação e ao mestrado.

² Considero aqui o intervalo de 2003 – 2008 em que cursei disciplinas de graduação, assim como de pós-graduação. Disciplinas de graduação: Grego Clássico (2003 – 2006), Latim Clássico (2005 – 2008) e Lingüística Histórica e Românica I (primeiro semestre de 2006). Disciplinas de pós-graduação: “A épica grega: análise da *Odisséia* de Homero” (primeiro semestre de 2007) e “A tragédia como gênero literário e sua recepção no cinema e na ópera no século XX”.

³ A presença de seis fragmentos poéticos (traduções de Joaquim Brasil Fontes e de A. Freire) e comentários relativos aos mesmos, encontrava-se no âmbito de um livro de autoria do professor Pedro Paulo A. Funari, que me serviram de base para a apresentação do referido seminário: FUNARI, Pedro Paulo A. **Antigüidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Unicamp, 1995, p. 98-100. As traduções aí citadas, por sua vez, estão originalmente presentes em: FONTES, Joaquim Brasil. **Variações sobre a lírica de Safo. Texto grego e variações livres**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992. FREIRE, A. **Selecta grega**. Porto: Livraria Apostolado, 1961.

⁴ Estudos dirigidos orientados pelo professor Pedro Paulo A. Funari durante dois semestres: 2º. Semestre de 2004 (HH 764) e 1º. Semestre de 2005 (HH 765).

Iniciação Científica⁵ e por fim, a redigir um texto de conclusão de curso intitulado: *Antigüidade Clássica, Safo de Lesbos e Lesbianismo: discursos e identidades*⁶.

Assim, - como já deixa entrever o título acima mencionado de minha monografia – todos os meus esforços iniciais de pesquisa tiveram como seu objeto e objetivo central problematizar uma extensa discussão existente em torno da figura de Safo de Lesbos e que teria justificado, até mesmo para a ciência psicanalítica do XIX, a definição da homossexualidade feminina pelo termo “lesbianismo” - substantivo derivado do nome da ilha onde a poetisa teria vivido⁷. Atribuição derivada, sobretudo, de leituras dos fragmentos sáficos que os entendiam, entre outras coisas, como veículos expressivos do amor homoerótico feminino – senão da própria poetisa, ao menos como atestação da sua existência no âmbito da sociedade lésbica do arcaico.

Tratava-se, portanto, para além de discutir problemas relacionados à leitura da lírica antiga – gênero com o qual as composições sáficas são identificadas pelo menos desde o século III a.C.⁸ –, de uma reflexão acerca de questões relacionadas à idéia da existência de identidades (homo) sexuais – com destaque para as críticas de cunho feminista e pós-estruturalistas.

E do conjunto de leituras realizadas no breve percurso de pesquisa acima descrito, pôde-se observar que, em um número bastante considerável de trabalhos, a

⁵ Pesquisa financiada pelo programa CNPq – PIBIC durante a partir do segundo semestre de 2005 até o final do ano de 2006 e orientada pelo professor Dr. Pedro Paulo A. Funari.

⁶ Trabalho também desenvolvido sob a orientação do professor Dr. Pedro Paulo A. Funari e defendido em dezembro de 2006. A avaliação do mesmo contou com a participação da professora Dra. Margarida Maria de Carvalho (UNESP-Franca), assim como com a participação do professor Dr. Glaydson José da Silva (UNIFESP).

⁷ Para registro da definição de termos relativos à homossexualidade no âmbito da psicanálise do XIX ver verbete HOMOSSEXUALIDADE: HOMOSSEXUALIDADE. In: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro; Lucy Magalhães Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. O original francês: *Dictionnaire de la psychanalyse*, é de 1997, p. 350-355. Para referências no que diz respeito ao uso do substantivo “lesbianismo”, como também de outros termos derivados de Safo como “safismo”, em língua inglesa ver: HALLETT, Judith. P. Sappho and her social context: sense and sensuality. **Signs**, vol. 4, no. 3, 1979, p. 451-452. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 17 fev. 2006. Ver ainda: BLUNDELL, Sue. Women as poet: Sappho. **Women in Ancient Greece**. Cambridge: Harvard University Press, 1995, p. 82-91. LARDINOIS, André. Safo lésbica e Safo de Lesbos. In: BREMMER, Jan, **De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade**. Tradução Cid Knipel Moreira. Campinas: Papyrus, 1995, p. 27. O original inglês: *From Sappho to Sade – moments in the history of sexuality*, é de 199. Para registro do uso deste substantivo em língua portuguesa ver: HOUAISS, Antônio *et al.*. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Para língua francesa ver verbete *LESBIANISME*. In: ROBERT, Paul. **Le Nouveau Petit Robert**. Paris: Sejer, 2004, p. 1476.

⁸ Trataremos mais detidamente de algumas problemáticas relativas às definições da lírica grega e mais especificamente à lírica sáfica no segundo capítulo dessa dissertação.

excepcionalidade de uma “voz feminina”, que seria representada pelos fragmentos poéticos de Safo, era um aspecto que de maneira alguma passava despercebida no âmbito de uma notória multiplicação de trabalhos relativos à poetisa - que teve lugar a partir do ano de 1955, graças à publicação por Edgar Lobel e Denys Page, do *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*: a primeira edição moderna “completa”⁹ dos fragmentos de Safo¹⁰. Edição esta cuja importância, segundo Ellen Greene, deve-se ao fato de poder ser tomada como paradigmática no que concerne à resolução de um considerável número de problemas de restabelecimento textual.¹¹

Torna-se importante destacar, porém, que no tocante ao aspecto supracitado, uma notória diferença de ênfase torna possível falar da existência de dois momentos. Um primeiro momento que se caracterizava por uma preocupação em destacar as similaridades de forma e conteúdo que os fragmentos poéticos de Safo apresentavam quando comparados às vozes predominantemente masculinas que formavam uma tradição poética; em contraposição a um segundo, no qual o que se tornava interessante eram as suas singularidades relativas àquela “tradição masculina”.¹²

Tendo em perspectiva estas considerações é importante destacar, portanto, o fato de que, no âmbito dos trabalhos desenvolvidos a partir da mencionada multiplicação do número de estudos relativos à poetisa de Lesbos, travou-se um forte diálogo com o contexto de lutas e críticas de caráter feministas que (re) tomaram¹³ corpo, sobretudo, a partir da

⁹ As aspas se devem ao fato de que - segundo nos sugerem os testemunhos relativos à poetisa - toda a obra da poetisa editada primeiro pelos alexandrinos a partir do século III a.C., compreender ao todo cerca de 8 ou 9 livros, daí a edição moderna não poder ser descrita como efetivamente completa. Nesse sentido ver: CAMPBELL, D. A. (ed.). **Greek lyric I - Sappho and Alceus**. 3rd ed. Cambridge: Harvard University Press, 1994. (The Loeb Classical Library). Ver também: RAGUSA, Giuliana. **Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. YATROMANOLAKIS, Dimitrios. Alexandrian Sappho revisited. **Harvard studies in classical philology**, vol. 99, 1999, p. 179-195. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 03 mar. 2008.

¹⁰ LOBEL, Edgar e PAGE, Denys (eds.). **Poetarum Lesbiorum Fragmenta**. Oxford: Clarendon Press, 1955. É importante destacar que esta edição não traz apenas a compilação e comentários relativos aos fragmentos de Safo, mas também, de conjuntos outros de composições que seriam oriundas da ilha de Lesbos: indo desde Alceu até um conjunto de 27 fragmentos para os quais a autoria é dita incerta.

¹¹ GREENE, Ellen,(ed.). Introduction. In: **Reading Sappho: contemporary approaches**. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 1-8.

¹² Buscarei problematizar essa idéia de uma “tradição poética masculina” no decorrer do segundo capítulo desta dissertação.

¹³ A utilização do termo “(re) tomaram” justifica-se pelo fato de que em uma perspectiva histórica, no que diz respeito à luta por direitos políticos e jurídicos, as lutas feministas já se dão no âmbito do século XVIII. Para uma breve descrição da trajetória do(s) feminismo(s) na história e especificamente no Brasil ver: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília M. B. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO,

década de 1960. Nesse sentido, é interessante observar que, se as lutas de caráter feministas que tomaram corpo a partir já do século XVIII tinham como objetivo a equiparação de direitos jurídicos e políticos para as mulheres com relação aos homens, e, portanto, traziam como tônica uma luta pela **igualdade**; no que se refere às reivindicações das décadas de 1960 e 70 - para além dessa igualdade legal - as exigências iam no sentido de reclamar uma igualdade social mais ampla e efetiva. Reclamação acompanhada desta vez, de uma valorização das **diferenças** entre os vários grupos de mulheres (negras, lésbicas, proletárias, burguesas, entre outras), assim como das mulheres em relação aos homens – uma vez que com relação àquelas, notava-se que inúmeras sociedades, ao longo da história, vinham atribuindo uma valoração marcadamente negativa.

Mas um aspecto ainda mais importante no que se refere à retomada das lutas de caráter feminista dada nas décadas de 1960 e 1970, diz respeito ao fato de que, é a partir deste momento, que as lutas sociais de cunho feministas passarão a ecoar fortemente no âmbito das preocupações acadêmicas. Ecos cuja amplitude se dará de forma que, as mulheres e aspectos a elas relacionados, passem a ser tomados como uma problemática de discussões passíveis de serem legitimadas como objeto de estudo¹⁴. Pois, se outrora aspectos relativos às mulheres eram considerados, eles não o eram como objeto principal de pesquisa e menos ainda, tinham sido capazes de inserir propostas analíticas próprias - como o será feito na década de 1970 com a inserção da categoria “gênero”¹⁵ e de todo um aparato crítico de cunho feminista que passará a dialogar com outras tantas propostas críticas como, por exemplo, o pós-estruturalismo, no que se refere às suas crítica relativas à noção de identidade feminina¹⁶.

Tendo em vista as breves considerações até aqui expostas, acredito que um paralelo extemporâneo entre os dois momentos do feminismo e os dois momentos relativos ao

Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (orgs.). **Mulher e relações de gênero**. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 81- 114.

¹⁴ Para considerações nesse sentido ver: PERROT, Michelle (dir.). **Une histoire des femmes est-elle possible?** Paris: Rivages, 1984.

¹⁵ Para importantes considerações com relação à categoria “gênero” tomou-se como referência as reflexões presentes em: SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992, p.65-75. O original inglês: *New Perspectives on Historical Writing*, 1991 ; “Gender: a useful category of historical analysis. In: **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1998, p. 28-50.

¹⁶ Nesse sentido ver as discussões presentes em: ALCOFF, Linda. Cultural Feminism versus Post-Structuralism: The Identity Crisis in Feminist Theory. **Signs**, vol. 13, no. 3, 1988, p. 405-436. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 14 mar.03 2008.

tratamento da rara “voz feminina” de Safo pode ser proposto. No sentido de que, é sobretudo no que diz respeito aos trabalhos desenvolvidos antes da eclosão dos movimentos e críticas feministas das décadas de 1960 e 70, que se nota a ênfase para os aspectos presentes nos fragmentos de Safo os quais - uma vez que semelhantes aos encontrados nos demais autores - a inseririam no âmbito de uma tradição de poesia lírica grega. Enquanto que, uma vez multiplicadas as vozes e reivindicações feministas, é possível notar o aparecimento de um maior número de trabalhos dispostos a destacar as singularidades que poderiam ser encontradas neste conjunto de fragmentos.

Aspecto mais curioso, porém, é perceber que para o primeiro grupo de trabalhos, as singularidades de forma e conteúdo encontradas na lírica sáfica seriam atribuídas a um uso pessoal que Safo teria feito das convenções poéticas vigentes, de modo a dar vazão às suas experiências e subjetividade femininas – na medida em que partilhavam do pressuposto que, diferentemente da épica, a poesia lírica grega daria lugar a voz subjetiva do seu autor¹⁷. Enquanto que, no que se refere a um segundo grupo de trabalhos - ocorrendo em diferentes medidas uma problematização da diferença que cabe considerar entre eu-lírico e compositor - fato é que, grosso modo, as singularidades encontradas deixam de ser atribuídas a um fator pessoal, sem que com isso seja negada às mesmas, por vezes, uma excepcionalidade atribuível a um feminino¹⁸. Portanto, pode-se dizer que em comum, tais trabalhos trazem o fato para o qual esta dissertação quer chamar atenção: o fato de que, em se tratando de Safo, o que seria lido como suas singularidades como compositora, em alguma medida, são atribuídas a uma diferença alocada em um feminino.

Acerca das particularidades das posturas encontradas nos autores que identifiquei como pertencentes ao que chamei de primeiro grupo/momento, assim como daqueles que

¹⁷ Nesse sentido ver: BOWRA, Cecil M. **Greek Lyric poetry: from Alcman to Simonides** [1936]. Oxford: Clarendon University Press, 2000. SNELL, Bruno. O Despontar da Individualidade na Lírica Grega Arcaica. In: **A Cultura Grega e as origens do Pensamento Europeu**. Tradução Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 53-79. O original alemão: *Die Entdeckung des Geistes*, é de 1955.

¹⁸ Neste sentido ver, por exemplo: GREENE, Ellen. Apostrophe and women's erotics in the poetry of Sappho. **Transactions of the American philological association (TAPA)**, vol. 124, 1994, p. 41-56. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em 03 mar. 2008. STEHLE, E. Romantic sensuality, poetic sense: a response to Hallet on Sappho [1979]. In: GREENE, Ellen (ed.). **Reading Sappho: contemporary approaches**. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 143-49. SKINNER, Marilyn B.. Woman and language in ancient Greece, or, why is Sappho a woman? In: RABINOWITZ, Nancy S.; RICHLIN, AMY (eds.). **Feminist theory and the classics**. New York: Routledge, 1993, p. 125-142. WILSON, Lyn Hatherly. **Sappho's sweetbitter songs. Configurations of female and male in ancient Greek lyric**. Londres: Routledge, 1996. WINKLER, John J. Double Consciousness in Sappho's Lyrics". In: **The constraints of desire: the anthropology of sex and gender in ancient Greece**. Londres: Routledge, 1990, p.162-187.

serão aqui identificados como pertencentes a um segundo grupo/momento, pretendo discorrer mais detalhadamente ao longo desta dissertação. Por hora, faz-se importante notar ainda que, guardadas as diferenças de ênfase e abordagem para cada um dos estudiosos, fato é que, embora os fragmentos sáficos, no mais das vezes venham sendo tomados como veiculadores de uma “voz feminina” - quase que única¹⁹ no âmbito da sociedade grega antiga - por vezes não o é, enquanto veiculador de uma “autêntica” representação/discurso feminino²⁰. E talvez isso sirva para explicar que, no contexto da historiografia brasileira, esta “voz” não tenha sido tomada como objeto de estudo no âmbito dos trabalhos daqueles que se têm esforçado a trazer à tona problemáticas concernentes às mulheres e ao feminino²¹.

Mas, no que se refere à historiografia brasileira, isto também pode ser relacionado ao fato de que, as composições de caráter poético tenham sido tradicionalmente identificadas como objetos a serem estudados no âmbito dos trabalhos desenvolvidos na área de Letras e de Literatura Clássicas²². Assim, mesmo que os trabalhos relativos a Safo, para um contexto internacional, estejam inseridos em uma área de estudos mais amplos denominadas de Estudos Clássicos – cujas preocupações incluiriam os mais variadas

¹⁹ Para referência a alguns nomes de poetisas gregas, incluindo Safo ver: WALTZ, Pierre (ed.) **Anthologie Grecque. Première Partie - Antologie Palatine, tome VII (livre IX, épigr. 1-363)**. Paris: Belles Lettres: 1957, epigrama 26, p. 12. Epigrama apresentado e comentado em RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 56-58. Para comentários e compilação de fragmentos de Safo, Corina, Telesila, Praxila, Cleobulina, Beo, Erina, Nóside, Mero, Ánite, Hédila, Filina de Tesalia, Melino, Cecília Trebula, Julia Balbila, Damo, Teosebila ver: BERNABÉ, Alberto Pajares, RODRÍGUEZ, Helena Somolinos. **Poetisas griegas**. Madrid: Ediciones Clásicas, 1994. É importante ressaltar que nenhuma dessas poetisas teria sido contemporânea a Safo.

²⁰ Neste sentido ver a afirmação presente em: LESSA, Fábio de Souza. **Mulheres de Atenas: mélixa do gineceu à agora**. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga (LHIA), UFRJ, 2001, p. 69: “[...] o seu discurso não nos apresenta indícios de um rompimento com o discurso masculino, isto é, sua poesia não nos revela a visão feminina acerca da mulher. Acreditamos ser, justamente por isso, que sua poesia conseguiu um espaço na sociedade grega antiga”.

²¹ Uma exceção pode ser encontrada no já citado livro de FUNARI, Pedro Paulo A. **Antigüidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**, op.cit. (ver aqui nota 3). Ver ainda a dissertação de mestrado de GOMES, José Roberto de Paiva. **Safo de Lesbos e os poetas masculinos: uma análise comparada da atividade ritual e do casamento na Grécia Arcaica**. 2004. 83 p. Dissertação (Mestre) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

²² Hoje, porém, faz-se notório que um considerável número de historiadores brasileiros tem se dedicado a travar diálogo com os mais variados materiais. Para um conjunto de trabalhos dedicados a tratar dos mais variados aspectos relativos às mulheres e ao feminino, para vários períodos e sociedades antigas e partindo das mais diferentes análises e materiais textuais e materiais ver os artigos presentes em: FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson, José da. (org.). **Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. Ver ainda: LESSA, Fábio de Souza, op.cit.. Assim como: ANDRADE, Marta Mega de. **A ‘cidade das mulheres’: cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga (LHIA), UFRJ, 2001.

discussões que possam contribuir para o entendimento de aspectos relacionados às sociedades gregas e romanas antigas – eles aqui acabam por serem identificados como tratando, mais estritamente, de aspectos ligados a problemáticas literárias e talvez por isso, não venham merecendo a atenção da área de estudos históricos.

Pensando em todos estes elementos, e, sobretudo, – uma vez que aqui se fala de um trabalho desenvolvido no âmbito da História - em uma questão sempre presente ou latente nos trabalhos que no âmbito historiográfico têm se proposto a discorrer acerca de aspectos relacionados às mulheres: como escrever uma história que fale sobre as mulheres em meio a um conjunto de fontes cuja autoria reporta maciçamente a homens?²³, é que acabei por desenvolver meu projeto de mestrado. Na medida em que, seja para tornar possível a elaboração da pergunta acima colocada, e ainda, de trabalhos que têm em perspectiva uma comparação Safo e “tradição poética masculina”, o que os estudiosos entendem da relação linguagem/sexo, aparece como aspecto fundamental no sentido de entender as suas posturas interpretativas.

Para tanto é que considerarei ainda, as discussões dadas no âmbito da crítica literária, a partir também da década de 1960 - não apenas no que se refere especificamente aos Estudos Clássicos, mas a partir das quais as posturas adotadas nos mesmos se justificam. Para as quais podemos notar também, uma preocupação em problematizar as questões relativas às mulheres e suas vozes no âmbito de suas composições, marcadas: ora pela ênfase nas diferenças temáticas e de estilo encontradas, atribuíveis a uma sua “experiência e subjetividade femininas”²⁴; ora para o que de fato pode haver de “feminino” netas representações, uma vez que se parta do pressuposto que a linguagem/discurso enquanto representações, não pode ser outra coisa que masculinas²⁵.

²³ Como exemplo de trabalho em que esta questão é apontada de maneira explícita como uma das questões importantes que os estudiosos, ao empreender a tarefa de abordar questões relativas às mulheres na escrita da História, devem considerar, ver o recente balanço feito pela historiadora francesa Michelle Perrot em seu: PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007, p. 21-33. Tradução de Ângela M. S. O original francês: *Mon histoire des femmes*, é de 2006.

²⁴ Nesse sentido ver: SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Tradução Deise Amaral. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23-57.

²⁵ Ver as discussões presentes em: BAYN, Nina. The madwoman and her Languages: why I don't do feminist literary theory. **Tulsa Studies in Women's Literature**, vol. 3, no. 1/2, 1984, p. 45-59. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 14 mar. 03 2008. DRAINE, Betsy. Refusing the Wisdom of Solomon: Some Recent Feminist Literary Theory. **Signs**, vol. 15, no. 1, 1989, p. 144-170. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 14 mar. 2008. RICHARD, Nelly. **A Escrita tem sexo?** Intervenções

Nesta dissertação, portanto, tem-se como objetivo central: problematizar como a relação linguagem/discurso²⁶ aparece intimamente relacionada à questão do sexo/gênero²⁷, no âmbito dos trabalhos dos estudiosos que se propuseram a tratar dos fragmentos poéticos de Safo. Para tanto, propõe-se a realização de tradução e comentários de quatro fragmentos poéticos de Safo (fr. 1, 16, 44, 94²⁸) – de modo a destacar, a partir da leitura destes, aspectos formais e de conteúdo que são lidos ou não enquanto “singulares”, na medida em que tomados em uma perspectiva comparativa relativamente ao que seria uma “tradição poética masculina”(que, por sua vez, guia-se, em grande parte, pela herança veiculada pelas epopéias homéricas).

Objetiva-se, portanto, - antes até de se deter nas discussões centradas nos fragmentos e de forma a prover uma base de discussões que possa permitir uma problematização mais consciente dos mesmos - apresentar uma discussão relativa à disciplina histórica em suas relações com as problemáticas em torno da linguagem/discurso; para, em seguida, colocar tal discussão em interface com as críticas de caráter feminista - conforme apresentadas em vários momentos e perspectivas. Estas

críticas: arte, cultura, gênero e política. **Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p.127-141. O original espanhol, 1993.**

²⁶ Ao apresentar já aqui linguagem e discurso como equivalentes, apresento desde já um indício de problematização referente a este objeto que pretendo considerar mais detidamente ao longo desta dissertação. Todavia, ao optar por assim apresentá-lo, tomei como ponto de partida a seguinte consideração feita por Barthes em seu texto BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1989. O original francês: *Leçon*, é de 1978, p. 30-31: “(...) ao longo de toda a minha apresentação, passei sub-repticiamente da língua ao discurso, para voltar, às vezes, sem prevenir, do discurso à língua, como se se tratasse do mesmo objeto. Hoje creio realmente que, sob a pertinência que aqui se escolheu, língua e discurso são indivisíveis, pois eles deslizam segundo o mesmo eixo de poder.” Ainda com relação a uma referência da linguagem enquanto “discurso”, é indispensável dizer que existe uma pluralidade de abordagens, que de uma maneira geral, tem como ponto comum a crítica a uma postura que a entenderia enquanto um veículo neutro de acesso a uma cultura e não como também ela, um construto cultural. Alessandro Duranti nos informa que a referência à linguagem enquanto “discurso”, trata-se de um termo que teria entrado em voga na década de 1970, no âmbito dos estudos desenvolvidos na antropologia sociocultural, devido às discussões presentes em trabalhos de filósofos franceses como Jacques Derrida e Paul Ricoeur. DURANTI, Alessandro. Language as Culture in U.S. Anthropology. **Current Anthropology**, Volume 44, Number 3, June 2003, p. 323-347.

²⁷ Tendo em perspectiva uma longa e plural problematização concernente às noções de sexo e gênero é que assim, optei por apresentar já de início este ponto de uma problematização que pretendo considerar mais detidamente no decorrer desta dissertação. Ressalto, porém, desde já, que como referências fundamentais foram tomadas, sobretudo, as discussões presentes em: BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990. DE LAURETIS, Tereza, “A tecnologia do gênero”, HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**, op.cit., p. 206-242. Tradução de Suzana Funck do original inglês: “Technologies of gender”, 1987. SCOTT, Joan Wallach, “História das mulheres”, BURKE, Peter (org.), op.cit..

²⁸ Na verdade o fragmento 94, será traduzido, porém, não como os demais, mais detalhadamente comentado.

discussões serão desenvolvidas em dois momentos situados no primeiro capítulo desta dissertação, no âmbito do qual, apresenta-se e justifica-se ainda, uma perspectiva de leitura “intertextual” a qual se pretende tomar como lugar enunciativo.

Além disso, propõe-se, antes de apresentar e comentar os fragmentos de Safo mencionados acima, versar: acerca de problemas relativos aos compostos poéticos antigos de uma maneira geral e, em particular, relativos ao gênero que as composições de Safo são identificadas: o gênero lírico; acerca de muitas das controvérsias relativas a Safo e à sociedade lésbica do Período Arcaico – uma vez que se constituem em pressupostos que formam um complexo jogo de interpretações que se imbricam às leituras dos fragmentos da poetisa; assim como problematizar a idéia muitas vezes pressuposta - no espaço daqueles que se dedicam a comentar os fragmentos sáficos - da existência de tradições poéticas distinguíveis: uma masculina e outra feminina. Tais discussões, por sua vez, formarão o segundo capítulo desta dissertação.

Tendo em perspectiva esta disposição apresentada, fato é que, somente no terceiro e último capítulo que forma este trabalho, os fragmentos: 1, 16, 44 e 94, serão traduzidos e postos em discussão, na busca de se travar um diálogo crítico com algumas de suas leituras mais comuns – marcadas pelas concepções relativas à uma presença feminina na poesia sáfica, que está a perpassá-la de diferentes maneiras -, em prol de sugerir, aqui, uma perspectiva “intertextual” de leitura.

CAPÍTULO I

Lugares de enunciação: da História, de algumas das suas relações com a questão da linguagem e destas com as mulheres e/ou o feminino.

[...] sendo neutros, tomais também a história como algo neutro. Mas, para que não se creia que comparo a história com o eterno feminino, quero antes enunciar claramente que a considero, pelo contrário, como eterno masculino: só que para aqueles que em tudo e por tudo têm ‘cultura histórica’, há de ser devidamente indiferente que ela seja um ou outro: eles mesmos, de fato, não são homem nem mulher, nem sequer comum de dois, mas sempre apenas neutros ou, numa expressão mais culta, apenas os eternamente objetivos.²⁹

I.1 – Da História entendida como disciplina capaz de dar a ler uma memória verdadeira do passado à História intertextual.

I.1.1 – História ciência/ História “filológica”:

Os conceitos de memória e verdade³⁰ podem ser entendidos como duas noções fundamentais e legitimadoras do processo de afirmação da História, como disciplina acadêmica, dado na primeira metade do XIX em território europeu. Naquele momento, a busca por verdades relativas aos tempos passados ligava-se a uma necessidade presente de legitimação das estruturas sociais e políticas das nações que procuravam se (a)firmar como tal. Tratava-se, portanto, de realizar por meio de uma pesquisa histórica, a busca e reconstrução de uma memória a ser enunciada no âmbito de uma narrativa composta por acontecimentos os quais, seguindo-se uns aos outros, necessariamente, teriam desembocado nas estruturas do presente.

A noção de verdade relativa aos acontecimentos do passado, por sua vez, configurava-se a partir do entendimento de que aos estudiosos – desde que providos de

²⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Considerações extemporâneas: da utilidade e desvantagem da história para a vida. In **Nietzsche**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 64. (Os Pensadores). O texto original em alemão é de 1874.

³⁰ Para reflexões tomadas aqui como referência acerca da História e sua fundação, assim como da noção de “memória” ver, respectivamente: “História” e “Memória” em: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Irene Ferreira; Bernardo Leitão; Suzana Ferreira Borges 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 17-172, 419-476. O original italiano intitula-se: *Storia e memoria*.

erudição e de um ideal de objetividade científica - tornava-se possível encontrá-la em materiais aos quais pudesse ser atribuído um valor de testemunhos legítimos do passado, isto é, um valor documental³¹. Assim, a partir deste momento, era ao historiador que se atribuía a tarefa primaz de interpretar positivamente documentos do passado em nome da reconstrução de origens e desdobramentos factuais que fossem capazes de justificar o tempo presente.

Feitas tais considerações, é necessário destacar, ainda, que o desenvolvimento da própria noção de documento, liga-se antes aos procedimentos de análise textual desenvolvidos no âmbito de uma outra ciência: a Filologia. Esta, no afã de atingir os seus objetivos – que em linhas gerais pode-se dizer que se centravam no restabelecimento, tradução e interpretação de textos antigos³² - via-se às voltas com inúmeras tarefas que iam desde a: “[...] crítica textual, cujo objeto é o próprio texto, até as questões histórico-literárias, como a autoria, a autenticidade, a datação, etc. e o estudo da exegese do pormenor”.³³

A Filologia acabava, assim, por constituir critérios de julgamento de autenticidade textual que, uma vez atestados, passavam a ser capazes de emprestar ao próprio conteúdo veiculado pelo mesmo um valor de testemunho fidedigno do passado, e, portanto, ao texto como um todo, o valor de documento capaz de dar a ler informações relativas a um dado momento histórico - que aos investigadores dos fatos do passado, isto é, aos historiadores, competia decodificar para em seguida compilar na forma de uma narrativa histórica. Assim, pode-se dizer que “[...] tratava-se, pois, de ser filólogo para, em seguida, poder torna-se historiador”.³⁴

³¹ Para uma discussão referencial acerca de algumas noções e críticas à noção de documento histórico ver: LE GOFF, Jacques, “Documento/Monumento”, *ibid.*, p. 525-541.

³² Não se trata de tarefa nada fácil a tentativa de historiar os objetos e objetivos que desde a Antigüidade (pelo menos desde o século IV a.C.) caracterizam as atividades de um “amigo da palavra” – considerando que o termo grego filólogo (φιλόλογος) é encontrado em Platão e Aristóteles antes do termo filologia. Por consequência, também não é nada fácil historiar as atribuições que caracterizam um campo de atividades - desde a Antigüidade até a configuração de um campo de investigação científica - definido em termos de “Filologia”. Para um exercício de traçar uma história que explicita estas dificuldades mencionadas tomamos como base as considerações presentes em: BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica: história externa das línguas**. São Paulo: Edusp, 2005, p. 17-37.

³³ *Ibid.*, p.43.

³⁴ FUNARI, Pedro Paulo A. Filologia, Literatura e Linguística e os debates historiográficos sobre a Antigüidade Clássica. **Boletim do CPA**, nº. 5/6, jan. /dez., 1998, p. 155.

Na verdade, pode-se dizer que a fundação da História como uma ciência moderna, mais que derivar a definição de seu objeto fundamental de análise - o documento - dos modelos de análise filológicos, coincide com a própria fundação moderna da Filologia como um campo independente de estudos. Isto, seja pela fundação da História científica seja pela fundação de uma ciência filológica, que concomitantemente se confundem e se definem como tais a partir da proposta de constituição de uma *Altertumswissenschaft*³⁵ pelo estudioso alemão Friedrich August Wolf (1759-1824)³⁶.

Mencionado de outro modo: é a partir da proposta de fundação de uma Ciência da Antigüidade (*Altertumswissenschaft*), dedicada a abarcar todo e qualquer esforço relacionado ao estudo das sociedades antigas, que se tornou mais que necessária a elaboração sistemática de grandes *corpus* textuais³⁷ capazes de dar a ler estas sociedades – tarefa que só seria possível através da faina filológica de restabelecimento e interpretação textual que, por sua vez, é resultado de um trabalho de meticoloso estudo e comparação dos fragmentos de textos trazidos à tona através dos trabalhos de caráter arqueológico. E, uma vez tornado possível o acesso aos textos, e, por conseguinte, a um considerável volume de informações relativas às sociedades antigas, caberia àqueles que têm como objeto de estudo os fatos do passado, isto é aos historiadores, saber interpretá-las e ordená-las na forma de grandes narrativas destinadas a resgatar a memória, isto é, a história destas sociedades.

Mas afinal, por que razão o contexto alemão do começo do século XIX acabou por dar lugar à elaboração de uma proposta de fundação de uma *Altertumswissenschaft*?

³⁵ O termo *Altertumswissenschaft* aparece no título de um manifesto assinado por Wolf no ano de 1807: *Darstellung der Alterthums-Wissenschaft* (Apresentação da ciência da Antigüidade), quando da fundação da revista *Museum de Alterthums-Wissenschaft* (Museu da Ciência da Antigüidade). Nesse sentido ver: BASSETTO, Bruno Fregni, op. cit., p. 34-35. As traduções dos termos em alemão, assim como as demais traduções que aparecem ao longo desta dissertação, salvo indicações, são todas de minha autoria.

³⁶ Friedrich August Wolf é apresentado como fundador da filologia moderna por Ferdinand de Saussure em seu: SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique générale**. 4ème ed. Publié par Charles Bally et Albert Sechehaye. Paris: Payot, 1978, p. 13: « [...] Il existait déjà à Alexandrie une école « philologique », mais ce terme est surtout attaché au mouvement scientifique créé par Friedrich August Wolf à partir de 1777 [...] » ((...) Já em Alexandria existia uma escola “filológica”, mas este termo é vinculado, sobretudo, ao movimento científico criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 (...)). Esta e todas as demais traduções que serão apresentadas ao longo do texto, salvo quando indicar o nome de outro tradutor, serão de minha autoria.

³⁷ Podem ser citadas como exemplo as seguintes publicações financiadas pela Academia de Berlin: *Corpus Inscriptionum Graecarum* (que começa a ser publicado no ano de 1828, vindo a ser chamado de *Inscriptiones Graecae* a partir do ano de 1903) e *Corpus inscriptionum Latinarum* (sendo o primeiro volume publicado no ano de 1863). Para informações nesse sentido ver: FUNARI, Pedro Paulo A. **Análise documental e Antigüidade Clássica. Antigüidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Unicamp, 1995, p. 31.

Aqui, embora me dê conta da pluralidade e complexidade de cada um dos fatores que poderiam vir a ser apontados na tentativa de responder a esta questão, restringir-me-ei a apontar apenas um ponto de convergência contextual no qual todos estes fatores provavelmente se encontram: o afã alemão de, por meio da constituição da história das sociedades gregas e romanas, remontar às suas pretensas origens como nação, legitimando, assim, a sua posição como tal, no presente. Busca esta que, ademais – conforme deixamos entrever já nos primeiros parágrafos deste tópico - não muito mais tarde, viria a ser empreendida por parte de tantos outros povos europeus, seja na busca de suas respectivas afirmações como estados nacionais, seja no contexto de busca por legitimação de suas pretensões imperialistas³⁸.

No referido contexto, vale dizer que os estudos de ordem filológica fizeram-se extremamente úteis e necessários, e se farão mais ainda a partir do momento em que uma sua vertente histórico-comparativa (em particular no que diz respeito à comparação dos aspectos gramaticais)³⁹ - retomando as observações já feitas por estes a partir do XVIII com relação às semelhanças observáveis entre o sânscrito e outras línguas antigas como o grego, o latim, o celta, o gótico e o antigo persa⁴⁰, e comparando-as com outras tantas línguas européias modernas (como: o alemão, o francês e o português) - fará explicá-las pela hipótese do pertencimento de todas a uma família lingüística comum a que chamarão: indo-europeu. Língua originária esta, a qual os estudiosos procurariam reconstituir uma vez que se trataria, nada mais nada menos, do que da “origem comum das línguas das principais

³⁸ Nesse sentido ver: HINGLEY, Richard. Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa. Tradução Renata Senna Garraffoni. FUNARI, Pedro Paulo A.(org.). **Repensando o mundo antigo**. Campinas: IFCH/Unicamp, n. 47, p. 27-62, março 2003. (Textos Didáticos).

³⁹ Franz Bopp (1791-1867), devido ao trabalho desenvolvido em seu: *Über das Konjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprachen*, 1816 (Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita em comparação com o das línguas grega, latina, persa e germânica) é considerado o pai da gramática comparada/ filologia comparativa. Para afirmações neste sentido ver: SAUSSURE, Ferdinand de, op, cit., p. 14-15. Ver ainda : BASSETTO, Bruno Fregni, op. cit., p. 31.

⁴⁰ Bruno Bassetto informa que, embora as primeiras alusões à existência do sânscrito remontem ao século XVI, seria apenas já no final do século XVIII, mais precisamente no ano de 1786, a partir da comunicação que Willian Jones fez à Sociedade Asiática de Bengala, que as relações observadas entre o sânscrito, o grego, o latim, o celta, o gótico e o antigo persa passariam a ser referidas. Dar-se-ia apenas um pouco mais tarde (1806), na França, o surgimento do grande centro de investigações do sânscrito - que sob a direção de Silvestre de Sancy agregaria, entre outros, os irmãos Schlegel e Humboldt, aquele que, mais tarde, seria apontado como o pai dos estudos de ordem filológica comparativa: Franz Bopp. BASSETTO, Bruno Fregni, op. cit., p. 30-31.

culturas clássicas”⁴¹, e, portanto, poderia vir a servir como uma sólida porta de entrada à reconstituição de outros tantos aspectos culturais “indo-europeus” - os quais às nações européias interessava no momento fazer construir uma memória.

Citado tudo isto, torna-se possível entender, seja a asseveração do historiador e arqueólogo Pedro Paulo Funari de que: “A primeira história a surgir no sentido moderno do termo, foi [...] a História Antiga [...]”⁴², seja o porquê da definição em termos de *Classics*, *Études Classiques* ou ainda de Estudos Clássicos – todos tradutores do termo alemão *Altertumswissenschaft* – como forma generalizante comumente usada, ainda hoje, para se referir a trabalhos dedicados ao estudo de qualquer aspecto das sociedades gregas e romanas antigas, sejam eles desenvolvidos por historiadores, ou desenvolvidos por estudiosos da área de Letras Clássicas.

A partir destas perspectivas, portanto, é que se buscará defender aqui o fato de que qualquer discussão que se empreenda no âmbito da historiografia só se torna viável na medida em que se leve em conta a égide da interdisciplinaridade, sobretudo com relação aos estudos de ordem filológica/lingüística⁴³, aos quais a disciplina histórica imbrica-se desde o seu nascimento.

Porém, não obstante a ênfase interdisciplinar inicial que marca a constituição de uma *Altertumswissenschaft* - e, portanto, das origens da própria disciplina histórica como um todo - pode-se observar a ocorrência de um processo de seleção preferencial no que se refere à escolha e ao tratamento dados aos textos antigos⁴⁴ que poderiam vir a servir como fontes históricas, marcando se não uma oposição, uma certa diferenciação com relação a outros tantos materiais para os quais o trabalho de exploração ficaria a cargo de outros estudiosos aos quais não caberia a reconstituição dos fatos “*wie es eigentlich gewesen*”⁴⁵

⁴¹ ILARI, Rodolfo. **Lingüística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 18.

⁴² Ibid., p. 155.

⁴³ Para considerações referentes às idéias lingüísticas e a indiferenciação mais definida de um campo de estudos filológicos de um lado e lingüísticos de outro, pelo menos até o desenvolvimento dos trabalhos de Ferdinand de Saussure no começo do século XX, ver: BASSETTO, Bruno Fregni, op. cit., em especial. p. 33-37.

⁴⁴ Apesar de - dado o recorte deste trabalho – tecer-se aqui considerações relativas apenas aos textos, entende-se que para além dos textos escritos, constituem-se também como documentos essenciais no âmbito dos Estudos Clássicos os vestígios de ordem material.

⁴⁵ Palavras de Leopold von Ranke: RANKE, Leopold von. **Geschichte der romanischen und germanischen**. Berlin: 1924. Apud: FUNARI, Pedro Paulo A., Documentos: análise tradicional e hermenêutica contemporânea. **Antigüidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**, op.cit., p. 16.

(como realmente aconteceram). De tal seleção, é possível dizer que deriva um processo que será responsável por uma definição de domínios da História a partir de uma certa oposição com relação às análises de ordem literária.

Assim, no que se refere ao tratamento dado aos escritos antigos, acabaríamos por ter a configuração de dois conjuntos mais ou menos distintos. Um primeiro que seria formado por textos para os quais predominava leitura e análise marcadas por uma busca de elementos capazes de contribuir para a construção de um saber histórico de um lado, e de outro lado, um conjunto de textos que era retomado na medida em que formado por narrativas paradigmáticas, no sentido de propiciar uma discussão relativa a aspectos “literários”.

Grosso modo, podemos dizer que ao primeiro grupo, pertenceriam textos de caráter filosófico, histórico e qualquer outro conjunto, cujo conteúdo remetesse à descrição de aspectos políticos, econômicos e sociais (documentos oficiais, leis, etc.). Ao passo que ao segundo, pertenciam, sobretudo, as composições de caráter poético que remetiam aos períodos mais antigos e cujo conteúdo veiculava as chamadas narrativas míticas.

Logo, pelo menos para um período inicial de desenvolvimento de uma disciplina de estudos históricos⁴⁶ - na sua busca por (re) construir memórias de um passado composto por acontecimentos “*wie es eigentlich gewesen*” – nota-se que uma atenção maior acabava por ser concedida aos documentos inseridos no primeiro dos dois grupos supracitados. Como, ademais de uma maneira geral - também para as demais áreas de estudos históricos que vão se constituindo a partir do XIX – os esforços interpretativos se voltarão para um conjunto de documentos capazes de oferecer elementos que contribuam para a construção de uma memória e uma narrativa que justifique, para o presente, as estruturas políticas e sociais dominantes.

I.1.2 – Outras Histórias, outros problemas:

⁴⁶ Note-se que não se trata aqui de descon siderar a existência de trabalhos desenvolvidos, seja no século XVIII, ou ainda no XIX, cujas preocupações de sentido histórico iam para além do estritamente político, como podemos ver para o XIX os trabalhos de Jules Michelet e Jacob Buckhardt. Trata-se, antes, de sublinhar uma predominância vinculada ao estabelecimento e fortalecimento da História enquanto disciplina acadêmica, e não de uma homogeneidade, que ademais, nunca existiu.

Se o território europeu ao longo do século XIX – marcado que fora, por processos de unificação e anexações territoriais de ordem imperialista -, colocara na ordem do dia a necessidade da escrita de uma sua memória que fosse capaz de dar legitimidade ao seu presente e, para tanto, fez revestir as práticas investigativas do passado e as narrativas destas resultantes de um estatuto científico encerrado na forma de uma disciplina: a História. Este mesmo território adentrou o século XX grassado por uma série de outras movimentações que se fizeram refletir também na demanda por algumas mudanças no que diz respeito a alguns procedimentos e objetos constituintes da disciplina histórica. Movimentações, cujas fraturas “causais” e resultantes se fizeram expostas, sobretudo, a partir da eclosão de duas grandes guerras mundiais (1914-1918, 1939-1945), assim como nos longos processos de descolonização.

Portanto, é possível dizer que, não por acaso, no território Francês do entreguerras deu-se a fundação dos *Annales d'histoire économique et social*⁴⁷ - revista que funcionará como veículo divulgador de inúmeros trabalhos que, para além de suas particularidades, merecem aqui atenção na medida em que apontam para um momento de inflexão bastante importante que ocorria no âmbito dos estudos históricos. Inflexão esta marcada, sobretudo, por um desejo de descentramento relativo àquele que até então se constituía como ponto central de preocupação das narrativas históricas: o pretense resgate de uma memória relativa aos grandes eventos políticos que teriam feito parte do processo de consolidação das identidades nacionais europeias.

Nesta perspectiva, tornava-se cada vez mais premente que a História passasse a contemplar sistematicamente outros objetos, recortes e caminhos de análise. Pois, se os homens eram seres “[...] cuja complexidade [...] de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento”⁴⁸, tampouco as análises históricas podiam continuar a se restringir a um conjunto de narrativas que derivavam todo e qualquer evento que era parte do passado humano, como efeitos dos jogos de poder entre os países e seus grandes homens.

⁴⁷ Para uma discussão da perspectiva suscitada a partir da criação da mesma como uma “revolução francesa da historiografia” ver: BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora da Unesp, 1997. O original inglês: *The French Historical Revolution. The Annales School, 1929-1989*, é de 1990; Ver também: LE GOFF, Jacques *et al.* (orgs.). **A Nova História**. Tradução Eduardo Brandão. Lisboa: Edições 70, 1991. O original francês: *La Nouvelle Histoire*, é de 1978.

⁴⁸ ODÁLIA, Nilo, Apresentação. In BURKE, Peter, *ibid.*, p. 7.

Assim, as respostas serão múltiplas: indo de análises que - em grande parte devidoras de uma forte tradição marxista - passavam a privilegiar como pontos de partida interpretativos os aspectos de ordem sócio-econômica⁴⁹, até aquelas para as quais tais aspectos, embora considerados, o deveriam ser a partir de uma perspectiva de que os mesmos - ademais como quaisquer outros aspectos relativos às atividades humanas - tratam-se, antes, de produtos que compõem uma tradição cultural humana - esta sim um construto amplo para a qual os historiadores deveriam se voltar.⁵⁰

Por conseguinte, aos poucos, tornava-se necessário considerar a participação dos outros tantos grupos que compunham a sociedade, isto é, dar ouvido às vozes daqueles cujas experiências e perspectivas tinham sido excluídas das grandes narrativas históricas. Para tanto, os historiadores viam-se diante da tarefa de dialogar com fontes das mais diversas naturezas - para as quais, até então, por vezes, não haviam dado muita atenção -, e mais do que isso, de ampliar sua noção do que, até então, entendia-se por documento - conforme nos deixam entrever as seguintes palavras: “[...] Há que tomar a palavra ‘documento’ no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira”.⁵¹

Fato é que todo este deslocamento em direção a uma História mais plural em seus recortes e objetos - que se intensificou ainda mais no ambiente de intensos movimentos sociais que se deram a partir dos anos 1960 - colocava mais que em evidência a importância de se desenvolver diálogos interdisciplinares. Diálogos que, uma vez empreendidos, fizeram com que logo tomasse corpo um amplo processo de repensar dos objetos, objetivos e limites da própria disciplina histórica.

Nesta perspectiva, é que se torna interessante focar, aqui, algumas fissuras que, decorrentes deste processo de repensar, passaram a tomar corpo no âmbito dos estudos

⁴⁹ Ênfase que caracterizaria as pesquisas que se inserem em uma chamada História Social. Para um breve balanço que deixa entrever a pluralidade de abordagens no âmbito dos trabalhos que se inseririam numa perspectiva de pesquisa cuja ênfase encontra-se no social ver: DAVIS, Natalie Zemon. Las formas de la Historia Social. **Historia Social**, 10 (1991): 177-182.

⁵⁰ Ênfase que caracterizaria os trabalhos que se inserem no âmbito de uma chamada História Cultural. Para algumas considerações capazes de dar um panorama da pluralidade dos trabalhos que se caracterizariam como inseridos em uma perspectiva histórica com ênfase no cultural ver: BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. O original inglês: *What Is Cultural History?*, é de 2004.

⁵¹ SAMARAN, C. (org.). **L’histoire et ses méthodes**, XI. Paris: Gallimard, 1961, p. XII. (Encyclopédie de la Pléiade). Apud, LE GOFF, Jacques, “Documento/Monumento”, op. cit., p. 531.

históricos. Fissuras estas que, a título de exemplo introdutor, apresento por meio de uma breve citação do historiador francês Georges Duby. Uma vez que acredito que sua percepção de que “[...] cada época constrói, mentalmente, sua própria representação do passado, sua própria Roma e sua própria Atenas”⁵², intencionalmente ou não, traz em si pelo menos uma questão de natureza bastante complexa, à qual a História como disciplina, via-se cada vez mais impulsionada a (re) pensar.

Questão esta trazida pelo pressuposto que a asseveração de Duby para ser formulada encerra: da existência de uma incomensurabilidade entre o passado, como conceito que remete “ao conjunto de tudo que se passou antes em todos os lugares”⁵³ e suas memórias – que, assim, nada mais podem ser que representações deste que, de época em época, variariam em resposta às particularidades do contexto presente em que se construísem.

Pressuposto a partir do qual pode-se dizer que deriva a negação da idéia de que ao historiador fosse possível escrever/narrar os acontecimentos do passado “*wie es eigentlich gewesen*” – isto é, nada mais nada menos que o pressuposto básico da fundação da História como disciplina no âmbito do XIX. Pois os historiadores, ainda que norteados por procedimentos científicos, invariavelmente, teriam como produto final de sua faina, uma narrativa de memórias do passado que, de uma maneira ou de outra, estava fadada a lidar com e veicular também a esta, representações decorrentes da “mentalidade” de sua época de produção. Do que acabou por resultar em uma justificada necessidade que a ciência histórica teria de uma sua eterna reescrita. Mesmo porque,

[...] se fosse possível *saber* de uma vez por todas, hoje e sempre, então não haveria mais necessidade de escrever história, pois qual seria o propósito de um sem número de historiadores ficarem repetindo a mesmíssima coisa da mesmíssima maneira o tempo todo?⁵⁴

Mas afinal, o que era a História, isto é, o conjunto de narrativas aos quais se daria o nome de História, quando de sua fundação, senão o produto de uma crença da

⁵² DUBY, Geoges. **Un nominaliste bien tempéré**. Paris: Flammarion, 1980, p. 44. Apud: FUNARI, Pedro Paulo A.. Análise documental e Antigüidade Clássica. In: **Antigüidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**, op.cit., p. 30.

⁵³ Para esta definição do passado tomamos as palavras de Keith Jenkins no seu: JENKINS, Keith. **A história repensada**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2005, p. 24. O original inglês: *Rethinking History*, é de 2004.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 31.

comensurabilidade que o narrar histórico era capaz de produzir entre o passado e as memórias deste? Crença esta derivada, por sua vez, da confiança que se tinha de que, através dos pressupostos e procedimentos científicos que os historiadores colocavam em prática quando da sua crítica às fontes de acesso ao passado, a eles passava a ser permitida a (re) construção do mesmo - agora na forma de uma narrativa histórica.

Torna-se lícito dizer, portanto, que uma vez operada a fissura entre passado e memória, só restava à História o desafio de construir uma identificação com seu próprio processo de produção narrativa e o produto deste: a narrativa histórica. Era a História que entrava em uma idade da qual nunca mais sairia, em uma “idade historiográfica” que se caracterizaria, sobretudo, nas palavras do historiador francês Pierre Nora, por uma interrogação por parte da disciplina de “[...] seus meios materiais e conceituais, sobre os procedimentos de sua própria produção e as etapas sociais de sua difusão, sobre sua própria constituição em tradição”.⁵⁵

Tendo em perspectivas as considerações tecidas a partir do breve enunciado de Duby, assim como as interrogações que passavam a se dar no âmbito da História, conforme supracitadas no excerto de Nora, proponho agora a observação de um outro trecho – este de autoria do historiador inglês Keith Jenkins – de forma a abrir espaço para focar, aqui, um importante deslocamento dado no âmbito da História no que se refere ao estatuto de suas fontes, isto é, dos documentos - também ele decorrente da descrença da identificação entre memória e passado que a narrativa histórica seria capaz de produzir:

[...] nenhum relato consegue recuperar o passado tal qual ele era, porque o passado são acontecimentos, situações, etc., e não um relato. Já que o passado passou, relatos só poderão ser confrontados com outros relatos, nunca com o passado.⁵⁶

Ademais, entendo-o como incitador de uma discussão a respeito do estatuto do documento para a História, uma vez que, *mutatis mutandis* recoloca o pressuposto da incomensurabilidade entre passado e memória já encerrado no enunciado de Duby, para em seguida - ao dizer que “relatos só poderão ser confrontados com outros relatos, nunca com

⁵⁵ NORA, Pierre, Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, nº. 10, Revista do Programa de Estudos pós-graduados em história e do departamento de história PUC/SP, dezembro/93, p. 11. Tradução Yara Aun Khoury. Artigo extraído do livro *Les lieux de la mémoire*, de 1984.

⁵⁶ JENKINS, Keith, op. cit., p. 32.

o passado” - vir a abrir espaço para tratar de uma inter-relação de “relatos” que aqui será tomada como metáfora descritiva do procedimento/confronto que acaba sendo posto em prática pelos historiadores com relação àqueles “relatos”, os quais ele toma como suas fontes documentais, de forma a tonar possível, por sua vez, o processo de produção de suas próprias narrativas/relatos historiográficas/os.

Dizendo isto, quero esclarecer, portanto, que, ainda que considere que nem todas as fontes que venham a ser usadas pelos historiadores sejam de fato relatos (descrições, narrações), aproveito-me da idéia contida em Jenkins no sentido de me permitir sublinhar que, uma vez que toda e qualquer representação, memória, relato de eventos passados jamais poderá ser reduzível a eles mesmo, resulta que qualquer material a vir a ser tomado como fonte de informação deste mesmo passado não poderá permitir a produção de outra coisa senão relatos, memórias, representações outras.

Do que resulta que aos documentos, ainda que autênticos - uma vez desidentificados passado e memória - não mais se poderia dar um tratamento como testemunhos diretos de qualquer passado no âmbito do qual foram produzidos e, com relação aos quais cabe ao historiador, - uma vez que fosse capaz de aplicar métodos de análise adequados - interpretar, organizar e reestruturar em uma narrativa, de forma a dar acesso a uma memória legítima do passado.

Portanto, as fontes documentais deveriam ser tomadas também como um material que:

[...] É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhes o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntário ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias.⁵⁷

Tudo isto posto, ou seja, uma vez que se tornava um consenso no âmbito da disciplina histórica admitir-se que com relação ao seu objeto: com as coisas passadas, não se podiam estabelecer relações outras que não por meio de representações/ relatos, pode-se dizer que resultava, também, por ser cada vez mais sugerida como problemática a ser

⁵⁷ LE GOFF, Jacques, Documento/Monumento, op. cit., p. 538.

levada em conta no exercício da disciplina, questões relativas aos lugares sociais ocupados pelos sujeitos autores/enunciadores destas memórias as quais os historiadores tomavam como suas fontes. Problemática esta que se fazia presente em um crescendo, sobretudo a partir da década de 1960, na medida que, em resposta às muitas reivindicações sociais já mencionadas, os historiadores se prontificavam a buscar, “escutar” e escrever as memórias, isto é, narrativas históricas outras que tinham como seu objetivo incluir os mais variados grupos que até então haviam sido excluídos das mesmas.

Assim, pode-se dizer que, ainda que no domínio dos estudos historiográficos por muito não se trate com frequência explícita e diretamente da problemática supracitada⁵⁸, não se pode negar que é apenas tomando como pressuposto básico uma certa idéia de que para a admissão da existência de variadas representações do passado – tendo em vista ainda um não questionamento da objetividade científica do historiador no trato com suas fontes - necessariamente corresponda além de lugares históricos diferentes, distintas experiências que darão margem ao estabelecimento de múltiplas perspectivas dos grupos e sujeitos com relação aos eventos do passado, é que se legitimaria, por sua vez, a possibilidade de construção de narrativas históricas plurais.

Dito isto, sublinha-se, aqui, que se aos historiadores fazia-se possível assumir como pressuposto – explicitado ou não – que seria nos diversos aspectos ligados à composição da identidade social e por extensão, pelo menos em alguma medida, constituinte da subjetividade de cada um (sexo, classe, raça, entre outros⁵⁹) daqueles que eles se propunham a escutar ao longo do exercício de suas análises documentais, que se poderiam localizar os lugares fundamentais justificadores de suas diferenças enunciativas com relação ao passado, isto, por sua vez, encontra-se fortemente relacionado a todo um conjunto de idéias que os estudos de caráter lingüístico - partindo de uma perspectiva analítica que levava em consideração, sobretudo, aspectos de ordem social - passaram a enfatizar de diferentes maneiras no âmbito de suas análises.

⁵⁸ Roy Porter na abertura de seu artigo de introdução de seu livro organizado em parceria com o historiador Peter Burke, o qual traz uma série de artigos que de diferentes formas tratam das relações entre objetos historiográficos e de questões relativas à linguagem, assevera: “A linguagem é tão íntima da existência que tem sido há muito negligenciada pelos historiadores”. BURKE, Peter, ROY, Porter (org.). **Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem**. Tradução Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Unesp, 1993, p. 13. O original em inglês: *Language, self and society. A Social History of Language*, é de 1991.

⁵⁹ Entendo que categorias como raça e sexo podem e são alvos de inúmeras discussões, na medida em que podem ser historicizáveis. Logo, a utilização das mesmas aqui obedece a uma necessidade de apenas apresentá-las, de modo a abrir espaço para a introdução de perspectivas outras de análise.

Parece lícito dizer, portanto que, se outrora, quando de sua fundação, a História guardara uma relação umbilical com a ciência filológica e, portanto, acabara por derivar muitos dos seus pressupostos e esquemas analíticos desta, será como que acompanhando uma série de movimentos/deslocamentos dados no âmbito da Filologia⁶⁰, que a disciplina continuará a ecoar, no estabelecimento de sua relação com os vestígios do passado tomados por esta como fontes documentais, outras problemáticas e pressupostos de análise que foram desenvolvidos nos domínios de estudos que tomam os aspectos concernentes à língua e à linguagem como seus objetos.

Porém é necessário ressaltar que, não só no âmbito da História, assim como no das demais disciplinas das chamadas Ciências Humanas, a língua passava a ser tomada não apenas como uma ferramenta/fonte de acesso às outras culturas – no sentido de que a partir do momento em que os estudiosos dominassem seus aspectos estruturais (gramática e léxico) passariam a ter acesso à leitura e interpretação aos seus conjuntos de produções escritas. Mas sim, a ser ela mesma entendida como um objeto de estudo em si, na medida em que também passava a ser apreendida como um constructo sócio-cultural: seja porque se entendia que o estudo de seu léxico somado à análise de suas categorias e regras gramaticais como um sistema seria capaz de servir como uma espécie de porta de entrada privilegiada a um conjunto de estruturas inconscientes determinantes de uma dada cultura⁶¹, seja porque entendia-se que era através da análise da linguagem, isto é, do emprego destes sistemas pelos mais variados grupos humanos, que se fazia possível entender e explicar a pluralidade de suas práticas culturais.⁶²

Neste sentido, no âmbito historiográfico vale à pena apontar, como exemplo, sobretudo pela sua importância, as reflexões desenvolvidas pelo historiador francês Roger Chartier, uma vez que estas apontam para o caráter representativo/discursivo e, portanto,

⁶⁰ Para uma consideração acerca destes deslocamentos – indo desde a gramática grega, passando pelos estudos de caráter filológico - até resultar na configuração de uma ciência que toma os “fatos de língua” (*faits de langue*) como seu objeto principal: a Linguística, na perspectiva de se fazer uma breve História da Linguística ver: SAUSSURE, Ferdinand de, « Coup d’œil sur l’historique de la linguistique », op.cit., p. 13-19.

⁶¹ Esta maneira de tratar a língua no âmbito dos estudos antropológicos americanos caracteriza o que Duranti classifica como “Primeiro Paradigma” (*First Paradigm*), de três, no âmbito do artigo: DURANTI, Alessandro. Language as culture in U.S. anthropology. **Current anthropology**, Volume 44, Number 3, June 2003, p. 324-326.

⁶² Perspectiva que, por sua vez, caracteriza o que Alessandro Duranti chama de “Segundo Paradigma” (*Second Paradigm*), *ibid.*, ver em especial, p. 326-332.

lingüístico da construção do mundo social. Aspecto que transparece em sua proposta de história cultural, na medida em que para Chartier esta deve se ocupar da:

[...] análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço. [Uma vez que] As estruturas do mundo social não são um dado objectivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificada com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como reflectindo-o ou dele se desviando.⁶³

E é, justamente, este lugar central que os aspectos concernentes à língua e à linguagem iriam adquirir no âmbito das Ciências Humanas as quais daremos atenção no tópico seguinte, a partir de algumas breves considerações sobre alguns autores e aspectos de seus trabalhos.

I.1.3 – Sobre algumas questões lingüísticas e alguns de seus desdobramentos no âmbito das Ciências Humanas:

Se ao longo do século XIX, o desenvolvimento dos estudos relacionados à língua e à linguagem couberam aos estudos de caráter filológico - que conforme já se observou aqui, viu seus objetivos configurarem-se e tomarem impulso no âmbito maior de uma Ciência da Antigüidade preocupada em remontar às origens dos povos europeus –, o começo do século XX daria lugar ao desenvolvimento de estudos de sentidos diferentes destes.

Destaque deve ser dado, portanto, às abordagens desenvolvidas pelo estudioso suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) - sistematizadas no seu *Curso de lingüística geral (Cours de linguistique générale)*⁶⁴ - cujas direções reflexivas, embora sejam mais

63 CHARTIER, Roger. **Introdução. In:** A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1990, p. 27.

⁶⁴ O *Cours de linguistique générale*, de Saussure, trata-se na verdade de uma obra póstuma publicada em 1916 por dois de seus discípulos (Charles Bally (1865-1947) e Alberto Sechehaye (1870-1946)), com base em anotações de aula feitas por alguns alunos de Saussure entre os anos de 1906 e 1911. Para esclarecimentos acerca dos caminhos e problemas percorridos durante o processo de elaboração do *Cours de linguistique générale*, ver : « Préface de la première édition », por Charles Bally e Alberto Sechehaye, em SAUSSURE, Ferdinand de, op.cit., p. 7-11.

tarde tomadas como as diretrizes fundadoras de uma disciplina distinta da Filologia: a Lingüística, não deixam de ter suas vinculações reconhecidas, aliás, pelo próprio Saussure, àquela.

Aliás, as próprias considerações iniciais do *O Curso de lingüística geral* de Saussure apontam para a vinculação supracitada, na medida em que são abertas pela afirmação de que a Lingüística, isto é, “[...] A ciência que se constituiu em torno dos fatos de língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é seu único e verdadeiro objeto”.⁶⁵ E se as três fases correspondem em ordem: à gramática, desenvolvida já pelos gregos antigos, à Filologia criada por Friedrich August Wolf, até chegar à Filologia comparativa ou gramática comparada, desenvolvida a partir dos trabalhos de Franz Bopp, a diferenciação da ciência constituída “em torno dos fatos de língua”, da qual fala Saussure, relativamente as suas três fases predecessoras, encontra-se na definição de que, para esta, o objeto de estudo trataria-se de algo bem definido: a língua (*la langue*).

Porém, mais do que na diferença no que se refere à definição de objetos - que para a gramática antiga, segundo Saussure, configura-se na definição “[...] de regras para distinguir as formas corretas das formas incorretas [...]”⁶⁶, ao passo que para a Filologia, para além da língua, encontra-se no exercício de “[...] fixar, interpretar, comentar os textos. Este primeiro estudo faz com que ela também se ocupe da história literária, dos costumes, das instituições, etc.”⁶⁷ -, é na definição mesma do que se entende por língua, que se encontra a grande “novidade” trazida pelos estudos lingüísticos da Saussure.

Pois, se outrora, seja no âmbito dos estudos de gramática, ou ainda no âmbito da Filologia, a língua era tomada como “[...] uma esfera particular, um quarto reino da natureza [...]”⁶⁸, uma vez que, pelo menos até 1870, – como deixam entrever a predominância dos trabalhos que privilegiavam a comparação entre as línguas, sem dar à mesma uma perspectiva histórica – os estudiosos costumavam considerá-la “[...] como um

⁶⁵ Ibid, p. 13: « *La science qui s’est constitué autour des faits de langue a passé par trois phases sucessives avant de reconnaître quel est son véritable et unique objet.* »

⁶⁶ Ibid.: « [...] *des règles pour distinguer les formes correctes des formes incorrectes [...]* ». Para uma crítica dessa caracterização feita por Saussure no que se refere ao a objeto dos gramáticos antigos ver: BASSETTO, Bruno Fregni, op cit., p. 34.

⁶⁷ Ibid.: « [...] *La langue n’est pas l’unique objet [...], qui veut avant tout fixer, interpréter, commenter les textes ; cette première étude l’amène à s’occuper aussi de l’histoire littéraire, des mœurs, des institutions, etc ; ».*

⁶⁸ Ibid., p. 17: « [...] *une sphère particulière, un quatrième règne de la nature [...].* »

organismo que se desenvolve por ele mesmo [...]”⁶⁹, para a Lingüística saussuriana era a língua entendida como “[...] um produto do espírito coletivo dos grupos lingüísticos”⁷⁰ que deveria ser tomada como seu objeto de estudo.

E se em Saussure a língua é “[...] ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem⁷¹ e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício desta faculdade pelos indivíduos”⁷² – isto é, da fala (*parole*)⁷³ - mesmo que ele descarte como objetos de estudos específicos da Lingüística: tanto a faculdade de linguagem (*langage*), quanto o ato individual desta: a fala (*parole*), Saussure não deixa de admiti-las como atividades intrínsecas à configuração do sistema que aquela ciência deverá ter como seu objeto de estudo privilegiado: a língua (*langue*).

De fato, o que ocorre é que, do conjunto que formaria um todo, a que Saussure chama de “fatos de língua” (“*faits de langue*”), por ele compreendido como: *langue*, *langage* e *parole* - somente a língua lhe “[...] parece ser suscetível a uma definição autônoma [...]”⁷⁴, e por conseqüência, de configurar-se como “[...] um objeto bem definido dentro do conjunto heterogêneo dos fatos de língua.”⁷⁵ Asseveração capaz de ser formulada no âmbito das reflexões saussurianas uma vez que, apesar do aspecto dual, a língua em Saussure é compreendida como um todo homogêneo e tangível enquanto objeto, já que se trata de “[...] um sistema de signos no qual o essencial não deriva de nada além da união do

⁶⁹ Ibid., p. 19 : « [...] un organisme qui se développe par lui-même [...] »

⁷⁰ Ibid. : « [...] un produit de l'esprit collectif des groupes linguistiques. »

⁷¹ Para Saussure a linguagem (*langage*) : « [...] Pris dans son tout [...] est multiforme et hétéroclite ; à cheval sur plusieurs domaines, à la fois physique, physiologique, et psychique, il appartient encore au domaine individuel et au domaine social ; il ne se laisse classer dans aucune catégorie des faits humains, parce qu'on ne sait comment dégager son unité. » ([...] Tomada como um todo (...) é multiforme e heterogênea ; relaciona-se intimamente com vários domínios, ao mesmo tempo físico, social, fisiológico e psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social ; a linguagem não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, por que não se sabe como extrair sua unidade). Ibid., p. 25.

⁷² Ibid., p. 25: « [...] à la fois un produit social de la faculté du langage et un ensemble de conventions nécessaires, adoptées par les corps social por permettre l'exercice de cette faculté chez les individus. »

⁷³ Saussure, ibid., p. 30-31, assim define a *parole* : « [...] La parole est [...] un acte individuel de volonté et d'intelligence, dans lequel il convient de distinguer : 1° les combinaisons par lesquelles le sujet parlant utilise le code de la langue en vue d'exprimer sa pensée personnelle ; 2° le mécanisme psycho-physique qui lui permet d'extérioriser ces combinaisons. » ([...] A fala é [...] um ato individual de vontade e de inteligência, no âmbito da qual convém de distinguir : 1º. as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua com vistas a exprimir seu pensamento pessoal ; 2º. o mecanismo psico-físico que o permite exteriorizar estas combinações.)

⁷⁴ Ibid., p. 25: « [...] paraît être susceptible d'une définition autonome [...] ».

⁷⁵ Ibid, p. 31: « [...] un objet bien défini dans l'ensemble hétéroclite des faits de langage ».

sentido e da imagem acústica, e em que as duas partes do signo são igualmente psíquicas.”

76

E se a língua nada mais é que “[...] um sistema de signos exprimindo idéias [...]”⁷⁷, chega-se aqui no ponto exato no qual se pode dizer que se encontra, senão o corte, os deslocamentos que as idéias desenvolvidas por Saussure são capazes de operar no âmbito dos estudos lingüísticos, mas mais que isso, no âmbito das Ciências Humanas - sobretudo a partir da década de 1960, quando as idéias contidas no *Curso de lingüística geral* parecem efetivamente ter repercussão.⁷⁸ Pois, se até mesmo a unidade mínima que constitui o objeto central da lingüística saussuriana, isto é, o signo lingüístico (*signe linguistique*), é apresentada como, nada mais nada menos, que uma espécie de lugar que une uma imagem acústica e um conceito – aos quais Saussure designa respectivamente como significante (*signifiant*) e significado (*signifié*) –, ao passo que tal união é creditada a um princípio arbitrário derivado não de alguma necessidade natural, mas, antes, do efeito de um meio de expressão tornado um hábito coletivo no âmbito de uma determinada sociedade, resulta que o aspecto da definição, por parte do social, exerce aí um papel importante, como até então jamais o tivera exercido quando se tratava de problemas concernentes à língua e à linguagem. Pois, uma idéia lingüística ainda muito forte à época de Saussure era a de que os signos nada mais eram que símbolos, isto é, intermediários ligando naturalmente coisas (idéias ou objetos)/realidades distintas a seus respectivos nomes.

Nesta perspectiva, muito embora estudiosos como André Martinet - partindo da observação de uma intrínseca participação do social concedida por Saussure no âmbito de suas concepções lingüísticas - tendam a afirmar que Saussure teria cedido “à pressão da sociologia” e com isso, fracassado “em estudar o fenômeno lingüístico em si mesmo e por si mesmo”⁷⁹, é preciso perceber que se é verdade que Saussure cedeu a uma pressão da Sociologia - como ademais todos os demais campos humanos de estudo o teriam em

⁷⁶ Ibid., p. 32: « [...]un système de signes où il n’y a d’essentiel que l’union du sens et de l’image acoustique, et où les deux parties du signe sont également psychiques».

⁷⁷ Ibid., p. 33: « [...] est un système de signes exprimant des idées. »

⁷⁸ Neste sentido, ver DOSSE, François. **História do estruturalismo I: o campo do signo, 1954-1966**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Ensaio/ Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 66. O original francês: *Histoire du structuralisme I: le champ du signe, 1945-1966*, é de 1991, p. 66, que nos informa que o *Curso de Lingüística Geral* de Saussure tem “[...] fraca repercussão quando da sua publicação, em contraste com o período que vai da década de 60 até os dias atuais”.

⁷⁹ André Martinet em entrevista com Dosse, citado em: DOSSE, François, “O corte Saussuriano”, op.cit, p. 68.

grande medida - a presença do social em Saussure não se constitui como uma “fracasso”, mas como fator indispensável a tomar parte na configuração do complexo conceito de língua = sistema por ele formulado e tomado como objeto científico.

E para dar aos signos a possibilidade de concretizar a união arbitrária entre “[...] um conceito e uma imagem acústica”⁸⁰ e ao mesmo tempo, de diferenciarem-se dos outros no âmbito do sistema lingüístico, Saussure precisara considerar: de um lado o arbitrário da atuação diacrônica de comunidade social como um todo, que ao exercer sua faculdade de linguagem vai processando padrões de comunicação capazes de – apesar dos diferentes usos individuais ou ainda de diferentes grupos dentro do todo social – partilhar e fazer parte da configuração de um sistema lingüístico. E de outro lado, a sincronia, que faz possível a configuração de qualquer sistema lingüístico, uma vez que a definição de identidade sígnica só se faz possível pela sincronia de diferenças estabelecidas de cada um dos signos com relação aos demais no âmbito de cada sistema.

E com tal “duplo” a configurar o objeto central da Lingüística: a língua (*langue*), de acordo com Dosse, Saussure terá nada mais nada menos que:

[...] permitido mostrar que uma língua não muda de acordo com as mesmas leis da sociedade e, por conseguinte, entender que uma língua não é a simples expressão de algum particularismo racial, como pensavam os lingüistas do XIX, que reconstituíam a história das sociedades indo-européias através das línguas certificadas.”⁸¹

Logo, embora Saussure admita o social como “arbitrário” a configurar o signo - social que necessariamente conta com a participação da fala (*parole*) dos sujeitos -, são os sujeitos a atuar como uma comunidade homogênea, a configurar hábitos lingüísticos que se sistematizam ao longo do tempo, que ele considera, e não os sujeitos na sua “individualidade” como falantes. Mesmo porque, ainda que acredite que um indivíduo ou mesmo um grupo de indivíduos socialmente identificáveis como tal, possam exprimir-se voluntariamente e de forma pessoal/grupal, Saussure sublinha que a realização de tal expressão sempre passará pela instrumentalização de um código, de um sistema de signos já em alguma medida socialmente investido de significados. Neste sentido, pode-se dizer

⁸⁰ SAUSSURE, Ferdinand de, op. cit., p. 98: « [...]Le signe linguistic unit non une chose et un nom, mais un concept et une image acoustique ».

⁸¹ DOSSE, François, O corte Saussuriano, op.cit, p. 71-72.

que para Saussure os sujeitos e grupos invariavelmente são, em certa medida, condicionados ou determinados em quaisquer de seus campos de atuação no real.

Posto isto, objetiva-se aqui tornar mais clara a afirmação já feita de que, as perspectivas abertas pelas problematizações saussurianas, a partir da primeira metade do século XX, trouxeram desdobramentos muitos e profundos, não apenas para o campo dos estudos relativos à linguagem, mas para todos os campos de estudos pertencentes às chamadas Ciências Humanas. Muito embora seja necessário dizer que, mais que operar um corte, a Lingüística de Saussure, como que sintetiza: marca/reforça e/ou expõe algumas fissuras epistemológicas já em voga no âmbito científico.

Ademais, para compreender a tamanha capacidade de abrangência das reflexões saussurianas, é necessário ter em vista, ainda, que para Saussure, na verdade, a Lingüística trata-se de uma ciência que deverá ocupar um lugar no âmbito de uma proposta mais ampla de desenvolvimento de uma ciência geral, a Semiologia: que terá como objetivo tratar da “vida dos signos no seio da vida social”⁸² – signos que podem vir a ser quaisquer outras instituições sociais: os ritos, os costumes, etc. Não obstante, o signo lingüístico ocupará no conjunto desta ciência o lugar mais importante, uma vez que :

[...] as questões lingüísticas interessam a todos [...], historiadores, filólogos, etc., que têm que lidar com textos. Mais evidente ainda é sua importância para a cultura geral, na vida dos indivíduos, e das sociedades, a linguagem é um fator mais importante que nenhum outro. Seria inadmissível que seu estudo permanecesse como assunto de alguns especialistas; com efeito, todo mundo ocupa-se dela pouco ou muito⁸³.

Por conseguinte, Saussure considera que “[...] a Lingüística pode tornar-se o padrão geral de toda a semiologia, ainda que a língua seja não mais que um sistema particular”.⁸⁴

Tendo tudo isto em perspectiva e, considerando que muitos dos elementos analíticos saussurianos, com o tempo e para os mais variados campos de estudo das Ciências Humanas (Antropologia, Filosofia, Literatura, História), passaram a ser tomados como uma

⁸² SAUSSURE, Ferdinand de, op. cit., p. 33: « *la vie des signes au sein de la vie sociale* ».

⁸³ Ibid., p. 21: « [...] *les questions linguistiques intéressent tous [...], historiens, philologues, etc., qui ont à manier des textes. Plus évident encore est son importance pour la culture générale : dans la vie des individus et des sociétés, le langage est un facteur plus important qu'aucun autre. Il serait inadmissible que son étude retât l'affaire de quelques spécialistes ; en fait, tout le monde s'en occupe peu ou prou ;* »

⁸⁴ Ibid., p. 101: « [...] *la linguistique peut devenir le patron général de toute sémiologie, bien que la langue ne soit qu'un système particulier.* »

espécie de “instrumento epistêmico”⁸⁵, é que se pode dizer que alguns destes princípios, extrapolando o âmbito das discussões de ordem lingüística, acabaram, senão por dar início, ao menos por reforçar uma postura interpretativa que se tornaria dominante no âmbito das chamadas Ciências Humanas. Postura esta que, por sua vez, passaria a ser conhecida pelo termo “Estruturalismo”⁸⁶ – já que esta retomada das idéias de Saussure se efetivou com ênfase voltada para a idéia aí contida de uma objetividade científica realizável, apenas na medida em que se tomasse como objetos de estudos um sistema palpável, como uma espécie de estrutura⁸⁷.

É, portanto, tendo em perspectiva os abalos que este e outros modelos e interpretações lingüísticas - grandemente influenciados pelas reflexões filosóficas acerca da linguagem⁸⁸ - viriam a provocar, que no âmbito das humanidades fala-se da ocorrência do que se convencionou chamar de uma “*linguistic turn*” (virada lingüística)⁸⁹.

É notório, entretanto, que deslocamentos reflexivos/epistemológicos decorridos, tanto no domínio da própria Lingüística, quanto de tantos outros campos das Ciências Humanas – com destaque para a Filosofia -, acabariam por constituir todo um conjunto de posturas epistemológicas diversas, que por oposição ao Estruturalismo, foram

⁸⁵ DOSSE, François, O corte Saussuriano, op. cit., p. 69.

⁸⁶ Embora seja muito comum apontar o modelo de análise lingüística desenvolvida por Saussure como a base unificadora de modelos de análise que caracterizarão o chamado Estruturalismo, no sentido de justificar o fato de este seja apontado como seu fundador, é interessante sublinhar como o faz Dosse, que considerando que o próprio estruturalismo não se trata de um método ou de uma filosofia homogênea, assim como que as próprias proposições saussurianas mais do que fundar, por vezes consolidam perspectivas que já o precediam, não se trata de uma fundação, ao menos não no sentido de origem, propriamente dita. Talvez sendo mais adequado dizer que os procedimentos mais marcantes da abordagem proposta por Saussure em seu *Cours de Linguistique générale*: “(...) A abordagem descritiva, a prevalência do sistema, a preocupação em remontar até as unidades elementares a partir de procedimentos construídos e explícitos (...)” constituam “(...) o menor denominador comum de todos os movimentos estruturalistas”. Ibid., p. 67.

⁸⁷ É importante ressaltar, como o faz Dosse, que Saussure, no *Cours de Linguistique générale*, não faz uso do termo “estrutura” quando se refere à linguagem enquanto objeto de estudo da Lingüística, mas sim do termo “sistema”: “ ‘As propostas apresentadas pelos russos Jakobson, Karcevski e Troubetzkoy, por uma parte, e pelos genebrinos Bally e Séchehay, por outra parte, têm em comum destacar a referência a Saussure para descrever a língua como sistema.’ Portanto, Genebra e Moscou estão na base da definição de um programa estruturalista. Aliás, foi nessa ocasião que Jakobson empregou pela primeira vez o termo ‘estruturalismo’[...] Saussure só fizera uso do termo sistema, múltiplas vezes citado, 138 vezes nas 300 páginas do CLG”. Ibid, p. 66.

⁸⁸ Para breves observações referentes aos estudos filosóficos que se ocuparam da linguagem conferir: DOSSE, François, Benveniste: a exceção francesa. In: **História do Estruturalismo II: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Ensaio/ Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 61-72. O original francês: *Histoire du Structuralisme II: le chant du cigne, de 1967 à nos jours*, é de 1991.

⁸⁹ FUNARI, Pedro Paulo A. Filologia, Literatura e Lingüística e os debates historiográficos sobre a Antigüidade Clássica, op. cit., p. 159.

caracterizadas como “Pós-estruturalistas”⁹⁰. Sendo importante explicitar que tais deslocamentos foram provocados por idéias que – mesmo com diferentes nuances para diferentes autores e áreas – traziam como traços comuns a proposição de reflexões que mais que questionar, problematizavam o paradigma estruturalista: fundado a partir da relação sujeito/estruturas determinantes, isto é:

[...] de que o ser humano não estava condenado a ser livre, como dizia Sartre. Pelo contrário, o comportamento humano seria, na ótica estruturalista, determinado por estruturas, das quais raramente nos damos conta [...] lingüísticas, mentais, econômicas, etc. [...].⁹¹

Paradigma este que resultava, entre outras coisas, na exclusão do sujeito/ da noção de sujeito como objeto a ser submetido à análise, uma vez que ele seria apenas um produto da determinação de estruturas – às quais, portanto, cabia aos estudiosos se ocupar.

Não obstante, no campo da Lingüística merece menção – sobretudo por serem elas identificadas antes com o estruturalismo que com o pós-estruturalismo – o ponto central desenvolvido no âmbito das reflexões do lingüista francês Émile Benveniste (1902-1976): a importância do sujeito enunciativo, isto é, da linguagem assumida como exercício pelo indivíduo – ao que ele se refere como “discurso” (*discours*). Com relação ao qual, embora aqui não me deterei, cito apenas pela sua importância no que diz respeito à retomada de um elemento que as análises de ordem estruturalista tinham procurado obliterar como objeto de apreciação: o sujeito.⁹² E ademais, pelo fato de que a noção de discurso tornar-se-á, em particular a partir da década de 1970, termo recorrente no âmbito das humanidades⁹³.

⁹⁰ VASCONCELOS, José Antônio. História e pós-Estruturalismo. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000, p. 105-121. (Coleção Idéias 2), p. 108: “[...] Como o próprio nome indica, o pós-estruturalismo se coloca como tentativa de superação do estruturalismo, ‘uma corrente de pensamento da ala humanista da academia, que nasceu da lingüística e desabrochou na França, principalmente na década de 1960.’”

⁹¹ Ibid., p 108.

⁹² Conforme, aliás, ressalta François Dosse no segundo volume de sua *Histoire du Structuralisme*, ao afirmar que: “[...] a importância de Benveniste resulta, sobretudo, do fato de ter reintroduzido o recalcado no âmbito da preocupação da lingüística: o sujeito, por sua abordagem enunciativa”. Ver: DOSSE, François, “Benveniste: a exceção francesa”, op.cit., p. 62.

⁹³ Neste sentido ver: DURANTI, Alessandro, op. cit., p. 329. Para uma consideração particular e breve acerca desta noção no âmbito da historiografia ver: FUNARI, Pedro Paulo A. Filologia, Literatura e Lingüística e os debates historiográficos sobre a Antigüidade Clássica, op.cit., p. 160: “[...] A Lingüística [...] passou a incorporar outras abordagens, em particular introduzindo uma noção sócio-histórica de discurso, se maneira que as condições sociais determinam mesmo as propriedades do discurso [...]”.

No campo da Filosofia, por sua vez, quero dar um breve destaque para algumas problematizações desenvolvidas pelos franceses Michel Foucault e Jacques Derrida, para em seguida considerar, brevemente, problematizações abertas pelo também francês Roland Barthes no âmbito da teoria literária. Uma vez que, suas idéias tomadas em conjunto têm como efeito comum - para além de seus próprios trabalhos - consubstanciar uma crítica mais profunda com relação aos paradigmas científicos modernos, o que por sua vez, acaba por justificar que uma tradição norte-americana as tenha comumente chamado de “*French Theory*” (Teoria Francesa).

Com relação a Foucault, é possível dizer que seus esforços reflexivos giram todos em torno de uma tentativa de promover uma “radical historização da categoria de sujeito”⁹⁴. Assim, a medida que entende que a mesma: “Não é uma substância. É uma forma, e esta forma não é sobretudo e nem sempre idêntica a ela mesma”⁹⁵, Foucault questiona, seja uma acepção que pressupõe a existência de um sujeito universal, racional e, portanto, apto para estabelecer uma relação de conhecimento verdadeiro com reação às “coisas” que o cercam - que é tão cara e necessária não só para a Filosofia, como para a fundação da própria ciência no seu sentido moderno -, seja uma acepção que coloca o sujeito como uma função a lidar com estruturas (lingüísticas, mentais, culturais).

Foucault propõe, portanto, que a própria idéia de um sujeito do conhecimento trata-se, ela mesma, de uma noção construída no âmbito dos “jogos de verdade” que perpassam e fundamentam os discursos como científicos, ao mesmo tempo em que desempenha um papel fundamental no processo de legitimação destes discursos⁹⁶.

Derrida, por sua vez, desenvolveu seus esforços críticos tomando como ponto de partida a idéia saussuriana relativa aos signos, apesar de propor que: “(...) o signo não

⁹⁴ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p.119. O artigo original publicado em inglês: “*Who needs ‘identity’?*”, é de 1996.

⁹⁵ “*C’est ne pas une substance. C’est une forme, et cette forme n’est pas surtout ni toujours identique à elle-même.*”. FOUCAULT, Michel, *L’étique du souci de soi comme pratique de la liberté* [1984]. **Dits e Écrits IV**. Paris: Gallimard, 1994, p. 718. Esta e todas as demais traduções que serão apresentadas ao longo do texto, salvo quando indicar o nome de outro tradutor, serão de minha autoria.

⁹⁶ Para um panorama interessante do conjunto de trabalhos desenvolvidos por Foucault, com vistas a dar conta da realização de uma historização do sujeito, ver considerações do próprio autor em entrevista publicada em: FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense, 1995, p. 253-278. O original em inglês: *Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics*, é de 1983.

aponta para um conceito, que em si já é distinto da coisa significada, mas para outros signos, e estes então para outros, formando uma cadeia infinita”.⁹⁷

Nesta perspectiva, vale-se do conceito de signo para quebrá-lo em seu próprio fundamento, isto é, sua identificação como significante que remete a um significado. Como consequência, acaba por propor que os sentidos verdadeiros de algo nunca poderiam ser determináveis e nesse sentido, pode-se dizer que ele acaba por negar à ciência qualquer pretensão explicativa e objetiva em busca de uma verdade. A ela só sendo possível, a partir de tal percepção, uma postura sempre interpretativa⁹⁸. Neste sentido, pode-se dizer que promove uma profunda crítica à noção de discurso científico ocidental, assim como veremos a seguir, Barthes o faz no âmbito dos estudos de crítica literária.

Roland Barthes, a partir dos seus trabalhos desenvolvidos na segunda metade da década de 1960 – grandemente influenciados pelas perspectivas bakhtinianas de “polifonia” que, por sua vez, foram trazidas à França por intermédio de Julia Kristeva⁹⁹ - propôs uma leitura semiológica dos textos literários. Semiologia esta que, na verdade - ao modo de Derrida¹⁰⁰ - trata-se de uma proposta de “desconstrução da lingüística”¹⁰¹, uma vez que parte da retomada “semioclasta” da unidade fundamental da lingüística saussuriana: o signo, propondo a negação da definição desta como um elo de ligação entre um conceito e uma imagem acústica, isto é, entre um significado e um significante¹⁰². O signo para Barthes seria vazio, isto é, esvaziado de sentido, um significante desembaraçado de

⁹⁷ VASCONCELOS, José Antônio, História e Pós-Estruturalismo, RAGO, Margareth e GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.), op.cit., p. 117.

⁹⁸ DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. **A Escritura e a Diferença**. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995, p. 229-252. O original francês: *L'Écriture et la Différence*, é de 1967.

⁹⁹ DOSSE, François Quando Kristeva gerou o segundo Barthes. **História do Estruturalismo II: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias**, op. cit., p. 73-84. Ver ainda as considerações do próprio Barthes em: BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

¹⁰⁰ Com relação a esta proximidade entre Barthes e Derrida, Dosse informa: “Por trás dessa vontade de cindir o discurso ocidental, de o atingir em seus fundamentos, descortina-se sem dúvida a perspectiva desconstrutivista do logocentrismo ocidental de Derrida. Contudo, o horizonte não é o mesmo, pois se em ambos os casos se fala de escritura, com Barthes estamos em pleno campo literário, ao passo que Derrida depende do campo filosófico”. DOSSE, François. Quando Kristeva gerou o segundo Barthes, op. cit., p. 77.

¹⁰¹ BARTHES, Roland, op. cit., p. 30.

¹⁰² DOSSE, François. Quando Kristeva gerou o segundo Barthes, op. cit., p.77: “(...) A crítica do signo Saussuriano é retomada por Barthes: ‘É necessário agora levar o combate mais longe, tentar cindir não os signos, significantes de um lado, significados do outro, mas a própria idéia de signo: operação a que poderíamos chamar de semioclastia’.”

significado e, portanto, aberto “[...] aberto para o caráter infinito e irrestringível de sentido”.¹⁰³

Desta derivará uma proposta que, atentando ainda para o conceito de “intertextualidade”, proposto por Kristeva – e sobre o qual teceremos considerações em seguida – busca chamar a atenção para as significações infinitas contidas em qualquer texto literário. Significações que são postas em marcha, seja durante seu próprio processo de escritura (que é já uma (re) leitura de toda uma tradição literária), seja na relação de leitura que cada leitor empreenderá com o texto. Trazendo em comum, com relação a Derrida, uma diluição da idéia de significações, interpretações determináveis e, portanto, da autoria como aspecto fundamentalmente determinante das possíveis significações de um texto.

Fato, portanto, é que todo este movimento crítico brevemente esboçado aqui por meio de alguns exemplos, acabou por abrir questionamentos e problemas múltiplos - conforme já sugerido - também para a História com relação às suas pretensões como disciplina, na medida que problematizava uma série de pressupostos que perpassava seus métodos de análise documental, assim como esta noção. Acabando por evidenciar uma interdisciplinaridade outra que, para além daquela que era aclamada a partir das críticas empreendidas pelos historiadores franceses vinculados aos *Annales*, sempre esteve em operação, uma vez que ela mesma é quem faz possível a definição das perspectivas historiográficas como tais – como para qualquer outra ciência. O que, ademais, acaba por evidenciar, que: “A interdisciplinaridade não se resume à junção de fontes de natureza diversa, mas consiste na articulação das diversas abordagens em um discurso único e coerente”.¹⁰⁴

Era, enfim, a História que passava a se perceber, também, como uma “operação”¹⁰⁵ humana efetivada invariavelmente em um dado momento histórico e meio social, isto é, como escrita produtora/legitimadora de determinadas práticas humanas entendidas como científicas.

¹⁰³ Ibid., p. 76.

¹⁰⁴ FUNARI, Pedro Paulo A. Análise documental e Antigüidade Clássica. In: **Antigüidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**, op.cit., p. 34.

¹⁰⁵ Toma-se aqui a acepção de “operação” presente em: DE CERTAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Tradução Maria Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 65-119. O original francês: « L’opération historique » (1974), *L’Écriture de l’Histoire*, é de 1975.

I.1.4 - Da intertextualidade: de uma história intertextual e do conceito de intertextualidade como uma perspectiva de leitura tomada no âmbito deste trabalho:

Obviamente que muitas são as abordagens críticas desenvolvidas no âmbito da historiografia no sentido de dar conta de todos os desafios colocados no domínio maior das Ciências Humanas. Assim sendo, neste trabalho, não se tem como pretensão, dar conta das múltiplas particularidades de cada uma delas¹⁰⁶.

Importante é ressaltar, porém, que aqui se fala de uma perspectiva que, de alguma maneira, procura ao menos levar em conta a existência destes desafios, partilha da asseveração enunciada pelo historiador inglês Keith Jenkins de que: “A História (historiografia) é um constructo lingüístico intertextual”.¹⁰⁷ Afirmação interessante pelo que diz e como o diz, na medida em que remete a um outro conceito, bem mais conhecido no âmbito dos estudos literários e que, não obstante, as reflexões que serão desenvolvidas no âmbito desta dissertação pretendem levar em conta: o conceito de “intertextualidade” (*intertextualité*) cunhado pela estudiosa búlgara Julia Kristeva.

Conceito que, por sua vez, tem suas raízes ligadas às perspectivas de análise abertas por um teórico da linguagem e da literatura: o russo Mikhail Bakhtin (1895-1975)¹⁰⁸ - as quais, embora não pretenda me deter aqui, quero fazer destacar alguns aspectos centrais, uma vez que serão retomados por Julia Kristeva quando da proposição de uma “intertextualidade” que é inerente a todo e qualquer construto textual. Antes disto, conforme já mencionado no tópico precedente, é interessante reiterar a observação de que a própria Kristeva foi quem teve um papel importante no processo de introdução da obra de Bakhtin no âmbito francês¹⁰⁹.

¹⁰⁶ Destaco dentre estas as reflexões desenvolvidas pelo historiador francês Roger Chartier presentes em: CHARTIER, Roger, op. cit.. Destaco ainda as reflexões presentes em: WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: **Trópicos do discurso**. Ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução José Laurênio de. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994, p. 97-116. O original inglês: *Tropics of discourse. Essays in Cultural Criticism*, é de 1978.

¹⁰⁷ JENKINS, Keith, op. cit., p.26.

¹⁰⁸ Ver: KRISTEVA, Julia. Le mot, le dialogue et le roman (1966). In: **Σημειωτική: recherches pour une sémanalyse**. Paris: Éditions du Seuil, 1969, p. 143-173.

¹⁰⁹ Dosse nos informará que Julia Kristeva prefaciou as primeiras edições (1963, 1965) contendo tradução de textos de Bakhtin para o francês. Neste sentido ver: DOSSE, François. Quando Kristeva gerou o segundo Barthes. In: **História do estruturalismo II: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias**, op. cit., p. 73.

Kristeva nos informa que Bakhtin propõe uma análise que parte da consideração de uma unidade mínima da estrutura textual, concretizada para ele na noção de “estatuto da palavra” (*statut du mot*)¹¹⁰, isto é, do estatuto que cada uma das palavras adquire no âmbito de um espaço textual. Estatuto este que, por sua vez, só é possível se tentar definir, tendo em perspectiva suas interações com as três dimensões a consubstanciar o espaço textual: o sujeito da escritura, o destinatário e outros textos exteriores ao espaço que se considera (entendendo como texto, inclusive a realidade histórica e social na qual se encontra seu escritor)¹¹¹. Do que resulta fatalmente, na proposição de uma análise textual que só se faz tangível, na medida em que se leva em conta que, na verdade, qualquer texto literário é um “mosaico de citações” (*mosaïque de citations*)¹¹², isto é, de um espaço polifônico e dialógico a ecoar infinitamente o resultado da tessitura das muitas palavras que o constituem tomadas em suas relações com as três dimensões mencionadas. O que, por sua vez, torna inteligível a afirmação de Kristeva de que: “[...] o dialogismo bakhtiniano designa a escritura a um só tempo como subjetividade e como comunicatividade ou, melhor dizendo, como *intertextualidade*”.¹¹³

É importante mencionar, ainda, o interessante fato de que em Bakhtin, conforme informa Kristeva, o que se acaba por configurar é - mais que uma proposta de análise literária - uma proposta semiótica de estudos que traz como seu centro a idéia de que “o diálogo é a única esfera possível da vida da linguagem”¹¹⁴. Encontrando-se aí, a importância do autor como indivíduo enunciador na medida em que se deve considerar que:

‘[...] Para que as relações de significação e de lógica tornem-se dialógicas elas devem se encarnar, isto é, entrar em uma outra esfera de existência: tornar-se discurso, quer dizer enunciado, e obter um autor, ou seja, um sujeito do enunciado’.¹¹⁵

¹¹⁰ KRISTEVA, Julia, *Le mot, le dialogue et le roman* (1966), op. cit., p. 144.

¹¹¹ Ibid., p. 145: « [...] *Le statut du mot se définit alors a) horizontalement : le mot dans le texte appartient à la fois au sujet de l'écriture et au destinataire, et b) verticalement : le mot dans le texte est orienté vers le corpus littéraire antérieur ou synchronique* ». (“[...] O estatuto da palavra define-se então a) horizontalmente: a palavra no âmbito do texto pertence ao mesmo tempo ao sujeito da escritura e ao destinatário, e b) verticalmente: a palavra no texto está orientada em direção ao corpus literário anterior ou sincrônico”).

¹¹² Ibid., p. 146.

¹¹³ Ibid.: « [...] *le dialogisme bakhtinien désigne l'écriture à la fois comme subjectivité et comme communicativité ou, pour mieux dire, comme intertextualité* ; »

¹¹⁴ Ibid., p. 148: « [...] *le dialogue esta la seule sphère possible da vie du langage* ».

¹¹⁵ Ibid., p. 149: « [...] *‘Pour que les rapports de signification et de logique deviennent dialogiques ils doivent s'incarner, c'est-à-dire entrer dans un autre sphère d'existence ; devenir discours, c'est-à-dire énoncé, et obtenir un auteur, c'est-à-dire un sujet de l'énoncé’* ». (Bakhtin, *Problemi poetiki Dostoïevskovo*).

E será (re)tomando estas posturas supracitadas de Bakhtin – em sintonia com trabalhos outros como, por exemplo, Benveniste¹¹⁶ e Derrida¹¹⁷ - que Kristeva formula a constituição de uma ciência que seja construída “a partir do cadáver da lingüística”¹¹⁸ e acrescento, portanto, à semiologia no sentido proposto por Saussure: a semiótica. Ciência que, partindo da destruição da noção de signo saussuriano, conforme já vimos em Derrida, é pertinente de ser observada pela ambição a que se propõe de colocar em prática a mudança de estatuto da própria ciência como um todo. Uma vez que toda ela escrevendo-se por meio de signos, e apesar de suas pretensões de estar reportando um discurso monológico, também coloca em marcha o dialogismo conforme descrito por Bakhtin, isto é, imanente à linguagem.

É no âmbito da proposição de uma sua tipologia de discurso que compreende: de uma lado os discursos que se pretendem monológicos, e de outro, aqueles que se reconhecem como dialógicos que se consubstancia a crítica supracitada de Kristeva. Neste ponto, dou atenção, apenas o primeiro grupo, na medida em que é neste que a autora alocará tanto os discursos científicos como um todo, quanto, em particular, os discursos históricos, além das narrativas épicas – fazendo notar que para os três, embora o sujeito enunciador tenha a pretensão de assumir o papel de Deus, ou seja, um papel de onisciência e neutralidade¹¹⁹ - também o caráter intertextual se faz presente.

A partir das considerações feitas é que se pode dizer que, tomando-se o conceito de “intertextualidade” para definir o próprio texto histórico o que Jenkins, por escolha ou não, acaba por colocar em marcha são todos os pressupostos até aqui supracitados conforme encontrados em Bakhtin e Kristeva. Retomada duplamente interessante pela ausência de considerações acerca desta idéia dialógica e polifônica de Bakhtin, que Peter Burke no seu *O que é história cultural?*¹²⁰ informa-nos haver no âmbito da historiografia. Pois, se por um lado, pelo menos desde o ano de 1965, com a tradução de *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento* para o inglês e o francês, muitos dos conceitos de Bakhtin, que aí

¹¹⁶ Para considerações de Kristeva aproximando e diferenciando as abordagens de Benveniste e Bakhtin com relação ao sujeito enunciador de um texto, isto é, seu ver: *ibid.*.

¹¹⁷ Para menção a este diálogo ver: KRISTEVA, Julia. *L'Expansion de la Sémiotique* (1967), *op.cit.*, p. 43-59.

¹¹⁸ KRISTEVA, Julia. *L'Expansion de la Sémiotique* (1967), *op. cit.*, p. 39.

¹¹⁹ KRISTEVA, Julia. *Le mot, le dialogue et le roman* (1966), *op. cit.*, p. 158-159.

¹²⁰ BURKE, Peter. *O que é história cultural ?*, *op. cit.*, p. 71.

aparecem, foram com muita frequência instrumentalizados em trabalhos desenvolvidos no âmbito da História. Por outro lado, o próprio Burke faz observar que:

[...] idéias igualmente interessantes de Bakhtin sobre gêneros de fala e sobre as diferentes vozes que podem ser ouvidas em um texto – o que ele chama de ‘polifonia’, ‘poliglossia’ ou ‘heteroglossia’ – atraíram pouca atenção, em termos relativos, fora, do mundo literário. É uma pena [...].¹²¹

É interessante ainda pelo que abre de possibilidades de exploração na historiografia, no trato com os textos que venham a ser tomados pelos historiadores como fontes de suas produção interpretativa, isto é, como documentos. No sentido de que estes passem a ser entendidos - para além de uma perspectiva representacional de um singular sujeito/voz, feita em determinado tempo e lugar, os quais os historiadores seriam capazes de melhor ouvir e dar a ouvir - como um espaço sempre aberto de escritura/leituras com as quais, também, os historiadores, partindo de pressupostos analíticos, interagem.

Atentando, portanto, sobretudo para este último aspecto, é que no âmbito desta dissertação pretendo levar em conta as perspectivas de leitura abertas pelo conceito de “intertextualidade”. Buscando tomá-lo como instrumento que possa vir a contribuir simultaneamente:

- 1- Para uma leitura das composições poéticas antigas, e especificamente líricas, que tomaremos como objeto de estudo privilegiado. Composições as quais, tratando-se de textos herdados de uma tradição oral, talvez tragam de forma mais explicitada o complexo “intertextual”¹²² no qual se inserem para configurarem-se como tais;
- 2- Para uma proposta de leitura dos fragmentos poéticos de Safo de Lesbos em uma perspectiva que pretende propor uma problematização com relação às formas e à importância central com a qual muitas vezes tem sido tomada a questão do “sexo” no exercício de leitura dos seus poemas. Pois, na medida em que se parte aqui do pressuposto de que estes se tratam de construtos lingüísticos a estar sempre em uma relação dialógica com outros, abre-se para os mesmos a possibilidade de não serem tratados apenas como a

¹²¹ Ibid., p. 72.

¹²² As aspas foram usadas para sugerir a consciência que aqui se tem de que a palavra “intertextual” carrega consigo uma noção um tanto quanto estranha - a de texto – ao se levar em conta que os objetos centrais a serem tratados no âmbito desta dissertação: fragmentos poéticos de Safo, tratam-se de compostos produzidos no âmbito de uma cultura ainda eminentemente oral. Porém, apenas no segundo capítulo desta dissertação é que se procurará considerar melhor esta incoerência.

representação de um singular feminino. Seja este feminino entendido como algo concreto: advindo como resultado de experiências de suas autoras enquanto mulheres. Ou, ainda, como um “feminino” que não necessariamente esteja relacionado ao sexo daquele que enuncia, mas que é, antes, entendido no sentido de extrapolação/subversão de uma linguagem tradicional/ masculina.

I.2- Da História, da Literatura, das mulheres, dos feminismos e da linguagem.

“Não há existência humana exceto como uma mulher ou como um homem”.¹²³

I.2.1 – Dos movimentos feministas e de alguns paradigmas para se pensar sobre as mulheres e o feminino: discursos e identidades em questão:

Acredito que seja possível dizer que todos os movimentos de cunho feminista – ainda que se tenha em mente o amplo espaço temporal e geográfico em que os mesmos nos seus mais variados momentos eclodiram¹²⁴ – no que diz respeito às suas reivindicações, trazem como uma espécie de traço comum o objetivo de dar a ouvir as vozes das mulheres, as “vozes femininas”. Mais que isto, creio que seja para o que pode ser identificado como um primeiro momento destes movimentos – iniciado já no fim do século XVIII e caracterizados por uma luta em prol de uma equiparação de direitos entre homens e mulheres –, seja para o que pode ser caracterizado como um seu segundo momento – que ocupa lugar na esteira dos inúmeros movimentos sociais que eclodem na década de 1960 e que atuam no sentido de denunciar e lutar contra a forte exclusão social a que as mulheres, para além de seus direitos formais conquistados, eram submetidas¹²⁵ –, pode-se falar de

¹²³ LAING, R. D.: “*There is no human existence except as a woman or as a man*”. Apud LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da modernidade**. Tradução Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 58. O original inglês: “*Rethinking literary history*”, é de 1987.

¹²⁴ Para uma breve descrição da trajetória do(s) feminismo(s) na história e especificamente no Brasil ver: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília M. B. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (orgs.). **Mulher e relações de gênero**. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 81- 114.

¹²⁵ Nesse sentido ver: FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson, José da (org.). Introdução. In: **Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 20: “*Em particular, a partir do final da década de 1960 (...) Tornam-se mais frequentes as lutas contra as desigualdades sociais, étnicas, religiosas e sexuais, com a*

lutas que de diferentes maneiras ganham sentido e fazem-se mesmo possíveis, a partir da instrumentalização que estabelecem com relação aos pressupostos identitários que definem um “ser mulher”, um sujeito feminino.

Pressupostos estes que, ainda antes do século XVII, encontravam sua justificativa primaz no social, uma vez que até então:

Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não *ser* organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis. Em outras palavras, o sexo antes do século XVII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica.¹²⁶

E isto se dá, não porque inexistam considerações acerca da percepção de caracteres anatômicos diferentes entre homens e mulheres, mas antes, porque no âmbito dos textos antigos, medievais e renascentistas – conforme nos informa Thomas Laqueur, a partir de exaustivo trabalho de leitura dos mesmos, no seu livro *Inventando o sexo* – essa percepção não é dada a ler como uma diferença irreduzível entre dois sexos (genitálias e aparelhos reprodutores distintos). De fato, o que se pode dizer com relação às representações das diferenças sexuais para estes períodos, é que não se notam considerações que partam do pressuposto da existência de dois sexos immanentemente distintos para homens e mulheres, respectivamente: um sexo masculino e outro feminino, mas antes, da existência de um modelo de sexo único no qual os caracteres anatômicos masculinos constituíam um modelo de perfeição em contraposição aos traços anatômicos perceptíveis nos corpos femininos, que eram no mais das vezes, lidos como inversões e imperfeições daquele modelo.

Porém a partir da leitura de textos escritos já nos séculos XVIII e do XIX o que se passa a verificar, tomando ainda como base as leituras de Laqueur, é o desenvolvimento e a consolidação de “[...] um novo modelo de dimorfismo radical, de divergência biológica. Uma anatomia e fisiologia de incomensurabilidade substituiu uma metafísica de hierarquia na representação da mulher com relação ao homem.”¹²⁷

organização de movimentos feministas, de operários, negros, imigrantes, homossexuais e de outros grupos marginalizados pelas estruturas sociais organizadas.”

¹²⁶ LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução Vera Whately Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2001, p. 18. O original inglês: *Making sex – body and gender from the greeks to Freud*, é de 1992.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 17.

Disto resultou um importante deslocamento com relação ao que era tomado como pressuposto básico da constituição de identidades femininas e masculinas: das diferenças de papéis sociais a serem assumidos passou-se para uma ênfase nas diferenças anatômicas incomensuráveis entre dois seres. E na medida em que as Ciências Biológicas tornavam-se aptas a descrever estas diferenças anatômicas com uma minúcia cada vez mais crescente, aos poucos elas se legitimavam como os lugares da diferença e, portanto, passavam também a funcionar como a causa responsável por todo um corolário de características distintivas, fossem elas fisiológicas, psicológicas ou de papéis no social.

As causas responsáveis tal deslocamento, por sua vez, podem ser remetidas a todo um conjunto de movimentos políticos e sociais processados ao longo dos séculos XVIII e XIX. Movimentos estes que, dentre outros tantos efeitos, acabaram por fazer eclodir uma acirrada discussão acerca do estatuto feminino, provocando assim, o que pode ser caracterizado como uma primeira onda de mobilizações de caráter feminista. Pois, se era possível encontrar como resultado de tantos processos políticos transformadores como, por exemplo, o processo de independências dos Estados Unidos (1776), na América, ou ainda como resultado da Revolução Francesa (1789-1799), na Europa, a constituição de cartas que previam declarações de direitos iguais e universais aos cidadãos, grupos de mulheres - uma vez que se percebiam excluídas dessa pretensa universalidade - passavam a reivindicar uma maior igualdade de direitos. Reivindicações estas que, por sua vez, colocavam em foco as discussões acerca de seu estatuto, e, portanto, em marcha mais acirrada, todo um processo de alterações acerca dos lugares de diferença entre homens e mulheres¹²⁸.

Logo, tendo em vista o que foi exposto até aqui, as considerações de Jurandir Freire Costa que seguem reproduzidas abaixo se tornam bastante elucidativas:

[...] ao contrário do que se pensa habitualmente, não foi o estabelecimento da diferença dos sexos que condicionou o lugar social, moral e psicológico da mulher; foi a rediscussão de seu novo estatuto social que deu origem à diferença de sexos como a conhecemos. A formação da nova imagem da mulher nos séculos XVIII, e sobretudo XIX, trouxe à tona a rediscussão da diferença de gêneros. Desta discussão surgiu a idéia da diferenças de sexos entendida como bissexualidade original e não como hierarquização de funções de um só sexo fisio-anatômico. Antes da “questão feminina” emergir como um problema de

¹²⁸ Neste sentido ver: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília M. B. Feminismos, feministas e movimentos sociais, op. cit. Assim como: GONÇALVES, Andréa Lisly. Militância feminista. In: **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 15-44.

dimensão político-econômica importante, as descobertas científicas baseadas na anatomia e na fisiologia eram incapazes de renovar o olhar dos estudiosos da sexualidade humana.

A mudança do parâmetro só pode ocorrer porque foi antecedida pela polêmica cultural em torno da natureza e da função da mulher na sociedade.¹²⁹

De tudo isto, pode-se dizer, ainda, que resultará uma sobreposição do social pelo sexual como núcleo de um pressuposto de identificação de gênero, não só pelo que de “natural” e ontológico este último oferecia no sentido de justificar e legitimar as diferenças sociais convencionalmente distintas entre mulheres e homens, já então observáveis em sua variabilidade histórica. Sendo necessário ressaltar que tal deslocamento, também pode ser, em grande parte, explicado pelo estatuto de objetividade e neutralidade pelos quais, neste momento, os discursos de caráter científico eram tomados.¹³⁰

Dito isto, torna-se importante ressaltar que, no que tange aos movimentos feministas, as considerações feitas aqui, não se interessam pelo que de específico cada um representou para cada momento e espaço em que teve lugar, mas sim, de uma forma generalizante, pelo exercício de problematizá-los, tendo em vista as ambíguas relações que estabelecem com um complexo jogo de sobreposições discursivas que (re) afirmam a exclusão das mulheres nos mais diferentes níveis da participação no social.

Visto que, se as mobilizações de caráter feminista no seu afã de lutar por igualdades jurídicas e sociais têm como uma de suas preocupações e pode-se dizer também efeitos, evidenciar a arbitrariedade social e cultural inscritas na constituição de algumas das diferenças entre homens e mulheres – nisto negando ao sexo o que ele poderia ter de ontológico também como definidor das diferenças para além da anatomia, por um lado, por outro, conforme supracitado, fora também a “questão feminina” levantada por estas movimentações, que acabara por contribuir para que aqueles que procuraram abafá-la passassem a buscar como reforço para justificar a manutenção das diferenças, o respaldo de um discurso que colocava no natural anatômico sua base incontestável de defesa. Ao que mais tarde se somará, no âmbito do próprio movimento – dada a crescente necessidade de amalgamar as diferenças que cada vez mais se enunciarão entre as mulheres (de classe,

¹²⁹ COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 104-105.

¹³⁰ Nesse sentido ver: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 15.ed. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. O original francês: *Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir*, é de 1976.

etnia, sexualidade, entre outras), – uma espécie de imperativo de recorrer ao sexo como seu único pressuposto identitário irredutível. Pressuposto que, se não era capaz de conferir características “naturais” e justificadoras de diferenças de estatuto social, o seria de algum modo – e graças também à própria exclusão social operada por parte das sociedades patriarcais - de proporcionar experiências especificamente “femininas” e, portanto, para além das diferenças, uma identidade feminina comum¹³¹

Partindo desta perspectiva, resulta que a entrada das mulheres como objetos privilegiados de estudo, seja considerada no âmbito das chamadas Ciências Humanas, em geral, e no da História, em particular, não poderia dar-se de maneira outra que não acompanhada por todas estas problemáticas e ambigüidades. Ainda mais tendo em vista que é mesmo na década de 1960, na esteira da referida segunda onda dos movimentos feministas, - que tem como um de seus efeitos uma entrada mais maciça de jovens mulheres no espaço universitário – que também se encontram os primeiros espaços de constituição de campos de estudos que têm como seu centro os estudos sobre as mulheres.

I.2.2 – Da história das mulheres ao uso da categoria gênero: considerações acerca de dois modelos interpretativos:

É importante sublinhar que, mesmo se pelo menos desde o século XIX os estudos de caráter antropológico-histórico já versavam sobre o feminino - no âmbito de sua exploração de estruturas de parentesco e da sexualidade -, assim como com os *Annales*, a partir de 1930, - com o alargamento de perspectivas temáticas propostas – contemplavam-se já, objetos outros que acabavam por tangenciar aspectos relacionados às mulheres e ao feminino; seria apenas na esteira dos movimentos feministas que, efetivamente, as mulheres - na medida em que conquistavam direitos jurídicos e sociais - viriam a ter também maior acesso à enunciação científica e a reforçarem a si mesmas como um objeto privilegiado de estudo.¹³²

¹³¹ Nesse sentido ver as considerações feitas em: SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992, p. 63-95. O original inglês: *New perspectives on historical writing*, é de 1991.

¹³² Para considerações acerca da entrada das mulheres como objeto de estudos no âmbito da História, em geral, e da historiografia brasileira, em particular, ver: GONÇALVES, Andréa Lisly. Anatomia e destino, op.cit., p. 45-84.

Assim, no que diz respeito à História quando de sua fundação como disciplina, pode-se afirmar que ela “[...] exclui duplamente as mulheres: da sua área, visto que se consagra à vida pública e política; da sua escrita, visto que esta profissão é vedada às mulheres”¹³³. Sendo somente mais tarde - conforme anteriormente citado, a reboque dos movimentos feministas retomados a partir de 1960 e de suas conquistas - que também para a disciplina se configurará a demanda pela constituição de uma área de estudos cuja preocupação central encontrar-se-á na tentativa de pôr em relevo uma falta que deveria ser preenchida pela colocada em evidência daquelas que, até então, não tinham sido enfocadas como agentes históricos, isto é, pela busca e escrita de uma memória consubstanciada em uma “História das Mulheres”.

História que para um primeiro momento – marcado que era por uma forte conexão entre política e intelectualidade – buscará fazer vir à tona, sobretudo, mulheres célebres que teriam tomado parte nos grandes acontecimentos políticos e, portanto, influenciado nos rumos do que até então era em grande parte tomado – apesar dos *Annales* - como importante para a história humana, para em seguida – a partir da década de 1970 – abrir espaço para uma extensão dos seus objetos de estudos, de forma a contemplar aspectos que eram entendidos como parte de um universo feminino mais geral¹³⁴.

Nesta perspectiva, torna-se importante ressaltar o fato de que os trabalhos que se dedicaram a escrever sobre as mulheres têm seu projeto legitimado não apenas pela sua intrínseca relação com um importante movimento social, mas também com todo um amplo conjunto de questionamentos e transformações, responsáveis também, por um deslocar epistemológico no âmbito científico – conforme se buscou evidenciar no tópico precedente.

Deslocar este, que para a História significou o seu reconhecimento não mais como a ciência cujas práticas possibilitavam um acesso a uma verdade sobre o passado - a qual aos historiadores cabia a tarefa de acessar e narrar -, mas como prática imersa em um social, cuja complexidade de elementos constituintes deveriam ser também objetos da História. Como tal, isto é, como parte dos inúmeros movimentos dados no social, a disciplina

¹³³ PERROT, Michelle; DUBY, Georges. Escrever a história das mulheres. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (dir.). **História das Mulheres no Ocidente 1**. Tradução Tereza Joaquim. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 13.

¹³⁴ Para apontamentos nesse sentido ver: SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.), op. cit.. Ver ainda: PERROT, Michelle. Préface. In : PERROT, Michelle (dir.). **Une histoire des femmes est-elle possible?** Paris: Rivages, 1984, p. 7-16.

inquieta-se na busca de abrir espaços para tantos outros aspectos e vozes outrora não contemplados como objetos históricos.

E talvez como prática expurgatória de uma omissão que se procurava desculpar e preencher o mais rapidamente possível por meio do resgate destes aspectos e vozes, é que se justifique a explosão de trabalhos preocupados em destacá-los¹³⁵. O que, por um lado, acabava por escancarar o papel dos trabalhos empreendidos na História - como nos demais campos de estudo das Ciências Humanas - como parte das práticas de exclusão social a que, de diferentes maneiras, muitos têm sido submetidos. Como, por outro, as relações que também estas ciências estabeleciam com os pressupostos identitários que diferenciavam cada um destes grupos.

Com relação aos primeiros trabalhos que se dedicaram a inscrever as mulheres na História é importante destacar, portanto, que, talvez, mesmo como uma espécie de efeito do seu afã de preencher o que passava a ser visto como uma “falta” no âmbito destas narrativas, notar-se-á uma ênfase para o que as mulheres teriam em comum entre si e de diferente em relação aos homens, em uma medida capaz mesmo de justificar e fazer possível a realização de narrativas à parte para aquelas. Ênfase esta que acabava por reforçar um quê de coletivo que perpassava a experiência social das mulheres para todo e qualquer espaço histórico - em detrimento das diferenças entre elas - e, portanto, por reforçar o que de irredutível haveria ao se pensar nas mulheres em relação aos homens, isto, é: seu sexo. Além do que, na medida em que constituiu todo um conjunto de narrativas à parte, acabava por não dar conta de inscrevê-las de forma a efetivamente incluí-las no complexo âmbito do social que a historiografia procurava apreender.

Assim, pode-se dizer que como resposta a estas limitações de perspectiva que um conjunto de histórias das mulheres passa a representar - tendo ainda em vista a eclosão de tantas outras vozes reivindicadoras de suas diferenças no âmbito dos movimentos feministas: de negras, lésbicas, trabalhadoras, entre outras -, é que nos idos da década de 1970 alguns trabalhos historiográficos passam a pensar a questão das mulheres na história a partir de uma perspectiva capaz de dar ênfase à questão das diferenças, isto é, a partir da

¹³⁵ Neste sentido ver, por exemplo: HOBBSBAWN, Eric J. A história de baixo para cima. **Sobre a História**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 216-231. O original inglês: *On History*, é de 1988. Assim como a coletânea de textos selecionados por Stella Bresciani, traduzidos por Denise Bottmann e publicados sob o nome de: PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

categoria “gênero”. Categoria que, partindo da instrumentalização da noção gramatical de gênero¹³⁶, constituíra-se como tal, primeiramente no âmbito dos estudos de sociologia – origem esta que diz muito acerca da ênfase aí dada ao social como elemento central de análise para se pensar a questão do “feminino”.

Com relação ao gênero, porém - a partir dessas considerações iniciais, somadas à minuciosa caracterização que se reproduz abaixo da mesma, de autoria da teórica feminista Joan Scott - é necessário evidenciar as inúmeras problemáticas, uma vez que:

[...] presume uma oposição fixa entre os homens e as mulheres, e identidades (ou papéis) separadas para os sexos, que operam consistentemente em todas as esferas da vida social. Também presume uma correlação direta entre as categorias sociais masculina e feminina e as identidades de sujeito dos homens e das mulheres, e atribui sua variação a outras características sociais estabelecidas como classe ou raça. Amplia o foco da história das mulheres, cuidando dos relacionamentos macho/fêmea e de questões sobre como o gênero é percebido, que processos são esses que estabelecem as instituições geradas, e das diferenças que a raça, a classe, a etnia e a sexualidade produziram nas experiências históricas das mulheres. A abordagem da ciência social do gênero pluralizou a categoria das ‘mulheres’ e produziu um conjunto brilhante de histórias e identidades coletivas; mas também esbarrou em um conjunto aparentemente intratável de problemas que se seguiram ao reconhecimento das diferenças entre as mulheres.¹³⁷

Assim, no que se refere a um “conjunto aparentemente intratável de problemas” gerados pelo “gênero”, talvez seja possível dizer que seu epicentro esteja no efeito inverso que sua proposta de ênfase analítica gera ao buscar no social a explicação para as diferenças: a reafirmação ainda mais forte da idéia de uma diferença originária e natural evidenciável pela anatomia e traduzida em termos médico-biológicos em uma diferença sexual. Na medida em que se acabava por perceber que no âmbito dos trabalhos que a tomaram como categoria analítica, as variações sociais e/ou culturais entre homens e mulheres e mulheres e mulheres, no mais das vezes se faziam pensáveis numa perspectiva histórica, apenas na proporção em que se fazia da diferença sexual originária seu contraponto fixo e, portanto, da noção de bissexualidade originária, uma noção ahistórica. O que, portanto, acabou por constituir uma espécie de oposição natural/sócio-cultural que a

¹³⁶ Para observações relativas aos sentidos do substantivo gênero e apontamentos relativos dessa noção como forma de categoria analítica ver: MORAES, Maria Lygia Quartim de. Usos e limites da categoria gênero. **Cadernos Pagu**, Unicamp, 11, 1998, p. 99-105.

¹³⁷ SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.), op. cit., p. 88-89. Grifos nossos.

categoria precisava pressupor para se fazer operável - oposição aí definida em termos de um sistema “sexo/gênero”.

Num certo sentido, pode-se afirmar, portanto, que a categoria gênero propõe um viés analítico que promove uma espécie de deslocamento inverso ao ocorrido a partir do século XVIII, com relação aos pressupostos tomados como basilares para se explicar as diferenças atribuídas para homens e mulheres. Nesta perspectiva, considerá-la aqui se torna mais interessante a partir do que ela acaba por explicitar acerca do complexo jogo de sobreposições discursivas que se (re) afirmam para toda e qualquer tentativa de se pensar acerca das identidades femininas e masculinas, e por extensão, acerca de diferenças entre homens e mulheres.

I.2.3 – De quando as mulheres enunciam uma voz feminina: algumas considerações acerca deste pressuposto no âmbito da História e da crítica literária:

Fato é que, para além das divergências de abordagem, os trabalhos que lutavam em prol de escrever histórias das mulheres e/ou inscrever as mulheres no âmbito das narrativas históricas – ademais, *mutatis mutandis*, semelhantemente àqueles que buscavam incluir no âmbito historiográfico identidades e diferenças de tantos outros grupos – partilhavam todos, em alguma medida, da idéia da existência de uma identidade feminina coletiva capaz de ser senão definida, particularizável, na medida em que distinguível de um masculino.

E se no âmbito da História e das Ciências Humanas, de uma forma geral, pelo menos a partir da década de 1960, é possível dizer que esta identidade não era tomada como uma simples derivação natural de uma identidade sexual-biológica; apesar disso, pode-se falar que indiretamente – conforme se fez notar no tópico acima quando da menção da categoria “gênero” – sua configuração não deixa de valer-se daquele que àquela altura já era, no mais das vezes, tido como *locus* primário de identidade dos sujeitos: o sexo.

Além disso, no âmbito deste conjunto de trabalhos, apesar da sua diversidade de recortes e mesmo de posturas interpretativas, não é nada difícil identificar a ação de tal pressuposto. Uma vez que, no momento em que os historiadores se colocam na tarefa de contemplar as mulheres e os aspectos a elas relacionados, eles, invariavelmente, vêm-se às voltas com uma constatação que, ainda que enunciada de variadas maneiras, – dado mesmo

às diferentes dificuldades relativas a cada recorte histórico que se realize - aparece remarcada em seus trabalhos: da relativa escassez de testemunhos cuja autoria remeta a uma mulher, em contraste com o imenso número daqueles cuja autoria remeta aos homens e suas representações de aspectos relativos às mesmas¹³⁸.

Constatação que se apresentará aqui, a título de exemplo, conforme aparece enunciada por Michelle Perrot e Georges Duby no seu artigo de introdução à emblemática coletânea *História das mulheres do Ocidente*:

Da Antigüidade até os nossos dias, a escassez de informações concretas e circunstanciadas contrasta com a superabundância das imagens e dos discursos. As mulheres são representadas antes de serem descritas ou narradas, muito antes de terem elas próprias a palavra.¹³⁹

Tal citação se torna, aqui, especialmente interessante, não só pelo que diz, mas pela maneira com que o faz. Pois, se ressalta a escassez de informações a que caracteriza como “concretas e circunstanciadas”, é em contraste com uma superabundância “das imagens e dos discursos” que antecede a tomada da palavra pelas próprias mulheres. Conseqüentemente sugerindo: se às mulheres desde muito tivesse sido concedido o acesso à palavra, muito provavelmente teríamos acesso a descrições, narrativas, “informações concretas e circunstanciadas” referentes às mesmas - elas contando-se a si mesmas. Do que resulta a conclusão de que, se na verdade o que se têm tratam-se de “imagens e discursos”, eles assim o são caracterizados, uma vez que a nos contar sobre as mulheres estão aqueles que sempre tiveram o poder da palavra, os homens.

A operar aí, portanto, entende-se que está um pressuposto que de maneira intrigante liga linguagem e sexo/gênero daquele que fala, ou seja, a linguagem como veiculadora de um “contexto social” do qual parte a enunciação desta – idéia conforme foi vista, pode ser encontrada seja no âmbito da lingüística saussuriana, seja no âmbito das reflexões de Benveniste. Pressuposto este que, por sua vez, traduz um outro de ordem mais abrangente: a idéia de que para as mulheres - uma vez que de maneira geral foram submetidas ao longo dos mais variados contextos históricos a experiências sociais distintas dos homens -

¹³⁸ Nesse sentido ver: PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Côrrea São Paulo: Contexto, 2007, p. 21-39. O original francês: *Mon histoire des femmes*, é de 2006.

¹³⁹ PERROT, Michelle; DUBY, Georges. Escrever a história das mulheres. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (dir.), op. cit., p. 8.

constituiu-se uma subjetividade característica e particular, que por sua vez, torna possível que se fale de uma identidade “feminina” que é capaz de se fazer refletir/enunciar nas suas mais variadas formas de produções e intelecções do cultural e, portanto, no exercício da faculdade da linguagem que este grupo social exerce.

Pode-se dizer, portanto, que tudo isto reflete o predomínio de uma perspectiva estruturalista acerca de “sujeitos” e “subjetividades”. Perspectiva esta, que pode ser resumida na idéia de que a construção da subjetividade nada mais seria que o resultado da interação de estruturas inconscientes (lingüísticas, mentais, econômicas, entre outras) com as experiências no social a que cada sujeito é submetido. Do que é possível derivar que, partindo de experiências sócio-culturais históricas distintas, os sujeitos tendam a constituir identidades também distintas as quais, por sua vez, os tornam propensos a realizar produções culturais a partir das quais é possível identificar traços distinguíveis – sejam elas orais, escritas ou materiais.

Nesta perspectiva, aos historiadores, mas não só a eles, no desafio de escrever sobre as mulheres, restavam muitas perguntas: afinal, valendo-se em grande parte de testemunhos cuja autoria remetia aos homens, bastava estar ciente da operação discursiva que se processava no âmbito destes textos e, a partir daí, munir-se de uma ferramenta científica adequada para tentar superá-la? Por outro lado, caso os testemunhos a se explorar como fontes históricas veiculassem enunciações de mulheres/femininas, eles necessariamente trariam relatos, testemunhos mais fidedignos de informações acerca das mulheres em virtude do fato de serem elas mulheres? Se caso a nos informar sobre mulheres escravas, operárias negras, estivessem mulheres brancas e de elite – ademais as primeiras a tomar o poder da palavra – como lidar com a operação discursiva que estaria a se enunciar mesmo por mulheres, pelo simples fato de tal operação processar-se de lugares sociais diferentes ainda que femininos? Seriam estes últimos ainda assim mais fidedignos que qualquer representação masculina, apenas por compartilharem estas de uma identidade coletiva derivada do fato de serem mulheres?

Obviamente, não é nada simples problematizar as particularidades com que tal pressuposto opera no âmbito de cada um dos trabalhos em que se manifesta, assim como estas questões são respondidas e/ou apenas problematizadas. Fato, porém, é que

dificuldades desta ordem têm persistido e gerado a necessidade de instrumentalização de aparatos conceituais das mais variadas áreas.

Sobretudo para períodos da História como a Antigüidade, com o qual aqui lidaremos, a escassez de “vozes feminina” há muito têm gerado uma série de inquietações e, portanto, colocado este pressuposto como uma questão sempre presente ou latente - conforme nos faz explicitar o excerto de um recente trabalho da historiadora brasileira Marta Mega de Andrade que coloca:

[...] como perseguir um lugar próprio feminino, quando são os homens que falam, dizendo o que querem sobre quem são as mulheres em sua sociedade? Esta questão foi [...] muito debatida. Sobre ela afirmou-se desde a impossibilidade de “ouvir” a voz feminina na literatura grega - e assim na imensa maioria das fontes utilizadas pelos historiadores - até o abandono do enfoque sobre a condição feminina, em direção ao imaginário, ao campo simbólico, onde o gênero é signifiante, e não a qualidade de um sujeito social e histórico - até desencarnar o gênero, portanto, fazendo dele um ‘operador de sentido’ apenas. Nos dois casos, a questão foi contornada, mas não superada.”¹⁴⁰

Por hora, quero destacar, ainda, o fato de que, para além das particularidades concernentes para cada período, as inquietações feministas não só inserem, de maneira inquietante, a questão dos sujeitos enunciadorees como uma problemática a ser (re)considerada pelos estudiosos quando de sua crítica documental: fazendo-os atentar para o fato de que as representações discursivas a serem veiculadas pelos testemunhos do passado são feitas por sujeitos, antes de tudo gendrados, uma vez que, como enuncia a epígrafe deste tópico: “Não há existência humana exceto como uma mulher ou como um homem”. Mas, outrossim, conforme nos coloca de maneira inquietante De Certau – no excerto que reproduzir-se-á a seguir - as críticas de natureza feminista que se inserem na História fazem com que seja retomada no âmbito da disciplina uma problemática fundamental que há muito vem sendo colocada em foco, sobretudo, no âmbito dos trabalhos filosóficos: da problematização da relação subjetividade/objetividade científica, uma vez que se leve em consideração que “[...] todo o conhecimento, não apenas, nem

¹⁴⁰ ANDRADE, Marta Mega de. A ‘cidade das mulheres’: a questão feminina e a *pólis* revisitada. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson, José da (org)., op. cit, p. 123.

especificamente, o conhecimento do passado, mas toda a compreensão (*verstehen*) resulta de sujeitos do conhecimento”.¹⁴¹

De Certau, assim coloca esta questão:

O fato de a particularidade do lugar onde o discurso é produzido ser relevante ficará naturalmente mais evidente quando o discurso historiográfico tratar das questões que focalizam o sujeito-produtor da história: a história das mulheres, dos negros, dos judeus, das minorias culturais etc. Nesses campos, pode-se, é claro, sustentar que a condição pessoal do autor é indiferente (em reação à objetividade do trabalho dele ou dela) ou que somente ele ou ela autoriza ou invalida o discurso (se ele ou ela faz parte ou não dele). Mas esta discussão requer o que tem sido dissimulado por uma epistemologia, a saber, o impacto das relações sujeito-a-sujeito, (mulheres e homens, negros e brancos etc.), sobre a utilização de técnicas aparentemente ‘neutras’ e na organização de discursos que são, talvez, igualmente científicos. Por exemplo, partindo-se do fato da diferenciação dos sexos, deve-se concluir que uma mulher produz uma historiografia diferente daquela do homem? É claro que eu não respondo a essa pergunta, mas afirmo que essa pergunta coloca em questão o lugar do sujeito e requer um tratamento diferente da epistemologia que construiu a ‘verdade’ do trabalho, baseando-se na irrelevância do narrador.¹⁴²

Vale dizer que, assim como De Certau, não se busca aqui também responder a estas questões, mesmo porque o objetivo desta dissertação centra-se em perceber como o pressuposto sujeito gendrado/ discurso aparece em alguns dos trabalhos que se põem a discutir a poesia de Safo de Lesbos. Além disso, considerarei mais adiante que este lugar do sujeito será problematizado de maneiras diversas no âmbito das perspectivas ditas pós-estruturalistas.

Assim colocadas estas questões para a historiografia, enfim, torna-se pertinente enfocar paralelamente algumas posturas interpretativas surgidas no âmbito dos estudos de crítica literária - tendo em vista, sobretudo, que elas perpassam muitas das leituras com as quais travar-se-ão diálogos no momento em que os fragmentos poéticos de Safo forem colocados em enfoque no terceiro capítulo deste trabalho. Pois, como resposta às turbulências geradas pelos movimentos de cunho feminista, como também aos contínuos deslocamentos dados no âmbito das Ciências Humanas, sobretudo a partir da década de

¹⁴¹ FUNARI, Pedro Paulo A. Documentos: análise tradicional e hermenêutica contemporânea. In: **Antigüidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**, op.cit., p. 19.

¹⁴² DE CERTAU, Michel. History: science and fiction. In: **Heterologies: discourse on the other**. Minneapolis, 1986, p. 217-218 apud SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.), op. cit., p. 78-79.

1960, poder-se-á observar também para este campo de estudos movimentações, em alguma medida, correlatas àquelas ocorridas no campo historiográfico.

Movimentações que – tomando como ponto de partida o balanço feito no artigo “A crítica feminista no território selvagem”, de autoria da crítica literária americana Elaine Showalter¹⁴³ - podem ser apresentadas a partir de certas tendências capazes de distinguir pelo menos dois momentos que caracterizariam, sobretudo, os trabalhos desenvolvidos no âmbito de uma tradição literária anglo-saxônica¹⁴⁴ :

1. O primeiro de caráter revisionista, uma vez que se tratava de propor uma (re) leitura crítica, isto é, uma “crítica feminista” das imagens e estereótipos das mulheres na literatura em oposição às leituras de uma já tradicional crítica masculina. Tendo em vista, ademais, a definição de problemas teóricos próprios.¹⁴⁵
2. Caracterizando-se o segundo, por sua vez, por uma ênfase positivada às diferenças que seriam enunciadas nas narrativas literárias compostas por mulheres quando comparadas aos escritos compostos por homens. Definindo, nos termos propostos por Elaine Showalter, uma ginocrítica (*gynocritics*) que tem como fim tomar como objetos de estudo os temas, estilos, gêneros, ou seja, traços que pudessem ser identificados como característicos das composições de autoras femininas, de tal forma a permitir que os mesmos fossem associados a um formato de enunciação, se não específico, caracteristicamente feminino.¹⁴⁶

Movimentações que, na medida em que partiam do pressuposto que:

Os universos culturais dos homens e das mulheres desenvolveram-se num patamar de igualdade, mas em duas linhas diversas, cada sexo possuindo seu tipo

¹⁴³ SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Tradução Deise Amaral. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23-57. O artigo original em inglês: “*Feminism Criticism in the Wilderness*”, é de 1981.

¹⁴⁴ Tradição que, no mais das vezes, é oposta a uma “tradição francesa” (*French theory*), conforme veremos mais adiante. Para considerações acerca das perspectivas críticas que caracterizam estas duas tradições, assim como de uma revisão crítica sobre a idéia de simples oposição entre as mesmas, ver as considerações feitas em: DRAINE, Betsy. Refusing the wisdom of solomom: some recent feminist literary theory. **Signs**, vol. 15, no. 1, 1989, p. 144-170. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 14 mar. 2008.

¹⁴⁵ Ibid., p. 26-29.

¹⁴⁶ Ibid., p. 29-32.

de saber tradicional, suas próprias formas de lidar com o amor, a vida, a morte, a natureza e a religião, suas próprias canções e gêneros literários, seus próprios instrumentos musicais e até suas próprias formas de cantar e dançar. As tradições das mulheres eram mais ricas e diversificadas que a dos homens.¹⁴⁷

, reivindicavam até mesmo a necessidade de se reescrever a história literária tradicional a partir de outra perspectiva, isto é, de um ponto de vista historiográfico feminista - conforme se pode ver atestado no artigo “Repensando a história literária”, de autoria da professora francesa de literatura Ria Lemarie¹⁴⁸, do qual extraímos o excerto supracitado.

Feitas estas considerações, ainda que de caráter breve e geral, com relação à historiografia e à crítica literária, o que se pretende sublinhar, portanto, é uma espécie de pressuposto acerca da relação entre o sexo/gênero do sujeito enunciador como, em alguma medida, determinante de sua linguagem/discurso que - ainda que explicitado ou apenas sugerido de diferentes maneiras no âmbito de cada uma destas áreas - parece ser compartilhado por ambas. O que, por sua vez, justifica se não a importância, a pertinência de uma discussão como a que se propõe aqui, de atentar para uma problemática da relação sujeito/ linguagem para a qual o lugar da diferença a enunciar-se no discurso encontra-se centrada no sexo/gênero dos sujeitos enunciadoreis.

Viés de discussão que, neste ponto do trabalho importa sublinhar, de forma a evidenciar as problemáticas que pretendem ser consideradas mais particularmente ao longo do meu exercício de leitura dos fragmentos poéticos de Safo de Lesbos – muitas vezes lidos como espaços enunciadoreis de vozes e experiências femininas ou simplesmente da própria Safo, ou ainda como um exemplo de uma escrita caracteristicamente feminina - por um lado. Por outro lado e para uma perspectiva mais geral, pelo que (re) coloca com relação às ambigüidades e sobreposições discursivas que estão a perpassar, invariavelmente, as discussões relativas às identidades e diferenças entre homens e mulheres, sejam elas colocadas em termos derivados de aspectos biológicos, sócio-culturais, psicanalíticos ou lingüísticos.

I.2.4 – Feminismos, pós-estruturalismo e identidades em questão: de quando a voz feminina pode ser enunciada por mulheres ou homens:

¹⁴⁷ LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária, op. cit., p. 63.

¹⁴⁸ Ibid.

Tendo em vista que os movimentos e críticas de caráter feminista presumem noções como experiências configuradoras de identidades coletivas femininas capazes de preencher um “ser mulher”, um significante “mulheres” isto é, um seu sujeito feminino que se faz necessário para colocar em ação estes movimentos e críticas, neste ponto cabe, por fim, considerar algumas das perspectivas abertas pelos estudos caracterizados como pós-estruturalistas pelo que - para além das particularidades presentes nos trabalhos de cada um dos autores que venham a ser identificados como tal - trazem problematizações com relação a conceitos tão caros a estes movimentos e críticas. Uma vez que, conforme afirma Joan Scott:

Diferentemente da abordagem da ciência social, que aceita tacitamente a identidade e a experiência das mulheres, a abordagem pós-estruturalista relativiza a identidade e a priva de suas bases em uma ‘experiência’ essencializada, ambos elementos cruciais, na maior parte das definições padronizadas de política, para a mobilização dos movimentos políticos [...].¹⁴⁹

Particularmente importantes neste sentido, portanto, serão algumas das considerações apresentadas no âmbito do projeto foucaultiano de realização de uma hermenêutica da noção de sujeito, sobretudo a partir do momento em que o filósofo se propõe a realizar suas reflexões ao longo da escrita de uma sua *História da Sexualidade* (1976-1984)¹⁵⁰. Projeto de História este que se percebe aqui como interessante, na medida que ao longo da mesma, Foucault passa a promover um deslocamento analítico que será capaz de abrir espaço - para além da apreciação da configuração de posições de sujeitos no âmbito dos discursos científicos conforme havia feito até então¹⁵¹ - para se pensar nos “dispositivos” que levarão os sujeitos a se reconhecerem como tais.

E para Foucault, é justamente a partir do que ele chamará de “dispositivos da sexualidade”¹⁵² que se processa a configuração de um sujeito de desejo, isto é, de um sujeito portador de uma sexualidade que se constituirá ele mesmo, sobretudo a partir do

¹⁴⁹ SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.), op. cit., p. 90-91.

¹⁵⁰ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**, op. cit.. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. O original em francês: *Histoire de la sexualité 2: l'usage de plaisir*, é de 1984. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003. O original em francês: *Histoire de la sexualité 3: le souci de soi*, é de 1984.

¹⁵¹ **A História da Loucura** [1961], **Nascimento da Clínica** [1963], **As Palavras e as Coisas** [1966] e **Vigiar e Punir** [1975].

¹⁵² FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**, op.cit..

XIX, em um dos aspectos centrais da definição da identidade dos sujeitos como tais. Neste sentido, sobretudo no primeiro volume da *História da Sexualidade*, o filósofo volta sua atenção para o que entende como um processo de subjetivação engendrado pelos “jogos de verdade” concretizados por meio de uma série crescente de práticas e saberes médicos. O autor acabará por desvelar, assim, um complexo emaranhado de saberes e poderes normativos que se pode ver atuar, ainda hoje, embasando o próprio entendimento de nós mesmos como sujeitos humanos.

Realizando sua análise é interessante observar que – embora tivesse tido mesmo uma preocupação em voltar-se para o passado greco-romano nos dois volumes seguintes da *História da Sexualidade*¹⁵³, de forma a considerar ali a existência de “modos de subjetivação” outros que não centrados em discursos prescritivos, mas sim voltados para “práticas de si” -, Foucault acabaria por não se dedicar a reflexões que atentassem para os modos pelos quais os indivíduos acabavam por se subjetivar de forma diferenciada como sujeitos masculinos ou femininos.

Torna-se importante observar, assim, que ainda que as leituras foucaultianas acabem por ser criticadas no âmbito dos trabalhos de cunho feministas - tendo em vista que em suas análises Foucault não se preocupa em considerar a sexualidade “[...] como ‘gendrada’¹⁵⁴, como tendo uma forma masculina e outra feminina, e sim, como idêntica para todos - e conseqüentemente masculina [...]”¹⁵⁵ –, elas não deixariam de ser retomadas por aquelas, justamente no sentido de propor uma reavaliação crítica a uma noção que se tornara tão central no âmbito de suas análises: a noção de “gênero” como uma alternativa à noção de sexo no trato analítico relativo às diferenças entre homens e mulheres, entre masculinos e femininos. Postura esta que pode ser exemplificada pelo excerto que se segue – extraído do artigo “A tecnologia do gênero” de Teresa de Lauretis, ao considerar que:

¹⁵³ Ver a respeito de Foucault: DELEUZE, Gilles, A vida como obra de arte. In: **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006, p. 119: “(...) quando considera (...) uma série de longa duração, desde os gregos até os romanos, é para descobrir no que é que não somos gregos nem cristãos, e nos tornamos uma outra coisa. Em suma, a história é o que nos separa de nós mesmos, e o que devemos transpor e atravessar para nos pensarmos a nós mesmos”. O original em francês: *Pourparlers*, é de 1990.

¹⁵⁴ DE LAURETIS, Tereza. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.), op. cit., p. 206. Ver nota da tradutora na qual esclarecerá que o termo “gendrado” refere-se à idéia de “marcado por especificidades de gênero”.

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 222.

[...] assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, ‘o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais’, por meio de ‘uma complexa tecnologia política’.¹⁵⁶

Uma vez posto em questão o que parecia ser o último lugar/noção epistemológica que parecia tornar possível a problematização das identidades sexuais/genéricas entre homens e mulheres, acabava também por se colocar uma série de problemas incontornáveis para os movimentos e críticas de caráter feminista. Pois, o que se configurava era uma “crise de identidade”¹⁵⁷ que colocava em questão uma noção fundamental: a existência de um sujeito feminino, de um ser “mulheres”. Afinal: como manter posturas políticas de cunho feminista a partir das propostas desconstrucionistas com relação a todo e qualquer pressuposto que funcione como *locus* identitário capaz de definir um “ser mulher”, um sujeito feminino?

Como resposta a este questionamento, pode-se notar que acabou por se desenvolver todo um amplo conjunto de reflexões, que iam desde propostas afirmativas até negativas, no que diz respeito à defesa da idéia de existência de identidades femininas.

Como exemplo de uma proposta que tem um sentido afirmativo, destacar-se-ão, aqui, algumas das reflexões apresentadas pela estudiosa Teresa de Lauretis. Uma vez que, conforme nos informa Linda Alcoff, para aquela:

[...] subjetividade, isto é, o que nós ‘percebemos compreendemos como subjetividade’, é construída através de um processo contínuo, uma constante renovação, baseada numa interação com o mundo que ela define como experiência: ‘E, portanto, não é produzida por idéias externas, valores, ou causas materiais, mas por nosso engajamento pessoal e subjetivo nas práticas, discursos e instituições que emprestam significância (valor, significado, e efeito) aos eventos do mundo’. Este é o processo pelo qual a nossa subjetividade torna-se engendrada.¹⁵⁸

¹⁵⁶ Ibid., p. 208.

¹⁵⁷ Para considerações nesse sentido ver: ALCOFF, Linda. Cultural feminism versus post-structuralism: the identity crisis in feminist theory. *Signs*, vol. 13, no. 3, 1988, p. 405-436. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 14 mar. 2008.

¹⁵⁸ Ibid., p. 423: [...] *subjectivity, that is, what one ‘perceives and comprehends as subjective’, is constructed through a continuous process, an ongoing constant renewal based on a interaction with the world, which she defines as experience: ‘And thus is produced nor by external ideas, values, or material causes, but by one’s personal, subjective engagement in the practices, discourses and institutions that lend significance (value, meaning, and effect) to the events of the world’ This is the process through which one’s subjectivity becomes en-gendered.*”

Para De Lauretis, portanto, é necessário levar em conta o papel que os próprios indivíduos exercem no processo de construção de suas identidades/subjetividades de gênero. Assim, é necessário atentar para o fato de que para cada mulher, uma construção identitária e subjetiva como tal, constitui-se como um produto “[...] de sua própria interpretação e reconstrução de sua história [...]”¹⁵⁹ - ainda que se reconheça que tal reconstrução seja “[...] mediada pelo contexto cultural discursivo ao qual ela tem acesso”¹⁶⁰. A partir do que tornar-se-á possível e desejável, por consequência, propor a defesa de uma teoria feminista que tenha como função “[...] continuar sua crítica radical dos discursos dominantes sobre gênero [...]”¹⁶¹.

E, portanto, se em De Lauretis não se trata exatamente da promoção e defesa da existência de mulheres como sujeitos que necessariamente compartilham de uma identidade feminina que, por sua vez, teria sido dada por uma experiência coletiva resultante de um pertencimento sexual que lhes teriam submetido a diversos meios de exclusão social ao longo da história. Não obstante, tem-se a defesa de um “sujeito do feminismo”: um sujeito que emergiria “[...] dos escritos e debates correntes dentro do feminismo [...]”¹⁶², e que, portanto, está “[...] ao mesmo tempo dentro e fora da ideologia do gênero, e está consciente disso [...]”¹⁶³ e que desse ponto estaria sim apto a lutar pela defesa de posturas críticas feministas.

Proposta que defenderia uma espécie de feminismo negativo, por sua vez, pode ser encontrada no trabalho da filósofa norte-americana Judith Butler, intitulado *Gender trouble: feminism and the subversion of identity (Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade)*¹⁶⁴. O qual caracteriza-se aqui como negativo, uma vez que parte da crítica do que se constitui como o pilar fundacional de qualquer política e teoria de caráter feminista: a existência de sujeitos do gênero feminino pelos quais se reivindica¹⁶⁵.

¹⁵⁹ Ibid., p. 434: “[...] of her own interpretation and reconstruction of her history [...]”.

¹⁶⁰ Idem: “[...] mediated through the cultural discursive context to which she has access”.

¹⁶¹ DE LAURETIS, Tereza. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.), op. cit., p. 236.

¹⁶² Ibid., p. 217.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminim and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

¹⁶⁵ Ibid, p. 128.: “[...] categories of true sex, discrete gender, and specific sexuality have cosntruted the stable point of reference for a great deal of feminist theory and politics. These constructs of identity serve as the points of epistemic departure from wich theory emerges and politics itself is shaped. In the case of feminism,

E se as teorias de caráter sociológico vinham dando respaldo a esta noção de gênero, construída como uma identidade derivada de experiências, em suposto contraponto com a idéia de uma identidade natural-biológica derivada da idéia da existência de dois sexos, Butler argumenta justamente no sentido de denunciar a artificialidade de tal oposição. Assim sendo, Butler empreende ainda, uma análise acerca de várias teorias feministas ou não - mas que instrumentalizam noções de sujeitos sexuados/gendrados como identidades - na medida em que as entende como discursos construídos e construtores desta idéia.

Pode-se dizer que para Butler - demonstrando como tanto o sexo, quanto o gênero, tratam-se de categorias discursivamente construídas - importava, portanto, propor a defesa contra qualquer tentativa de construção de um *locus* identitário fixo. Sugerirá, assim, um feminismo negativo no sentido que - defendendo que na verdade toda e qualquer forma de identidade é sempre performática e jamais fixa/determinável, portanto nunca “feminina” ou “masculina” - esvazia o movimento e suas teorias de seu pressuposto central. Mas nem por isso a autora nega a importância de uma luta política que envolva estas questões: uma política que se desenvolva no sentido de ir contra uma idéia de política clássica que necessite de um sujeito dotado de uma identidade fixa para emancipar.

Outras posturas que interessam por fim considerar se fazem presentes em alguns trabalhos desenvolvidos no âmbito francês e, ademais como os supracitados, fortemente inspirados pelas reflexões de cunho pós-estruturalistas. O que justifica que, correlatamente ao pós-estruturalismo, caracterizado por vezes - em pretensa oposição às posturas de trabalho desenvolvidas no âmbito norte-americano - como *French Theory/French post-structuralism* (Teoria Francesa/Pós-estruturalismo Francês), àqueles acabem por ser definidos em termos de um “*French Feminism*”(Feminismo Francês).¹⁶⁶.

politics is ostensibly shaped to express interests, the perspectives, of women.”([...] categorias de sexo verdadeiro, gênero separado, e sexualidade específica têm construído o ponto de referência estável para o grande ideal da teoria e da política feminista. Estes construtos de identidades servem como pontos de partida epistêmicos a partir dos quais a teoria emerge e a própria política é modelada. No caso do feminismo, a política é ostensivamente modelada para expressar os interesses, as perspectivas das mulheres.)

¹⁶⁶ Para considerações críticas acerca de uma “tradição francesa” em termos de uma *French theory/ French post-structuralism*, no mais das vezes colocada nestes termos partindo da a perspectiva que se oporia a uma “tradição anglo-saxônica” ver: Ibid, p. 415-422. Ver ainda: DRAINE, Betsy. Refusing the wisdom of Solomom: some recent feminist literary theory, op.cit. Ver aqui nota 69.

Trabalhos os quais - considerado o espaço geográfico comum a justificar parte da caracterização supracitada - identificam-se como “feministas” não porque se coloquem propriamente no âmbito de tal discussão; mas uma vez que, ainda que de diferentes formas, ao buscar promover “[...] a crítica da racionalidade, a desmistificação da subjetividade unificada (o indivíduo como sujeito do conhecimento), e a investigação da cumplicidade entre conhecimento e saber [...]”¹⁶⁷, acabaram por identificar como espaço de oposição a isto tudo o “feminino”. Este, substantivado como um *locus* de projeção para se pensar os deslocamentos epistemológicos que propunham e que, portanto, acabariam mesmo por serem definidos em termos de um *devenir-femme* (tornar-se mulher) ¹⁶⁸.

Refiro-me aqui, portanto, aos trabalhos de três autoras: Luce Irigaray, Hélène Cixous e Julia Kristeva¹⁶⁹ que, embora não sejam os únicos a utilizarem-se das posturas interpretativas caracterizadas acima – e mesmo que difiram consideravelmente em suas propostas - invariavelmente têm sido tomados, em conjunto, como seus representantes¹⁷⁰. O que, por sua vez se justifica, não só pelo fato de partirem de pressupostos epistemológicos comuns, mas também por terem sido tomados no âmbito da crítica literária anglo-saxã como ponto de desafio crítico diante de uma idéia de discutir acerca das diferenças presentes nos escritos literários de autoria de mulheres - as quais foram mencionadas anteriormente neste trabalho.

No que se refere ao que defini acima como pressupostos epistemológicos comuns, refiro-me, em particular, ao ponto de partida que tem sido apontado como pressuposto comum a estas autoras: o diálogo com as concepções da psicanálise de Lacan (1901-1981) as quais – uma vez que propunham que a própria noção de sujeito era, antes de tudo, um efeito da linguagem, a qual por sua vez, trata-se de uma veiculação de estruturas simbólicas

¹⁶⁷ DE LAURETIS, Tereza. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.), op. cit., p. 235.

¹⁶⁸ Ibid., p. 234-235. Proponho essas considerações, levando em conta a leitura de Teresa de Lauretis da análise empreendida pela estudiosa Rosi Braidotti acerca do conceito de feminilidade no âmbito da filosofia contemporânea francesa em seu “Modelli di dissonanza: donne e/in filosofia”, 1985.

¹⁶⁹ Para considerações acerca das perspectivas analíticas destas três autoras ver: DRAINE, Betsy. Refusing the wisdom of Solomom: some recent feminist literary theory, op.cit.

¹⁷⁰ Ibid., ver ainda: SKINNER, Marilyn B. Woman and language in ancient Greece, or, why is Sappho a woman?. In? RABINOWITZ, Nancy S./ RICHLIN, AMY (ed.). **Feminist theory and the classics**. New York: Routledge, 1993, p. 125-142.

construídas invariavelmente no âmbito de uma *lei paternal*¹⁷¹ na qual os homens se constituiriam como os sujeitos discursivos – implicavam portanto, na exclusão das mulheres do nível mais rudimentar e, por conseguinte, de todo o processo de construção dos sistemas simbólicos predominantes na cultura ocidental.

As concepções de linguagem lacanianas, por sua vez, dialogavam fortemente com as idéias lingüísticas saussurianas - pelo lugar de supremacia que dava à linguagem como sistema social de construção significativa¹⁷²-, assim como com as concepções de Benveniste – ao inserir a questão dos sujeitos enunciativos¹⁷³. Podendo-se dizer ainda, que acabou por radicalizar o “estruturalismo”, uma vez que em Lacan a própria noção de sujeito era lingüisticamente construída, ao passo que em Saussure era pressuposta.

Assim, tomando este esquema interpretativo como ponto de partida crítico, não é difícil entender não só¹⁷⁴ por que no âmbito destas três autoras fora a um “feminino” entendido como uma metáfora a-histórica - e não como sinônimo de relativo às mulheres, embora a elas relacionado – que se identificou o que não se encaixava nas estruturas simbólicas culturais dominantes. Pois, uma vez que historicamente quase sempre socialmente excluídas, as mulheres teriam sido relegadas “[...] simultaneamente ao pólo negativo de qualquer antítese conceitual e a uma posição subordinada de objeto” e, portanto, jamais puderam ser significadas para além de sua oposição a um simbólico que se não era definido em termos de “masculino”¹⁷⁵, não deixaria de pressupô-lo, uma vez que a enunciação no âmbito cultural invariavelmente fora prerrogativa dos homens.

¹⁷¹ Para considerações críticas relativas às perspectivas lacanianas ver: BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**, op.cit., sobretudo, p. 43-57,79. SUJEITO. In: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 742. O original francês: *Dictionnaire de la psychanalyse*, é de 1997.

¹⁷² “(...) Lacan, apoiando-se na teoria saussuriana do signo lingüístico, enunciou sua concepção da relação do sujeito com o significante: ‘Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante’”. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel, *ibid.*, p. 742.

¹⁷³ Para breves comentários acerca das influências mútuas entre os trabalhos desenvolvidos por Benveniste e por Lacan, respectivamente ver: DOSSE, François. Benveniste: a exceção francesa, op.cit., p. 63: “Pelo seu interesse pela questão do sujeito, Benveniste é solicitado por Lacan, preocupado em obter o aval de um grande lingüista para colaborar no primeiro número da revista *Psychanalyse*, em 1956[...]. É incontestável que o diálogo com a psicanálise oferece a Benveniste um meio de fazer valer as suas posições no tocante a considerar a enunciação, e em 1958, escreve para o *Journal de psychologie* um artigo que apóia [...] as teses lacanianas: ‘É na linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque somente a linguagem alicerça na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego.’”.

¹⁷⁴ Ver nota 139.

¹⁷⁵ Masculino que, por sua vez, também não é sinônimo de relativo aos homens, mas antes da cultura conforme significada como algo natural, neutro e, portanto, universal.

Nesta perspectiva, pode-se dizer que o que estas autoras propuseram, cada uma a seu modo¹⁷⁶, tratava-se de reflexões que visavam teorizar e caracterizar este discurso outro feminino: não simbólico e não racional, mas polissêmico, difuso, indefinível. Discurso operador de uma verdadeira transgressão lingüística. E será esta transgressão lingüística tomada ao pé-da-letra que será retomada pelos estudos de crítica literária de cunho feminista no sentido de buscar identificá-las nos textos cuja autoria remetam a uma mulher – ainda que, por vezes, identifiquem-nas em escritos de autores masculinos. Uma vez mesmo que se deve considerar, no sentido posto, por exemplo, por Julia Kristeva que:

[...] para além dos condicionamentos biológicos-sexuais e psicossociais que influenciam o comportamento do autor ou da autora frente à literatura, a escrita coloca em funcionamento o cruzamento interdialético de várias forças de subjetivação. Duas principais forças se opõem: a força *raciocinante-conceitualizante* (masculina), que simboliza a instituição do signo e garante o pacto sócio comunicativo, e a força *semiótico-pulsátil* (feminina), que excede a finitude da palavra com sua energia transverbal.¹⁷⁷

Neste sentido - embora levando em conta as críticas efetivadas pela filósofa americana Judith Butler a respeito das interpretações de Kristeva, na medida em que partindo de uma metafísica lacaniana da linguagem como masculina ainda que para refutá-la, acabam mesmo é por reiterar este seu pressuposto metafísico¹⁷⁸ (e que por isso podem ser estendidas para Irigaray e Cixous) - as percepções abertas por estas críticas em diálogo com os trabalhos de teoria literária aqui muito me interessam, na medida em que me proporciona propor uma postura com relação ao binômio linguagem/ discurso e

¹⁷⁶ Hélène Cixous advoga a existência de uma «*écriture féminine*» (escrita feminina): “[...] um modo de discurso informado por uma diferença sexual ainda não absolutamente restrita às mulheres. Caracterizada por uma abertura lírica e a falta de uma organização convencional, lógica [...] os textos da *écriture féminine* pretendem desafiar diretamente a ordem simbólica falocêntrica.”([...] *a mode of writing informed by sexual difference yet not absolutely restricted to women. Characterized by a lyric openness and a lack of conventional, logical organization [...] os textos da écriture féminine are intended to challenge the ‘phallogocentric’ symbolic order directly.*). Irigaray, por sua vez, defende a existência de um discurso exclusivamente feminino, um «*parler femme*» “[...] fundado numa economia libidinal específica das mulheres. Somente falando (como) mulher, em uma linguagem que, assim como o prazer sexual feminino é ‘plural, autoerótico, difuso, e indefinível dentro das regras familiares do (masculino) lógico [...] as mulheres são capazes de afirmar um desejo corporal excluído do discurso patriarcal modelo.”([...] *grounded in women’s specific libidinal economy. Only by speaking (as) woman, in a language that, like female sexual pleasure itself, is ‘plural, autoerotic, diffuse, and undefinable within the familiar rules of (masculine) logic’ [...] can women affirm bodily desire excluded from standard patriarchal speech.*).

¹⁷⁷ Referência feita às idéias contidas em Julia Kristeva: *La révolution du langage poétique* (1974) e *Polylogue* (1977). Apud RICHARD, Nelly. **A Escrita tem sexo? Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política**. Tradução Romulo Monte Alto Belo Horizonte: UFMG, 2002, p.132.

¹⁷⁸ BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**, op.cit., sobretudo, p.79-106

sexo/gênero, que me permitem pensar muito além de aspectos que constituiriam a subjetividade do autor de um determinado texto¹⁷⁹. Interessantes também porque conforme veremos mais adiante, muitas das características de uma tal escrita vêm sendo identificadas por algumas autoras nos fragmentos poéticos de Safo¹⁸⁰.

Logo, tendo em perspectiva todos os problemas até então expostos é que aqui, reitero minha postura de adotar uma proposta de leitura que busca partir do conceito de “intertextualidade” de Julia Kristeva, por meio do qual - retomando as posturas bakhtinianas de “polifonia” – ela propõe que todo texto trata-se ele mesmo, na verdade, de uma **escritura** de um sujeito enunciador que para realizá-la, acaba invariavelmente por colocar em marcha todo um complexo que inclui suas **leituras** de outras tantas **escrituras** que, por sua vez, foram elas mesmas (re) significadas no âmbito de seu meio social, por um lado. Paralelamente ao fato de que, por outro lado, este mesmo texto - que uma vez construído como tal torna-se inerte - apenas teria suas significações postas novamente em marcha a partir de todo um conjunto de significações outras que cada um de seus leitores traria ao longo de suas (re) leituras.¹⁸¹

Uma vez que, aqui, entende-se que qualquer leitura textual deve levar em conta a complexidade analítica que resultará da tomada em perspectiva da relação textos, autores e destinatários de forma tal, que qualquer ênfase que se queira dar ao seu autor de carne e osso se tornaria simplista e acabaria por levar a todo um corolário que pressuponha que um texto trata-se, no mais das vezes, sobretudo, de um produto da relação autor/linguagem e por extensão da relação linguagem/discurso em sua relação com o sexo/gênero de seu autor. Contudo, no âmbito deste trabalho, num paradoxo aparente, o suposto sexo da autora cujas composições serão enfocadas: Safo de Lesbos, será tomado como de muita importância – na medida em que se entende que assim o foi por um número considerável de estudiosos.¹⁸²

¹⁷⁹ Para uma argumentação no sentido de pensar em um conceito de escrita feminina para além do sexo do autor do texto ver as considerações tecidas em: BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

¹⁸⁰ Neste sentido ver, sobretudo: SKINNER, Marilyn B. *Woman and language in Ancient Greece, or, Why is Sappho a Woman?*, op. cit.. Ver ainda: WILSON, Lyn Hatherly. **Sappho's sweetbitter songs. Configurations of female and male in ancient Greek lyric.** Londres: Routledge, 1996.

¹⁸¹ KRISTEVA, Julia, *Le mot, le dialogue et le roman*, op. cit..

¹⁸² Para uma leitura que vai nesse mesmo sentido ver as afirmações de Draine, op. cit., p. 159-160, a respeito do trabalho da estudiosa americana Linda S. Kauffman: *Discourses of desire: gender, genre and epistolary fictions*, 1986, no sentido de apontar que no mesmo: “[...] *the sex of the author is of little account* [...]” ([...] o sexo do autor é de pouca importância [...]). Afirmação que se justifica na medida em que Kauffman, tendo

Assim, pode-se dizer que no âmbito desta dissertação, propõe-se uma leitura de quatro dos fragmentos sáficos que – tendo em perspectiva algumas das questões mais problemáticas referentes ao material poético arcaico, em especial com relação ao gênero com o qual os fragmentos de Safo são quase que invariavelmente associados: o lírico - pretende dialogar com outras interpretações propostas para os mesmos, visando a destacar, sobretudo, como os pressupostos acerca da relação linguagem/discurso // sexo/gênero têm-se constituído como um dos fatores mais importantes a perpassar as posturas interpretativas diante dos mesmos.

como um de seus “princípios guias” (guiding principle) o dialogismo de Bakhtin, afirma ainda que : “[...] every text in my book is a dialogue between the writing subject and addressee, but is also a dialogue with the preceding texts and languages of amorous discourse.” ([...] todo texto em meu livro é um diálogo entre o sujeito que está escrevendo a àquele a quem se endereça, mas é também um diálogo com os textos precedentes e as linguagens do discurso amoroso).

CAPÍTULO II

Algumas considerações sobre as composições de caráter poético da Grécia Arcaica (VIII – VI a.C.) e sobre Safo de Lesbos e sua poesia.

O que acontece se tentarmos escrever, ou ensinar, ou pensar ou mesmo ler sem um senso de tradição?

Ora absolutamente nada acontece, simplesmente nada. Você não pode escrever ou ensinar ou pensar ou mesmo ler sem a imitação, e o que você imita é o que outra pessoa fez, o que uma pessoa escreveu, ou ensinou, ou pensou ou leu. Sua relação com o que deu conhecimento àquela pessoa é uma tradição, pois a tradição é uma influência que se estende além de uma geração, uma transmissão de influência.¹⁸³

[...] a arte da poesia [...] não é uma quando praticada por homens e outra quando praticada por mulheres, mas a mesma [...], será alguém capaz de julgar algo vergonhoso com relação a esta demonstração?”¹⁸⁴

II. 1 – Considerações sobre as composições de caráter poético da Grécia Arcaica:

As dificuldades com as quais os historiadores se deparam ao tentarem empreender um estudo de qualquer aspecto relativo ao período que na historiografia “[...] por comodidade, costuma designar-se por arcaico”¹⁸⁵, comumente são imputadas ao fato de que para este período - para além das fontes de ordem material, assim como de textos de produção mais tardia e que trazem informações sobre o mesmo - o que de massivo se tem, é material de natureza poética e, portanto, literária. Testemunhos estes que, somados aos problemas que lhe são inerentes, no que diz respeito à reconstituição filológica capaz de dar

¹⁸³ BLOOM, Harold. **A map of misreading**. New York: 1975, p.32. Apud BOWMAN, Laurel. The ‘women’s tradition’ in Greek poetry. Phoenix, vol. 58, no. 1/2, 2004, p. 1-27. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 03 mar. 2008, p. 2: “What happens if one tries to write, or to teach, or to think or even to read without the sense of tradition? Why nothing at all happens, just nothing. You cannot write or teach or think or even read without imitation, and what you imitate is what another person has done, that person’s writing or teaching or thinking or reading. Your relation to what informs that person is tradition, for tradition is influence that extends past one generation, a carrying-over of influence.”

¹⁸⁴ Plutarco, *Sobre as virtudes das mulheres*, 243 b. Testemunho 54 (de agora em diante, os documentos que fazem parte deste conjunto de referências antigas a Safo, e que recebem o nome de: *Testimonia Vitae atque Artis*, serão indicados pela abreviatura: test.). In: CAMPBELL, D. A. (ed.). **Greek lyric I - Sappho and Alceus**. 3rd ed. Cambridge: Harvard University Press, 1994. (The Loeb Classical Library), p. 46-47: “[...] ποιητικὴν [...] ἀποφαίνοντες οὐκ ἑτέρων μὲν ἀνδρῶν ἑτέρων δὲ γυναικῶν οὔσαν, ἀλλὰ τὴν αὐτὴν [...]”.

¹⁸⁵ MOSSÉ, Claude. **A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo (séculos VIII-VI a.C.)**. Tradução Emanuel Lourenço Godinho. Lisboa: Edições 70, p. 9. O original em francês: *La Grèce Archaique d’Homère à Eschyle*, é de 1984.

acesso aos seus respectivos conteúdos, interpõem maiores dificuldades no sentido de aquisição de informações historicamente interessantes, uma vez que uma boa parte dos mesmos é tomada por alguns historiadores – como exemplificam as palavras da historiadora francesa Claude Mossé - enquanto “[...] meros testemunhos pessoais cujas implicações políticas nem sempre são evidentes ou de legibilidade suficientemente clara”.¹⁸⁶

Mencionado isto, é importante ressaltar que, se por um lado, as considerações relativas às dificuldades de se obterem informações concernentes à sociedade grega ao longo do Período Arcaico são, de fato, válidas e mesmo verificáveis por intermédio dos trabalhos dos autores que se propuseram a tal¹⁸⁷, devido as mais diversas dificuldades de reconstituição e de interpretação arqueológica e/ou filológica, tendo em vista que não se deve esquecer que o conjunto de textos antigos dos quais dispõe-se hoje é, antes, resultante das escavações arqueológicas. Por outro lado, o mesmo não se pode dizer de uma justificativa imediata e, portanto, não problematizada de tal dificuldade, pela natureza “literária e pessoal” que caracterizaria grande parte do material subsistente deste período – características comumente conferidas, respectivamente: às composições de caráter poético, em geral, e, em particular, ao gênero cuja produção nos deixou o maior número de fragmentos para o período: a poesia dita lírica. Supremacia numérica quanto a este gênero que, por sua vez, faz com que seja comum os estudiosos referirem-se à idade arcaica, ou pelo menos a parte dela (VII-VI a.C.), também como “Idade Lírica” / “Era Lírica”, no âmbito dos seus trabalhos¹⁸⁸.

Passo, portanto, a considerar de forma mais detida algumas das afirmações supracitadas, começando por problematizar a adjetivação mais geral, isto é, a que se refere às composições de caráter poético do arcaico, como artefatos literários; para em seguida deter-me em questões mais específicas no que diz respeito à caracterização de grande parte destes enquanto veiculadores de “testemunhos pessoais” - traço que marcaria seu

¹⁸⁶ Ibid., p. 98.

¹⁸⁷ Ademais como deixa ressaltar qualquer trabalho que se proponha a tratar do período como, para além de Mossé, pode-se citar aqui: FORREST, George. Greece: the history of the Archaic Period. In BOARDMAN, John; GRIFFIN, Jaspin; MURRAY, Oswyn. **The Oxford History of the Classical World**. Oxford/New York: Oxford University Press, 1995, p. 19-49.

¹⁸⁸ Podemos encontrar esta caracterização, entre outros, em: MOSSÉ, Claude, op. cit., p. 95. Assim como em: ACHCAR, Francisco. **Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 42, 53.

pertencimento ao chamado gênero lírico. Gênero importante a ser aqui considerado de maneira mais detalhada, uma vez que é dentro do mesmo que a poesia de Safo de Lesbos se encontra classificada, pelo menos, desde o século III a.C. – informação apontada na introdução deste trabalho, e que será retomada mais adiante.

II. 1.1 – Das composições poéticas como “enciclopédias versificadas”¹⁸⁹:

Hoje, ao nos depararmos com as composições de caráter poético produzidas no arcaico, antes mesmo de as identificá-las com qualquer gênero, apenas pelo fato de estas apresentarem características tais como: métrica, e, portanto, ritmo, e de uma maneira geral, uma linguagem de registro mais elevado do que se supõe teria sido a do cotidiano, de imediato e sem dificuldade alguma, tendemos a identificá-las como uma composição literária nossa contemporânea: a poesia¹⁹⁰. Tal identificação, por sua vez, dentre tantas outras às quais, hoje, facilmente associaríamos a este tipo de texto, remete-nos etimologicamente a uma idéia de texto escrito¹⁹¹, que sozinha já se afasta, grandemente, da realidade na qual as poesias do arcaico foram compostas e difundidas: contexto em que muito provavelmente, - apesar da existência do alfabeto grego e, portanto, da escrita¹⁹² – o

¹⁸⁹ HAVELOCK, Eric A., **Prefácio a Platão**. Tradução Enid Abreu Dobránski. Campinas: Papyrus, 1996. 46 p. O texto original em inglês: *Preface to Plato* é de 1963.

¹⁹⁰ É interessante observar, porém, que os primeiros sentidos registrados nos dicionários de língua grega para o termo “poesia”: ποιησις (*poiēsis*) são: ação de fazer, criação, confecção, fabricação (tratando-se de trabalhos manuais). Pois, seu sentido enquanto: ação de compor obras poéticas, arte poética, poema, apareceria apenas com autores que remontam ao século V a.C. em diante: como Platão, Xenofonte, Heródoto e Tucídides. Ver: BAILLY, A.. **Dictionnaire grec-français**. Paris: Hachette, 1952. LIDELL, H., SCOTT, R. ; JONES, H. S. **Greek-English lexicon with a revised supplement**. 9th ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

¹⁹¹ O substantivo “literatura” remete aos termos de origem latina: *littēra, -ae* (letra, maneira de escrever, carta), litteratura, -ae (Ciência das letras, arte de escrever e ler): REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga (ed.). **Dicionário do Latim essencial**. Belo Horizonte: Crisálida/Tessitura, 2005, p. 208.

¹⁹² Conforme indicam as considerações de Eric Havelock, seja no seu *Prefácio a Platão*, op. cit., p. 65-69 (nota 4) ou ainda no seu *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais* (referência citada abaixo), as discussões em torno da data da “invenção do alfabeto grego” e, portanto, sobre a data de introdução da escrita na Grécia, trata-se de um debate sem fim. Não obstante, colocam-se para os estudiosos como datas limites os séculos IX e VIII a.C., sendo que para o estudioso a data mais provável parece ser o começo do século VIII a.C.. Dito isto, deve-se ressaltar ainda pelo menos duas coisas: 1- “(...) na verdade, quando se fala em invenção do alfabeto grego entende-se uma ‘adaptação’ do alfabeto fenício às exigências da língua grega e, em particular, a adoção de cinco sinais determinados, que se encontravam no alfabeto fenício, para exprimir as cinco vogais que terão largo uso na língua grega.” SARIAN, Haiganuch. A escrita alfabética grega: uma invenção da *polis*? A contribuição da arqueologia. **Clássica** 11-12, 1998-1999, p.161, *apud* RAGUSA, Giuliana. **Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo**, Campinas: Unicamp, 2005, p. 76 (nota 30). 2- Para Havelock a população da Grécia, apesar da existência do alfabeto não se teria tornado letrada “[...] no sentido que hoje damos ao termo, apenas no último terço do século V a.C.”: HAVELOCK, Eric A. Os gregos antes da escrita. In: **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais**. Tradução de Ordep José Serra. São Paulo: Editora da Universidade Estadual

que havia era o predomínio da oralidade como meio disponível de produção e registro cultural. Por conseguinte, as composições de caráter poético muito antes de serem escritas, lidas e conservadas em sua forma, em alguma medida, canônica, eram recitadas ou cantadas, ouvidas e, portanto, conservadas em sua existência como tais, apenas na medida em que retomadas ao longo do tempo e, por conseguinte, submetidas às variações que um tal mecanismo de transmissão oral invariavelmente confere¹⁹³.

Sendo, portanto, sob esta condição de predominância da oralidade no âmbito cultural da Grécia Arcaica, que antes de qualquer outro motivo, justificam-se as características formais supracitadas, tais como: métrica, ritmo e linguagem elaborada – muito embora, hoje, as tomemos como critérios antes de tudo estéticos. Afinal:

[...] A única tecnologia verbal possível e disponível que garantisse a conservação e fixidez da transmissão oral era a da fala rítmica, habilmente organizada em padrões verbais e rítmicos, singulares o bastante para preservar sua forma. É esta a gênese histórica, a *fons et origo*, a causa motora daquele fenômeno que chamaremos ‘poesia’.¹⁹⁴

Mas, para além desta característica evocada pela etimologia, uma outra que se quer destacar aqui - na medida em que é também trazida pela idéia moderna de artefato literário poético e que de alguma maneira, como veremos, é compartilhada pelas composições antigas – é a questão do caráter de veiculação de um conteúdo que se não totalmente fictício, traz consigo antes que um compromisso com a transmissão de informações fidedignas, um compromisso com a produção de um efeito de veracidade relacionado àquilo a que se propõe enunciar. Compromisso que, embora por vezes não nos demos

Paulista/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 187. O texto original em inglês: *The literate revolution in Greece and its cultural consequences* é de 1982. Neste sentido, vale citar ainda uma breve consideração, quanto às habilidades de ler e escrever, enquanto “[...] not socially important before the late fifth or early fourth century B.C.” ([...] não importantes socialmente antes do final do século V e início do século IV a.C.): COLE, Susan Guettel. Could Greek women read and write? In: FOLEY, Helene P. (ed.). **Reflections of Women in Antiquity**. Filadélfia: Gordon and Breach, 1992, p. 219-245.

¹⁹³ Apesar da suposta predominância da oralidade até por volta dos séculos V e IV a.C., levando a crer que as composições do arcaico foram criadas e por muito tempo conservadas oralmente, o próprio Havelock não descarta a existência de rolos ou livros de papiros contendo algumas delas, anteriores que sejam estas datas (como indicadoras do uso auxiliar da escrita como instrumento mnemônico por parte de um grupo muito restrito da população - muito provavelmente composto por artífices e comerciantes e não pelos próprios poetas). Neste sentido ver: HAVELOCK, Eric A., *ibid.*, em especial, p. 191-194. Porém, outros estudiosos chegam a supor que talvez os próprios poetas, como já Homero, podem ter feito uso da escrita - senão extensivo, auxiliar - para preservar seus poemas. Neste sentido ver: Oswyn Murray: *Early Greece* e Willian C Greene: “The spoken and the written world”, apud. RAGUSA, Giuliana, *op. cit.*, p. 66-67.

¹⁹⁴ HAVELOCK, Eric A., **Prefácio a Platão**, *op. cit.*, p. 59.

conta, só é possível de ser alcançado como resultado por um autor e sua faina com as palavras, com base em um exercício bem-sucedido de instrumentalização das convenções formais com as quais se põe a dialogar. Pois, como ressalta Francisco Achcar “[...] dizer que certo poema nos parece carente de sinceridade é antes um julgamento estético que psicológico”.¹⁹⁵

Porém, isso posto, pode-se ter produzido, aqui, até este momento, não mais que um oxímoron, isto é, uma significação do conjunto das composições poéticas antigas de caráter oral como sinônimo de “literatura oral”¹⁹⁶ e, portanto, uma caracterização quase nada reveladora das particularidades que se quer fazer notar quanto ao estatuto que estas composições parecem ter sido capazes de ocupar durante um certo período da Antigüidade. Afinal, dizer que não é adequado falar em termos de “literatura” quando os objetos em discussão são as composições poéticas produzidas no arcaico, é sublinhar tanto a observação de caráter mais geral - conforme feita por Giuliana Ragusa - de que: “[...] o conceito de ‘literatura’, tão natural para nós, somente se especializa a partir do século XVIII; ele nem sempre existiu e, quando existiu, nem sempre foi único”¹⁹⁷; quanto chamar a atenção para a observação mais específica feita pelo estudioso canadense Eric Havelock, de que:

Os termos ‘poético’ e ‘poesia’, tal como nós os pensamos, equivalem a ‘letrado’ e a arte da escrita’. Constituem exemplo de um modo de falar que transporta para o que é nomeado um juízo de valor, derivado, neste caso, do sistema de valores de uma cultura escrita. Poesia é o nome de um uso ideal da linguagem, superior, em certos aspectos, aos poderes expressivos da prosa.¹⁹⁸

Contudo, mais que uma inadequação literal das idéias modernas de “literatura” e “poesia” para tratar das composições poéticas do arcaico – uma vez que algumas das

¹⁹⁵ ACHCAR, Francisco, *Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 51.

¹⁹⁶ Para uma referência da idéia das composições poéticas do arcaico como “literatura oral”, como um oxímoron ver: GENTILI, Bruno. **Poesia y público en la Grecia Antigua**. Tradução Xavier Riu. Barcelona: Quaderns Crema, 1996, p.20. O texto original em italiano: *Poesia e pubblico nella Grecia antica*, é de 1984.

¹⁹⁷ RAGUSA, Giuliana, op.cit., p. 26. Não obstante esta ressalva de Ragusa, é interessante observar a consideração do estudioso Gregory Nagy, quando diz que se pode considerar que: “[...] A teoria literária começa a emergir na Grécia Arcaica na auto referência dos compostos orais dos bardos e dos primeiros poetas letrados”.([...] *Literary theory begins to emerge in Archaic Greece in the self reference of oral bards and early literate poets [...]*.)” NAGY, Gregory. Early Greek views of poets and poetry. In: KENEDY, George A. (ed.). **The Cambridge History of Literary Criticism I**. Cambridge: Cambridge, 1989, p. 6.

¹⁹⁸ HAVELOCK, Eric A.. O oral e o escrito: uma reconsideração. In: **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais**, op.cit, p. 13.

características formais/estéticas que até hoje particularizam este tipo de composição como, por exemplo, o ritmo decorrente da métrica e, portanto, da idéia de uma linguagem trabalhada e melodiosa, trata-se aí, antes, de parte intrínseca da elaboração e de aspectos necessários a sua sobrevivência, que se fazem, ainda, de alguma maneira ecoar, seja em Platão na *República*¹⁹⁹, seja em Aristóteles, no âmbito do mais célebre tratado da Antigüidade sobre o assunto: a *Poética*, chegando até os gramáticos a partir do século III a.C. –, o que torna a fácil assimilação desta por aquelas ainda mais inadequada é a constatação de que não só em Aristóteles, mas já em Platão, as considerações sobre as composições poéticas dão a entender sentidos, isto é, funções sociais outras a serem desempenhadas pelas composições arcaicas até pelo menos o momento em que as consideravam (século IV a.C.).

Reiterando de outra maneira: se tanto em Platão quanto em Aristóteles encontra-se a idéia dos construtos de caráter poético, isto é, da *ποίησις* (*poiēsis*) como arte imitativa (*μίμησις* (*mímēsis*))²⁰⁰ do real, ela se diferencia como tal não apenas por este caráter – que ademais segundo ambos, podemos encontrar em outras artes (*τέκνης* (*téknēs*))²⁰¹ – mas,

199

Sobretudo nos livros III e X, de acordo com Eric Havelock. Para uma consideração de como os comentários com relação às composições poéticas ganham lugar no âmbito geral da obra platônica ver as considerações feitas em: HAVELOCK, Eric, A poesia em Platão. In: **Prefácio a Platão**, op. cit., p. 19-31.

²⁰⁰ Na verdade, em Platão, conforme nos adverte Havelock, não é nada fácil a tentativa de apreender um significado para aquela que seria “[...] a mais instável das palavras do seu vocabulário filosófico [...]”: *mimeses*. Não obstante, Havelock assim a define: “[...] *mimeses* tornou-se a palavra *par excellence* para o instrumento lingüístico próprio do poeta e sua capacidade especial de utilizar-se dele (incluindo-se no ataque, ritmo e figuras) para representar a realidade. Para Platão, a realidade ou é racional, científica e lógica, ou não é nada. O instrumento poético, ao contrário de revelar as verdadeiras relações entre as coisas ou as verdadeiras definições das virtudes morais, forma uma espécie de tela refratora que mascara e distorce a realidade e, ao mesmo tempo, distrai-nos e nos prega peças recorrendo a mais superficial das nossas percepções.” HAVELOCK, Eric, A poesia em Platão. In: **Prefácio a Platão**, op. cit., p. 42.

²⁰¹ Sobre o conceito grego de arte expresso pelo termo *τέκνη*, vale à pena conferir o que nos diz na introdução da sua edição da *Poética* de Platão, HARDY, J. (ed.). *Aristote, Poétique*. 2^{ème} ed. Paris: Les Belles Lettres, 1999, p. 10.: « *Le mot art, qui éveille dans notre esprit les idées de talent naturel et de beauté, talent naturel de l'artiste et beauté de l'œuvre d'art, traduit très mal le mot grec τέκνη, lequel indique connaissance et application réfléchie de règles déterminées. Ce terme désignait également les beaux-arts et les arts utiles, tels que l'art de bâtir des maisons ou l'art de construire des navires. Aristote près Platon, attribua comme caractère commun aux premiers d'être des imitations. Poésie, peinture musique, danse, sont des imitations qui nous charment par leur exactitude et par leur vérité.* » (A palavra arte, que desperta no nosso espírito as idéias de talento natural e beleza, talento natural do artista e beleza da obra de arte, traduz muito mal a palavra grega *τέκνη*, a qual indica conhecimento e aplicação refletidas de regras determinadas. Este termo indica igualmente as belas-artes e as artes úteis, como a arte de construir casas ou a arte de construir navios. Aristóteles depois de Platão, atribuiu como caráter comum aos primeiros o fato de serem imitações. Poesia, pintura, música, dança, são imitações que nos atraem por sua exatidão e verdade).

antes pela presença que aí se dá, combinada ou não, de três elementos básicos: ritmo, linguagem e melodia²⁰². Até então, ainda, nada de tão dissonante com relação ao que entendemos hoje como poesia. Não obstante, ao nos depararmos com as considerações de Aristóteles – que reproduzo abaixo - assim como as famosas invectivas contidas na *República* de Platão contra as composições de ordem poética dos mais variados gêneros – alvo das atenções de Eric Havelock em seu *Prefácio a Platão* com a qual dialogarei em seguida -, a idéia da poesia antiga como belas ficções orais que a princípio pareceu aqui se sugerir, mostrar-se-á demasiado insuficiente.

Atentemos, pois, para um pequeno excerto da *Poética* de Aristóteles, para em seguida considerarmos as invectivas platônicas conforme consideradas em Havelock:

(...) o poeta conta em sua obra não o que aconteceu e sim as coisas quais poderiam vir a acontecer, e que sejam elas possíveis tanto da perspectiva da verossimilhança como da necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem por escrever em verso ou em prosa; caso as obras de Heródoto fossem postas em metros, não deixaria de ser história; a diferença é que um relata os acontecimentos que de fato sucederam, enquanto o outro fala das coisas que poderiam suceder. E é por este motivo que a poesia contém mais filosofia e circunspeção do que história; a primeira trata das coisas universais, enquanto a segunda do particular. Entendo que tratar de coisas universais significa atribuir a alguém idéias e atos que, por necessidade ou verossimilhança, a natureza desse alguém exige; a poesia, desse modo, visa ao universal, mesmo quando dá nomes a suas personagens.²⁰³

Lido este trecho, pode-se dizer que as causas do incômodo e estranheza provocados pelo mesmo, sobretudo, aos historiadores modernos, certamente se encontrariam já no simples ato de comparação que Aristóteles, sem maiores pudores, estabelece entre a poesia e a história, mas não só por isso – visto que modernamente, e muito tempo depois de

²⁰² *Poética*: 1447a13-18. Para a caracterização da poesia arcaica com base nestes recursos ver Platão, *República X*: 601b. Tomou-se como base, respectivamente, as seguintes edições: HARDY, J. (ed.), *ibid.* CHAMBRY, Émile (ed. et trad.). **Platon. La République. Deuxième partie, tome VII (livres VIII-X)**. Paris: Belles Lettres, 1996.

²⁰³ *Poética*: 1451b1-10: “[...] οὐ τὸ τὰ γενόμενα λέγειν, τοῦτο ποιητοῦ ἔργον ἐστίν, ἀλλ’ οἷα ἂν γένοιτο, καὶ τὰ δυνατὰ κατὰ τὸ εἰκὸς ἢ τὸ ἀναγκαῖον. Ὁ γὰρ ἱστορικὸς καὶ ὁ ποιητὴς οὐ τῶ ἢ ἔμμετρα λέγειν ἢ ἄμμετρα διαφέρουσιν (εἶν γὰρ ἂν τὰ Ἡροδότου εἶν μέτρα τεθῆναι, καὶ οὐδὲν ἦττον ἂν εἶν ἱστορία τις μετὰ μέτρον ἢ ἄνευ μέτρων) ἀλλὰ τούτῳ διαφέρει, τῶ τὸν μὲν τὰ γενόμενα λέγειν, τὸν δὲ οἷα ἂν γένοιτο. Διὸ καὶ φιλοσφώτερον καὶ σπουδαιότερον ποιήσις ἱστορίας ἐστίν· ἢ μὲν γὰρ ποιήσις μᾶλλον τὰ καθόλου, ἢ δ’ ἱστορία τὰ καθ’ ἕκαστον λέγειν. Ἔστι δὲ καθόλου μὲν, τῶ ποιῶ τὰ ποι’ ἅττα συμβαίνει λέγειν ἢ πράττειν κατὰ τὸ εἶκος ἢ τὸ ἀναγκαῖον, οὗ στοχάζεται ἢ ποιήσις ὀνόματα ἐπιτιθεμένη” Texto grego extraído de: HARDY, J. (ed.), *op. cit.*, p. 41-42. Tradução de: ABRÃO, BABY (trad.). *Poética*. In: **Aristóteles**. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 47. (Os Pensadores).

Aristóteles, pelo menos a partir da década de 1960, e, portanto, guardadas as devidas proporções, outros, no próprio âmbito historiográfico, iriam fazê-lo²⁰⁴. O incômodo certamente deve-se à “estranha” inversão de valores que aí se faz na caracterização de ambas; pois, será ao que diz a poesia e não a história que caberá o reconhecimento como enunciado de um maior valor, na medida em que mais filosófico, sério e universal. Conferindo, portanto, aos construtos poéticos antigos um valor com o qual, de forma geral, pode-se dizer que os artefatos poéticos modernos e literários como um todo, hoje não contam.

E se as considerações de Aristóteles brevemente comentadas podem causar estranheza e incômodo, não menores há muito têm sido aqueles causados aos estudiosos ao se depararem com as invectivas platônicas contra as composições de caráter poético. Uma vez que em Platão, estas são referidas como “uma espécie de veneno intelectual e inimiga da verdade”²⁰⁵ e portanto, tomadas como incapazes de contribuir para a formação de homens “[...] ‘com uma certa natureza filosófica’ que terão a função de proteger e governar esta cidade imaginada como perfeita e justa.”²⁰⁶, teriam que ser rechaçadas do seu projeto de cidade ideal apresentado na *República*.

Postura que, conforme se esforça por mostrar Havelock ao longo de seu trabalho – e que justifica mesmo sua breve retomada, uma vez que aqui não se trata de debruçar-se sobre as considerações platônicas em detalhe - muito tem a nos dizer sobre o estatuto das composições de caráter poético do arcaico no âmbito de certo período da sociedade grega antiga. Visto que, ao se voltar contra as mesmas Platão dá a entender que se volta contra “[...] um oponente poderoso que pode arrebanhar todas as forças da tradição e da opinião contemporâneas contra si”²⁰⁷. Evidenciando, assim, segundo Havelock, a sua investida contra o que seria, nada mais nada menos, que a arte mimética que estaria a ocupar o lugar de base do sistema educacional vigente ainda na sua época; uma vez mesmo que eram os

²⁰⁴ Neste sentido ver: WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. **Trópicos do discurso. Ensaios sobre a crítica da cultura**. Tradução José Laurênio de. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994, p. 97-116. Ver ainda: LOPES, Fábio Henrique. A história em xeque: Michel Foucault e Hayden White. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (org.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000, p. 287-308. (Coleção Idéias 2).

²⁰⁵ HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão**, op. cit., p.20.

²⁰⁶ NATRIELLI, Adriana. A crítica do discurso poético na *República* de Platão. In **Boletim do CPA**, nº. 15, jan. /jun., 2003, p. 7-8.

²⁰⁷ HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão**, op. cit., p. 25.

compostos poéticos que estavam a funcionar como “[...] verdadeiras enciclopédias versificadas”²⁰⁸ a conter [...] informações e instruções para a conduta da vida pública e pessoal [...]”²⁰⁹ de toda a sociedade.

Daí Platão voltar-se de forma veemente contra esta τέκνη (*téknē*), não só com relação a sua substância, que por vezes veicularia perigos de ordem moral, mas também com relação às suas características mais típicas e responsáveis pela eficiência de uma reprodução tão duradoura no âmbito da cultura grega²¹⁰ - mesmo ainda em um mundo no qual a escrita provavelmente já existente há pelo menos três séculos, era suplantada em uso pelas práticas orais²¹¹. Visto que era contra a eficácia de uma tecnologia mimética/poética, isto é, de uma “tecnologia específica a uma cultura oral”²¹² como um todo – a depender da contínua declamação/repetição de um conjunto verbal tornado tradição ao longo do tempo por grupos sociais para os quais aquilo, em alguma medida, deveria continuar a produzir alguma identificação que fizesse merecer a sua conservação como memória – que Platão se propunha a lutar. E, portanto, para Havelock:

[...] Aí está porque a disposição mental poética constitui para Platão o arqui-inimigo [...] Ele está entrando na arena contra séculos de exercitação da experiência rítmica memorizada. Ele pede aos homens que, e vez disso, analisem essa experiência em vez de apenas dizê-lo. E deveria distanciar-se dela, em vez de identificar-se com ela; eles próprios deveriam tornar-se o ‘sujeito’ que permanece separado do ‘objeto’ e o reexamina, analisa e avalia, em vez de apenas imitá-lo.”²¹³

A partir destas breves considerações, o que se buscou aqui foi apresentar como diferentes quadros são capazes de fornecer elementos para se (re) pensar acerca de algumas das particularidades concernentes às composições de caráter poético antigas. Por conseguinte, as questões acerca das diferenciações entre os gêneros poéticos não foram por hora consideradas, tendo em vista que o objetivo primeiro é abrir espaço para que se

²⁰⁸ Ibid., p. 46.

²⁰⁹ Ibid., p. 53.

²¹⁰ Ibid., p. 21: “[...] o poeta, diz ele, consegue colorir seus enunciados mediante o uso de palavras e frases e embelezá-los pela exploração dos recursos do verso, do ritmo e da harmonia. Estes são como cosméticos aplicados à superfície, que ocultam a beleza do enunciado subjacente [...] Platão ataca exatamente a forma e a essência do discurso poético, suas imagens, seu ritmo, sua qualidade como linguagem poética.”

²¹¹ Ibid., p. 55.

²¹² Ibid., p. 60.

²¹³ Ibid., p. 63.

pense nas poesias do arcaico como um todo, na sua complexidade como uma τέκνη (téknē) que “[...] Teve um caráter essencialmente pragmático no sentido de uma estreita correlação com a realidade social e política, assim como com o proceder concreto dos indivíduos na coletividade.”²¹⁴ Em outras palavras, um caráter essencialmente público.

E se considerarmos, ainda que para o período arcaico grego, ponto comum de caracterização por parte dos autores que sobre este trataram²¹⁵, encontra-se sempre no destaque dado às inúmeras, importantes e profundas transformações de caráter político e social que se deram neste período: com destaque para a expansão territorial grega e o começo da formação interna do sistema políade - cujo resultado mais importante teria sido o crescimento de uma idéia de identidade grega específica -, não é de se estranhar que as composições de caráter poético aí nascidas tenham exercido, neste processo, um importante papel de locus de memória e, portanto, de configuração de uma tradição social que, conforme Havelock, Platão dá testemunho do seu funcionamento ainda no século IV a.C.²¹⁶.

Sendo ademais, muito provavelmente, também este um dos fatores para que as narrativas que compõem as epopéias remetam sempre para um passado longínquo, um universo mítico atemporal no qual figuram deuses e heróis: artifícios para a composição de exemplos paradigmáticos cuja memória merece ser cristalizada. As narrativas, na medida que relatam a glória e as desgraças de deuses e de heróis, no sentido de compor um código veiculador de uma moral universal e eterna, ganham estatuto de verdade (αλήθεια (alētheia)) - palavra grega cujo significado denota não uma oposição à mentira, à ilusão, mas sim, ao esquecimento (λήθη (lēthē))²¹⁷.

²¹⁴ GENTILI, Bruno, op. cit., p. 19: “(...)Tuvo un carácter esencialmente pragmático en el sentido de una estrecha correlación con la realidad social y política y con el proceder concreto de los individuos en la colectividad.”

²¹⁵ Neste sentido ver: BLUNDEL, Sue. The archaic age: 750-500 BC. **Women in ancient Greece**. Cambridge: Harvard University Press, 1995, p. 63-64. FORREST, George, Greece: the history of the Archaic Period, op.cit.. MOSSÉ, Claude, op.cit., p. 99-199.

²¹⁶ HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão**, op. cit., p. 118: “O poema oral foi o instrumento de uma doutrinação cultural, cujo objetivo final era a conservação da identidade do grupo. Ele foi escolhida para este papel porque, na ausência do registro escrito, seus ritmos e fórmulas forneciam o único mecanismo de recordação e reutilização.”

²¹⁷ DETIENNE, Marcel. *Vérité et Société*. **Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque**. Paris: Maspero, 1977, em especial, p. 27.

Considerando, portanto, tudo o que foi mencionado até aqui, é que se ousa afirmar que se existem inúmeras problemáticas a serem levadas em conta ao se tomar os escritos poéticos do arcaico como porta de entrada para o mundo grego no qual foram compostas, isto não se justifica não pelas suas limitações como artefato “literário” (considerando toda a carga de significação moderna que este termo carrega) e que ademais estaria em demasia vinculado a conteúdos de representação de ordem mítico-religiosa. Com isso, não se quer negar, é claro, a importância dos relatos mitológicos como um discurso de caráter religioso – embora não me deterei aqui em considerações sobre este aspecto –, mas antes, ressaltar que um dos fatores desta dificuldade deve-se à tecnologia mimética que, se por um lado fez possível a existência e a longa sobrevivência destas composições - a funcionarem como importante locus social de memória - por outro, paradoxalmente, faz com que modernamente estas sejam tomadas quase como que incapazes de fornecer informações acerca dos conteúdos por elas veiculados em termos, digamos, históricos.

Incapacidade que aqui se entende como resultante de imprecisões difíceis de serem resolvidas. Pois, se por um lado é verdade que para um bom número das composições poéticas do arcaico, ainda que considerados os inúmeros problemas de datação e autoria, têm-se, já seus autores, senão identificados, pelo menos pressupostos com base em certo grau de segurança; para os quais, por sua vez, muito embora seja difícil traçá-las, é lícito pressupor uma existência e, portanto, uma experiência social construída em um dado momento histórico - a qual muito provavelmente deixou traços nas suas reelaborações da tradição mítico-poética com o qual lidou para compor seus próprios poemas. Por outro, talvez seja justo admitir o fato de que aí se encontra um desafio que, embora em alguma medida existindo para toda e qualquer produção discursiva/significativa humana - ademais como quer expor o conceito de **intertextualidade** o qual aqui se quer considerar – parece ser mais exposto quando o material a se tratar retoma, na sua tessitura, um corpus de narrativas mitológicas cuja autoria, por definição, não existe como unidade: das dificuldades de se apreender o que é, afinal, contemporâneo ao autor e seu período de composição.

Assim, uma vez que na sociedade grega antiga a poesia só ganha existência sempre na sua interação “intertextual”²¹⁸ / performática com a tradição que a precede, o que por sua vez é feito por meio da sua retomada por parte dos compositores - como que em resposta a uma espécie de aval social que (re) valida a pertinência de tais e tais memórias - torna-se interessante pensar na curta observação do estudioso Gregory Nagy, quando se põe a refletir na validade histórica das auto-referências da prática poética contidas no âmbito das próprias poesias do arcaico: “[...] Auto-referências no âmbito da Poesia grega arcaica podem ser diacronicamente válidas sem serem sincronicamente ‘verdadeiras’”.²¹⁹

Toma-se esta breve citação, entendendo-a como válida para a substância poética do arcaico como um todo e, portanto, justamente para remarcar aqui, o que se entende como o foco das dificuldades de se trabalhar com as mesmas no sentido de aquisição de informações.

Tendo-se tudo isto em perspectiva é que, logo em seguida, considerar-se-ão algumas problemáticas de leitura e interpretação relativas ao gênero com o qual se identificam as composições poéticas de Safo: o gênero lírico. Ressaltando-se as dificuldades de se tentar empreender com relação às poesias pertencentes a este gênero – como ademais com relação a qualquer outro – leituras que façam uma associação de uma personalidade autoral aí enunciada, ou ainda de qualquer outro aspecto identitário específico vinculado àquele/àquela que seria seu compositor (a).

II. 1.2 – De algumas problemáticas relativas às definições da poesia lírica:

É possível dizer que, ainda hoje, – apesar dos numerosos movimentos artísticos que o âmbito literário viu surgir, sobretudo a partir do século XX, e que trouxeram consigo a quebra de numerosos paradigmas – quando o gênero literário em pauta é a poesia, a idéia

²¹⁸ As aspas servem para destacar a consciência de que, assim como o termo literatura pressupõe em sua etimologia um contexto letrado que se afasta em muito da realidade do âmbito de composições das poesias do arcaico, o mesmo ocorre com a idéia da existência de texto escrito que o conceito de intertextualidade em si carrega. Não obstante, trata-se aqui de trabalhar com os pressupostos de implicações analíticas que o mesmo encerra - as quais procuramos esclarecer no último tópico do primeiro capítulo desta dissertação – a encerrar a importância de considerar as retomadas de uma tradição literária que qualquer autor sempre põe em jogo ao escrever, assim como fazem os leitores. Pois ambos com suas práticas de leituras/escrituras contínuas são responsáveis por reavivar significações aos conteúdos veiculados por qualquer texto.

²¹⁹ NAGY, Gregory, op.cit., p. 6: “[...] *Self-references in Archaic Greek poetry may be diachronically valid without being synchronically ‘true’.*”

primeira que logo vem à mente a associar-se ao mesmo, paralelamente a de suas características formais (métrica, ritmo e linguagem mais elaborada), seja a de que este é o gênero que, por excelência, configura-se como lugar literário da enunciação das perspectivas do “eu” daquela/daquele que compõe²²⁰.

Idéia esta que, pode-se dizer, faz-se de alguma forma presente na afirmação já aqui referida de Claude Mossé, na qual a autora assevera que a maior parte do material que poderia vir a servir como fonte de informações acerca de uma grande parte do Período Arcaico grego (VIII - VI a.C.) - ao qual a autora chama de “Idade Lírica” - torna-se difícil de assim o ser, uma vez que se trata não mais do que de material poético a veicular “meros testemunhos pessoais”.

Neste sentido, é curioso reiterar uma outra afirmação também aqui já posta: a do fato de, por vezes, esta grande parte do Período Arcaico, ser feita em termos de “Idade/Era Lírica”, devido ao fato de que “lírico” é o nome que, pelo menos desde o século III a.C., tem-se associado a grande parte dos compositores identificados como autores daqueles testemunhos que constituem a maior parte do material produzido no Período Arcaico ao qual temos acesso hoje. E uma vez que o termo “líricos” aos poucos se convencionou como o termo pelo qual estes autores serão quase que sempre referidos, “lírica” passará a funcionar como o correlato pelo qual as composições dos mesmos passarão a ser identificadas.

Dito isto, pareceu-se até aqui se esboçar uma idéia de que lírico é uma espécie de gênero poético antigo para o qual se poderia definir de maneira minimamente clara, já para a Antigüidade, características particularizáveis de forma e de conteúdo. Mas mais que isto, de que este gênero englobaria as composições de caráter poético que veiculariam nada mais que um registro de ordem pessoal daquele/daquela que a compõe – estando, portanto, para o que, grosso modo, ainda hoje se encontra associado a uma idéia generalizante de poesia, como já foi mencionado. Idéia que, ademais, parece confirmada pela definição de “lírica”

²²⁰ POESIA. In: MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 405: “[...] A poesia corresponderia à expressão do ‘eu’ por intermédio de metáforas ou vocábulos polivalentes: o ‘eu’ do poeta, matriz do seu comportamento como artista, volta-se para si próprio, adota não só a categoria ‘sujeito’ que lhe é inerente, mas também a de objeto; portanto, introverte-se, auto-analisa-se, faz-se espetáculo e espectador ao mesmo tempo, como se perante um espelho. [...] Visão egocêntrica do mundo, a poesia se organiza em torno de uma única personagem: a do ‘outro’, quando muito, resulta da duplicação, narcisista, do próprio ‘eu’; o ‘outro’ não é um terceiro, mas um ‘outro-eu’, como se o ‘não-eu’ humano se diluísse num ‘eu’ cósmico e centrípeto”.

contida em uma obra de referência como o *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina* a informar que:

Poesia lírica significa ‘poesia cantada ao som de lira’, é uma expressão empregada originariamente a cantos com acompanhamento musical, de início aos *scolíá* (v.) ou cantos em meio a libações alcoólicas, e a suaves canções de amor, porém sempre a cantos expressivos dos sentimentos extrovertidos e pessoais dos poetas, em contraste com a poesia épica e a dramática. A poesia lírica teve sua origem na ilha eólica de Lesbos, com Têrpandros, Safo e Alcaios [...], e na Íônia com Anácreon [...]. Acompanhava-a inicialmente alguma espécie de lira e nela se usava uma grande variedade de metros, dos quais os mais característicos eram combinações de dáctilos e troqueus [...]. Essa poesia desenvolveu-se principalmente entre os dórios, em cujos territórios, de acordo com a tradição, Têrpandros a tinha introduzido. Lá ela tomou a forma do *Lirismo coral* [...], mais solene e elaborada, acompanhada tanto pela flauta como pela lira. Atingindo sua maior perfeição com Píndaros. A época dos grandes poetas líricos terminou por volta de 452 a.C., quando Píndaros e Baquíledes escreveram suas últimas odes conhecidas; nessa época, entretanto, a poesia lírica já havia encontrado um outro campo nos coros do drama grego. [...] ²²¹.

Porém, ao se examinar alguns dos testemunhos que se referem não só especificamente ao “gênero” lírico, mas a uma questão de diferenciação entre os compostos poéticos em geral, não é exatamente uma particularização clara de um gênero com relação ao outro que podemos verificar. Ademais, assim como as considerações modernas a se ocuparem da questão genérica e, especificamente da lírica, no âmbito da poesia, não é de maneira alguma um território homogêneo.

É, portanto, no mínimo, curioso observar que hoje - ao se tomar alguns dos trabalhos que se propuseram a tratar dos poetas gregos ditos líricos - o que se verá, com alguma variação ²²², é a listagem dos nomes de nove compositores que teriam vivido entre o VII e o V séculos a.C.. São eles: Alcman, Stesícoro, Alceu, Safo, Íbico, Anacreonte, Simônides, Píndaro e Baquíledes. Fato curioso, porque tal lista remonta a duas listas antigas

²²¹ HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1998. O original em inglês : *The Oxford Companion of Classical Literature*, é de 1937, p. 408.

²²² Dentre os poetas líricos que o classicista inglês Cecil Maurice Bowra trata no âmbito do seu trabalho, cuja primeira edição remonta ao ano de 1936 (embora a edição de base as quais as reedições posteriores retomaram seja sua edição de 1961), não consta um capítulo particular que se dedique às composições de Píndaro ou de Baquíledes. Ver: BOWRA, Cecil M.. **Greek Lyric poetry: from Alcman to Simonides**. Oxford: Clarendon University Press, 2000. Já no âmbito de: EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.). **The Cambridge history of classical literature 1: Early Greek Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, considera-se brevemente, para além dos “nove líricos”, as poetisas: Corina, Mirtes, Telessila e Praxila.

contidas no âmbito de dois epigramas²²³ da chamada *Antologia Palatina*²²⁴, trazendo ambas os nomes dos “nove líricos” (έννέα λυρικοί (*énnéa lýrikói*)) supracitados e diferindo uma da outra apenas no que diz respeito à ordem com que estes nomes aparecem. Com relação aos quais pode-se afirmar ainda que, embora seja difícil estabelecer uma data mais precisa, fato é que muito provavelmente remontam ao contexto alexandrino do século III a.C.²²⁵ – uma vez mesmo que, seria a partir deste século que neste mesmo âmbito, presume-se que os poetas líricos poderiam ter tido, se não as primeiras edições de seus respectivos poemas, àquelas das quais têm-se hoje ainda alguma notícia²²⁶. Intrigante ainda, por outro lado, pois, se pode-se dizer com alguma precisão que o termo λυρικός (*lyricós*) remonta ao século III a.C., afinal, o que de comum há entre as composições deste autores, a ponto de levá-los a serem, em uma dada altura, referidos em conjunto como líricos? Além disso, quais os critérios posteriores que definiram a exclusão ou inclusão de outros poetas neste grupo?

A resposta mais comum apresentada pelos estudiosos para a primeira destas questões – mas que ainda assim não deixa de ser problematizada por eles próprios - é: a lira (λύρα (*lýra*)), isto é, nome dado ao instrumento que todos aqueles nove poetas usariam no acompanhamento de suas recitações poéticas é que seria apontado como o maior responsável, pela sua particularização como “gênero”. Porém, o grande problema que esta

²²³ Os referidos epigramas da *Antologia Palatina* são: *Anth. Pal.* 9. 184 e 571. Para breves considerações com relação aos mesmos ver: BOWRA, Cecil. M., op. cit., p. 2 e ainda: BOWMAN, Laurel, The ‘women’s tradition’ in Greek poetry . *Phoenix*, op.cit. Segundo Bowra há ainda um outro epigrama (*Anth. Pal.* 7.18), atribuído a Antípatros de Tessalônica (século I a.C.), que por meio de uma breve referência - relacionando Alcman como lírico a constar dentre os nove - apontaria para a familiaridade que à sua época poderia existir com relação à existência da lista dos “nove líricos”. Para a leitura dos dois epigramas citados ver: WALTZ, Pierre. (ed.). *Anthologie Grecque. Première Partie - Antologie Palatine, tome IV (livre VII, épigr. 1-363)*. Paris: Belles Lettres: 1957. *Anthologie Grecque. Première Partie - Antologie Palatine, tome VII (livre IX, épigr. 1-358)*. Paris: Belles Lettres: 1957. *Anthologie Grecque. Première Partie - Antologie Palatine, tome VIII (livre IX, épigr. 359-827)*. Paris: Belles Lettres: 1957.

²²⁴ A palatina, cujo conteúdo divide-se em quinze livros datados dos séculos VII a.C. ao V d.C., trata-se “[...]da mais rica e a mais importante coleção de epigramas da literatura grega.”: PAES, José Paulo (trad. e coment.). *Poemas da Antologia Grega ou Palatina, séculos VII a.C. a V d.C.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 113.

²²⁵ BOWRA, C. M., op. cit., p. 2, afirma: “The word λυρικός makes its first important appearance at Alexandria.” (A palavra λυρικός faz sua primeira aparição importante em Alexandria). Flávio Ribeiro de Oliveira, afirma: “Só no século III a.C. o termo lírico passa a ser aplicado a um grupo de nove poetas [...] pelos gramáticos alexandrinos”. : OLIVEIRA, Flávio Ribeiro de. Platão e o problema da lírica como gênero. *Boletim do CPA*, nº. 20/21, jul./jun., 2005/2006, p. 61-62.

²²⁶ Para uma interessante discussão acerca da existência de outras edições anteriores ou contemporâneas à preparada pelos eruditos alexandrinos, com relação a Safo ver: YATROMANOLAKIS, Dimitrios. Alexandrian Sappho revisited. *Harvard studies in classical philology*, vol. 99, 1999, p. 179-195. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 03 mar. 2008.

tentativa de particularização genérica enfrenta, é o fato de que podem ser encontradas, no âmbito mesmo das poesias de alguns daqueles “nove líricos”, para além da lira, referências a instrumentos outros que eles usariam como acompanhamento²²⁷. Para além do que, tomando-se como referências os textos de comentadores antigos, não é nada incomum encontrarem-se informações relativas a outros tantos tipos de poesia nos quais eles teriam composto e que, por vezes, pressupõe-se que não se valeriam do acompanhamento musical de instrumento algum²²⁸. Como, aliás, é o caso da própria Safo a qual, embora seja unanimemente referenciada hoje como compositora de poesia lírica - a se crer em outras tantas referências - teria composto em muitos outros gêneros tais como: elegíaco, epigramáticos e jâmbico²²⁹.

Problemáticas estas, pois, que não obstante consideradas por estudiosos como o classicista inglês Maurice Cecil Bowra – cujo trabalho que trata de poesia lírica: *Greek Lyric poetry: from Alcman to Simonides* [1961]²³⁰, tornar-se-ia uma importante referência sobre o assunto - são logo em seguida postas de lado por ele mesmo, na medida em que guardadas as variações, este sublinha que o importante encontrar-se-ia no fato de que para estes poetas a lira constituía o instrumento normal de acompanhamento e, portanto, seu uso por eles continuava a ser capaz de conferir às suas composições um caráter especial apto a classificá-las ainda como líricas. Ademais, para além da particularidade do acompanhamento da lira, Bowra acredita que se possa caracterizar a lírica em suas

²²⁷ Com relação à Píndaro e a Baquírides Flávio Ribeiro de Oliveira informa: “[...] em alguns poemas, por exemplo, Píndaro e Baquírides mencionam o αυλόζ (certo instrumento de sopro). OLIVEIRA, Flávio Ribeiro de, op. cit., p. 62.

²²⁸ BOWRA, Cecil M., op. cit., p. 3: “[...] *What might seem a greater difficulty is that lyric poets, as Alexandria classified them, did not confine themselves to the lyre and sometimes did not use it at all. Pindar and Bacchylides mention flutes as forming part, if not the whole, of their music accompaniment [...]*.” (O que deve parecer como uma dificuldade maior é que os poetas líricos, tais como Alexandria os classifica, não confinaram-se, eles à lira e, algumas vezes, eles não usaram-na. Píndaro e Baquírides mencionam flautas como tomando parte, se não do todo, do acompanhamento musical deles.)

²²⁹ De acordo com pelo menos dois testemunhos – muito posteriores à época em que Safo teria vivido P. Oxy. 1800 fr.1 (II ou III d.c.) e *Suda* Σ 107 (X d.C.) - ela teria composto para além de: poesia lírica (nove ou oito livros), poesia elegíaca, epigramas, poesia jâmbica e monódica. Devendo-se considerar, ainda, que, se para alguns autores, como por exemplo, EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.), op. cit., a elegia e o jambo, não são classificados como composições líricas, eles o são para: LESKY, Albin. **História da Literatura Grega**. Tradução Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. O original alemão: *Geschichte des Griechen Literatur* foi publicado entre 1957/58, p. 134. Para referências relativas aos tipos de composição sáfica, ver os documentos supracitados: In: CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 2-7. Para uma análise crítica destes testemunhos ver: YATROMANOLAKIS, Dimitrios, op. cit.

²³⁰ BOWRA, Cecil M., op. cit.. Como já se informou, embora a primeira edição deste trabalho remonte ao ano de 1936, a edição tomada como base para suas reedições posteriores é a que remonta ao ano de 1961.

particularidades, por oposição aos outros dois mais conhecidos gêneros poéticos: o épico e o dramático. Pois, o poeta deste, além de não fazer uso da lira, comporia versos para serem falados e não cantados, enquanto o compositor daquele, além de também não fazer uso da lira, comporia versos para serem recitados – considerações ambas bastante discutíveis, ainda que aqui não se abrirá espaço para elas.

Nesta perspectiva é interessante observar, contudo, que não é nenhum destes já referidos critérios que encontramos como definidores de particularizações entre quaisquer formas de expressão poéticas no âmbito dos trabalhos aqui já referidos de Platão e Aristóteles, respectivamente: a *República* e a *Poética* – ambos compostos cerca de um século antes do que aqui se apontou como primeiro registro da caracterização de nove poetas como (λύρικοι (*lyrikói*)). Em ambos, o que se pode notar, é antes uma definição de ordem geral mais marcada a caracterizar a poesia como μίμησις (*mímēses*)²³¹ - conforme se procurou sublinhar no tópico precedente. Assim, ao listar e versar sobre algumas diferenças entre os compostos poéticos, não se encontram em ambos quaisquer referências cuja caracterização recaia, seja no instrumento de que seus poetas fariam uso, seja na maneira de expressar seus versos: recitando ou cantando.

Efetivamente, *mutatis mutandis*, pode-se dizer que o que se encontra em ambos é uma diferenciação entre os compostos poéticos que se centra na questão dos modos de enunciação e que pode ser mais ou menos assim esboçada: **a** - aquele em que o poeta procede inteiramente por imitação, quer dizer, no qual as personagens que estão em ação assumem elas mesmas a narrativa (ambos identificam como tais a tragédia e comédia, ou seja as poesias dramáticas); **b**- aquele no qual o próprio poeta assume inteiramente a narrativa (aqui Platão cita como exemplo o ditirambo, ao passo que Aristóteles não dá exemplo algum); **c**- aquele em que se dá uma mistura dos dois anteriores, ou seja, em que ora personagens assumem a narrativa, ora o poeta (aqui Platão coloca a epopéia e os demais compostos poéticos e Aristóteles cita Homero)²³².

²³¹ Cf.: *Poética* 1460b9; *República III*: 394b-c. As edições tomadas, respectivamente, como base para estes textos são: HARDY, J. (ed.), op. cit. CHAMBRY, Émile (ed. et trad.). Platon. **La République. Première partie, tome VI (livres I-III)**. Paris: Belles Lettres, 1996.

²³² Tomou-se como base para este esboço, as considerações presentes em: *Poética*: 1448a19-24 e *República III*: 394b-c. Ibid. Flávio de Oliveira, analisando o terceiro livro da *República* de Platão, em especial um pequeno trecho em que esboça diferenciações internas entre compostos poéticos (394b-c) informa: “[...]”

Fato intrigante é, portanto, partindo mesmo do que foi exposto, que se em ambos encontra-se espaço para diferenciações entre, por exemplo: drama e épica, não se encontra espaço para considerações de ordem específica para um tipo de composto poético que equivaleria ao que logo depois seria definido em termos de lírica. Mas, ao contrário do que se possa pensar, isto provavelmente não significa que eles, de modo algum, considerem aqueles poetas e composições, que posteriormente serão associados à “lírica”, menos importantes que os demais - porque poderiam também eles tê-las tomado como veiculadoras de “meros testemunhos pessoais” – mas, segundo Flávio de Oliveira²³³ tal postura evidenciaria, antes, o interessante fato de que “[...] no período arcaico e no período clássico os gregos não tinham consciência da lírica como um gênero uno, que tivesse características claras e definidas que a diferenciassem, por exemplo, da épica”.²³⁴

Considerando isto, assim como a constatação de que, em grande parte dos poemas hoje ditos líricos se possam encontrar tanto a presença da enunciação por parte do poeta, quanto a imitação em discurso direto; somado, por fim, à observação de que ao lado da epopéia – como lugar em que se pode dar a mistura de diferentes tipos de discurso²³⁵ - Platão diz estar os demais poemas narrativos-miméticos, é que Flávio de Oliveira propõe que: é ao lado da epopéia que se pode dizer que o que hoje se chama “lírica” poderia estar também classificado²³⁶.

Além disso, é interessante considerar ainda com relação a Platão, que no âmbito do livro X da *República*, ao condenar a poesia mimética – conforme vimos no tópico antecedente – ele não excluiu compostos que, a partir do século III a.C., tenderam-se a amalgamar à lírica. O que se pode dizer, porque refere-se, ainda que marginalmente, - ao lado da epopéia - ao μέλεσιν (μέλος) (*mélesin (mélos)*)²³⁷: termo grego que há muito tem

Platão classifica os gêneros poéticos não em função de métrica ou de conteúdos, mas segundo os modos de enunciação.”

²³³ Na verdade esta é uma postura encontrada no âmbito dos trabalhos de outros estudiosos como, por exemplo, Harvey, “The classification of Lyric” e Johnson, *The Idea of lyric*, citados em: ACHCAR, Francisco, op. cit., p. 35, respectivamente notas 39 e 40.

²³⁴ Flávio Ribeiro de Oliveira, op. cit., p. 61.

²³⁵ E para um poema lírico em que tal alternância discursiva se dá cito aqui o fragmento 1 de Safo, que será tomado como objeto de leitura no III capítulo desta dissertação.

²³⁶ Ibid.

²³⁷ *República X*: 607a. CHAMBRY, Émile (ed. et trad.). **Platon. La République. Deuxième partie, tome VII (livres VIII-X)**, op. cit., p. 102.

sido assimilado à lírica, embora muito provavelmente ele originalmente não tenha este significado.²³⁸

E para perceber o que acabou de se afirmar, basta considerar não só a asseveração de caráter geral feita por Bowra na introdução de seu *Greek Lyric poetry*, no qual informa em nota – citando como apoio um trabalho do próprio Platão, ao lado de trabalhos de Aristófanes e de Protágoras – que μελοποιός (*melopoiós*) seria o termo antigo equivalente ao que a partir dos alexandrinos se chamaria mais comumente de λυρικός (*lurikós*)²³⁹, mas observar que, não obstante para o termo μέλος (*mélos*), Francisco Achcar advirta que “[...] ‘o que nós chamamos poesia lírica’, não é exatamente o que Platão indica com *melos*,”²⁴⁰, com relação às considerações de muitos comentadores antigos e, em conseqüência, de alguns estudiosos modernos relativos à autora aqui privilegiada: Safo, não é nada incomum encontrar a ocorrência de tal assimilação.²⁴¹

Por sua vez no que se refere à *Poética* de Aristóteles, no que diz respeito à leitura de estudiosos modernos em busca de qualquer referência à lírica, Francisco Achcar informa que muitos a têm associado ao termo ditirambo (διτυραμβοποιητική (*dithyrambopoiētikē*) aí encontrado²⁴². Associação que, ainda conforme o mesmo autor, encontraria sua justificativa no aparecimento de tal termo em Platão “[...]como exemplo de narrativa de primeira pessoa (δι απαγγελίας αυτοῦ τοῦ ποιητου)”²⁴³. Porém, é importante sublinhar que em Aristóteles, referências ao ditirambo só ocorrem duas vezes: a primeira em que aparece simplesmente listado - ao lado da epopéia, da tragédia, da comédia e outras - como arte mimética; a segunda quando aparece associado às origens da

²³⁸ BAILLY, A. **Dictionnaire grec-français**. Paris: Hachette, 1952, p. 1247: μέλος, εος-οθς: 1 *membre, articulation, aussi bien des hommes que des animaux [...]* 2 *II membre de phrase musicale, d'où chant rythmé avec art (p. opp. à μέτρον, parole versifié, métrique)* [...] 3 *chant avec accompagnement de musique [...]*. (1 membro, articulação, tanto dos homens quanto dos animais [...] 2 II membro de uma frase musical, de onde canto ritmado com arte (por oposição à μέτρον(*métron*), discurso versificado, métrico) [...] 3 canto com acompanhamento de música [...]).

²³⁹ BOWRA, Cecil M., op. cit., p. 2, nota 1: “[...] *The earlier word was μελοποιός: Aristoph. Ran. 1250; Plat. Ion 533e, 534a; Prot. 326a.*” (A primeira palavra era μελοποιός [...]).

²⁴⁰ ACHCAR, Francisco, op. cit., p. 34.

²⁴¹ Ver *Anth. Pal.* 9. 190. 7s., citada em CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 34-35, em que o autor traduz o termo grego μελέσσιν por “*lyrics*” (lírica). Ver ainda o título da primeira edição do estudioso inglês Edgar Lobel para os fragmentos de Safo: LOBEL, Edgar (ed.). **ΣΑΠΦΟΥΣ ΜΕΛΗ. The fragments of the lyrical poems of Sappho**. Oxford: Claredon Press, 1987.

²⁴² *Poética*: 1447a14.

²⁴³ ACHCAR, Francisco, op. cit., p. 33.

tragédia²⁴⁴. Além disso, deve-se atentar para o fato de que o conjunto grego: δι απαγγελίας αυτοῦ τοῦ ποιητου, embora implicitamente possa se referir a textos que tenham narrativa em primeira pessoa, apresenta o simples sentido de “narrativa do próprio poeta” e, portanto, não necessariamente se refere a narrativas em primeira pessoa. Mesmo porque esta idéia não parece estar sugerida seja em Platão, seja em Aristóteles, uma vez que os mesmos identificam a existência desta narrativa também no âmbito da epopéia (homérica) – na qual a presença narrativa do poeta está em terceira pessoa.

Não obstante, é interessante notar que parece ser partindo de uma espécie de sinonimização entre “narrativa do próprio poeta” e “narrativa pessoal do poeta” – como também é informado por Francisco Achcar -, que há quem queira apontar que no âmbito das classificações que se encontram em Platão e Aristóteles, poder-se-ia já se encontrar sugerido aquele que, mais que a lira, seria comumente apontado como o traço geral a caracterizar o conjunto formado pelos poetas e composições que posteriormente, guardadas as variações, serão entendidos como líricos (**b**)²⁴⁵. Neste sentido, a caracterização dos poemas líricos como “[...] cantos expressivos dos sentimentos extrovertidos e pessoais dos poetas [...]” - contida na definição aqui já reproduzida da lírica grega no âmbito do *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina* - serve ainda uma vez como exemplo.

Neste ponto, portanto, chegou-se ao critério que parece ser aquele do qual se valeram muitos estudiosos modernos para a caracterização e, portanto, a classificação de composições e autores no âmbito da lírica. Critério este que, apesar de sua enorme dívida direta com relação aos trabalhos desenvolvidos no âmbito alemão, pelo menos a partir do século XVII, pode remontar suas raízes também a lugares outros da Antigüidade, posteriores seja a Platão e Aristóteles, seja aos alexandrinos. Pois, conforme observa Giuliana Ragusa:

²⁴⁴ Respectivamente: *Poética*: 1447a14 e 1448b11.

²⁴⁵ Francisco Achcar - ao apresentar a caracterização em três grupos (segundo os modos narrativos) que se pode ler na *Poética* - remarcando mesmo sua semelhança com aquela que se pode encontrar no livro III da *República* diz: “[...] Ao contrário da leitura que não encontra na *Poética* qualquer consideração aplicável à lírica, há quem interprete como referente a esta o segundo dos três modos narrativos da classificação aristotélica, bastante semelhante a que se encontra em Platão [...]”.

Uma vez que na Antigüidade, as composições dos poetas líricos – não raro, o único testemunho da sua existência – eram lidas como biográficas, o terno ganhou desde muito cedo, a conotação de poesia autobiográfica, pessoal – um rótulo conveniente, em especial no caso de Safo, a única mulher da Grécia arcaica da qual sobreviveu um extenso e significativo *corpus* de canções e cuja biografia foi bastante romanceada ao longo dos tempos. Até hoje, a designação ‘poesia lírica’ revela-se impregnada de tal conotação, o que se nota em textos de teoria e crítica literárias e mesmo em dicionários especializados.²⁴⁶

Assimilação ademais, corroborada pelas considerações de Mary Lefkowitz no âmbito do seu *The Lives of the Greek Poets*, no sentido de alertar para sua constatação de que a maior parte dos testemunhos antigos de caráter biográfico tomava como sua principal, se não única fonte, a própria obra – e não só dos que viriam a ser classificados como líricos - daqueles a quem se referia²⁴⁷. Mas, afinal então, o que no âmbito das próprias composições líricas pôde sugerir tal assimilação que será tão duradoura – conforme testemunham as breves palavras de Claude Mossé já aqui mais de uma vez referidas?

Trata-se de resposta difícil, considerando, seja por si só a diversidade de temáticas e de abrangência temporal em que se encontram os autores ditos líricos, seja o estado de fragmentação de suas composições que até aqui chegaram – e em relação às quais é difícil atribuir um caráter representativo no que diz respeito à produção e época de cada um. Mas que, ainda assim, em linhas gerais, pode ser atribuída a pelo menos dois fatores: a freqüente presença de narrativas em primeira pessoa - e por vezes mesmo, como veremos em Safo, a presença do nome do próprio poeta no espaço do poema²⁴⁸ ; assim como, no que se refere a alguns autores - dentre os quais mais uma vez encontra-se Safo - a forte presença da temática amorosa que, por si só já sugere a idéia de sentimentalismo e subjetividade exposta por parte daquele que fala.

²⁴⁶ RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 24.

²⁴⁷ LEFKOWITZ, Mary. **The Lives of the Greek Poets**. Londres: Duckwort, 1981, p. viii: “Recent work has shown that most of the material in the lives of some poets, or some of the material in the live of all poets, is basically fictional” (Trabalhos recentes têm mostrado que a maior parte do material sobre a vida de alguns poetas, ou parte do material sobre a vida de todos os poetas, é basicamente ficcional).

²⁴⁸ O nome de Safo pode ser encontrado nos seguintes fragmentos: 1, 65, 94. Mas com relação a isto se deve sublinhar ainda que, seja com relação ao nome “Safo”, como para qualquer outro nome de poeta do Período Arcaico, fato é que mesmo com relação a sua efetiva existência, é difícil se afirmar qualquer coisa. Nesse sentido, o caso mais paradigmático tem sido Homero. Porém, segundo nos informa Lardinois, com relação a outros tantos autores do período, como Safo, Hesíodo, Arquíloco e Teógnis, tem sido alegado por parte de alguns estudiosos, que se refeririam a *personae* literárias as quais se ligavam características artística que uma longa tradição teria perpetuado e concretizado enquanto pessoas. LARDINOIS, André. Subject and Circumstance in Sappho’s Poetry. **Transactions of the American Philological Association (TAPA)**, vol. 124, 1994, p. 57-84. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em 17 fev. 2006, p. 62.

Isso posto, no que diz respeito à lírica, é importante explicitar ainda que, muito provavelmente, a multiplicidade de tipos de composições encontradas dentre aquelas atribuídas para cada um de seus autores, acabou por dar ensejo à necessidade de subdividi-la em dois grupos: lírica de canto coral e individual (monódica) - sendo que, no mais das vezes, este canto solo que veicularia a última seria entendido como a voz do seu poeta, acentuando assim, o tom da personalidade aí pressuposto. Subdivisão que Bowra, não obstante querendo fazê-la legítima por alusões da sua presença já em Homero, passando ainda por Platão e o contexto alexandrino²⁴⁹ – este último porque se supõe que, na edição dos poemas de Píndaro e Baquílides teria se valido do critério da maneira com que eles cantavam – afirma: “A diferença entre música coral e monódica não é absoluta, e há certa sobreposição entre elas”.²⁵⁰

Ainda assim, Bowra se coloca a arrolar diferenças que caracterizariam cada uma delas - as quais parafrasear-se-ão aqui da seguinte forma: **a** - as estrofes da lírica coral são mais longas que as da lírica monódica; **b**- os sistemas métricos encontrados na lírica coral seriam muito mais elaborados com relação àqueles encontrados na monódica; **c**- embora os poetas da lírica coral com freqüência falem em primeira pessoa e não tenham mesmo vergonha de dar voz aos seus próprios sentimentos, eles seriam menos íntimos e pessoais em suas declarações se comparados aos monódicos - que falariam sem reserva alguma dos seus sentimentos mais profundos e, portanto, na fala destes em vão se faria a procura por um esforço enunciativo preocupado em provocar identificação no público que os ouvissem; **d** - público este que, por sua vez – diferentemente daquele atingido pela lírica coral - supõe-se ser constituído por grupos menores de companheiros/companheiras.

Posturas interpretativas que, ademais, anos mais tarde – ainda que seguidas pela importante ressalva de que “[...] A divisão entre lírica coral e monódica é conveniente, mas artificial, pois muitos poetas compuseram músicas dos dois tipos”²⁵¹ - podemos encontrar retomadas quase que literalmente em artigo do não menos importante classicista Charles Segal, datado do ano de 1989. Reiteraões as quais, contudo, tomar-se-ão aqui por meio de

²⁴⁹ BOWRA, Cecil. M., op. cit., p. 4, cita: Homero, *Ilíada*: 7.241 (nota 6), Platão, *Leis* 6. 764 d-e (nota 1), ver ainda nota 3.

²⁵⁰ Ibid., p. 6: “*The difference between choral song and monody is not absolute, and there is a certain overlap between than.*”

²⁵¹ SEGAL, Charles. Archaic choral lyric. In: EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.), op. cit., p. 125: “[...] *The division between choral and monodic lyric is convenient, but artificial, for many poets composed songs of both types.*”

apenas uma consideração - pelo que ela tem de representativa ainda em um sentido mais amplo para o qual se quer aqui, logo em seguida, chamar a atenção. Segal diz: “[...] Como grande parte da poesia grega antiga, a lírica coral é antes pública que pessoal em perspectiva, expressão e orientação. Quanto a este respeito ela difere da lírica monódica, que é muito mais a expressão de uma emoção pessoal.”²⁵²

Tomadas estas considerações quer-se aqui sublinhar o tom marcante de diferenciação que é produzida entre a lírica - mais com relação a este gênero em sua forma monódica, que com o conjunto de composições líricas como um todo - e o que Segal coloca em termos de “grande parte da poesia grega antiga”. Diferenciação a qual, embora em outros termos, assim o faça também Bowra, produzindo ambos desta maneira, uma idéia de distinção e autonomização para este gênero, sobretudo frente à épica, que não encontra semelhante correspondência nas considerações dos antigos, conforme se procurou aqui evidenciar, segundo observa Francisco Achcar:

[...] não tem inibido, desde o século XVII, mas sobretudo a partir do Romantismo, a busca de definições decisivas e abrangentes [cujo] ponto comum [...] reside na posição central do *eu* no poema lírico: poesia da primeira pessoa, a lírica é contraposta à épica, da terceira pessoa, numa conceituação que remontaria a Platão e Aristóteles.²⁵³

Postura ligada a uma,

[...] grande tradição que se inicia com a doutrina clássica, a partir do Renascimento, e é retomada e transfigurada com a teoria estética do idealismo alemão, de Schlegel, Schelling e Hegel a Staiger e Adorno e tantos outros teóricos que se voltaram para a questão dos gêneros literários²⁵⁴.

Tradição esta que se considerará aqui apenas através de um autor – ademais apontado por Giuliana Ragusa como “o pilar do romantismo alemão”²⁵⁵ - e da maneira pela qual o gênero lírico é caracterizado no âmbito de uma obra paradigmática sobre a arte, elaborada no XIX, e que toma a poesia como um de seus assuntos privilegiados: a

²⁵² Ibid., p. 124. “[...] Like much of early Greek poetry, choral lyric is public rather than personal in outlook, expression and orientation. In this respect it differs from monodic lyric, which is much more an expression of personal emotion.”

²⁵³ ACHCAR, Francisco, op. cit., p. 33.

²⁵⁴ Ibid, p. 37.

²⁵⁵ RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 27.

*Estética*²⁵⁶, de autoria do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Aí, Hegel compartimentou seu tratamento acerca da poesia entre os gêneros: dramático, épico e lírico; e se para a poesia de uma forma geral, atribui características essenciais tais como: espaço de expressão “do reino infinito do espírito” (*unendlich Reich des Geistes*)²⁵⁷ e do “conteúdo autêntico da alma humana” (*den wahren Gehalt der menschlichen Brust*)²⁵⁸. Por conseguinte, Hegel acabou por esboçar uma caracterização do gênero lírico nuançado como tal, apenas pelo fato de sua substância poética dar lugar privilegiado não só a uma expressão de um espírito, por assim dizer, “genérico” (*menschlichen Geistes*) – como o faria o épico - mas antes, do mundo interior particularizado do sujeito que a compõe e que aí encontrava espaço para dar vazão a sua “interioridade subjectiva” (*subjektive Innere*)²⁵⁹, à expressão da “própria interioridade” (*selbständigen Innerlichkeit*)²⁶⁰. Cabendo ao gênero dramático, por sua vez, a caracterização como espaço a expressar tanto a dimensão objetiva distintiva da épica, quanto a subjetiva, particularidade da lírica.

Configuração hegeliana esta que, muito embora não negue ecos de uma tradição de crítica poética que, *mutatis mutandis*, guardaria traços das classificações platônicas e aristotélicas – que se evidenciam, sobretudo, pela manutenção da tripartição dos tipos poéticos -, não deixa de guardar com relação à mesma uma diferença fundamental: o critério central de diferenciação. Visto que, se para Platão e Aristóteles este é encontrado no que se definiu aqui em termos de “modos de enunciação”, isto em Hegel parece se dar, sobretudo, pelas diferenças de substância de enunciação – ainda que ele não deixe de realçar a importância intrínseca reativa ao modo com que esta é construída. Postura que fica explícita pelas próprias palavras de Hegel:

Ao separar-se da objetividade, o espírito recluso em si mesmo, perscruta a sua consciência e procura dar satisfação à necessidade que sente de exprimir, não a realidade das coisas, mas o modo pela qual elas afetam a alma subjetiva e

²⁵⁶ O título original da obra de Hegel, elaborada entre 1817 e 1829, mas publicada entre os anos de 1835 e 1837 é: *Vorlesungen über die Ästhetik* (Cursos de estética). Foi consultada nesta pesquisa, tanto a tradução presente em: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética**. Tradução Álvaro Ribeiro; Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães Editores, 1993, como o texto alemão disponível em http://www.textlog.de/hegel_aesthetik.html. Acesso em 26 jan. 2009.

²⁵⁷ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética**, op.cit., p. 536. Para este, assim como os demais pequenos trechos do texto de Hegel que serão citados, indicar-se-á a página da tradução supracitada, assim como a versão alemã do texto disponível na página da Internet indicada. Não obstante, as traduções dos trechos em alemão são de minha responsabilidade.

²⁵⁸ Ibid., 613.

²⁵⁹ Ibid., p. 617.

²⁶⁰ Ibid., p. 631.

enriquecem a experiência pessoal, o conteúdo e a atividade da vida interior. Por outro lado, para que esta revelação da alma se não confunda com a expressão accidental dos sentimentos e representações ordinárias, e tome a forma poética, será necessário que as idéias e impressões que o poeta descreve, sendo pessoais, conservem todavia um valor geral, quer dizer, sejam autênticos sentimentos e considerações capazes de despertar em outras pessoas sentimentos e considerações latentes, despertar este que só pode ser dado graças a uma expressão poética viva.²⁶¹

Não obstante, com base em tal leitura evidencia-se ainda algo mais importante, pois, embora Hegel admita a profunda expressividade pessoal veiculada pelo lirismo poético, não se trata de negar uma total desvinculação por parte daquele que enuncia com relação ao todo e, por conseguinte, tampouco, com relação ao valor geral que seu enunciado poético deve ser capaz de e preocupa-se em adquirir - por meio de sua excelência expressiva - quando tomado como objeto de leitura por outras pessoas. Neste sentido, se as interpretações apontadas acima – de autoria de Bowra e de Segal – guardam relações com as interpretações produzidas no âmbito do romantismo alemão, do qual Hegel constitui-se como eminente representante, pode-se dizer que elas não se dão de maneira integral, ao menos quando o tipo de lírica em foco é a monódica. O que, por outro lado, não se dá com relação à chamada lírica coral. Desta forma, para evidenciar tal afirmação, assim como para retomar ainda uma outra questão, cito mais uma vez Bowra a informar que:

[...] entre a queda do mundo Micênico e o sétimo século a arte dominante era a épica. Isto seguiu a tendência do tempo e deu-se de forma tão completa que outras formas de poesia podem ter sido insignificantes quando comparadas. Mas quando este tempo passou para um outro mais mentalmente civilizado, outra forma de expressão foi necessária e foi encontrada nas canções corais. Seu florescimento no sétimo século mostra que os tempos tinham mudado e que a épica não mais satisfazia todas as necessidades espirituais dos homens.²⁶²

Feita esta citação, portanto, o que se procura evidenciar são os caminhos pelos quais, muito provavelmente, as idéias interpretativas inspiradas no romantismo alemão, efetivamente, adentraram no âmbito dos Estudos Clássicos e, portanto, também no contexto inglês no qual se encontram Bowra e Segal, ou seja, por meio de trabalhos desenvolvidos

²⁶¹ HEGEL, *Estética – Poesia*, 290. Apud ACHCAR, Francisco, op. cit., p. 37.

²⁶² BOWRA, Cecil M., op. cit., p. 9: “[...] between the fall of the Mycenaean world and the seventh century the dominating art was the epic. It suited the temper of the time, and was so accomplished that other forms of poetry may have been insignificant beside it. But when this age passed into another more civilly minded, another means of expression was needed and was found in choral song. Its efflorescence in the seventh century shows that time had changed and that the epic no longer satisfied all the spiritual needs of men.”

no próprio contexto alemão – que ademais como vimos no primeiro capítulo desta dissertação, trata-se do lugar onde nasceram os Estudos Clássicos. E uma vez tomando como gancho o excerto supracitado de Bowra, não é difícil identificar aí idéias cujos conteúdos remetem a dois trabalhos: *Die Entdeckung des Geistes*, de 1955²⁶³ e *Dichtung und Philosophie des frühen Griechentums*, de 1962²⁶⁴, cujos autores são, respectivamente, os helenistas alemães Bruno Snell e Hermann Fränkel. Trabalhos este que, como observa Giuliana Ragusa:

[...] exerceram uma tal influência que as críticas a eles custaram um pouco a tomar corpo. A chamada ‘escola Snell-Fränkel’ aliou a visão romântica da lírica a perspectiva biográfica, o problemático método lexográfico da análise literária e a ultrapassada teoria histórico-evolutiva e derivativa dos gêneros poéticos, a fim de encontrar as origens da individualidade ocidental na Grécia antiga.²⁶⁵

Tudo isto posto – mesmo tratando-se do resultado de um complexo e duradouro jogo de sobreposições intertextuais o qual buscou-se dar uma idéia até aqui - não parece nada difícil compreender, por um lado, a assimilação tantas vezes feita entre a poesia lírica (monódica) antiga e expressão de personalidade do poeta. Conforme, aliás, fez-se testemunhar já no parágrafo de abertura deste capítulo, por meio da afirmação de Claude Mossé de que grande parte dos testemunhos poéticos antigos tratar-se-ia não mais do que de “meros testemunhos pessoais”. Assim como compreender, por outro lado, a corriqueira assimilação dada ainda hoje – não obstante os tantos movimentos artísticos e suas quebras de paradigmas - entre poesia e expressão subjetiva/da subjetividade de quem a compõe. Esta última, resultado da assimilação de caráter mais amplo que acabou por se dar também no âmbito do romantismo do XVIII entre lírico e poético. Fenômeno do qual dá testemunho J. Hardy, no capítulo introdutório de sua edição da *Poética* de Aristóteles, ao declarar: “[...] Vivemos ainda sob o signo do Romantismo: o poeta lírico é para nós o poeta por excelência”.²⁶⁶

²⁶³ SNELL, Bruno. **A cultura grega e as origens do pensamento europeu**. Tradução Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2005.

²⁶⁴ FRÄNKEL, Hermann. **Early greek poetry and philosophy**. Translated by M. Hadas; J. Willis. Oxford: Basil Blackwell, 1975.

²⁶⁵ RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 32.

²⁶⁶ HARDY, J. (ed.), op.cit., p. 11: « [...] *Nous vivons encore sous le signe du Romantisme : le poète lyrique est pour nous le poète par excellence.* »

A leitura que será feita aqui, portanto, propõe partir das perspectivas de leituras outras, que querem levar em conta também idéias de interpretação do *eu* poético da lírica como as formuladas pelo lingüista russo Roman Jakobson (1896-1982)²⁶⁷ – considerada nos seguintes termos por Francisco Achcar:

[...] uma concepção lingüística do sujeito lírico, como a que Jakobson apresenta, parece ser a mais apta a se aplicar à lírica em geral [...]. Nos termos de Jakobson, a lírica é a poesia na qual a função poética da linguagem, centrada na organização da própria mensagem, se associa à função emotiva, centrada no emissor.²⁶⁸

Concepção que considera que o tom de pessoalidade produzido pelo texto lírico, de maneira alguma pressupõe a enunciação narrativa em primeira pessoa²⁶⁹. Uma vez que se deve considerar que esta impressão tonal só existe como resultado da interação de um leitor/ouvinte com o material poético - cujo labor do seu compositor com relação aos recursos expressivos com os quais pôde contar no momento de construção do seu poema tenha sido hábil o bastante para possibilitar a produção de tais efeitos nos seus interlocutores. Recursos estes que, por sua vez, invariavelmente, são produtos “literários” produzidos por gerações.

Esta breve exposição, portanto, é capaz de evidenciar a aproximação das considerações mais específicas de Jakobson quanto à lírica, daquela aqui já exposta definida em termos de intertextualidade – a qual define uma perspectiva de leitura que busca considerar o autor (a) “em carne e osso” que compõe qualquer enunciado lingüístico, tendo sempre em perspectiva o jogo de escritora/leitura que este/esta coloca em movimento no seu ato de confecção/ recepção “intertextual”. O qual, por sua vez, só ganha vida concreta como tal, como resultado da sua relação com seus receptores. Complexo este que, conforme já mencionado, entende-se como ainda mais evidenciado quando os compostos literários dos quais se trata provêm de um contexto no qual há predomínio de uma cultura eminentemente oral.

²⁶⁷ Idéias expostas no seu: JAKOBSON, Roman. **Essais de linguistique générale**. Paris: Minuit, 1969, p. 219. (Tome 1: Lês fondations du langage, 1963 et Tome 2: Rapports internes et externes du langage, 1973).

²⁶⁸ ACHCAR, Francisco, op. cit., p. 45.

²⁶⁹ Ibid., p. 45-50. Para comentários de Francisco Achcar acerca de outros tipos de líricas: aquelas em que a segunda e não a primeira pessoa ocupa lugar proeminente na narrativa, outras nas quais são a terceira pessoa e outras até mesmo impessoais – nas quais o conteúdo centra-se de forma incisiva sobre um objeto; citando mesmo dois exemplos de fragmentos de Safo para o segundo e o terceiro caso: respectivamente frag. I e frag. 34.

E, se conforme buscou-se aqui evidenciar, as composições de caráter lírico são - para além de suas particularidades genéricas - antes de tudo, assim como as demais, “[...] uma estrutura complexa de materiais lingüísticos e implicações métrico-rítmicas, referenciais e pragmáticas”²⁷⁰; defende-se, portanto, aqui, os cuidados que se devem ter com relação às leituras que acabam por fazer uma análise das composições poéticas de Safo demasiado preocupada em dar conta das diferenças que elas trariam devido, sobretudo, ao sexo/gênero de sua compositora, interpretando-as: seja como o testemunho de uma mulher com relação a experiências especificamente femininas de um grupo de mulheres na Antigüidade, seja como a voz de uma mulher que não obstante seu “sexo”, veicularia um “discurso masculino”, seja como uma autêntica voz feminina – o feminino tomado aqui como uma metáfora para uma linguagem que transgride o que seriam os significados que seriam normativos/patriarcais.

Tais leituras tendem a, ainda que de distintas formas, adicionar à já tendenciosa assimilação poesia/lírica/expressão da subjetividade daquele que a compõe, a idéia da expressão da mulher/e ou do feminino como algo outro, uma voz outra e, por conseguinte a encontrar e marcar para/(n)o feminino uma expressão subjetiva mais exacerbada que faz com que a linguagem destas se diferencie e, por vezes subverta, o que seriam as marcas de um discurso, se não de autoria de um homem, racional/patriarcal/masculino. Ao passo que, no âmbito desta dissertação, conclama-se para uma leitura que pretenda privilegiar a complexidade/intertextualidade inerente a qualquer construto lingüístico e que, portanto, ultrapasse uma leitura que privilegie apenas um aspecto sexual e/ou de gênero daquele que a compõe. O que, por sua vez, não deve ser tomado como sinônimo de não reconhecimento da autenticidade e mesmo diferença de um autor(a) e sua composição, mas apenas um exercício de atentar para o fato de que a produção de efeito desta diferença que pode ser pretendido pelo próprio autor/autora, assim como pelos leitores/ouvintes só se torna possível e perceptível na medida em e na maneira em que cotejada com compostos outros já (re) conhecidos.

Torna-se interessante ainda, por fim, remarcar que a ruptura lingüística que se quer fazer, por vezes, identificar ao “feminino”, pode ser simplesmente identificada ao discurso

²⁷⁰ GENTILI, Bruno, op. cit., p. 463. “[...] una estructura compleja de materiales lingüísticos e implicaciones métrico-rítmicas, referenciales y pragmáticas.”

poético que, muito mais que o lugar de expressão do “eu” tem servido como espaço de inscrição de ensaios enunciativos mais que nenhum outro, e tal perspectiva - mesmo guardadas as imensas proporções espaço-temporais – é que talvez possa ser mais bem explorada no exercício de leitura dos compostos poéticos antigos e modernos²⁷¹.

II. 2 - Safo de Lesbos: de algumas controvérsias a respeito de uma ποιήτρια (poiētria)²⁷²:

Não é nada fácil tratar de aspectos de ordem biográfica relativos a qualquer um dos poetas²⁷³ gregos. E, de uma maneira geral, conforme já mencionado, esta dificuldade pode ser atribuída ao fato de que o próprio material antigo que mais poderia vir a ajudar aos estudiosos neste sentido - os escritos que têm como preocupação fornecer informações de caráter biográfico - não têm sido capazes de fazê-lo. Incapacidade esta que, deve-se à pelo menos dois fatores que se entrelaçam: a maior parte deles é consideravelmente posterior aos períodos em que teriam vivido os poetas dos quais falam; sendo assim, muitos deles tenderam a tomar como sua principal, se não única fonte, a própria obra daqueles a quem se referiam²⁷⁴.

²⁷¹ Para breves considerações neste sentido ver: L'Expansion de la Sémiotique (1967). **Σημειωτική: recherches pour une sémanalyse**. Paris: Éditions du Seuil, 1969, p. 53: « Si les constructions poétiques sont considérées comme telles, ce ne serait pas que parce que leur apparition est très peu probable, tandis que la probabilité de l'emploi des autres constructions est, au contraire, très forte. Serait poétique ce que n'est pas devenu loi. » (Se as construções poéticas são consideradas como tais, não seria por outro motivo que pelo fato que sua aparição é muito pouco provável, ao passo que a probabilidade do emprego de outras construções é, pelo contrário, muito forte. Seria poético o que não se tornou lei).

²⁷² BAILLY, A., op.cit., p. 1582: ποιήτρια, ας (ή) *I celle qui fait, auteur de [...] 2 femme poète [...]*. (1 aquela que faz, autora de [...] mulher poeta.).

²⁷³ Assim como observou-se aqui em nota, com relação ao termo grego ποιήσις (poiēsis), para aquele que designa o autor, o compositor de versos: ποιητής (poiētēs), é necessário remarcar que aparecerá com este sentido já por volta do século VII/VI a.C., a partir de Hesíodo e Píndaro. Não obstante, seus registros mais comuns a aparecer em Platão encontram-se relacionados aos sentidos de: criador, autor (em um sentido geral), autor de leis, legislador, fabricante, artesão. De fato o termo mais usual para referir-se aos compositores de poesia era ἀοιδός (aoidós): cantor – que aliás, será o único termo a ser utilizado por Homero ao longo da *Odisséia* para se referir, tanto aos que tem como profissão a composição e narrativa poética (Canto I: 153.Canto XXI: 430), como para caracterizar ao próprio Odisseu que, embora não sendo um *aoidos*, na medida em que confere bela forma às suas narrativas merecerá ser comparado a um cantor profissional (Canto XI: 363-369). Cf.: MURRAY, A.T. (ed. trad.). **Homer. The Odyssey I**. Books I-XII. Cambridge : Harvard University Press, 1976. (The Lobel Classic Library. **Homer. The Odyssey II**. Books XIII-XXIV. Cambridge : Harvard University Press, 1975. (The Lobel Classic Library).

²⁷⁴ LEFKOWITZ, Mary, op.cit.. p. viii-ix: “I will contend that ancient biographers took most of their information about poets from the poets own works. Their starting premise was not dissimilar from that of

Ao se tratar de Safo: uma poetisa²⁷⁵ cujas composições - a se crer apenas nos testemunhos antigos que nos chegaram²⁷⁶ – parecem ter sido amplamente conhecidas e elogiadas pela sua excelência (chegando mesmo a ser comparada a nada mais nada menos que Homero²⁷⁷, assim como às próprias Musas²⁷⁸ – as divindades reconhecidas por inspirar aos poetas seus cantos), tal observação não é nada difícil de ser constatada. Para tanto, basta observar pelo menos dois testemunhos aos quais temos acesso hoje, e cujo conteúdo traz variadas, imprecisas e divergentes informações acerca da vida e obra da poetisa: o mais antigo trata-se de um papiro do século II/III d.C. (*Oxyrhynchus Papyri*, XV, 1800, fr. 1) e o mais recente de um léxico compilado no século X d.C. (*Suda* Σ 107)²⁷⁹.

Sendo que, a partir da leitura de ambos, sabe-se sobre Safo, entre outras coisas: que teria vivido entre final do século VII a.C. (612/608) e meados do século VI a.C e que teria

some contemporary psychologists: that every creative act must have grounding in a particular experience. But where psychologists would rely on interviews or diaries, ancient biographers turned directly to the poems themselves;”(Vou sustentar que os biógrafos antigos tomaram a maior parte de suas informações sobre os poetas, dos próprios trabalhos destes. Sua premissa inicial não era distinta daquela de alguns psicólogos contemporâneos: de que todo ato criativo deve estar fundado em uma experiência particular. Mas onde os psicólogos se baseariam em entrevistas ou diários, os biógrafos antigos se voltariam diretamente em direção aos próprios poemas;)

²⁷⁵ Optou-se aqui pela referência a Safo como “poetisa” porque em grego, conforme viu-se aqui em nota precedente, tem-se já o registro de um termo específico para designar uma mulher autora: ποιήτρια – muito embora a própria Safo possa ser encontrada referida por este termo apenas muito posteriormente: em texto do autor e professor de retórica romano Cláudio Eliano (II-III d.C) : Aelian, *Historical Miscellanies* 12.19 (test. 4). In: CAMPBELL, David A.(ed.), op. cit., p. 6-7. Neste sentido, é interessante observar que, para designar uma mulher compositora de versos: em inglês, pode-se encontrar tanto o termo neutro: *poet*, como o feminino o *poetess*; em francês, por sua vez, pode-se encontrar o neutro: *poète* e o feminino *poétesse*; em italiano o feminino: *poetessa*; em espanhol, tanto o neutro *poeta*, quanto o feminino *poetisa* e em alemão o feminino: *Dichterin*. Cf., respectivamente: REY, Alan; ROBERT, Paul; REY-DEBOVE, Josette. **Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française**. Paris: Le Robert, 2004. SIMPSON, J. A.; WEINER, E. S. C. **The Oxford English Dictionary XI**. 2nd ed. Oxford; New York: Clarendon; Oxford University, 1991. STOPPELLI, Pasquale (coord.). **Garzanti: I grandi dizionari italiano**. Milano: Garzanti, 2005. [vários autores]. **Gran diccionario: español-portugués português-espanhol**. Madri: Espasa Calpi, 2001. HOEPNER, Lutz; KOLLERT, Ana Maria Cortes; WEBER, Antje. **Dicionário de bolso português Langenscheidt: Portugiesisch-Deutsch, Deutsch-Portugiesisch**. Berlin: Langenscheidt, 2001.

²⁷⁶ Como sustentáculo de tal afirmação, parto da leitura dos *Testimonia* (testemunhos).In: CAMPBELL, David A.(ed.), op. cit., p. 2-51.

²⁷⁷ Neste sentido cf. *Anth. Pal* 7.15, 9.26 cuja autoria é atribuída a Antípatros de Tessalônica (I a.C.). Respectivamente em: CAMPBELL, David A.(ed.), op. cit., test. 57, p. 46-47. WALTZ, Pierre (ed.) **.Anthologie Grecque. Première Partie - Antologie Palatine, tome VII (livre IX, épigr. 1-358)**, op. cit, p. 11-12.

²⁷⁸ Para Safo comparada/colocada entre as Musas cf.: *Anth. Pal* 7.14 (test. 27), 7.17(test. 28), Ovídio, *Tristes* 2.363-5 (test. 49) 7.407 (test. 58), 9.26, 9. 571.9f. In: CAMPBELL, David A.(ed.), op. cit., p. 26-28; 28-31; 42-43; 48-49.

²⁷⁹ Respectivamente: testt. 1 e 2. In: CAMPBELL, David A.(ed.), op. cit., p. 2-7.

nascido e/ou vivido grande parte da sua vida na capital da sua ilha de origem: Mitilene²⁸⁰ - embora encontrem-se registros de que a poetisa teria nascido em Éresus²⁸¹ (cidade também localizada em Lesbos: a pequena ilha grega situada no mar Egeu que acompanha o nome da poetisa (ver mapa no ANEXO)). Os dados relativos a sua família, em especial ao nome de seu pai, – para o qual aparecem numerosas possibilidades no mais antigo destes dois testemunhos²⁸² - são bastante controversos. Contudo, ainda assim, podem-se encontrar informações tais como: referências aos nomes de seus três irmãos, ao nome de sua mãe e de sua filha (sendo que ambas teriam tido o mesmo nome: Κλέις – o qual Safo citou em pelo menos dois de seus poemas²⁸³), e mesmo de seu marido. Além do que, por meio destes dois testemunhos, sabe-se que ela teria sido contemporânea dos poetas Alceu e Stesícoro – este último já citado na lista dos nove líricos -, acerca de algumas das suas características físicas²⁸⁴ e dos tipos de poesia que ela teria composto, assim como o número de livros em que as mesmas teriam sido editadas (oito ou nove). Pode-se ser informado também, a respeito de rumores sobre suas relações vergonhosas (αἰσχρᾶς (*aiskhrās*)) relações com outras mulheres²⁸⁵.

Pode-se mencionar, assim que, se por um lado, apenas as imprecisões e divergências acerca de aspectos biográficos básicos - como o nome exato de seu pai, assim como o da cidade em que teria nascido -, já nos dizem muito acerca dos efeitos que a distância temporal foi capaz de causar no sentido de comprometimento da veracidade de informações acerca da poetisa. Por outro lado, por sua vez, pode-se dizer que o aparecimento de informações tais como: o nome de sua possível filha e de rumores acerca dos amores de Safo com outras mulheres indicam traços de leitura de seus compostos poéticos, por parte dos biógrafos antigos, como fonte de informações pessoais da autora. O que se pode dizer, uma vez que, tanto o nome atribuído a sua suposta filha: Κλέις, quanto a

²⁸⁰ *Oxyrhynchus Papyri*, XV, 1800, fr. 1 col. 1.16 ff. (test.1). In: CAMPBELL, David A. (ed.), op. cit., 2-5.

²⁸¹ Além de indicado em *Suda Σ 107*, test. 2, no capítulo de introdução de REINACH, Théodore ; PUECH, Aimé (ed. et trad.). **Alcée, Sapho**. 5^{me} ed. Paris: Belles Lettres, 1989, p. 164 : informa-se que tal referência pode ser também encontrada em um epigrama da *Antologia Palatina* (7:407) (test. 58: CAMPBELL, David A. (ed.), op. cit., p. 48-49), assim como em inscrições de moedas.

²⁸² *Suda Σ 107* (test. 2). In: CAMPBELL, David A. (ed.), op. cit., 4-7.

²⁸³ Frag. 98 a e b, Frag. 132. In: CAMPBELL, David A. (ed.), op. cit., respectivamente: p.122-125; p. 148-149.

²⁸⁴ *Oxyrhynchus Papyri*, XV, 1800, fr. 1 col. 1.16 ff. (test.1). In: CAMPBELL, David A. (ed.), op. cit., 2-5.

²⁸⁵ *Suda Σ 107*, test. 2. In: CAMPBELL, David A. (ed.), op. cit., 4-7.

expressão de forte teor erótico-amoroso direcionado a mulheres “[...] na linguagem usada pelos *erastai* [amantes] com seus *eromenoi* [amados]”²⁸⁶ - fazem-se presentes em alguns de seus compostos poéticos.

Mencionado isto tudo, e levando-se em consideração, por fim, a interessante informação dada a conhecer por meio de um testemunho do século XII d.C. - de que já para aquela época a destruição de informações sobre Safo e sobre sua obra tinham sido causadas pela passagem do tempo ²⁸⁷ - para se ter até aqui informações suficientes capazes de sugerir com relação à Safo um quadro geral de dificuldades, com as quais aqueles que se propõem como tarefa aproximar-se da poetisa e de sua obra têm que se confrontar. Isto porque foram consideradas até aqui, apenas as informações relativas à Safo que avançam até o século XII d.C..

Deste modo, se considerarmos os quase trinta séculos que nos separam do período em que Safo teria vivido, pode-se dizer que será nada mais nada menos que com o conjunto dos seguintes fatores - exemplarmente resumidos pelo estudioso Holt Park no âmbito do seu artigo “*Sappho Schoolmistress*” - que se confrontará:

O texto de Safo está em fragmentos (...). A linguagem é difícil, a sociedade obscura. Voltamo-nos para os manuais e comentários para auxílio. Mas isso significa que chegamos à Safo já cegos pelas proposições largamente não examinadas por gerações anteriores de estudiosos. E no caso de Safo o acúmulo de proposições tem uma profundidade milenar e inclui comédias gregas, romances italianos e pornografia francesa. O caso é pior com relação à Safo do que com qualquer outro autor, incluindo Homero. Aqui, lidamos não apenas com a literatura arcaica, mas com a sexualidade; os comentários são pesadamente carregados com emoção e com nossos próprios preconceitos. Mais importante, estamos lidando com homossexualidade (ou melhor, o que construímos como homossexualidade) e sexualidade feminina. Safo cria suposições tolas e levanta questões que simplesmente nunca foram colocadas com relação a qualquer um dos poetas²⁸⁸.

²⁸⁶ DOVER, Kenneth James. **A Homossexualidade na Grécia Antiga**. Tradução Luís S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p. 241. O original em inglês: *Greek homosexuality*, é de 1978.

²⁸⁷ Cf. test. 61. In: CAMPBELL, David A. (ed.), op. cit., p. 50-51.

²⁸⁸ PARKER, Holt N.. *Sappho Schoolmistress*. In: GREENE, Ellen (ed.). **Re-Reading Sappho: reception and transmission**. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 149: “*The text of Sappho is in fragment (...) The language is difficult, the society obscure. We turn to the handbooks and commentaries for aid. But this means that we come to Sappho already blinded by the largely unexamined assumptions of the previous generations of scholars; and in the case of Sappho the accumulation of assumptions is millennia deep and includes Greek comedies, Italian novels, and French pornography. The case is worse for Sappho than for any other author, including Homer. For we are dealing not only with archaic literature but with sexuality; the commentaries are heavily endowed with emotion and our own preconceptions. More important, we are dealing*

Assim, não se torna tão difícil compreender a peremptória afirmação deste mesmo autor, de que com relação à poetisa de Lesbos: “[...] Tudo o que conhecemos está errado. Mesmo os ‘fatos’ mais básicos não são tão simples, ou necessitam de um minucioso reexame crítico”.²⁸⁹ Afirmação, esta, capaz de ser corroborada de forma ainda mais surpreendente pelas seguintes observações do estudioso André Lardinois, apresentadas no seu artigo: “*Subject and circumstance in Sappho’s poetry*”²⁹⁰:

De fato, nem ao menos sabemos com certeza se Safo já existiu como uma pessoa. Um crescente número de poetas gregos arcaicos (Homero, Hesíodo, Arquíloco, Teógnis) é acreditado por alguns como tendo sido *personae* poéticas, que poderiam ter vivido em algum momento, mas que logo teriam se tornado mitos arquétipos no âmbito da tradição poética que deveriam representar.²⁹¹

Logo, embora possa parecer um tanto quanto estranha a demonstração de uma preocupação com relação a questões de ordem biográfica, no âmbito de uma dissertação cuja proposta “intertextual” de leitura quer justo apresentar uma perspectiva que busca não conceder demasiada ênfase à existência ‘individual’ do autor – aqui especificamente de Safo com o mulher - no exercício de leitura e apreciação crítica de seus compostos. Tal preocupação justifica-se, não somente por se colocar em posição crítica com relação à leituras que dão demasiada ênfase a aspectos de ordem biográfica dos autores ao tratar de suas obras, não é sinônimo de desconsiderar a relevância do sujeito histórico (autor(a)) que coloca em prática o próprio exercício intertextual no seu ato de composição. Trata-se também de atentar para o fato de que, com o passar do tempo, o que acaba por ocorrer é, por vezes, como que uma inversão que se faz notória no âmbito da crítica moderna relativa à Safo no seguinte sentido: uma leitura de seus fragmentos como busca de lá encontrar traços capazes de confirmar ou refutar as hipóteses relativas à função e contexto de composição de sua poesia, o grau de consciência de sua própria “feminilidade” ou ainda,

with homosexuality (or rather what we construct as homosexuality) and women’s sexuality. Sappho creates idiocies and raises questions that simply are never asked of any male poets.”

²⁸⁹ PARKER, Holt N., op. cit., p. 146: “[...] Everything we know is wrong. Even the most basic ‘facts’ are simply not so or in need of a stringent critical reexamination.”

²⁹⁰ LARDINOIS, André, Subject and Circumstance in Sappho’s Poetry, op. cit.

²⁹¹ Ibid., p. 62: “ In fact, we do not even know for certain if Sappho as a person ever existed. An increasing number of archaic Greek poets (Homer, Hesiod, Archilochus, Theognis) are believed by some to have been poetic personae, who may at some time have lived but soon become stock characters in the poetic tradition they were supposed to represent.”

informações relativas a sua família e aos seus amores – em um nível que parece maior para ela que para nenhum outro dos poetas antigos.

É, portanto, pelo elevado grau de entrelaçamento entre traços biográficos e obra - que é invariavelmente colocada em jogo no exercício de apreciação dos fragmentos sáficos - e, não só pela importância de se atentar com mais detalhes para a historicidade em que se aloca sua produção poética, que aqui se faz menção a todas estas questões. Defendendo-se aqui, ademais, que no caso de Safo tal entrelaçamento parece se acentuar, através da excepcionalidade de se tratar de uma figura feminina entendida, no mais das vezes, como estando a veicular uma “voz feminina” – assim, lida mesmo nas abordagens que levam em conta a crítica à idéia romântica de assimilação entre eu-lírico e o eu daquele que compõe.

Tendo, pois, em perspectiva tudo o que foi mencionado até aqui, não é exagero levar em conta as observações de Holt Parker, de que quando se trata de Safo torna-se necessário ser cauteloso quanto a qualquer informação que a ação dos séculos que nos separam dela - somada aos comentários e estudos relativos à poetisa e sua poesia - tornaram “básicas”. Isto porque, uma vez que Safo - e aqui se acrescenta – por tratar-se de uma figura feminina/ “voz feminina” única ao menos (uma vez que temos acesso ao nome e pouquíssimos fragmentos de outras poetisas para outros períodos da Grécia Antiga)²⁹² em meio ao material poético composto no Período Arcaico grego ao qual tem-se acesso hoje, “[...] cria suposições tolas e levanta questões que simplesmente nunca foram colocadas com relação a qualquer um dos poetas”.

A título de exemplo de um fato “básico” e dificilmente problematizado quando o assunto posto em discussão é Safo e sua poesia, pode-se mencionar a simples e comum caracterização desta como uma eminente compositora de poesia lírica, sobretudo monódica. Não obstante - conforme discutimos no tópico precedente – a caracterização de Safo como “lírica” (λυρικῆς (*lyrikēs*)) remonta muito possivelmente apenas ao século III a.C.. Ao que

²⁹² Para referência a alguns outros nomes de poetisas gregas, incluindo Safo ver: Pierre (ed.). **Anthologie Grecque. Première Partie - Antologie Palatine, tome VII (livre IX, épigr. 1-358)**, op. cit, p. 11-12. Epigrama 26. Epigrama apresentado e comentado em RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 56-58. Para comentários e compilação de fragmentos de Safo, Corina, Telesila, Praxila, Cleobulina, Beo, Erina, Nóside, Mero, Ánite, Hédila, Filina de Tesalia, Melino, Cecília Trebula, Julia Balbila, Damo, Teosebila ver: BERNABÉ PAJARES, Alberto; RODRÍGUEZ SOMOLINOS, Helena. **Poetisas griegas**. Madrid: Ediciones Clásicas, 1994. Para comentários relativos a Corina, Mirtes, Telessila e Praxila ver: SEGAL, Charles. Choral Lyric in the fifth century: Pindar. In: EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.). **The Cambridge History of Classical Literature 1: Early Greek Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 198-200.

se soma o fato de que, ao se tomar o conjunto dos testemunhos antigos relativos à Safo, o que encontramos são referências, as mais plurais, com relação ao tipo de poesia que ela teria composto, e não uma caracterização privilegiada como compositora de lírica monódica – muito embora referências à Safo como compositora de cantos solo (μονωδίασ (*monoidías*))²⁹³ e associada à lira²⁹⁴/lírica²⁹⁵ também ocorram – e disto deixam testemunho mesmo os poucos fragmentos com os quais se têm contato hoje e sobre alguns dos quais teremos comentários mais detalhados no capítulo seguinte. Porém, de acordo com os testemunhos Safo teria composto igualmente: elegias e epigramas²⁹⁶, poemas de amor (ἐρωτικά (*erōtiká*))²⁹⁷, canções de casamento (ὕμναιοι (*huménaiοι*)/ἐπιθαλάμια (*epithalámia*)²⁹⁹), hinos³⁰⁰ (cléticos)³⁰¹ (ὕμνος (κλητικός) (*húmnos (klētikós)*)), canto/lírica (μέλος (*mélos*)) e até mesmo poesia de cunho mítico narrativo em hexâmetros (ἑξαμέτρος (*hexamétros*)) – metro em que foram compostos os épicos homéricos³⁰².

Diante desta simples constatação, pode-se dizer que se tal caracterização de Safo como poetisa “lírica” para a Antigüidade possa, a princípio, ter derivado do simples fato de que - embora tenha composto em estilos variados - grande parte de suas composições eram acompanhadas pela lira; o que se faz notório, porém, é que no âmbito moderno - partindo do predomínio da temática amorosa no conjunto dos fragmentos sáficos que nos chegaram, assim como das já mencionadas interpretações de orientação romântica que preponderaram no âmbito da crítica literária a partir do século XVIII, quando o assunto era “poesia” - não se torna nada difícil compreender que também no campo das interpretações com relação à

²⁹³ *Suda* Σ 107 (test. 2). In: CAMPBELL, David A. (ed.), op. cit., p. 4-7. A própria noção de canto solo não necessariamente vincula-se às composições da caráter lírico: μονωδίασ, ας 1 *action de chanter seul, sans accompagnement [...] 2 chant triste [...] oraison funèbre* (1 ação de cantar só, sem acompanhamento [...] canto triste [...] oração fúnebre).

²⁹⁴ Himerius, *Orations* 28.2 (test. 50); Aulus Gellius, *Attic Nights* 19.9 3s (test. 53); *Anth. Pal.* 9. 189 (test. 59); Tzetzes, *On the Metres of Pindar* 20-22 (test. 61). In: CAMPBELL, David A. (ed.), op. cit., p. 42-43, 44-45, 48-49, 50-51.

²⁹⁵ *Oxyrhynchus Papyri*, XV, 1800, fr. 1 col. 1.16 ff. (test.1); *Suda* Σ 107 (test. 2); *Anth. Pal.* 7.17 (test. 28); In: *Ibid.*, p. 2-7, 28-29.

²⁹⁶ *Suda* Σ 107 (test. 2).

²⁹⁷ Philostr. *Vit. Appol.* 1.30 (test. 21); Athenaeus, *Scholar at Dinner* 14.639 a (test. 39). In: *ibid.*, p. 20-21, 36-37.

²⁹⁸ Demetrius, *On Style* (test. 45). In: *ibid.*, p. 40-41.

²⁹⁹ Servius on Virgil *Georg.* 1.31, frag. 116. In: *ibid.*, p. 138-139.

³⁰⁰ Philostr. *Vit. Appol.* 1.30 (test. 21). In: *ibid.*, p. 20-21.

³⁰¹ Menander, *On Display Oratory*, test. 47. In: *ibid.*, p. 40-41.

³⁰² *Anth. Pal.* 9.190. 7s (test. 35). In: *ibid.*, p. 34-35.

Safo será o caráter lírico tomado como sinônimo de expressão subjetiva é que será enfatizado³⁰³.

No caso de Safo, isto tudo será agravado a partir da atenção moderna concedida a um aspecto específico que - se conforme vimos, desde a Antigüidade consta dentre as informações de ordem biográfica relativas à poetisa³⁰⁴ -, sobretudo a partir do século XIX, acabou por ganhar contornos de uma sua “grande questão”³⁰⁵: o seu suposto envolvimento com outras mulheres, isto é, sua “homossexualidade feminina”/ “lesbianismo”³⁰⁶ – termo este sugestivamente derivado do nome da ilha em que Safo teria nascido e vivido: Lesbos. Aspecto para o qual, aliás – corroborando a problemática apontada da leitura da obra como fonte de informação biográfica de seu autor - sua própria poesia de forte teor lírico-amoroso (na qual se tem por parte de um eu-lírico feminino a expressão de intensos sentimentos com relação a outras mulheres) tem sido apontada como grande, senão o maior, testemunho³⁰⁷.

³⁰³ Neste sentido ver: MOST, Gleen W. Reflecting Sappho. In: GREENE, Ellen (ed.). **Re-Reading Sappho: reception and transmission**, op.cit., p. 11-35.

³⁰⁴ Em um papiro cuja data provável de produção se situa entre os séculos II e III d.C., pode ser encontrada, dentre outras informações de ordem biográfica, uma referência ao que seriam “modos irregulares” de Safo, assim como ao fato de ter sido amante de mulheres (γυναικε[ρᾶς]τρα (gynaikerástria): *Oxyrhynchus Papyri*, XV, 1800, fr. 1 col. 1.16 ff., test.1, in CAMPBELL, David A.(ed.), op. cit., p. 2-3.

³⁰⁵ Problemática referida em termos de uma “grande questão de Safo” em: LARDINOIS, André. Safo lésbica e Safo de Lesbos. In: BREMMER, Jan. **De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade**. Tradução Cid Knipel Moreira. Campinas: Papyrus, 1995, p. 27-50. O original inglês: *From Sappho to Sade – moments in the history of sexuality*, é de 1991.

³⁰⁶ O surgimento de ambos os termos remete ao contexto de desenvolvimento, no âmbito médico, de uma ciência do sexual - esta, por sua vez, desenvolvida em resposta a outras tantas transformações de caráter sócio-culturais mais gerais. Neste sentido ver as análises de Foucault em seu: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. Mais especificamente quanto ao surgimento do termo homossexualidade ver verbete HOMOSSEXUALIDADE. In: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro; Lucy Magalhães Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. O original francês: *Dictionnaire de la psychanalyse*, é de 1997, p. 350-355: “Termo [...] criado por volta de 1860 pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert, para designar todas as formas de amor carnal entre pessoas biologicamente pertencentes ao mesmo sexo.” Em particular com relação ao substantivo “lesbianismo” como também de outros termos derivados de Safo como “safismo”, em língua inglesa ver: HALLETT, Judith. P., Sappho and her social context: sense and sensuality. **Signs**, vol. 4, no. 3, 1979, p. 448, disponível em <http://www.jstor.org>. (acessado em 17/02/2006), p.451-452. Ver ainda: BLUNDELL, Sue. Women as poet: Sappho, op.cit., p. 82-91. LARDINOIS, André. Safo lésbica e Safo de Lesbos, op. cit., p. 27. Para registro do uso desses substantivos em língua portuguesa ver: HOUAISS, Antônio *et al.* **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

³⁰⁷ Neste sentido ver BLUNDELL, Sue. Women as poet: Sappho, op. cit., p. 83-84: “*The evidence for Sappho’s own homosexuality lies in the poems themselves; [...] The precise degree of physical contact which she enjoyed with young women is not a subject which the poems can ever make clear to us [...]. What the poems do reveal is that on the level of imagination Sappho was a lover of women*” (A evidência para a homossexualidade de Safo repousa sobre os próprios poemas; [...] O grau preciso de contato físico que ela desfrutou com as jovens mulheres não se trata de assunto que os próprios poemas sejam capazes de tornar-nos

Sendo, não obstante, interessante considerar que – conforme informa Gleen Most - tal memória teria sido fortemente revivida no âmbito moderno, mais especificamente a partir do final do século XV, com a descoberta de uma carta - na verdade de autoria do poeta romano Ovídio (I a.C.), mas escrita como se fosse de autoria de Safo –, a qual foi por muito tempo considerada como tradução latina de uma missiva que de fato teria sido escrita pela poetisa e na qual esta se refere (com tom de recriminação) ao fato de ter, em algum momento do passado, amado mulheres.³⁰⁸

Mas, além disto, é importante observar que se a transformação destes supostos relacionamentos de Safo com relação a outras mulheres deve sua ascensão, em termos de uma “grande questão”, por um lado, aos reiterados debates ou simples menções consubstanciadas ao longo dos séculos e séculos: como tema de biógrafos e de poetas antigos (como Ovídio)³⁰⁹, de romances no século XVIII³¹⁰ e até mesmo em tratados médicos do XVII (no âmbito de discussões acerca da anatomia feminina³¹¹) – fazendo-a sobreviver como memória por 25 séculos, até ser tomada como substantivo definidor das relações sexuais entre mulheres quando das classificações de ordem sexuais efetuadas no XIX. Por outro lado ela o deve em grande parte, também aos estudiosos que se preocuparam em combatê-la como memória relacionada à poetisa, ou seja, aos filólogos alemães Friedrich Gottlieb Welcker (1784-1868), Karl Otfried Müller (1797-1840) e Ulrich

claro [...]. O que os poemas, de fato, revelam é que no nível da imaginação, Safo foi uma amante de mulheres).

³⁰⁸ Trecho desta carta de Ovídio: Ovid, *Letters of Heroines*, 15, 15-20, 201s. (test. 19), pode ser encontrado em: CAMPBELL, David A.(ed.), op. cit., p. 18-21. Quanto a esta, MOST, Gleen W. Reflecting Sappho., op.cit., p.17, observa: “*This poem, in the form of a letter written by Sappho to Phaon is by far the most influential document in the history of the reception of Sappho: when it was discovered in the early fifteenth century, it was thought to be a genuine letter by Sappho, translated into Latin; and for centuries after, when its author had been identified as Ovid, it would dominate over the few, scattered, difficult genuine fragments in establishing the image of the poetess.*”(Este poema, escrito no formato de uma carta de Safo a Phaon, é de longe o documento mais influente na história da recepção de Safo: quando da sua descoberta no começo do século XV, pensava-se se tratar de uma carta genuína de Safo, traduzida para o Latim; e por séculos depois, quando seu autor foi identificado como Ovídio, tornou-se dominante com relação aos poucos, esparsos, fragmentos genuinamente difíceis de proporcionar o estabelecimento de uma imagem da poetisa).

³⁰⁹ Ovid, *Letters of Heroines*, 15, 15-20, 201s. (test. 1). In: CAMPBELL, David A.(ed.), op. cit., p. 18-21.

³¹⁰ Neste sentido o mais importante parece ter sido: *Chansons de Bilitis* do francês Pierre Louÿs, de 1835. Referido por: PARKER, Holt N. Sappho Schoolmistress, op. cit., p. 150. Não obstante, para um artigo que faz referências a alguns romances do XVIII cuja ênfase recairia sobre a imagem de uma Safo como emblema de uma mulher abandonada pelo amante – e que, segundo a autora, seria a imagem predominante de Safo no período (retomando a lenda de que Safo teria se matado por causa de seu amante Phaon, referida entre outros, em: Strabo, *Geography* 10.2.9 (test. 23). In: CAMPBELL, David A.(ed.), op. cit., p.22-23) - ver: MOST, Gleen W., “Reflecting Sappho”, GREENE, Ellen (ed.), op.cit., 1996, p.11-35.

³¹¹ ANDREADIS, Harriette. Sappho in early modern England: a study in sexual reputation. In: *ibid.*, p. 105-121.

von Wilamowitz-Moellendorf (184-1913)³¹². Autores que, na medida em que liam a lírica de Safo como veículo de expressão dos próprios sentimentos da poetisa, viram-se no dever de justificar tamanha intensidade de afeição enunciada na poesia sáfica em relação a outras mulheres. Foi, portanto, como resposta a esta questão, que estes autores acabaram por atribuir à Safo o papel de uma educadora afetuosa e devotada as suas alunas, de forma a tornar-lhe lícito e mesmo natural nutrir e enunciar, no âmbito de sua poesia, fortes sentimentos em relação a estas³¹³. Afirmações que ademais, podem-se encontrar reiteradas por Holt Parker em seu artigo: “*Sappho Schoolmistress*”, ao informar que:

No seu sentido mais forte, Safo professora é uma criação bem conhecida de Wilamowitz, preocupado em defender Safo de acusações de homossexualidade, em particular da recém publicada *Chansons de Bilitis* de Pierre Louÿs's (1895). Para fazer isto, Wilamowitz retomou as teorias de Karl Otfried Müller e Friedrich Gottlieb Welcker e resgatou Safo como uma ‘professora virginal’³¹⁴.

Na verdade, portanto, esta questão de “ordem moral”, para além/e por causa da relevância que ganhou como traço biográfico, torna-se interessante de ser mencionada, sobretudo, na medida em que - conforme a pesquisadora Judith Hallet já chamava atenção, em 1979, no seu artigo: “*Sappho and her social context: sense and sensuality*”³¹⁵ - no âmbito de numerosos trabalhos de crítica literária moderna, a mesma acabou por ser colocada em pé de igualdade com relação às considerações de ordem estética relativas aos poemas sáficos³¹⁶, de uma maneira que não encontra paralelo quando se trata de outros poetas líricos como, por exemplo, Anacreonte (VI-V a.C.). Neste sentido Hallet observa:

³¹² Para afirmações neste sentido ver: MOST, Gleen W., op. cit., p. 24-27. PARKER, Holt N., *Sappho Schoolmistress*, op. cit., p. 150-153.

³¹³ MOST, Gleen W., op. cit., p. 25: “[...] For Welcker, Sappho’s feelings for her girls was entirely idealistic and nonsensual [...] she was [...] a pedagogue, instructing her female pupils in the arts and graces, and it was only natural that she should had felt strong feelings for them.” (Para Welcker, os sentimentos de Safo por suas meninas era inteiramente idealizado e sem conotação sensual [...] ela era uma pedagoga, instruindo suas pupilas nas artes e graças, e seria natural que ela tivesse nutrido por elas fortes sentimentos).

³¹⁴ Ibid., p. 150: “In its strongest, *Sappho Schoolmistress* is the well-known creation of Wilamowitz, who was concerned with defending Sappho from charges of homosexuality, in particular Pierre Louÿs’s recent published *Chansons de Bilitis* (1895). To do so, Wilamowitz took over the theories of Karl Otfried Müller and Friedrich Gottlieb Welcker and recast Sappho as a virgin Schoolmistress.”

³¹⁵ HALLETT, Judith. P., op. cit.. Ver, em especial, p. 449-450.

³¹⁶ Neste sentido ver a interpretação de Deveraux para o Frag. 31 de Safo em seu: DEVERAUX, George. The nature of Sappho’s seizure in Fr. 31 LP as evidence of her inversion. **The Classical Quarterly**, vol. 20, no. 1, 170, p. 17-31. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 03 abr. 2006.

A crítica moderna relativa aos poetas gregos supostamente homossexuais, ou ao menos bissexuais, entretanto, não reflete a mesma obsessão com relação as suas preferências sexuais para deixar de lado suas poesias. O mesmo estudo crítico de poesia lírica grega que concorda quanto à importância central da natureza das relações de Safo com suas amigas, relega o assunto dos gostos sexuais de Anacreonte a um comentário muito breve, e cuidadosamente examina vários dos seus fragmentos eróticos sem agonizar acerca do gênero de suas *dramatis personae*.³¹⁷

Partindo, pois desta observação, é que Hallet empenha-se em seu artigo, de um lado, a combater pelo menos dois pontos: 1- as interpretações que atribuem uma conotação homoerótica feminina aos sentimentos expressos por uma voz feminina com relação a outras mulheres no âmbito da poesia sáfica, uma vez que destaca que nas mesmas não é possível encontrar “detalhes fisiológicos de envolvimento homoerótico feminino”³¹⁸ 2- assim como as leituras que assimilam a primeira pessoa presente na poesia lírica de Safo à expressão dos sentimentos da própria poetisa por outras mulheres. Para, por outro lado, defender: um tratamento de Safo que – buscando destacar aspectos similares existentes entre os composto poéticos de Safo e aqueles compostos pelo poeta espartano Alcman (VII a.C.)³¹⁹, que semelhantemente à Safo comporia canções nas quais um eu-lírico feminino falando em primeira pessoa expressa emoções com relações a outras mulheres – defenda sua inserção no âmbito da tradição poética grega com relação a qual suas composições teriam mais pontos em comum do que incomuns.

Nesta perspectiva, Hallet - mantendo o poeta Alcman como modelo contrapontístico com relação à Safo - defende que a poetisa teria exercido, no âmbito da sociedade lésbica em que viveu, nada mais que a função de dirigente de um grupo de mulheres com vistas a melhor prepará-las para a única função social reconhecida que lhes caberia: a de esposas. O problema é que, para defender tal postura interpretativa, Hallet parte de pressupostos questionáveis: de que a sociedade lésbica à época em que vivera Safo seria regida por uma segregação social entre homens e mulheres - na qual, o único papel social reconhecido para

³¹⁷ HALLETT, Judith P., op. cit., p. 450: “*Modern criticism of supposedly homosexual, or at least bisexual, Greek male lyric poets, however, does not reflect the same obsession with their sexual preferences to the neglect of their poetry. The same critical study of Greek lyric poetry accords key importance to the nature of Sappho’s relationship with her friends relegating the topic of Anacreon’s sexual tastes to a few brief comments, and carefully scrutinizes several of his erotic fragments without agonizing over the gender of their dramatis personae.*”

³¹⁸ Ibid., p. 153.

³¹⁹ Para considerações acerca deste poeta e algumas de suas composições ver: BOWRA, Cecil M., op. cit., p. 16-73. SEGAL, Charles. Archaic choral lyric. In: EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.), op. cit., p. 127-144.

as mesmas era como esposa e mãe; segregação a qual, ademais, teria como efeito o agrupamento de mulheres em um grupo segregado. Partindo de tal perspectiva, pois, é que a autora prontamente expõe e conclui que:

[...] As mulheres eram os únicos indivíduos com os quais elas socializavam e por quem elas eram socializadas. Outras mulheres também teriam experienciado sentimentos semelhantes àqueles de uma jovem e estado mais sensíveis às preocupações dela. Nesta perspectiva os versos sensualmente expressivos de Safo podem ser vistos como uma força institucional interna e um reflexo do seu contexto social – um veículo social para comunicar uma consciência sensual, e uma auto-estima sexual, para mulheres no limiar entre casamento e a maturidade.³²⁰

Porém, a dificuldade de se sustentar tal leitura com relação à sociedade de Lesbos durante o arcaico – e, por conseguinte, a consequente atribuição à Safo do papel de dirigente/poetisa a exercer uma função precisa e específica de compor poemas capazes de despertar nas jovens, que compunham seu grupo, uma sensualidade que lhes seria útil no exercício do seu papel social de futuras esposas, isto é, uma espécie de educadora pré-matrimonial - pode ser aqui demonstrada a partir do apontamento de apenas alguns fatores. Em primeiro lugar, deve-se considerar que Hallett, para pressupor a presença de tal organização social, no âmbito da sociedade lésbica arcaica, parece partir de um paradigma interpretativo que implica na existência de um *status* inferior/negativado para as mulheres, assim como de uma segregação entre os sexos como constantes a se fazerem presentes no âmbito de toda e qualquer sociedade grega antiga – cujo modelo, sem dúvida, toma como base o protótipo de organização social que teria prevalecido no âmbito da aristocracia ateniense para a época clássica, o que, por si só, já traz inúmeros problemas³²¹ -, que está longe de apresentar-se como um consenso no âmbito dos comentários relativos à ilha.

³²⁰ HALLETT, Judith. P., op. cit., p. 456: “[...] *Women were the sole individuals with whom they socialized and by whom they were socialized. Other women would also have experienced feelings identical with those of a young woman and be more sensitized to her concerns. In this perspective Sappho’s sensually expressive verses may be viewed as an institutional force in and a reflection of her social setting – a social vehicle for imparting sensual awareness, and sexual self-esteem, to women on the threshold of marriage and maturity.*”

³²¹ Neste sentido conferir as considerações presentes em: KATZ, Marilyn A. Ideology and ‘the status of women’ in Ancient Greece. In LEVICK, Barbara e HAWLEY, Richard (eds.), **Women in antiquity: new assessments**. London: New York Routledge, 1995, p. 21-43.

A historiadora americana Sarah Pomeroy, por exemplo, - cujo trabalho: *Goddesses, Whores, Wives and Slaves* publicado em 1975³²², pode ser apontado como: “O primeiro estudo inteiramente dedicado (...) a tomar seriamente a questão das mulheres na Antigüidade como um assunto de pesquisa”³²³ – acredita que tanto em Lesbos como em Esparta as mulheres que compunham a alta sociedade teriam sido altamente valorizadas. O que, por sua vez, ajudaria a explicar o fato de que poderiam ter relações amorosas entre si, assim como o fato de terem recebido uma educação semelhante a dos homens e, portanto, participado de atividades relacionadas à prática poética – fatos que, ademais, dariam testemunhos os fragmentos poéticos de Safo e de Alcman.³²⁴

Em segundo lugar, portanto, apenas a partir deste único exemplo, já é possível, senão afirmar, ao menos suspeitar que os argumentos, tais como apresentados por Hallet quanto à sociedade lésbica, estão longe de poderem ser afirmados como um pressuposto básico. Isto, não só porque em Pomeroy se torna aceitável a possibilidade da existência efetiva de relações entre mulheres – socialmente sancionadas – no âmbito de pelo menos duas sociedades gregas antigas. Mas sim porque, aí se fala de uma sociedade lésbica marcada por traços mais igualitários – sugeridos a partir da idéia de que existiria uma valorização social das mulheres que, por sua vez, teria resultado numa equiparação de direitos de acesso à educação entre estas e os homens - que está longe de ser admitida na concepção de educadora que Hallet sugere para Safo como dirigente/educadora de um grupo formado exclusivamente por meninas.

A título de exemplo, de uma tal perspectiva igualitária que estaria presente em Lesbos, cita-se abaixo uma interessante consideração presente no trabalho da historiadora francesa Claude Mossé – que relativamente à região em que está localizada, entre outras, a ilha de Lesbos observa:

As cidades da costa ocidental da Ásia Menor e das ilhas, em contato com o mundo oriental, eram senão as mais ricas ao menos as mais brilhantes. Foi nesses locais que se desenvolveram as primeiras especulações filosóficas, lá foram elaborados os diferentes gêneros poéticos. E não é surpreendente lá encontrar

³²² Aqui tomou-se como base a edição espanhola: POMEROY, Sarah B. **Diosas, rameras, esposas y esclavas: mujeres en la antigüedad clásica**. Tradução Ricardo Lezcano Escudero. Madrid: Akal, 1999.

³²³ KATZ, Marilyn A. Ideology and ‘the status of women’ in Ancient Greece, op. cit., p. 29: “(...) *the first full-length study (...) to take the question of women in antiquity seriously as a scholarly issue.*”

³²⁴ POMEROY, Sarah B., op. cit., p. 71.

espíritos esclarecidos não apenas entre os homens, mas mesmo em certas mulheres, como a muito famosa Safo, originária de Mitilene, na ilha de Lesbos, e poeta de grande renome.³²⁵

Consideração que parece sugerir que a sociedade lésbica do arcaico, uma vez que mais “cosmopolita”, muito possivelmente teria sido também mais igualitária no que diz respeito ao *status* social de homens e mulheres – de forma a possibilitar o acesso ao “esclarecimento” tanto aos homens, como às mulheres. Perspectiva esta que, por sua vez, enuncia-se de forma mais explícita no âmbito do artigo de Curtis Bennett, ao afirmar que:

Deve ter havido um raro grau de igualdade sexual e cultural em Lesbos para que Safo emergisse, florescesse, e alcançasse proeminência como poeta por toda a Grécia. [...] Para tornar-se uma poeta, Safo deve ter sido treinada, em expressão e composição, e nós naturalmente suporíamos que tal treino era aquele de outras garotas aristocráticas de Mitilene.³²⁶

Não obstante, o mesmo autor, - admitindo este raro grau de igualdade entre homens e mulheres no âmbito da sociedade lésbica; negando a possibilidade de que Safo seja uma poetisa a compor apenas em e para um âmbito privado; e chegando a admitir mesmo a existência efetiva dos amores entre mulheres enunciados pelos versos sáficos – curiosamente (e, portanto, de certa maneira, aproximando-se da perspectiva interpretativa de Hallet) pressupõe para Safo e para os amores entre mulheres: um espaço de segregação destinado a cumprir uma função social de prepará-las para o casamento. Esclarecendo, ainda que, o grau de “igualdade” que entende como estando aí presente, deve ser visto como uma igualdade relativa ao paralelo que estabelece entre uma sociedade feminina e outras masculinas, existentes à época, no âmbito das quais também se relacionavam garotos entre si, assim como se produziam poemas.

³²⁵ MOSSÉ, Claude. **La Femme dans la Grèce Antique**. Paris: Éditions Complexe, 1991, p. 42. Apud RAGUSA, Giuliana, op.cit. p. 61

³²⁶ BENNETT, Curtis. Concerning “Sappho schoolmistress”. **Transactions of the american philological association (TAPA)**, vol. 124, 1994, p. 346-347. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 03 mar. 2008: “There must have been a rare degree of sexual cultural equality in Lesbos for Sappho to emerge, flourish and acquire preeminence as poet throughout Hellas. [...] To become a poet Sappho had to be trained, in expression and composition, and we would most naturally suppose that such training was that of other aristocratic Mytilenean girls.” Para afirmações nesse mesmo sentido do artigo de Bennet ver: MAZEL, Jacques. Safo ou o amor “rompedor de membros”. In: **As Metamorfoses de Eros: o amor na Grécia Antiga**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 139-151. O original em francês: *Les metamorphoses d’Eros: L’amour dans la Grèce Antique*, é de 1984. Mazel chega a mesmo a definir os valores das mulheres gregas orientais como “feministas”.

Isto tudo, por sua vez, leva a que se considere ainda um terceiro fator que faz possível que se defenda a dificuldade de se fazer qualquer afirmação peremptória sobre Safo e a sociedade em que viveu – e, por conseguinte, quanto a uma função específica como poetisa e/ou a uma função específica exercida pela sua produção poética: a existência de trabalhos que, se por um lado concordam com a perspectiva exposta por Hallett, de que a sociedade lésbica do arcaico apresenta um alto grau de segregação entre homens e mulheres (ao menos no âmbito da alta sociedade)³²⁷; por outro acreditam – e nisto trazem uma perspectiva marcadamente contrária àquela autora - que tal segregação, ao invés de gerar um espaço cuja função “educativa” se ajusta a uma realidade social, explica justo o fato de que Safo produzindo no e para um grupo composto exclusivamente por mulheres, desenvolvesse composições marcadas, sobretudo, por uma certa especificidade feminina subversora do discurso masculino. Especificidade esta que, por sua vez, faz com que a poesia de Safo, embora se valendo dos recursos de composição comuns, apresente traços que não são encontrados nas composições poéticas de nenhum dos demais autores do arcaico - sejam eles caracterizados ou não como líricos. Perspectiva que, ademais, tem levado seus defensores a pressupor que a poetisa dê testemunho de uma tradição poética, feminina, que teria se desenvolvido paralelamente a uma tradição poética masculina formada pelos poetas³²⁸.

Dito isto, vale, neste ponto, abrir um breve e importante parêntese em prol de destacar que a busca de dar ênfase a uma especificidade feminina, que muitos autores

³²⁷ Neste sentido ver, por exemplo: SKINNER, Marilyn B. Woman and language in ancient Greece, or, why is Sappho a woman?. In: RABINOWITZ, Nancy S.; RICHLIN, AMY (eds.). **Feminist theory and the classics**. New York: Routledge, 1993, p. 125-142. SNYDER, Jane McIntosh. Introduction: a women-centred perspective on Sappho. Lesbian desire in the lyrics of Sappho. New York: Columbia University Press, 1997, p. 1-5: “[...] Do que nós podemos reunir a partir de informações acerca de outros lugares na Grécia antiga e da escassa informação que da Lesbos arcaica, ela [Safo] viveu em uma sociedade aristocrata na qual as diferenças culturais entre homens e mulheres eram firmemente demarcadas.” ([...] *From what we can gather from information elsewhere in Greece and from what scanty knowledge we have of Archaic Lesbos, she lived in an aristocratic society in which the cultural distinctions between female and male were firmly demarcated.*)

³²⁸ Tal pressuposição acerca da existência de uma tradição de autoras femininas está presente, dentre outros trabalhos, em: SKINNER, Marilyn B. Woman and language in ancient Greece, or, why is Sappho a woman?, op.cit. SNYDER, Jane McIntosh. Public occasion and private passion in the lyrics of Sappho of Lesbos. In: POMEROY, Sarah B. (ed.). **Women’s history and ancient history**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1991. Para um artigo cujo objetivo é fazer uma crítica a esta pressuposição da existência de uma tradição poética feminina à parte ver: BOWMAN, Laurel. The ‘women’s tradition’ in Greek poetry, op. cit.

defendem³²⁹ estar presente nos fragmentos de Safo, acabou por constituir-se em, nada mais nada menos – como destaca Ellen Greene – que em: “[...] Uma das questões mais atraentes no âmbito da crítica à Safo durante as duas últimas décadas [...]”³³⁰, isto é, no decorrer das décadas de 1970 e 80. Ênfase claramente ligada às discussões de caráter feministas que, neste momento, se multiplicavam no âmbito acadêmico, sobretudo no sentido de – passado um primeiro momento de preocupação em incluir as mulheres, no sentido de equipará-las com respeito ao espaço ocupado pelos homens e suas produções culturais –, mais do que nunca, valorizar/ marcar positivamente as diferenças das mulheres e de suas produções com relação aos homens.

Da manutenção do predomínio de tal orientação de leitura, ainda hoje, quando o assunto é Safo, dá exemplo o livro relativamente recente da estudiosa Lyn Hatherly Wilson: *Sappho's sweetbitter songs. Configurations of female and male in ancient Greek lyric* (1996), cuja perspectiva de pesquisa centra-se inteiramente na procura por ressaltar esta especificidade, isto é, “[...] centra-se na diferença sexual. Ela traça uma comparação das músicas ou poemas de Safo com exemplos relevantes da poesia lírica ou outros, homens, autores que compuseram músicas entre o sétimo e o sexto séculos a.C.”³³¹

Entretanto, para além de uma característica central comum, é importante destacar que, quando comparados entre si, tais trabalhos estão longe de apresentarem uma homogeneidade na maneira de construir seus respectivos argumentos em prol de defender a particularidade da voz feminina de Safo. Pode-se mesmo dizer que, a partir da leitura de sua poesia encontram-se em alguma medida, traços mais ou menos marcados, de pelo menos duas posturas interpretativas presentes no âmbito da crítica literária – aqui

³²⁹ Neste sentido conferir, entre outros: SKINNER, Marilyn B. *Woman and language in ancient Greece, or, why is Sappho a woman?*, op.cit. SNYDER, Jane McIntosh. *Introduction: a women-centred perspective on Sappho. Lesbian desire in the lyrics of Sappho*, op. cit. STEHLE, E. *Romantic sensuality, poetic sense: a response to Hallet on Sappho* [1979]. In GREENE, Ellen (ed.). **Reading Sappho: contemporary approaches**. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 143-49; Da mesma autora: *Sappho's private world*. In FOLEY, Helene P. (ed.). **Reflections of women in antiquity**. Filadélfia: Gordon and Breach, 1992, p. 45-61.

³³⁰ GREENE, Ellen. *Apostrophe and women's erotics in the poetry of Sappho. Transactions of the american philological association (TAPA)*, vol. 124, 1994, p. 41-56. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acessado em: 03 mar. 2008, p. 41: “*One of most compelling issues in Sappho criticism during the last two decades has been the question of how Sappho's gender has shaped the nature of her poetry.*”

³³¹ WILSON, Lyn Hatherly. **Sappho's sweetbitter songs. Configurations of female and male in ancient Greek lyric**. Londres: Routledge, 1996, p. 1: “*My investigation centres on sexual difference. It features a comparison of Sappho's songs or poems with relevant examples of the lyric poetry of other, male, authors composing songs between the seventh and fifth centuries B.C.*”

mencionadas e caracterizadas no espaço do primeiro capítulo: 1- aquelas que se aproximariam – sem se valer diretamente - de uma tradição anglo-saxônica de interpretação, que se centram na defesa das diferenças mais explícitas presentes em um texto escrito por uma mulher (temas, estilos, gêneros), enquanto as toma como derivadas de uma experiência feminina que naturalmente tende a se refletir nos seus compostos “literários”³³² 2- aquelas que partindo de algumas reflexões efetivadas, sobretudo no âmbito francês – por isto caracterizadas como: *French Theory/French post-structuralism* (Teoria Francesa/Pós-estruturalismo Francês) - procuram em Safo um feminino mais sutil e ao mesmo tempo mais forte, por assim dizer, uma vez que dado por uma leitura semiótica que busca por em relevo sua linguagem feminina e que seria, portanto, mais fluida, polissêmica – chegando a apresentar mesmo um modo/modelo de subjetividade diferenciado que se faria presente no âmbito da sua poesia, sobretudo, através da relação homoerótica entre dois sujeitos que se apresenta em algumas delas.³³³

Por fim, uma vez consideradas todas estas controvérsias, cabe a pergunta: o que seria possível, afinal, dizer a respeito de Safo e de qualquer aspecto a ela relacionado?

Quanto à sociedade lésbica contemporânea à Safo aqui se defenderá a conjectura de que, em boa medida, deva ter sido igualitária. Hipótese que se defende pelo fato de que a existência de uma poetisa de tal excelência, necessariamente pressupõe que ela tenha recebido a mesma educação que os demais poetas no que diz respeito a um “complexo de práticas orais” (μουσική (*mousikē*))³³⁴. Sendo assim, não há porque se duvidar da possibilidade de que outras meninas da aristocracia lésbica tenham recebido a mesma

³³² Neste sentido ver: BOWRA, Cecil M., op. cit.. HUBER, Helena: El espacio del género en la poesía de Safo (16 VOIGT). In CABALLERO, Elisabeth; HUBER, Helena; RABAZA, Beatriz (comps.). **El discurso femenino em la literatura grecolatina**. Rosario: Homo Sapiens, 2001, p. 133-145.

³³³ Neste sentido ver, em especial, os trabalhos citados na nota 329, assim como: GREENE, Ellen. *Apostrophe and women's erotics in the poetry of Sappho*, op. cit.. WILSON, Lyn Hatherly. **Sappho's sweetbitter songs. Configurations of female and male in ancient Greek lyric**, op. cit.. WINKLER, John J. *Double Consciousness in Sappho's Lyrics. The constraints of desire: the anthropology of sex and gender in ancient Greece*. Londres: Routledge, 1990, p.162-187.

³³⁴ HAVELOCK, Eric A. Os gregos antes da escrita. **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais**, op. cit., p. 189. Havelock, ainda quanto à educação no âmbito da Grécia arcaica diz (p.190): “[...] a educação das classes ociosas, na Grécia, era oral. Consistia na memorização da poesia, na improvisação de versos, na declamação de versos, na declamação de prosa retórica com base em princípios pertinentes ao verso, na execução de instrumentos de corda ou de sopro (em madeira), canto e dança. Por longo tempo depois da invenção do alfabeto, as letras não eram incluídas, e quando foram introduzidas pela primeira vez, elas foram tratadas como auxiliares da memorização e da recitação. Existem provas abundantes de que, nos séculos VI e V a.C., esse currículo se designava, em Atenas, pelo termo *mousikē*, tal como acima foi definido; e não há prova convincente de que ele compreendia o ensino da leitura.”

educação que Safo - ainda que hoje nosso único testemunho de tal educação para esta sociedade e época seja a própria poesia desta.

Nesta perspectiva, é possível conjecturar mesmo, que Safo possa ter exercido uma função de educadora, por assim dizer, musical. Mas mais que isto, dada a função maior de preservação cultural/documental exercida pelas composições de caráter poético ao longo de uma cultura ainda eminentemente oral como a arcaica, isto é, a funcionar como “[...] mecanismo disponível [...] para a transmissão contínua de regras religiosas, políticas, legais e familiares [...]”³³⁵, é possível dizer que a poetisa e suas poesias tenham partilhado de uma função social “educativa” em um sentido bastante amplo.

Considerando, pois, a preservação das composições sáficas – ao lado de tantos outros poetas - a ponto de serem, muito tempo depois, escritas e editadas³³⁶; assim como uma outra observação do estudioso Eric Havelock, de que “[...] Comunicação verdadeiramente privada de informação preservável só se torna possível em condições de vigência de uma cultura letrada desenvolvida.”, é que neste trabalho se considera que as composições de Safo, muito provavelmente, estão longe de enunciar, uma voz feminina a veicular uma experiência meramente pessoal, ou ainda, uma experiência compartilhada apenas por um grupo segregado de mulheres. Devendo ser, assim como as demais, públicas.

Neste sentido, é que, aqui, considera-se difícil defender uma segregação absoluta do grupo de Safo, assim como uma função específica e feminina que estaria vinculada à prática poética da mesma - vinculada à religião, à educação, no sentido de preparação para o casamento, ou qualquer outro sentido que defina o grupo de Safo de uma forma mais particularizada se comparada a qualquer um dos demais poetas do arcaico. Sobretudo na medida em que se entende que tal perspectiva parte de uma preocupação que parece antes moderna que antiga: alocar a excepcional voz “feminina” de Safo – e que acaba por se refletir mesmo na utilização de uma série de diferentes denominações para definir o grupo

³³⁵ Ibid.

³³⁶ Neste sentido, vale à pena ainda considerar as seguintes observações de HAVELOCK, Eric A. O oral e o escrito: uma reconsideração. **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais**, op. cit., p. 25: “[...] Os fragmentos de que dispomos representam a obra daqueles poetas que tiveram a sorte de viver em época tardia o bastante para passar à escrita, e cujos escritos foram considerados dignos de preservação. [...] Para alcançar, em qualquer medida, o que chamamos de ‘publicação’, suas ‘obras’ deviam ser, não escritas, mas executadas *perante* audiências grandes ou pequenas, de que se tornavam participantes [...]. A fama do compositor, muitas vezes evocada como uma riqueza, tinha nesta circunstância o seu único fundamento.”

do qual a poetisa estaria à frente³³⁷: θίασος (*thíasos*(confraria)), ἑταιρεία³³⁸ (*hetaireía* (associação de camaradas)), μοισοπόλων οἰκία³³⁹ (*moisopólōn oikia* (casa das musas))³⁴⁰.

Por isto tudo, compartilha-se aqui, pois, da perspectiva exposta por Holt Parker de que:

Não há justificativa para impor com relação à Safo um grau maior de ritualismo, formalidade, ou institucionalização, que com relação a qualquer outro poeta. Safo tem um papel social – o de poeta. Desde que ela realiza as mesmas atividades que outros poetas, por que ela não é tratada da mesma maneira que todos os outros poetas?³⁴¹

Por fim, é com base em tudo o que foi dito até aqui – no sentido de destacar as controvérsias relativas à Safo ampliadas pelo fato de que se trataria ela de uma mulher, de uma voz feminina – é que aqui se propõe retirar a ênfase dada ao sexo/ gênero quando o objeto em foco é Safo e suas poesias. Não obstante, tal postura não deve ser tomada como sinônimo de uma busca por ignorar tal aspecto. Afinal, é inegável que se deparar com a existência de uma mulher poeta, isto é, uma poetisa cuja excelência no exercício da composição poética tem ganhado destaque desde a Antigüidade, trata-se de um fato capaz de colocar inúmeras e intrigantes questões; sobretudo no âmbito de uma área de estudos em que uma parte substancial da discussão em torno das mulheres por muito tempo girou em torno do *status* de reclusão das mulheres da alta sociedade ateniense do Período Clássico

³³⁷ Para breves comentários com relação a tal divergência terminológica para o suposto grupo de Safo ver: LANATA, Giuliana. *Sappho's Amatory Language*. In: GREENE, Ellen (ed.). **Reading Sappho: contemporary approaches**, op. cit., p. 14. Translated by William Robins. O artigo original italiano: “*Sul linguaggio amoroso di Saffo*”, traduzido de 1966, p. 14: “*The problem of the name with which to define the Sapphic circle does not seem truly essential.*” (O problema do nome pelo qual definir o círculo de Safo não parece verdadeiramente essencial).

³³⁸ O termo grego aparece três vezes no âmbito dos fragmentos de Safo aos quais temos acesso: frags. 126, 142, 169. Para um comentário cf.: LANATA, Giuliana, op. cit., p. 14.

reve comentário com relação a tal divergência terminológica para o grupo de Safo ver:

³³⁹ Tal termo aparece em um fragmento de Safo citado pelo filósofo grego Máximo de Tiro (II d.C.), *Orações* 18. 9. Cf. frag. 150: CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 160-161.

³⁴⁰ Para a tradução dos termos gregos (indicadas entre parênteses) tomou-se como referências: BAILLY, Anatole, op. cit. LIDELL, H., SCOTT, R.; JONES, H. S., op. cit.

³⁴¹ PARKER, Holt N. *Sappho Schoolmistress*, op. cit., p. 179: “[...] *there is no justification for imposing on Sappho a greater degree of ritual, formality, or institutionalization, than on any other (male) poet. Sappho has a social hole - it is that of poet. Since she does the same things that other poets, why she is not treated like all other poets?*”

(V-IV a.C.)³⁴² - uma vez mesmo que é para este período que se tem o maior número de documentos.

Sublinhando e criticando esta ênfase, entretanto, a proposta não é ignorar a excepcionalidade que os fragmentos de Safo representam: seja ao considerarmos o conjunto formado pelo material poético referente ao Período Arcaico grego do qual dispomos hoje, no âmbito do qual, para além dos compostos sáficos, não se tem nenhum outro registro referente a poetisas – embora se tenha para outros períodos; seja a excepcionalidade da existência de poesias cujo eu-lírico feminino se dirija a amadas do mesmo sexo; seja ainda a excepcionalidade de termos, a sugestão de um modelo de sociedade diversa – para além do ateniense clássico – que possibilita uma certa educação para as mulheres a ponto de torná-las referencial de excelência no fazer poético. O que se propõe de fato é evitar uma leitura que, privilegiando um aspecto único enquanto mais importante e, mais que isto, definidor do conteúdo e forma dos compostos, desconsidere a complexidade dialógica inerente a qualquer processo de criação – sublinhadas, aqui as particularidades já vistas referentes às formas orais antigas de composição, conservação e função, atreladas ao material poético do arcaico; assim como a noção de essência que é posta em jogo ao se partir de idéias que concebiam noções como identidades sexuais e/ou de gênero, a imiscuir-se como marca em toda e qualquer ação e criação dos sujeitos, confirmando-as – quando na verdade fazem parte de um constante processo de (re) construção.

II. 3- Tradição poética masculina *versus* tradição poética feminina?

Conforme já se mencionou de forma pontual no tópico anterior, uma idéia que acabou por se fazer bastante forte na esteira do predomínio dos trabalhos relativos à poética sáfica, preocupados em dar destaque à sua singularidade feminina, é aquela que – a partir, sobretudo, da consideração das particularidades presentes na poesia de Safo quando comparada a outros poetas, assim como da existência do nome de outras poetisas – pressupõe que no, âmbito da Grécia antiga, a voz de Safo representa nada mais que o exemplo de uma eminente voz feminina. Voz que poderia ser tomada, portanto, como testemunho do que teria sido uma tradição poética feminina que teria existido na Grécia

³⁴² KATZ, Marilyn A. Ideology and ‘the status of women’ in Ancient Greece, op. cit., p. 21-43.

antiga - pelo menos desde o Período Arcaico até o Helenístico³⁴³ - paralelamente à existência de uma tradição poética masculina, isto é, formada apenas por poetas.

Contudo, é bastante interessante verificar que, no âmbito da própria Antigüidade, as referências a que hoje se tem acesso e cujo conteúdo cita Safo ao lado de tantos outros poetas (como, para além de Homero que já citamos: Hesíodo³⁴⁴, Alcman³⁴⁵, Anacreonte³⁴⁶, Simônides³⁴⁷) – além de não sugerirem a idéia da existência de tais distintas tradições - não tendem em medida alguma a privilegiar sua condição sexual/ genérica como critério que estabeleceria alguma diferença, seja ela formal e/ou de conteúdo, de sua poesia com relação às composições poéticas dos demais autores. O que se verifica, é, com efeito, a constante presença de uma ênfase a sua excelência enquanto compositora feita valendo-se de critérios como: a exuberância (ἀνθηρας (*anthēras*)), a musicalidade (εὐμέλειαν (*eumēleian*))³⁴⁸, a eufonia (εὐέπεια (*euēpeia*)), o charme (χάρις (*kháris*)), entre outros, que estariam presentes de modo abundante e exemplar em sua poesia. E isto não parece sugerir, de maneira alguma, que se procurava minimizar, ou mesmo ignorar, o fato de que se tratava de uma mulher a compor; pois se assim fosse, não fariam sentido as abundantes comparações de Safo às Musas – divindades femininas apontadas/evocadas de forma inequívoca nos versos dos próprios poetas gregos como as responsáveis pela inspiração de seus cantos³⁴⁹.

Aliás, para além de tal postura concernente à Safo - a partir do epigrama que reproduz-se abaixo (atribuído a Antípatros de Tessalônica (I a.C.)) - pode-se supor que semelhante atitude se manteve no âmbito da Antigüidade com relação às demais poetisas. Muito embora - conforme informa Laurel Bowman, no artigo: “*The ‘Women’s Tradition’*”

³⁴³ SKINNER, Marilyn B. Woman and language in ancient Greece, or, why is Sappho a woman?, op.cit., p. 128, afirma: “[...] *Despite its patriarchal bent, Greek society nurtured a lively and continuous tradition of female authorship, extending from the Archaic age well into the Hellenistic period.*” (À despeito do seu pendor patriarcal, a sociedade grega nutriu uma tradição viva e contínua de mulheres autoras, cuja extensão vai da idade arcaica até o período helenístico).

³⁴⁴ test. 46 in: CAMPBELL, David A. (ed.), op. cit., p. 40-41.

³⁴⁵ test. 47, 48. Ibid., p. 40-43.

³⁴⁶ Idem. test. 51. Ibid., p. 44-45.

³⁴⁷ test. 48. Ibid. p. 42-43.

³⁴⁸ test. 42. Ibid., p. 36-39.

³⁴⁹ Neste sentido ver: **Ilíada**: II, 484-487; **Odisséia**: I, 1-10; **Teogonia**: 104-115. Cf., respectivamente: MURRAY, A.T.. (ed. trad.). **Homer. The Iliad I**. Books I-XII. Cambridge : Harvard University Press, 1988. (The Lobel Classic Library). **Homer. The Odyssey I**. Books I-XII. Cambridge : Harvard University Press, 1976. (The Lobel Classic Library). MAZON, Paul (ed. et trad.). **Hesíode : Théogonie, Les travaux e les jours, Le Bouclier**. Paris: Les Belles Lettres, 1944.

in Greek Poetry”³⁵⁰, cujo título evidencia a questão que se propõe a analisar – tal epigrama tem sido comumente tomado como testemunho, sobretudo por parte daqueles autores que defendem a existência de uma tradição poética feminina segregada com relação a uma tradição masculina. Segue o epigrama:

Τάσδε θεογλώσσους Ελικῶν ἔθρεφε γυναῖκας
ῥμνοις καὶ Μακεδῶν Πιερίας σκοπελός,
Πηγήϊλλαν, Μοιρώ, Ἄνύτης στόμα, θῆλυν Ὅμηρον,
Λεσβιάδων Σαπφῶ κόσμῳ ἐϋπλοκάμων,
Ἥρινναν, Τελέσιλλαν ἀγακλέα καὶ σέ, Κόριννα,
θοῦριν Ἀθηναίης ἀσπίδα μελψαμένην,
Νοσσίδα θηλύγλωσσον ἰδε γλυκυαχέα Μῦρτιν,
Πάσας ἀνάων ἐργάτιδας σελίδων.
Ἐννέα μὲν Μούσας μέγας Οὐρανος, ἐννέα δ’ αὐτὰς
Γαῖα τέκεν θνατοῖς ἄφθιτον εὐφροσύναν.

Estas mulheres de divinas palavras o Hélicon nutriu com hinos
Assim como o rochedo macedônio de Piéria,
Praxila, Moiro, a eloqüente Anite, Homero feminino,
Safo, ornamento das lésbias de belos cachos,
Erina, a muito ilustre Telessila e tu Corina,
que cantas o impetuoso escudo de Atena,
Nóssis, de femininas palavras, e Mirtes, doce de ouvir,
Todas compositoras de breves e eternos escritos.
Nove Musas do grande Urano, e nove mesmas
Gaia gerou para imperecível contentamento dos mortais.³⁵¹

No entanto, além deste epigrama, – conforme informa ainda a mesma autora supracitada³⁵² - o argumento mais contundente que tem sido apontado como testemunho da constituição de uma tradição poética especificamente feminina no âmbito da Grécia antiga, por parte dos trabalhos que a defendem ou simplesmente a pressupõem, é aquele que se pretende construir a partir da constatação de que: no âmbito das poesias cuja composição é atribuída a uma mulher, poder-se-ia encontrar claramente o predomínio, senão de temas e preocupações, ao menos de perspectivas especificamente femininas.

Contudo, o problema de tal argumento é que, em prol de defender a existência de uma tradição segregada de poetisas femininas, por um lado tende a ignorar o fato de que – mesmo apenas valendo-se de uma pequena e fragmentária amostra que temos de composições cuja autoria remeta às mulheres - pode-se observar que tal poesia não “[...] se

³⁵⁰ BOWMAN, Laurel. The ‘women’s tradition’ in Greek poetry, op.cit., p. 7-9.

³⁵¹ *Anth. Pal.* 9.26: WALTZ, Pierre (ed.). **Anthologie Grecque. Première Partie - Antologie Palatine, tome VII (livre IX, épigr. 1-358)**, op. cit., p. 11-12.

³⁵² BOWMAN, Laurel. The ‘women’s tradition’ in Greek poetry, op.cit., p. 9-10.

foca sempre nas ‘preocupações das mulheres’, nem exhibe abordagens ou modos subjetivos sensivelmente diferentes daqueles da poesia de autoria masculina. E que mesmo quando o faz, tais similaridades não precisam ser atribuídas à participação em um grupo de tradição feminina segregada.”³⁵³ E, por outro, – devido ao estado e escassez dos fragmentos cuja autoria remete às demais poetisas para além de Safo – tende a ser fortemente pautado em Safo e nos fragmentos da poetisa em que tal predomínio da presença de uma especificamente feminina se daria - em detrimento da consideração de outros traços presentes nos mesmos.

Além disso, Laura Bowman destaca o nada desprezível fator de que, a busca da defesa da existência de uma tradição segregada de poetisas femininas na Grécia antiga - presente de forma bastante persistente, sobretudo no âmbito dos trabalhos que se dedicaram a comentar os fragmentos poéticos de Safo – exporia, antes de tudo e de forma contundente, o fato de que os mesmos teriam sido “[...] fortemente influenciados pelo excelente trabalho feito na década de 1980 por leitoras das poetisas e romancistas femininas do século XIX - e do começo do século XX”³⁵⁴. Pesquisas que – na esteira das preocupações de ordem feminista cada vez mais presentes no âmbito acadêmico - estavam preocupados em, por um lado, criticar o fato de que a história literária até então, centrada que fora nos autores do sexo masculino, apreendera os escritos de tais mulheres estritamente: seja na perspectiva de detectar a influência que seus trabalhos teriam sofrido por parte dos autores do sexo masculino, ou ainda pelas influências que os trabalhos das mesmas exercera nos trabalhos daqueles autores. Para, por outro, propor o desenvolvimento de pesquisas que privilegiassem a influência que as próprias mulheres enquanto autoras também exerceram umas sobre as outras. Todavia, quanto à pertinência limitada de tal perspectiva de trabalho, a autora observa:

A existência de mulheres artistas nos séculos dezoito e dezenove é, contudo, facilmente verificável. Um estudo sobre a influência delas sobre autoras posteriores é feita possível, e de fato imperativa, pela disponibilidade de seus trabalhos, e de passagens dos seus diários e correspondências que mencionam a influência de mulheres predecessoras. Uma coisa é restaurar ao seu lugar próprio em uma tradição literária romancistas e poetisas que são conhecidas por terem

³⁵³ BOWMAN, Laurel. The ‘women’s tradition’ in Greek poetry, op.cit., p. 9: “[...] *Female-authored poetry does not [...] always focus on ‘women’s concerns’, nor does it display approaches or subjective modes differing appreciably from those of male-authored poetry. Even when it does, these similarities need not be attributed to participation in a segregated female poetic tradition.*”

³⁵⁴ Ibid., p. 4: “[...] *strongly influenced by the excellent work done in the 1980s by readers of nineteenth – and early twentieth – century female poets and novelists.*”

existido e cujos trabalhos tenham comprovadamente, tanto por evidências internas e dados biográficos, influenciado autoras posteriores. Outra coisa é assumir uma tradição literária para quem não temos tal evidência, a fim de vincular a mesma às artistas que de fato sobreviveram e assim explicar seus trabalhos. Este último caminho corre o risco, entre outros, de guetizar e trivializar o que sobreviveu da poesia escrita por mulheres.³⁵⁵

Nesta perspectiva, cabe uma pergunta: no caso da Grécia antiga - diante da escassez de materiais com os quais se pode contar e cuja autoria é atribuída a uma mulher, carência esta que torna impossível a tarefa de aí detectar de forma contundente: sejam traços de uma especificidade temática e de abordagem femininas, seja de uma influência entre uma e outra; somada ainda ao fato de que, sobre as poetisas cujos nomes e fragmentos temos hoje acesso, pouquíssimo se sabe sobre o contexto social de produção - parece mesmo plausível sustentar o argumento da existência de uma tal tradição especificamente feminina? Defender-se-á aqui que não. O que não quer dizer que, por outro lado, exclui-se aqui a possibilidade de que uma tradição de compositoras, marcadas por particularidades resultantes de influências mútuas, tenha existido. A hipótese da segregação, entretanto, parece bem mais indefensável, uma vez que o que se pode constatar é que:

[...] Todas as poetisas cujos trabalhos sobreviveram foram fortemente influenciadas por seus predecessores do sexo masculino. Todas as poetisas cujos trabalhos sobreviveram têm mais em comum com seus contemporâneos do sexo masculino do que com qualquer predecessora. As poetisas cujo trabalho nós conhecemos foram, sem exceção, bem educadas no cânone poético da tradição poética pública predominantemente formada por autores do sexo masculino, e aludem e respondem a eles nos seus próprios trabalhos.³⁵⁶

A partir desta consideração, e levando-se em conta que é a constatação de uma tal influência entre os poetas que,

³⁵⁵ Ibid., p. 5: “[...] *The existence of female artists in the eighteenth and nineteenth centuries is, however, easily verifiable. A study of their influence on later female authors is made possible, and in fact imperative, by the availability of their work, and of passages from their diaries and correspondence that mention the influence of female predecessors. It is one thing to restore to their proper place in a literary tradition novelists and poets who are known to have existed and whose work has demonstrably, both by internal evidence and biographical data, influenced later authors. It is another to assume a literary tradition for which we do not have such evidence, in order to attach to it the family artists who do survive and explain their work thereby. The latter course runs the risk, among others, of ghettoizing and trivializing what women’s poetry has survived.*”

³⁵⁶ Ibid., p. 21: “[...] *All female poets whose work has survived were strongly influenced their male predecessors. All female poets whose work has survived have more in common with their male contemporaries than with any female predecessor. The female poets whose work we have were, without exception, well educated in the canonical poetry of the predominantly male-authored public poetic tradition, and allude and respond to it in their own work.*”

[...] cria uma tradição poética, e apenas a demonstração de tal influência constitui a demonstração de uma tradição. Similaridades de localidade, era ou sexo dos poetas não fazem por elas mesmas uma tradição poética, embora possam aumentar a chance de que ela tenha existido.³⁵⁷

Pretende-se, pois, propor no espaço desta dissertação, a realização de uma leitura que mantenha uma perspectiva “intertextual”, de forma a evitar que se privilegie qualquer aspecto particular da identidade daquele/daquela que o compôs – perspectiva esta, ademais, particularmente ligada a uma necessidade crescente de responder, sobretudo, a certas inquietações de cunho feminista.

Postura interpretativa que se reforça como defensável, além disto, ao se levar em conta – assim como já se argumentou aqui especificamente com relação à Safo – que, o próprio fato de que fragmentos de algumas poetisas tenham sobrevivido por tanto tempo dentro/ao lado de tantos outros trabalhos compostos por homens, ainda que em menor número, contribui fortemente para que se conjecture a favor do contexto público em que os compostos das mesmas tenham sido também produzidos e perpetuados. Afinal, seria bastante complicado imaginar um mecanismo persuasivo capaz de perpetuar a transmissão de poesias compostas no âmbito de grupos verdadeiramente segregados³⁵⁸.

Por tudo o que foi considerado até aqui, pois, é que se conclama a se tomar como possibilidade mais plausível a perspectiva que assume que “[...] As poetisas cujos trabalhos sobreviveram funcionavam como parte da tradição poética pública, influenciada por elas e em contrapartida influenciando tanto os sucessores do sexo masculino quanto do sexo feminino”.³⁵⁹

³⁵⁷ Ibid., p. 2: “[...] *Influence between poets creates a poetic tradition, and only demonstration of such influence constitutes demonstration of a tradition. Similarities in location, era or sex of the poets do not in themselves make a tradition, though they may increase the likelihood that one existed.*”

³⁵⁸ Ibid., p. 2: “[...] *Given how little ancient poetry has survived to our day, it is probable that many artistic traditions flourished and died in the ancient world without leaving a trace for the modern audience. Only a few examples now survive even of very popular, well-founded, and publicly-performed art forms, as for example tragedy. An orally-transmitted poetic tradition confined to a community largely segregated from the public world, such as the subculture of Greek women, would be unlikely to have left much evidence of its existence.*” ([...] Dado quão pouco da poesia antiga sobreviveu para os nossos dias, é provável que muitas tradições artísticas floresceram e morreram no mundo antigo sem deixar traço algum para a audiência moderna. Apenas poucos exemplos agora sobrevivem mesmo das formas de arte mais populares, bem-fundadas, e de performance pública, como por exemplo a tragédia. Uma tradição poética oralmente transmitida confinada a uma comunidade largamente segregada do mundo público, tal como a subcultura de mulheres gregas, dificilmente teria deixado muitos rastros da sua existência.

³⁵⁹ Ibid., p. 22: “[...] *The female poets whose works has survived functioned as part of the public poetic tradition, influenced by it and in turn influencing both male and female successors.*”

CAPÍTULO III

Ensaio reflexivo a partir dos fragmentos 1, 16, 44 e 94:

III. 1- Breves considerações acerca da transmissão dos fragmentos poéticos de Safo de Lesbos:

Na medida em que neste capítulo, pretende-se apresentar, traduzir e ensaiar algumas reflexões a respeito de quatro - dentre os pouco mais de duzentos - fragmentos que compõem o *corpus* de Safo o qual chegou até o presente, entende-se que se faz pertinente tecer alguns breves comentários: em primeiro lugar, de ordem mais geral, acerca da transmissão do conjunto de fragmentos aos quais temos acesso hoje; em segundo lugar, de ordem mais particular, acerca das fontes dos fragmentos que serão aqui comentados. Explicando ainda, de antemão, que - embora tenham sido consultadas outras edições³⁶⁰ a conter o texto grego, traduções e comentários sobre fragmentos de Safo - os textos gregos dos fragmentos que serão aqui apresentados foram tomados da edição feita por David Campbell: *Greek lyric I - Sappho and Alceus*.³⁶¹

Nesta perspectiva, é importante frisar que, muito embora - como já mencionado na introdução desta dissertação, aquela que é apontada como a primeira edição moderna e “completa” dos fragmentos poéticos de Safo de Lesbos, é a publicação realizada em parceria pelos estudiosos ingleses Edgar Lobel e Denys Page, no ano de 1955: o *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*³⁶². Fato é, que a mesma é precedida por algumas outras publicações³⁶³ - destacando-se entre elas uma edição realizada no ano de 1925 pelo próprio Edgar Lobel, agora sem parceria, intitulada: ΣΑΠΦΟΥΣ ΜΕΛΗ. *The fragments of the lyrical poems of Sappho*.³⁶⁴

³⁶⁰ FONTES, Joaquim Brasil (trad.). **Poemas e Fragmentos de Safo de Lesbos**. São Paulo: Iluminuras, 2003. REINACH, Théodore ; PUECH, Aimé (ed. et trad.). **Alcée, Sappho**. 5^{ème} ed. Paris: Belles Lettres, 1989.

³⁶¹ CAMPBELL, D. A. (ed.). **Greek lyric I - Sappho and Alceus**. 3rd ed. Cambridge: Harvard University Press, 1994. (The Loeb Classical Library).

³⁶² LOBEL, Edgar; PAGE, Denys (eds.). **Poetarum Lesbiorum Fragmenta**. Oxford: Clarendon Press, 1955.

³⁶³ Uma lista trazendo o nome de nove edições - dentre elas a edição de 1925 de Lobel - e cujas datas situam-se entre os anos de 1882 e 1925, pode ser encontrada na introdução presente em: REINACH, Théodore ; PUECH, Aimé (ed. et trad.), op. cit., p. 184-185.

³⁶⁴ LOBEL, Edgar (ed.). ΣΑΠΦΟΥΣ ΜΕΛΗ. *The fragments of the lyrical poems of Sappho*. Oxford: Clarendon Press, 1925.

Mencionado isto, a esta altura, torna-se premente informar, portanto, os tipos de fontes antigas em que estes editores modernos se basearam para realizar suas compilações. Tais fontes podem ser divididas em dois grupos: por um lado aquele formado por “[...] restos de rolos e livros, geralmente de papiro, algumas vezes de velo; que eram correntes no Egito durante a Antigüidade tardia”³⁶⁵, e por outro: “[...] citações preservadas em antigos autores, gramáticos, metricistas, comentaristas, e as demais”³⁶⁶.

Sendo importante ressaltar ainda com relação a tais manuscritos, a distância temporal que os separa do período de provável composição do material que conservam (VII-VI a.C.)³⁶⁷: o mais recente dentre estes podendo ser datado do primeiro século da nossa era, ao passo que o mais antigo seria do sexto ou do sétimo século d.C.³⁶⁸. Uma vez que tal espaço temporal tornaria altamente incontestável a observação feita pelo estudioso Edgar Lobel, de que, muito provavelmente, o conteúdo conservado de nenhum destes textos estaria isento de algum grau de deformação³⁶⁹. Modificações às quais, ademais - a partir do momento que aqui se considera que os poemas sáficos teriam sido compostos e por muito tempo transmitidos, por via eminentemente oral – tais compostos teriam sido necessariamente, inúmeras vezes submetidos, logo após o momento de sua primeira *performance*, assim como, muitas vezes, o seria ainda depois de sua presumida primeira edição (III a.C.).

Por fim, como a grande maioria dos fragmentos de Safo – como confirmam os que serão aqui apresentados e brevemente comentados (1, 16, 44, 94) – tem seu acesso possibilitado por via dos papiros descobertos no Egito, particularmente na cidade de Oxirrinco, considera-se aqui importante tecer um breve comentário acerca dos mesmos, a começar pelo contexto de seu descobrimento. Contexto este que remete ao final do século XIX, pois, “[...] Apesar do início das escavações no Egito ter acontecido bem antes,

³⁶⁵ LOBEL, Edgar (ed.), op. cit., p. ix: “[...] *remains of rolls and books, usually of papyrus, sometimes of vellum; which were current in Egypt in later antiquity.*”

³⁶⁶ Ibid.: “[...] *quotations preserved in ancient authors, grammarians, metricians, commentators, and the rest.*”

³⁶⁷ Ibid., p. xiii: “*Between the composition of the poems of Sappho and Alcaeus and the date of the earliest manuscript of them that we now possess over six hundred years must have elapsed. Of the vicissitudes they suffered during all that period we are desperately ignorant.*” ([...] Entre a composição dos poemas de Safo e Alceu e a data do manuscrito mais recente deles que agora possuímos, mais de seis séculos devem ter decorrido).

³⁶⁸ Ibid., p. xvii.

³⁶⁹ Ibid., p. xviii.

somente a partir do ano de 1890 se abriu ‘a grande era dos papiros, com a descoberta pelo Prof. Flinders Petrie de papiros do século III a.C. na cartonagem de múmias’³⁷⁰,³⁷¹ Conjunto de papiros dentre o quais cerca de 17 trariam fragmentos de poemas de Safo, e cujo contexto de produção, por sua vez, remete “[...] mais freqüentemente ao II ou III século de nossa era; às vezes ao VI ou VII”³⁷².

E se, por um lado, somente a partir da descobertas dos papiros supracitados, reconhece-se o fato de que “[...] Safo foi favorecida [...] e sua obra sofreu acréscimo significativo, o que não aconteceu, infelizmente, com todos os autores antigos”³⁷³. Tal acréscimo deve muito de sua efetivação como texto acessível, uma vez que editado, ao trabalho realizado pelo estudioso inglês mencionado anteriormente: Edgar Lobel³⁷⁴.

Feitas, pois, estas observações de caráter mais geral, apontar-se-ão, brevemente, as fontes antigas que fizeram possíveis as edições dos fragmentos: 1, 16, 44 e 94, tais quais estes serão aqui apresentados³⁷⁵. Uma vez que se toma como cuidado de suma importância ter em permanente perspectiva, o fato de que representam o produto de um trabalho filológico de reconstrução textual empreendido pelos estudiosos, a partir do cuidadoso processo de cotejo de, em geral, mais de uma das fontes antigas pertencentes aos dois grupos anteriormente mencionados.

Para o fragmento 1 - considerado o único fragmento completo a que hoje se tem acesso - temos duas fontes substanciais. A primeira advinda de uma sua citação integral feita no âmbito de um tratado que pode ser datado por volta dos séculos I a.C: *Sobre o*

³⁷⁰ KENION, F. G. Greek papyri and classical literature. **Journal of Hellenic Studies**, 39, 1999, p. 2. Apud RAGUSA, Giuliana. **Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 46.

³⁷¹ RAGUSA, Giuliana, op. cit.

³⁷² REINACH, Théodore ; PUECH, Aimé (ed. et trad.), op. cit., p.185 : « [...] *le plus souvent au II^e ou au III^e siècle de notre ère; parfois au VI^e ou au VII^e.* ». Willis, por sua vez, informa mais precisamente : “[...] do total de 17 papiros encontrados da poeta, 15 concentram-se no período romano – 10 são do século II d.C. e 5 do século III d.C. – e outros 2, no bizantino, precisamente no século VII d.C.” WILLIS, W. H. A census of the literary papyri from Egypt. **Greek, Roman & Byzantine Studies**, 9, 1958, p. 230. Apud RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 49

³⁷³ RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 47.

³⁷⁴ WILLIS, W.S. Apud RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 49, observa: “Não somente a incidência de apenas um ou dois papiros de um autor testemunhará o mero acaso, o acidente, mas entre os autores de maior sobrevivência [de papiros] a nossa relativa freqüência terá sido arrancada do tempo por quaisquer esforços especiais para procurar e publicar todos os textos de um autor de interesse particular. Tal é o caso daqueles poetas de interesse especial para o professor Lobel – Hesíodo, Arquíloco, Alcman, Alceu e Safo, Píndaro, Baquilides, Ésquilo e Calímaco.”

³⁷⁵ Para um aparato crítico mais detalhado relativo às fontes de cada um destes fragmentos cf.: REINACH, Théodore ; PUECH, Aimé (ed. et trad.), op. cit.

arranjo das palavras, de autoria de Dionísio de Halicarnasso – na esfera do qual é citado como exemplo de composição polida (γλαφυράς(*glaphurás*)) e exuberante (ἀνθηράς (*anthēras*))³⁷⁶. A segunda é representada pela presença de fragmentos dos versos 1-21 que são encontrados no corpo de um papiro cuja datação provável é do século II d.C. (Papiro de Oxirrincó nº 2288)³⁷⁷. Sobre este poema vale dizer, ainda, que os estudiosos presumem que teria sido o primeiro texto presente no livro I da edição Alexandrina dos poemas de Safo³⁷⁸.

Aos versos que compõem o fragmento 16 – que também teria composto o primeiro livro da edição supracitada³⁷⁹ - temos como principal fonte um outro papiro cuja datação provável também remete ao século II d.C. (Papiro de Oxirrincó nº 1231)³⁸⁰.

Para o fragmento 44, por sua vez, temos como fontes principais dois papiros: um pertencente ao século III d.C. (Papiro de Oxirrincó nº 1232)³⁸¹ e o outro ao século II d.C. (Papiro de Oxirrincó nº 2076)³⁸². Tal poema teria feito parte do *corpus* que comporia o segundo livro da edição Alexandrina de Safo³⁸³.

Por fim, para o fragmento de número 94 - que teria feito parte do conjunto de cantos que formam o quarto³⁸⁴/quinto³⁸⁵ livro da edição Alexandrina para os poemas de Safo -, temos como principal fonte também um papiro (nº 9722.2)³⁸⁶.

III. 2 – Traduções³⁸⁷ e comentários dos fragmentos 1, 16, 44 e 94:

Ποικιλόθρον' ἀθανάτ' Αφροδιτα,
παῖ Δίος δολόπλοκε, λίσσομαί σε,

³⁷⁶ Citado em CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 52-55.

³⁷⁷ Cf.: LOBEL, Edgar. **The Oxyrhynchus papyri – Part XXI**. Londres: Egypt Exploration Society, 1951.

³⁷⁸ Para tal atribuição cf.: LOBEL, Edgar (ed.). ΣΑΠΦΟΥΣ ΜΕΛΗ, op.cit., p. 14-15. LOBEL, Edgar; PAGE, Denys (eds.), op. cit., p. 2-3. CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 53.

³⁷⁹ Ibid.

³⁸⁰ Cf.: GRENFELL, Bernard P.; HUNT, Arthur S. **The Oxyrhynchus papyri – Part X**. Londres: Egypt Exploration Fund, 1914.

³⁸¹ Idem.

³⁸² Cf.: HUNT, Arthur S. **The Oxyrhynchus papyri – Part XVII**. Londres: Egypt Exploration Society, 1927.

³⁸³ Para tal atribuição cf.: LOBEL, Edgar (ed.). ΣΑΠΦΟΥΣ ΜΕΛΗ, op.cit., p. 20-22. LOBEL, Edgar; PAGE, Denys (eds.), op. cit., p. 36-37. CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 53.

³⁸⁴ Atribuído como pertencente ao quarto livro: CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 53.

³⁸⁵ Atribuído como pertencente ao quarto livro: LOBEL, Edgar (ed.). ΣΑΠΦΟΥΣ ΜΕΛΗ, op.cit., p. 42-44. LOBEL, Edgar; PAGE, Denys (eds.), op. cit., p. 94.

³⁸⁶ Cf.: GRENFELL, Bernard P.; HUNT, Arthur S. **Berliner Klassiker Texte, V, 2**.

³⁸⁷ As traduções que serão apresentadas aqui têm como pretensão proporcionar um acesso, minimamente claro em língua portuguesa, ao conteúdo veiculado pelo texto grego.

μή μ' ἄσαισι μηδ' ὀνίαισι δάμνα,
πότνια, θυμόν,

ἀλλὰ τυίδ' ἔλθ', αἶ ποτα κατέρωτα
τάς ἔμας αὔδας αἰοῖσα πήλοι
ἔκλυες, πάτρος δὲ δόμον λίποισα
χρῦσον ἦλθες

ἄρμ' ὑπασδεύξαισα· κάλοι δέ σ' ἄγον
ᾠκεες στρουῦθοι περὶ γᾶς μελαίνας
πύκνα δίννετες πτέπ' ἀπ' ὠράνωϊθε-
ρος διὰ μέσσω,

αἶψα δ' ἐξίκοντο· σὺ δ', ᾧ μάκαιρα,
μειδιαίσαι ἄθανατω προσώπω
ἦρε' ὅτι δηῦτε πέποντα κῶττι
δηῦτε κάλλημμι,

κῶττι μοι μάλιστα θέλω γένεσθαι
μαινόλα θυμό· τίνα δηῦτε πείθω
ἂψ σ' ἀγην ἐς Ἔαν φιλότατα; τίς σ', ᾧ
Ψάπφ', ἀδικήει;

καὶ γὰρ αἶ φεύγει, ταχέυς διώξει·
αἶ δὲ δῶρα μὴ δέκετ', ἀλλὰ δώσει·
αἶ δὲ μὴ φίλει, ταχέυς φίλήσει
κωὺκ ἐθέλοισα.

ἔλθε μοι καὶ νῦν, χαλέπαν δὲ λῦσον
ἐκ μερίμναν, ὅσα δέ μοι τέλεσσαι
θυμός ἱμέρρει, τέλεσον· σὺ δ' αὐτὰ
σύμμαχος ἔσσο.³⁸⁸

Em trono de cores variadas, ó imortal Afrodite,
filha de Zeus, tecelã de tramas, eu te suplico,
não me domes com desgostos e tormentos,
Soberana, o coração,

³⁸⁸ CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 52,54.

Mas vem aqui, ainda uma vez como no passado
a minha voz ouvindo de longe
aliviaste, e deixando a casa do teu pai
coberta de ouro viestes

em uma carruagem atrelada: belos passarinhos
velozmente te conduziam em torno da terra negra
juntos batendo as asas num turbilhão de vento pelo céu
atravessando

Prontamente chegaram. E tu, ó venturosa,
com um doce sorriso na face imortal,
perguntaste por que de novo eu sofria
e por que de novo eu chamava;

e o que eu mais desejo que para mim aconteça
no insano coração: Quem de novo devo persuadir
ao teu amor? Quem,
ó Safo, te tortura?

Pois se ela foge, tão logo perseguirá;
se não recebe presentes, logo os dará;
e se não ama, tão logo amará,
querendo ou não.

Vem até mim agora, das tormentas liberta-me
e das inquietações, e tudo quanto realizar
meu coração deseja, realiza; e tu mesma
sê minha aliada nas lutas.

Considerado o único fragmento de Safo cujas fontes permitem o acesso ao seu conteúdo completo – muito embora para ele também haja uma série de problemas de reestabelecimento textual –, não por acaso o fragmento 1 tem sido um dos mais citados e avaliados no âmbito dos trabalhos que se dedicaram a comentar a poesia sáfica. E se dentre estas leituras há espaço para as mais variadas ênfases com relação aos aspectos formais e de conteúdo apresentados pelo mesmo, não obstante persistem como um consenso as observações elogiosas quanto à beleza de sua construção como composição – destacada beleza ao qual muito provavelmente aliás, este fragmento deve sua sobrevivência na forma de citação integral no âmbito daquela que seria sua principal fonte de acesso: *Sobre o arranjo das palavras*, de autoria de Dionísio de Halicarnasso (I a.C.).

No que se refere a esta composição é possível apontar ainda um outro consenso: sua identificação como uma prece de caráter religioso, uma ode, um hino - ao que deve o título com que, por vezes, é referido: Hino/Ode a Afrodite; mais especificamente um hino clético (κλητικός (*klētikós*)), isto é, “[...] uma prece na qual se invoca um deus para instá-lo a sair do local em que se encontra e vir à presença de quem chama.”³⁸⁹. Muito embora um único comentário destacado do âmbito da crítica moderna com relação a esta definição para tal composição de Safo - tal como o feito por Kirkwood, de que a mesma tratar-se-ia do “[...]‘ único exemplo que nós temos dentro da lírica monódica de um hino clético.’”³⁹⁰ - é, por si só, capaz de sugerir que com relação a este, como ademais, para qualquer composto cuja autoria é atribuída à poetisa de Lesbos, as dificuldades de leitura e quaisquer definições vêm-se sempre multiplicadas por alguma particularidade que invariavelmente as caracteriza.

Dificuldades estas que, se na asseveração supracitada, devem-se ao fato de que sua particularização é posta a partir do momento em que Kirkwood, partindo do pressuposto de que as composições de Safo classificar-se-iam todas como líricas monódicas, acaba por opô-las à grande parte dos hinos cléticos atribuídos aos demais autores – uma vez que estes últimos são interpretados como entoados por um coro e não por uma única voz³⁹¹; na verdade deve ser tomada apenas como um exemplo de como todo um corolário de problemáticos outros pressuposto que acompanham as interpretações relativas à Safo e seus fragmentos – e que aqui se defende serem sobretudo gerados por uma exacerbada preocupação com a excepcionalidade relativa ao sexo da autora/ ou ao gênero feminino que se faz presente na poesia –, acabam por trazer inúmeras complicações para o exercício de abordá-las.

³⁸⁹ RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 264. Para uma informação antiga de Safo como compositora deste tipo de hino ver: Menander, *On Display Oratory*, test. 47. In: CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 40-41.

³⁹⁰ KIRKWOOD, G. M. **Early Greek Monody: the history of a poetic type**. Ithaca: Cornell University Press, 1974, p. 111. Apud WILSON, Lyn Hatherly. *Sappho's sweetbitter songs. Configurations of female and male in ancient Greek lyric*. Londres: Routledge, 1996, p. 22: “ ‘one example we have in monodic lyric of the cletic hymn’.”

³⁹¹ Muito embora BOWRA, Cecil. M. **Greek lyric poetry: from Alcman to Simonides**. Oxford: Clarendon University Press, 2000, p.6, observe: “[...] *A υμνους, or hymn to the gods, could be sung by a choir, as in Pyndar's Hymns, or by a single person, as it must have been in some Hymns os Alcaeus and Sappho.*” (Um υμνους, ou hino aos deuses, poderia ser cantado por um coro, como nos Hinos de Píndaro, ou por uma única pessoa, como deve ter sido em alguns Hinos de Alceu e Safo).

Postura esta que, portanto, poderia ser exemplificada através de outras tantas observações pontuais - por sua vez acompanhadas por outros tantos discutíveis pressupostos - que fazem com que a definição deste hino de Safo, como simplesmente “clético”, não pareça suficientemente consensual. Neste sentido, pode-se citar uma outra observação feita pelo classicista inglês Cecil M. Bowra de que este hino sáfico, em oposição à maior parte dos hinos cléticos,

[...] não é um poema público, mas privado, não um hino para um festival, mas um apelo pessoal de Safo para sua deusa. Mais tarde, claro, Safo deve tê-lo feito conhecido para outros, mas o humor e a situação da qual ele narra concerne a ninguém mais, mas a ela mesma e à Afrodite.³⁹²

Interpretação que, se da maneira pela qual aparece em Bowra, é questionável, o é na medida em que parte de pelo menos dois pressupostos bastante problemáticos - colocados como elementos capazes de particularizar a leitura deste hino de Safo. O primeiro – brevemente discutido no capítulo anterior - de que a poetisa comporia no âmbito de um círculo segregado e formado exclusivamente por meninas. O segundo corresponde à assimilação entre o eu-lírico e o eu-sujeito do seu compositor – também aqui já discutido – e que o leva a afirmar que a prece aí enunciada tratar-se-ia de uma súplica pessoal de Safo. Porém, não obstante estas observações iniciais particularizadoras de tal composto, fato é que a sua interpretação como um “hino clético” pode ainda ser apontada como um importante consenso no âmbito dos trabalhos nos quais é comentado, devido a um fator central invariavelmente destacado quanto ao mesmo: o reconhecimento da sua adequação ao que seria uma estrutura formal comum às demais composições caracterizadas como pertencentes a este mesmo gênero.

Aliás, de tal reconhecimento quanto a uma sua inegável adequação interna e externa aos requisitos³⁹³, isto é, às características capazes de conferir a um composto poético o reconhecimento como um hino, são testemunhos os comentários do supracitado classicista inglês com relação ao fragmento 1. Para tanto este autor – lançando mão de apontamentos pontuais de hinos cléticos que estariam presentes no *corpus* de outros poetas como, por

³⁹² BOWRA, Cecil M., op. cit., p. 199: “*This is not a public but a private poem, not a hymn for a festival but a personal appeal from Sappho to her goddess. Later of course Sappho must have made it known to others, but the mood and the situation of which it tells concern nobody but herself and Aphrodite.*”

³⁹³ *Ibid.*, p. 204: “[...] *The requirements of a prayer are observed both internally and externaly.*” ([...] os requisitos de uma oração são observados tanto internamente quanto externamente).

exemplo, na *Ilíada*³⁹⁴ de Homero, em prol de possibilitar o estabelecimento de um padrão comparativo mínimo - se por um lado, conforme se viu acima, marcará algumas particularidades associadas ao mesmo; na medida em que as atribui como fator causa, uma interferência subjetiva maior e individual que Safo se permitiria transmitir via sua poesia, Bowra acaba por minimizar a importância de tais diferenças frente aos seus traços normais como hino³⁹⁵.

Assim procedendo, portanto, é que por outro lado, o autor põe-se a destacar que para este hino clético sáfico, semelhantemente aos demais, podem ser distinguidas pelo menos três partes que de fato tornam lícita sua caracterização como tal: 1- Invocação: que corresponde à primeira estrofe do fragmento sáfico e caracteriza-se, de uma maneira geral, pela presença da invocação inicial a um deus – cujo nome deve vir acompanhado de epítetos e alusões a seus poderes; 2-Sanção: elemento que corresponde à alusão, por parte daquele que suplica – como elemento credenciador do merecimento que, ainda uma vez, teria de ter atendido também ao pedido que agora faz – às outras vezes que, no passado, o mesmo deus a quem invoca no presente o teria atendido; e que no fragmento sáfico abrange a maior parte do poema: nada mais nada menos do que as cinco estrofes que seguem a primeira. 3-Súplica: parte que no fragmento sáfico corresponde apenas à última estrofe e, na qual quem suplica expõe/reitera ainda uma vez o que deseja ver realizado.

Contudo, conforme já se afirmou, tal observação quanto a uma adequação formal deste hino de Safo faz-se também destacada no âmbito de outros tantos trabalhos bem posteriores ao do classicista inglês mencionado. Disto são capazes de dar testemunho apenas algumas breves observações feitas por Jane Snyder, no seu artigo “*Public occasion and private passion in the lyrics of Sappho of Lesbos*” quando considera que: “[...] o Hino à Afrodite [...] é escrito por imitação da forma padrão de uma prece grega.”³⁹⁶, ou ainda ao

³⁹⁴ Il. 16.233-8. BOWRA, Cecil. M., op. cit., p. 200.

³⁹⁵ Ibid., p. 200: Ao comentar quanto à adequação do fragmento de Safo ao que se espera da estrutura de um hino, Bowra em seguida observa: “[...] *Sappho observes this form and follows its principles, but at each stage she makes her own individual variations and gives her personal touch.*” ([...] Safo observa esta forma e segue seus princípios, mas a cada estágio faz suas próprias variações individuais e dá o seu toque pessoal).

³⁹⁶ SNYDER, Jane McIntosh. *Public occasion and private passion in the lyrics of Sappho of Lesbos*. In POMEROY, Sarah B. (ed.). **Women’s history and ancient history**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1991, p. 3: “[...] *the Hymn to Aphrodite [...] is written in imitation of the standard form of a Greek prayer.*”

dizer: “A forma deste poema é bem documentada por fontes tais como as muitas preces aos deuses presentes na *Ilíada* e na *Odisséia* de Homero”³⁹⁷.

Porém, não obstante tal concordância quanto ao fato de que esta composição sáfica se enquadre formalmente ao que se espera das composições que tratam-se, também elas, de preces invocatórias, é necessário atentar para o fato de que, ainda no trabalho supracitado, a autora adverte que o mesmo não se pode dizer do seu conteúdo. Observação específica para tal fragmento que, aliás, a autora fará remarcar também com relação a outros dois poemas de Safo: 2 e 16 – o último considerado mais adiante no âmbito deste trabalho –, de modo a conseguir inseri-los no que, no seu artigo, caracteriza como um segundo grupo³⁹⁸ de fragmentos de Safo que incluiria muitos poemas que caracterizar-se-iam por ter:

[...] uma espécie de ‘forma’ que os torna familiares em seus padrões, com base em nosso conhecimento de outras poesias líricas gregas ou de outras poesias líricas em geral. [...] embora o conteúdo destes poemas seja bastante diferente de trabalhos comparáveis feitos por poetas líricos do sexo masculino [...].”³⁹⁹

Partindo, portanto, de uma postura preocupada em defender tal perspectiva de leitura, é que Snyder aponta o fragmento 1 como um arquétipo de um tipo de composição sáfica no qual a poetisa – muito embora acate em boa medida o que, na perspectiva da autora, seriam os padrões formais de composição poética dados pelas composições de autoria masculina, na verdade, teria não mais que “[...] codificado sua mensagem dentro de uma forma perfeitamente tradicional que era claramente parte de uma consciência pública com relação à qual seus leitores estariam todos completamente familiarizados – uma prece para uma das divindades olímpicas.”⁴⁰⁰

No entanto aí – à diferença de Bowra – quando a autora preocupa-se em fazer observações quanto às diferenças de conteúdo encontradas na poesia sáfica, ao contrário do

³⁹⁷ Ibid., p. 5: “[...] *The form of this poem is well documented from sources such as the many prayers to the gods in Homer’s Iliad and Odyssey.*”

³⁹⁸ O que a autora chama de primeiro grupo seria formado por aqueles fragmentos de Safo (frag. 110a, 111 e 44): os epitalâmios (canções de casamento), que estariam inseridos no âmbito público como parte deste, na medida em que compostos e executados com uma função social específica e, portanto, por isto não discrepantes com relação ao que se esperaria de composições do gênero. Ao terceiro grupo, por sua vez, pertenceriam àqueles poemas (frag. 31 e 94) que aparentemente não seguiriam qualquer formato tradicional de poesia conhecida. A tais fragmentos a autora chama de “*women-and-nature songs*”. Ibid., p.2-3,10-18.

³⁹⁹ Ibid., p. 3: “[...] *some sort of ‘shape’ which renders them familiar in their patterns on the basis of our knowledge of other Greek lyric poetry and of other lyric poetry in general. [...] although the content of the poems is generally far different from the comparable works by male lyric poets [...].*”

⁴⁰⁰ Ibid., p. 6: “[...] *encoded her message within a perfectly traditional form which was clerly part of the public consciousness and one with which her readers were all completly familiar – a prayer to one of the Olympian deities.*”

que possa parecer à primeira vista, de forma alguma almeja atribuí-las ao fato de se tratarem de um mero “toque pessoal” de Safo. Na verdade, Snyder está preocupada em atribuí-las a um aspecto biográfico – por assim dizer – muito mais geral que particular: ao fato de ser Safo uma mulher, e, portanto, conseqüentemente fazer enunciar em sua poesia uma “linguagem feminina”⁴⁰¹, uma perspectiva poética outra. Linguagem que, por vezes, seria possível ouvir de forma mais marcada a partir da leitura de alguns fragmentos de Safo que apresentariam aspectos (de forma e/ou de conteúdo) sensivelmente diferentes - quando comparados a outros presentes nas poesias cuja autoria é atribuída a poetas do sexo masculino.

De perspectiva semelhante partem as observações feitas por Lyn Hatherly Wilson no seu *Sappho's sweetbitter songs* – tanto especificamente quanto à leitura proposta para o fragmento 1, quanto a leitura dos demais fragmentos de Safo que considera no âmbito do seu trabalho. Postura interpretativa que, em particular no que concerne ao fragmento 1 se evidencia, seja ao comentar que: “[...] A prece de Safo a Afrodite, sua única canção que sobreviveu completa, caracteriza uma inusitada combinação de uma forma tradicional e um tratamento idiossincrático”⁴⁰², ou ainda mais explicitamente, ao afirmar que tal fragmento de Safo “[...] é um hino que demanda, confirma a fé religiosa, mas esta dedicação poética, e as técnicas artísticas que o modelam, são construídas em linhas centradas na perspectiva de uma mulher.”⁴⁰³

Como trabalho a apresentar uma perspectiva de leitura análoga – mesmo porque declaradamente instrumentalizado pela autora supracitada⁴⁰⁴ - cito por fim as considerações feitas por John Winkler, no seu capítulo “*Double Consciousness in Sappho's Lyrics*”⁴⁰⁵, no qual – no anseio de sublinhar e dar destaque a um feminino enunciado na poesia de Safo, mas que não obstante teria tido uma ampla inserção pública no âmbito da sociedade grega

⁴⁰¹ Ibid., p. 13.

⁴⁰² WILSON, Lyn Hatherly. *Sappho's sweetbitter songs. Configurations of female and male in ancient Greek lyric*. Londres: Routledge, 1996, p.22: “[...] *Sappho's prayer to Aphrodite, her only complete extant song, features an unusual combination of traditional form and idiosyncratic treatment.*”

⁴⁰³ Idem, p. 22: “[...] *is a hymn which demands, confirms religious faith, but this poetic dedication, and the artistic techniques which model it, are constructed on woman centred-lines.*” Embora se reconheça aqui que a tradução proposta para *woman centred-lines* (linhas centradas na perspectiva de uma mulher) possa não ser a mais adequada, crê-se que ela seja lícita, na medida em que é capaz de dar conta da idéia aí expressa.

⁴⁰⁴ Neste sentido ver: *ibid.*, p. 12-13.

⁴⁰⁵ WINKLER, John J. *Double Consciousness in Sappho's Lyrics. The constraints of desire: the anthropology of sex and gender in ancient Greece*. Londres: Routledge, 1990, p.162-187.

antiga - o autor propõe uma instigante interpretação que objetiva dar conta da conciliação de ambos os aspectos, e que pode ser ilustrada pelo excerto reproduzido abaixo:

Do ponto de vista da consciência (mais do que do espaço físico) devemos diagramar o círculo de uma literatura feita por mulheres como mais largo, na medida que inclui a literatura feita por homens como uma fase ou compartimento que se encontra no âmbito da cultura das mulheres. As mulheres, inseridas em uma sociedade caracterizada por uma proeminência masculina, são como uma minoria lingüística no âmbito de uma cultura cujas ações públicas são todas veiculadas através de uma linguagem majoritária. Para participar, ainda que passivamente da arena pública, a minoria deve ser bilíngüe; ao passo que a maioria não sente a necessidade de aprender da linguagem minoritária. Nessa perspectiva, a consciência de Safo é necessariamente dupla, sua participação no âmbito da tradição literária pública sempre conterà uma inevitável alienação⁴⁰⁶.

É, portanto, a partir desta perspectiva, que o autor esforça-se por sublinhar em particular as influências/o uso que Safo faria de Homero e que, relativamente ao fragmento 1, Winkler observa que: na medida em que a poetisa de Lesbos em sua composição emprega o que Winkler chama de “um uso metafórico da *Ilíada*”⁴⁰⁷, o faz com a intenção de enunciar: “ ‘Isto é como eu, uma mulher e poeta, torno-me capaz de apreciar uma cena típica de *Ilíada*.’ ”⁴⁰⁸

Explicitando, pois as leituras presentes no âmbito dos últimos três trabalhos supracitados pretendeu-se aqui, por um lado, não só testemunhar em detalhe a observação feita no âmbito do segundo capítulo relativa ao fato de que a concessão de ênfase a uma especificidade feminina acabou-se por efetivamente se constituir em: “[...] Uma das questões mais atraentes no âmbito da crítica a Safo durante as duas últimas décadas [...]”⁴⁰⁹, como conseqüente e evidentemente, abrir espaço para uma leitura crítica com relação as mesmas – tendo em vista que aqui se defende uma leitura que parta de uma perspectiva

⁴⁰⁶ Ibid., p. 174-175: “From the point of view of consciousness (rather than physical space) we must diagram the circle of women’s literature as a larger one which includes men’s literature as one phase or compartment of women’s cultural knowledge. Women in a male-prominent society are thus like a linguistic minority in a culture whose public actions are all conducted in the majority language. To participate even passively in the public arena the minority must be bilingual; the majority feels no such need to learn the minority’s language. Sappho’s consciousness therefore is necessarily a double consciousness, her participation in the public literary tradition always contains an inevitable alienation.”

⁴⁰⁷ Ibid., p. 170. Winkler refere-se mais precisamente a Il. 5.117-118.

⁴⁰⁸ Ibid., p. 169: “This is how I, a woman and poet, become able to appreciate a typical scene from the Iliad”.

⁴⁰⁹ GREENE, Ellen. Apostrophe and women’s erotics in the poetry of Sappho. Transactions of the American philological association (TAPA), vol. 124, 1994, p. 41-56. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 03 mar. 2008, p. 41: “One of most compelling issues in Sappho criticism during the last two decades has been the question of how Sappho’s gender has shaped the nature of her poetry.”

“intertextual” que quer evitar a concessão de tal ênfase. Seja porque as mesmas implicam em pressupostos relativos à Safo e sua historicidade tais como: segregação social que, por sua vez, implicaria em uma âmbito feminino segregado de composição para Safo – aspectos sobre os quais, conforme vimos no capítulo precedente, é complicadíssimo afirmar-se qualquer coisa que seja; e paralelamente porque - como também já se observou aqui – tais leituras partem de incômodos e pressupostos demasiados modernos, tais como: o pressuposto de inspiração lacaniana a partir do qual se presume que a linguagem é um construto simbólico essencialmente masculino. Pressuposto que, como visto anteriormente, acabaria por ser retomado via leitura de algumas feministas em prol de defender a enunciação de uma linguagem feminina da qual a poesia de Safo despontaria como um testemunho primeiro.

Logo, diante deste simples esboço das abordagens relativas ao fragmento 1 de Safo, nas quais, de diferentes maneiras, nota-se uma exacerbada preocupação em alocar as diferenças – ligadas, defende-se aqui, ao excepcional fato de serem Safo e sua voz poética femininas -, seguem-se abaixo breves observações mais detidas de alguns de seus aspectos. No que se refere à primeira estrofe, à qual corresponde à “Invocação” inicial – aqui à deusa Afrodite –, é à peculiaridade dos epítetos, isto é, na verdade de dois, dentre os cinco adjetivos⁴¹⁰ que acompanham o nome da deusa invocada: ποικιλόθρον (poikilóthron (trono de variadas cores))⁴¹¹ e δολόπλοκε (dolóploke (tecelã de tramas)), que se pode dizer que para esta estrofe se deve a maior parte das discussões. Pois, se por um lado os outros três epítetos que aí qualificam Afrodite: ἀθανάτ’ (athanát’ (imortal))⁴¹², παῖ Δίος

⁴¹⁰ Para uma consideração mais detida e detalhada deste epítetos ver: RAGUSA, Giuliana, op. cit., 153-178, 264-266.

⁴¹¹ É importante esclarecer que, muito embora aqui tenha se traduzido tal epíteto por “trono de variadas cores”, não é consenso que entre os editores e tradutores que a segunda parte deste epíteto presente em Safo remeta ao substantivo masculino grego θρόνος (thrónos (trono)). Giuliana Ragusa nos chama atenção para o fato de esta seria a leitura mais tradicional, ao passo que alguns estudiosos interpretariam tal termo como correspondente ao substantivo neutro plural θρόνα (thóna (flóreo manto) – leitura que aliás Ragusa adota. Ragusa comenta ainda acerca de uma outra leitura: RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 154: “[...] há uma terceira leitura para a segunda parte: Poikiló-phron’, cuja tradução seria ‘de múltiplo pensar’. Todavia essa é a menos usual, pois, entre Poikilóphron’ e Poikilóthron, os manuscritos evidenciam ser a segunda ‘a mais comum das duas leituras na Antigüidade’, conforme enfatiza Denys Page, em *Sappho and Alcaeus* (1987, p.4).” Quanto à variação de sentido para o segundo termo do epíteto ποικιλό-θρον, ver ainda os comentários feitos por WINKLER, John J., p. 172-173.

⁴¹² Embora seu uso como aí aparece, isto é, no singular e aplicado para um deus individualizado, seja mais raro. Cf. *ibid.*, p. 179.

(paĩ Díos (filha de Zeus)) e πότηνια (*pótnia* (soberana))⁴¹³ são comuns como caracterizadores da deusa no espaço de um hino clético. Por outro, os dois epítetos compostos supracitados não o são.

Fato que, se uma vez observado por Bowra o leva a reiterar sua tese de que Safo insere nas suas composições toques pessoais (*personal touch*)⁴¹⁴ - opinião explicitada ao dizer: “[...] Estes epítetos não são epítetos culturais. Eles expressam o que Safo vê em Afrodite [...]”.⁴¹⁵ Por sua vez, leva autoras como Lyn Hatherly Wilson a reiterar sua crença de que tal uso evidencia, da parte de Safo, uma intencional construção mitológica particular de Afrodite; a qual para a autora, embora não seja pessoal/individual - uma vez que destaca que partilha de elementos encontrados em outros poetas –, não obstante exemplifica um uso subversivo/feminino feito por Safo, por meio da conjunção que aí a poetisa operaria das culturas masculinas e femininas⁴¹⁶.

Leituras para as quais, se por um lado o aspecto da singularidade relacionada aos epítetos pode ser justificado pelo fato de que ποικιλό-θρον e δολό-πλοκε⁴¹⁷ são epítetos que têm em comum o fato de terem seu primeiro registro no âmbito da poética de Safo - o que, no caso de ποικιλόθρον, é reforçado pelo fato de que o mesmo “[...] não é encontrado na literatura grega antiga conhecida, nem antes nem depois da poeta, o que o torna um *hárax legoménon* (ἄπαξ λεγόμενον ‘dito uma só vez’).”⁴¹⁸ Por outro, não parece ser capaz de justificar ambas as leituras – e não só porque partem de pressupostos questionáveis – mas simplesmente porque a própria presumida singularidade de ambos deve ser posta em ressalva pelo fato, aqui já observado, de que é difícil dizer o quão representativo pode ser considerado o material grego poético ao qual temos acesso hoje. Assim sendo, como garantir que Safo tenha mesmo sido a primeira a fazer uso de tais epítetos? E, particularmente, quanto ao epíteto ποικιλόθρον: como afirmar com segurança que Safo teria sido a única a fazer uso deste? Sem se considerar, à parte, e em detalhes, a

⁴¹³ Quanto a tal termo cf. *ibid.*, p. 178 observa ser parte de uma antiga tradição sacra.

⁴¹⁴ BOWRA, Cecil. M., *op. cit.*, p. 200.

⁴¹⁵ *Ibid.*, p. 201: “*These adjectives are not cult-epithets. They express what Sappho sees in Aphrodite [...]*”

⁴¹⁶ WILSON, Lyn Hatherly, *op. cit.*, p. 24-25.

⁴¹⁷ Quanto a tal epíteto atribuído, como em Safo, a Afrodite, RAGUSA, Giuliana, *op. cit.*, p. 162, destaca: “Depois, no *corpus* sobrevivente da literatura grega, só reaparecerá três vezes, sempre na lírica: nos poetas Simônides (Ceos, c. 556-468 a.C.) e Teógnis (Mégara, c. 550-480 a.C.) e num fragmento de autoria desconhecida.” Para a citação deste epíteto em Teógnis ver: BOWRA, Cecil. M., *op. cit.*, p. 201.

⁴¹⁸ RAGUSA, Giuliana, *op. cit.*, p. 154.

freqüência em que as idéias que formam o epíteto δολό-πλοκε ((*doló-ploke* (tecelã de tramas)), ligadas à deusa Afrodite é, incontestavelmente, “[...] uma constante na literatura grega antiga, uma vez que é algo ligado à própria concepção da deidade e de sua esfera de atuação.”⁴¹⁹; assim como aparecem ligadas às mulheres de forma geral.⁴²⁰

Porém, para além destes singulares epítetos iniciais, fato é que ainda outras supostas particularidades poéticas teriam espaço ao longo das cinco estrofes seguintes (Sanção) - através das quais o ouvinte/leitor é remetido para um passado do qual a suplicante quer se valer: tanto para fazer-se, ainda uma vez, merecedora dos favores da deusa a quem suplica, quanto para atestar as credenciais da deusa como capaz de atender a sua suplicante. Reforço este que se dá: não só pela repetição de credenciais já caracterizadoras da deusa, como sua imortalidade, como a menção relativa ao seu pai; mas também pelo uso de um outro epíteto a ela relacionado: μάκαιρα (*mákaira* (venturosa)).

Dentre estas particularidades cito como exemplo um⁴²¹ singular aspecto presente na terceira estrofe: o fato de que a puxar o carro de Afrodite, no lugar de cavalos, estão velozes e belos passarinhos; em prol de destacar que, não obstante, no verso seguinte desta estrofe, ao descrever o trajeto feito pelo carro de Afrodite do céu até a presença daquela que suplica, Safo vale-se de uma convencional expressão da tradição épico-homérica: γᾶς μελαίνας (*gás meláinas* (terra negra)) – que aparecerá ainda no fragmento 16 o qual será considerado mais adiante neste trabalho. Muito embora mereça ser citada ainda uma instigante hipótese levantada por parte de Rissman que “[...] questiona a ‘homeridade’ de *gás meláinas* [...] pois, em duas outras vezes que Safo a usa, ela o faz ao final de um verso hendecassílabo, como no fragmento 1 V; logo, é ‘tentador vê-las como uma fórmula sáfica, talvez existindo independentemente da épica *gāian mélainan*’.”⁴²²

No entanto, para além destes breves aspectos ressaltados, o que acaba por saltar aos olhos dos comentadores como peculiaridade presente com relação a esta epifania de

⁴¹⁹ Ibid., p. 163.

⁴²⁰ O exemplo clássico no âmbito literário é Penélope na *Odisséia*.

⁴²¹ RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 274, destaca ainda outras três: o fato de que o destino de Afrodite: a Terra, não é geograficamente especificado, “[...] a deusa está sozinha; diz-se algo sobre o trajeto da viagem (vv. 10-12).

⁴²² RISSMAN, L. **Love as war: Homeric allusions in the poetry of Sappho**. Könstein/Ts: Verlag Anton Hain, 1983, Beiträge zur Klassischen Philologie, Heft, 1983, p. 15-16. Apud RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 330 (nota 26).

Afrodite, cuja descrição ocupa a maior parte deste poema sáfico, diz respeito ao seu “tom” menos solene. Tom que se para Bowra – o que seria confirmado ainda pela presença do nome da própria Safo, dito pela deusa Afrodite no verso de número 20 – reforça sua tese de que aí, outrossim, como nas demais composições, Safo deixa transparecer aspectos de sua experiência pessoal. Postura que pretende deixar claramente evidenciada ao comparar ainda uma vez a prece sáfica à epifanias presente na *Ilíada*⁴²³ e na *Odisséia*⁴²⁴, as quais seriam caracterizadas por um tom mais solene – o que, portanto, leva Bowra a concluir:

[...] Safo diz de si mesma o que Homero diz acerca de heróis especialmente escolhidos e nós não temos nenhuma razão para duvidar de sua palavra. A aparição de Afrodite deve ser tratada como uma experiência genuína, ainda que seja quase impossível traduzir isto em termos modernos.⁴²⁵

No âmbito de um trabalho como o de Wilson, por sua vez, uma menor solenidade aí percebida – construída pela evocação de epifanias passadas e ressaltada em Safo por meio da apresentação do discurso direto da deusa: em que Afrodite, já na presença da suplicante, promete a reciprocidade por parte da amada (reiterada de variadas maneiras no âmbito da sexta estrofe), atenuando, assim, o tom de apreensão enunciado na invocação inicial que o eu-poético evidencia ao suplicar à deusa: “não me domes com desgostos e tormentos” – é interpretada como uma subversão poética feminina posta em prática por Safo. Uma vez que neste hino,

Embora o poder de Afrodite seja reconhecido, fica claro que ela pode escolher não exercê-lo. A incerteza é um aspecto vital desta prece, ela é necessariamente condicional: você é capaz de me subjugar, mas se eu promover um ritual particular corretamente, habilmente, então talvez, como em outras ocasiões similares, você possa mais me ajudar do que me oprimir. Somente a fé pode assegurar a certeza no ambiente ilusório que Safo delinea. Os homens podem estar certos da natureza hierárquica da interação mortal/imortal – um sistema que reproduz relações de dominação e submissão [...] - e de mitos construídos para explicar e ordenar o universo. Safo, como uma mulher criadora de mitos, parece questionar deliberadamente, subverter esta ordem pelo seu tratamento e representação da relação entre Afrodite e a suplicante. Depois de justapor a força

⁴²³ *Il.* 1: 194.

⁴²⁴ *Od.* 16: 161.

⁴²⁵ BOWRA, Cecil. M., op. cit., p. 202: “[...] *Sappho tells of herself what Homer tells of especially chose heroes, and we have no reason to doubt her word. The appearance of Aphrodite must be treated as a genuine experience, even it is hardly possible to translate it into modern terms.*”

de Afrodite à vulnerabilidade da suplicante, ela mina então não apenas esta estrutura dicotômica mas outras oposições convencionais.⁴²⁶

Para esta perspectiva de leitura, ademais, uma menor solenidade e uma maior intimidade entre deusa e suplicante poderiam ser estabelecidas também, uma vez que neste caso, trata-se de uma relação firmada entre duas esferas femininas – ainda que uma seja divina/imortal e a outra humana/mortal.⁴²⁷ Feminino este que será reiterado ainda – no que diz respeito a um traço de menor hierarquia entre as partes envolvidas em uma relação – pela sexta e penúltima estrofe, na qual Afrodite descreve objetivamente os efeitos que serão causados pelo poder de sua ação, em suma: o fim da tortura, da injustiça (evocada pelo verbo ἀδικηει (*adikēei*) causada na suplicante por parte daquela que não corresponderia ao seu amor.

Depois desta estrofe, portanto, - que segundo Campbell, tratar-se-ia do clímax do poema⁴²⁸ - Safo traz seu ouvinte/leitor de volta ao presente no qual a suplicante reitera a rogativa com a qual dá início ao seu hino. Súplica que, muito embora retome o mote da petição inicial que dá ensejo à prece – no que acaba por configurar um claro exemplo de uma “composição anelar”⁴²⁹ cuja construção permite que o ouvinte/leitor seja reconduzido harmoniosamente de volta ao contexto da prece presente – , é aí reiterado com um tom sutilmente diferente relativamente àquele enunciado na estrofe inicial.

Sutileza que, se por um lado – sentido com o qual aqui se concorda - é observada em detalhe por Giuliana Ragusa de maneira a observar que em nada diminui, ao contrário,

⁴²⁶ WILSON, Lyn Hatherly, op. cit., p. 25: “Although Aphrodite’s power is acknowledged, it becomes obvious that she may choose not to exercise it. Uncertainty is a vital aspect of this prayer, it is necessarily conditional: you are capable of subdoing me, but if I enact a particular ritual correctly, skilfully, then perhaps, as on other similar occasions, you might aid rather than oppress me. Only faith can assure certainty in the illusory ambience that Sappho delineates. Men can be certain of the hierarchical nature of mortal/immortal interaction – a system which reproduces relations of dominance and submission [...] – and of myths constructed to explain and order the universe. Sappho, as a female myth-maker, appears deliberately to question, subvert this order by the treatment and representation of the relationship between Aphrodite and the singer. After juxtaposing Aphrodite’s strength with the singer’s vulnerability, she then undermines not only this dichotomous structure but also a number of other conventional oppositions.”

⁴²⁷ Cf: *ibid.*, p. 29.

⁴²⁸ CAMPBELL, David A. Monody. In: EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.). **The Cambridge History of Classical Literature 1: Early Greek Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 164.

⁴²⁹ Para uma breve observação desta prece de Safo como uma composição anela (*ring-composition*) ver: *ibid.* Neste sentido ver ainda WILSON, Lyn Hatherly, op. cit., p. 30: “[...] Ring composition was one of the most frequently used structures of Greek antiquity, and the repetitions, the patterns of sound and sense that echo and connect throughout this song place it within this category.” (A composição anelar foi uma das estruturas mais frequentemente usadas na Antiguidade grega, e as repetições, os padrões de som e sentido que ecoam e se conectam ao longo deste canto o colocam dentro desta categoria).

sublinha a determinação do inquestionável poder de Afrodite sobre os humanos - mas que neste ponto da súplica parece vir na forma de uma perspectiva mais segura, por parte da suplicante, de que receberá auxílio da deusa em prol de diminuir os seus tormentos. Tendo em vista que se deve ao fato de que:

[...] o pedido da estrofe inicial – o primeiro da prece – é feito com uma frase negativa; o dos versos 25, 26 [...] com uma frase afirmativa. Ao invés de *mê* [...] *dámna* ('não me domes'), a suplicante pede *lūson* ('liberta-me'). Nessa gradação negativo-positivo, é como se, de início, 'Safo', sofrendo as dores de *érōs*, pedisse para não ser de todo subjugada por essa força, e agora pedisse para ser inteiramente libertada dela e de seus 'duros pesares', na expressão *khálepan* [...] *merímman*, comum em contextos erótico-amorosos.⁴³⁰

No entanto, isto se dá não porque haja uma diminuição/subversão da relação hierárquica entre uma deusa e uma suplicante. Mas porque – uma vez que a própria Afrodite outrora garantira a força de seu poder persuasivo, sobretudo quando encerra seu discurso com a assertiva: *κωὺκ ἐθέλοισα* (*kōuk ethéloisa* ("querendo ou não")) – agora a deusa será instada a estar ao lado daquela que suplica: como uma *σύμμαχος* (*súmmakhos* – termo de difícil tradução, mas que aqui se expressou por "aliada nas lutas"). Afinal: "[...] No conflito amoroso, na luta pela conquista do objeto amado, que *súmmakhos* ('aliada de lutas') será mais eficiente que Afrodite? Safo, a poeta, e 'Safo', a suplicante do poema, bem o sabem: nenhuma outra além dela".⁴³¹

Por parte daqueles que querem dar destaque a uma diferença enunciada pela voz feminina veiculada pela poesia de Safo, por outro lado, tal mudança sutil de tom é interpretada como o resultado de uma bem sucedida negociação entre a suplicante e a deusa⁴³² que deverá se repetir no presente, como já se deu no passado: de forma que a primeira tenha seus desejos prontamente atendidos. Nesta perspectiva, pois, o emprego da "expressão marcial" (*martial expression*)⁴³³ *σύμμαχος* (*súmmakhos*) - pela síntese que encerra da idéia do sentimento amoroso como um tormento, uma aflição, uma guerra contra

⁴³⁰ RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 318-318.

⁴³¹ Ibid., p. 328.

⁴³² WILSON, Lyn Hatherly, op. cit., p. 25: "Contracts between gods and women, if Sappho's prayer can be considered an example, are clearly different, more flexible, personal negotiations, to be discussed and then resolved to the satisfaction of all parties." (Contratos entre deuses e mulheres, se a prece de Safo pode ser considerada um exemplo, são claramente diferentes, mais flexíveis, negociações pessoais, para serem discutidas e resolvidas em prol da satisfação de todas as partes).

⁴³³ Ibid., p. 31.

a qual aquele que se vê tomado sente-se incapaz de vencer – ganha uma outra dimensão: de uma releitura dos valores gregos masculinos na perspectiva de uma poetisa cujo universo, essencialmente feminino, a leva a transportá-los para os assuntos que a concernem. Instrumentalização que, ademais, além de ser capaz de configurar e garantir a sobrevivência de autênticos valores e perspectivas femininas, o seria também de afirmar um feminino que se faria enunciar na poética sáfica, uma vez que sua:

[...] habilidade para integrar uma gama de questões potencialmente díspares e participantes mortais/imortais em uma única composição de maneira tão eficaz quanto coesa sugere o tipo de multiplicidade que é, às vezes, associada ao sexo feminino. Talvez sua desenvoltura poética a tenha habilitado a incluir várias interpretações, aumentando a complexidade, ao mesmo tempo em que retendo um senso do todo, como algumas representações pós-estruturalistas que deliberadamente ressoam com ambigüidades, ou jogam com a polissemia de numerosos significados.⁴³⁴

Exposta, pois, estas últimas considerações e citação – no âmbito das quais as influências das leituras modernas de cunho feminista e pós-estruturalista francês fazem-se abertamente presentes – procurou-se destacar, aqui, ainda uma vez, a maneira como as leituras relativas à poesia de Safo têm-se construído de uma perspectiva particularmente preocupada com a questão do feminino e, a partir daí, procurado construir uma interpretação pretensamente mais adequada para sua poesia.

Porém, não obstante a preocupação em destacar um interessante dialogismo colocado magistralmente em jogo na tessitura poética de Safo, presente no âmbito dos trabalhos que a interpretam à luz de um *French Feminism* – com a qual sem dúvidas compartilha-se aqui – acredita-se, por outro lado que, a qualificação/identificação deste dialogismo como subversão feminina, linguagem feminina não se justifica. Seja porque isto traz a implicação de se admitir que a linguagem tratar-se-ia de um construto estritamente masculino, como implicaria em dizer que existiriam composições/textos que fossem estritamente monológicos (estritamente masculinas?!). Seja porque tais leituras partilham, em alguma medida, do pressuposto de que para a Antigüidade possa-se falar em tradições poéticas distintas: masculina e feminina.

⁴³⁴ Idem: “[...] ability to integrate a range of potentially disparate issues and mortal/immortal participants in a single song just as smoothly and coesively suggests womankind. Perhaps her poetic skill also enabled to include several interpretations, increasing the complexity, while retaining a sense of wholeness, like some poststructuralist representations which deliberately resonate with ambiguities, or play polysemously with a number of meanings.”

Reitera-se, portanto, aqui, uma postura de leitura defensora de uma perspectiva que parta do pressuposto de que todo e qualquer composto é, necessariamente, dialógico, “intertextual”. Uma leitura que busca ao mesmo tempo: não privilegiar o sexo do autor como aspecto definidor de sua linguagem e representações, assim como não atribuir suas particularidades a um feminino metafórico.

Portanto, conforme se fez observar, embora se acredite que este hino de Safo enuncie singularidades, para além do fato de as mesmas não poderem ser senão pressupostas - dada a incapacidade que temos de mensurar a representatividade do material poético ao qual tem-se acesso hoje -, fato é que crê-se que o que ele traz, antes de mais nada, são aspectos dialógicos com elementos comuns presentes em outros hinos. Elementos que, por sua vez, por estarem inseridos em compostos cuja autoria é reconhecida como sendo de um poeta, não necessariamente devem ser entendidos como parte de uma tradição masculina da qual Safo, por ser mulher, supostamente estaria em alguma medida excluída.

Nesta perspectiva, e - conforme já se aludiu brevemente - não sendo o fragmento 1 o único no âmbito do *corpus* sáfico a que se tem acesso a uma boa parte de seu conteúdo, a apresentar de uma maneira mais explícita instigantes indícios dialógicos, é que se passa aqui a considerar ainda um outro fragmento sáfico: fragmento 16. Fragmento para o qual, ademais, a crítica colocará sentidos e problemáticas de leituras bastante semelhantes aos do composto anteriormente considerado: seja porque aspectos de sua forma, assim como no caso do fragmento 1, tratam-se de lugares-comuns no âmbito da literatura grega antiga; ou ainda porque aspectos de seu conteúdo apresentar-se-iam de maneira idiossincrática quando comparada à forma em que aparecem em outros autores.

Mas além disto, pode-se dizer que se torna interessante ou, mais que isto, convém considerar ainda que brevemente o fragmento 16, logo depois de ter-se avaliado alguns aspectos concernentes ao fragmento 1, devido ao fio condutor temático deste: o “binômio opositivo amor/guerra”⁴³⁵ - nada raro no campo da poesia grega antiga de conteúdo erótico-amoroso. Mote poético bastante intrigante que, se aparecera apenas de soslaio⁴³⁶ no

⁴³⁵ RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 322.

⁴³⁶ Embora com relação a sua presença no fragmento 1 seja interessante chamar a atenção para a seguinte observação feita com relação ao mesmo pela estudiosa Eva Stehle - na medida em que é capaz de nos fazer observar que tal tema está também presente de forma menos pontual ao longo do fragmento 1, ainda que de maneira mais sutil. STEHLE, E. Sappho's private world. In FOLEY, Helene P. (ed.). **Reflections of women in antiquity**. Filadélfia: Gordon and Breach, 1992, p. 50: “This is the only poem of Sappho in which the

fragmento anteriormente considerado: pontual e explicitamente enunciado apenas pela presença do termo σύμμαχος (*súmmakhos* (aliada nas lutas)), perpassará todo o fragmento 16. E, sendo assim, dará, ainda uma vez, a oportunidade de considerarmos as leituras que a crítica propõe para este fragmento sáfico, na medida em que parte do pressuposto de que temáticas relativas à guerra, diferentemente da temática amorosa – esta sim feminina – são temáticas pertencentes, por excelência, a uma tradição poética masculina.

Considere-se:

οἱ μὲν ἱππῶν στρότον οἱ δὲ πέσδων
οἱ δὲ νάων φαῖσ' ἐπ[ι] γᾶν μέλαι[ν]αν
ἔ]μμεναι κάλλιστον, ἔγω δὲ κῆν' ὄτ'
τω τις ἔραται·

πά]γχυ δ' εὔμαρες σύνετον πόησαι
π]άντι τ[ο]ῦτ', ἄ γὰρ πόλυ περσκέθοισα
κάλλος [ἀνθ]ρώπων Ἐλένα [τὸ]ν ἄνδρα
τὸν [πανάρ]ιστον

καλλ[ίποι]σ' ἔβα ἔς Τροῖαν πλέοι[σα
κωὺδ[ἐ πα]ίδος οὐδὲ φίλων το[κ]ήων
πά[μπαν] ἐμνάσθη, ἀλλὰ παράγαγ' αὐταν
]σαν

]αμπτον γὰρ]

] . . . κούφως τ[]οης[.]ν

. .]με νῦν Ἐνακτορί[ας ὀ]νέμναι-
σ' οὐ] παρεοίσας·

narrator expresses na adversary relationship with the love-object. The attitude is the same that of the male poets [...]. (Este é o único poema em que o narrador expressa uma relação adversária com relação ao objeto-amoroso. A atitude é a mesma dos poetas do sexo masculino[...]).

τᾶ]ς κε βολλοίμαν ἔρατόν τε βᾶμα
κᾶμάρύχμα λάμπρον ἴδην προσώπω
ἦ τὰ Λύδων ἄρματα κᾶν ὄπλοισι
πεσδομ]άχεντας.

] . μεν οὐ δύνατον γένεσθαι
] . ν ἄθρωπ[. . . π]εδέχηεν δ' ἄρασθαι

. . . .

τ` ἐξ ἀδοκῆ[τω.⁴³⁷

Uns, cavalaria, outros, um batalhão,
Outros, uma frota, dizem ser sobre a terra negra
A coisa mais bela, eu digo ser o que quer
que alguém ame

Absolutamente fácil fazer compreensível
a todos isto, pois a que muito excedeu
em beleza os humanos, Helena, o marido,
em tudo superior,

partiu deixando e foi para Tróia navegando,
e nem da criança e tampouco dos queridos pais
de forma alguma lembrou-se, mas desviou-a
] *san*

] pois lançou]
] ... levemente [] *oēs[.]n*
] agora traz-me Anactória à lem-
brança, que não está aqui,

Desejaria ver seu adorável passo,
e o cintilante brilho de seu rosto,
a ver dos lídios os carros e a armada
infantaria.

⁴³⁷ CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 66.

] . não pode acontecer
] . n homem [. . .] participar e invocar

e inesperadamen[te

É interessante ressaltar que, diferentemente da escolha feita neste trabalho, no âmbito do capítulo dedicado ao comentário de alguns dos fragmentos de Safo que está inserido em: *Greek lyric poetry: from Alcman to Simonides*, do classicista inglês Cecil Maurice Bowra⁴³⁸, o fragmento 16, além de ser um dos primeiros a serem comentados pelo autor, o será antes mesmo que o fragmento 1. O que talvez se justifique pelo fato de que o mesmo parece oferecer ao seu comentador, mais do que qualquer um dos fragmentos da poetisa, aspectos capazes de ajudá-lo na tarefa de evidenciar duas de suas mais marcadas percepções relativas à Safo: da excelência notória da poetisa no que diz respeito ao diálogo com as convenções poéticas - tanto no que tange a aspectos formais, como de conteúdo. Mas que, não obstante enuncia em seus compostos, certas singularidades – que buscarão ser explicadas por Bowra a partir do argumento de que o lirismo/subjetivismo se exacerbaria em Safo pelo fato de ser ela uma mulher – o que a leva a enunciar na sua poesia seu “próprio ideal feminino contra o ideal masculino”.⁴³⁹

Para Bowra, portanto, para construir seu poema – do qual nos restam apenas cinco estrofes quase completas - Safo magistralmente valer-se-ia, em suas três primeiras estrofes, de dois recursos poéticos bastante convencionais, tanto no que se refere à forma, como ao conteúdo mítico, respectivamente: o *priamel*⁴⁴⁰ (preâmbulo) e a referência à Helena e ao episódio da partida desta, o que teria dado início à Guerra de Tróia (uma das personagens mais polêmicas protagonizando um dos mais célebres episódios míticos da Antigüidade). Para em seguida, nas duas estrofes seguintes, a poetisa - e com o intuito de – colocar em

⁴³⁸ BOWRA, Cecil. M., op. cit.

⁴³⁹ BOWRA, Cecil. M., op.cit., p. 180-181: “[...]own feminine ideal against the masculine ideal [...]”.

⁴⁴⁰ Na verdade tal estrutura presente na primeira estrofe da Safo e caracterizada como “*priamel*” no âmbito da crítica literária moderna, não existe como conceito no espaço da retórica clássica. No entanto uma vez definido, conforme destaca Elena Huber, tornou-se “[...] útil para identificar organizaciones similares y establecer comparaciones enriquecedoras”. ([...] útil para identificar organizações similares e estabelecer comparações enriquecedoras).

relevo o que caracterizaria o ideal feminino de mais alta beleza: “o que quer que alguém ame”, enunciar o seu próprio ideal: sua amada Anactória.

No que se refere ao recurso formal supracitado: o *priamel* - artifício poético e retórico que se caracteriza por uma enumeração que servirá, seja para colocar em relevo aspectos comuns a coisas aparentemente distintas, seja para destacar um dos elementos dentre os demais⁴⁴¹ - o comentário de Bowra vai no sentido de sublinhar que, diferentemente de autores como Píndaro⁴⁴², Teógnis⁴⁴³ e Tirteu⁴⁴⁴, Safo faz uso dessa convenção de forma a dar vazão as suas próprias experiências e valores femininos. Uma vez que a cavalos, soldados e naus – valores eminentemente masculinos veiculados pelo contexto beligerante que perpassa grande parte das composições poéticas antigas – Safo oporia como a mais bela coisa “o que quer que se ame”.

Oposição que se completaria ainda, pela valoração, nada comum, que a autora empresta ao conteúdo mítico a que faz referência nas duas estrofes que se seguem. Pois, na medida em que aponta Helena e sua decisão de partir com o amado como um exemplo positivado de forma a reiterar o conteúdo apresentado no preâmbulo da primeira estrofe, Safo colocar-se-ia em oposição a toda uma tradição literária que não se cansa de apontá-la como o exemplo mais negativo de comportamento feminino⁴⁴⁵. Nessa perspectiva, Bowra não demora a concluir que Safo: “[...] usa seu próprio tipo de imaginário, o qual talvez seja derivado dos símiles da épica, mas aplicados a uma variação de assuntos mais subjetivo e pessoal”.⁴⁴⁶

⁴⁴¹ Bowra assim caracteriza o preâmbulo: “(...) *The point of this device is that it normally stresses what apparently different things have in common*”. (*O ponto desse artifício é que ele normalmente sublinha o que coisas diferentes têm em comum*). Em: BOWRA, Cecil M., op.cit., p. 182.

⁴⁴² Poeta considerado como o mais brilhante dentre os compositores de poesia lírica coral do século V a.C.. Para comentários relativos ao poeta e alguns de seus trabalhos ver: SEGAL, Charles. Choral Lyric in the fifth century: Pindar. In: EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.), op. cit., p. 185-194.

⁴⁴³ Trata-se de um poeta que teria composto poemas elegíacos na primeira metade do século VI a.C.. Para um breve comentário relativo ao mesmo e seus trabalhos ver: KNOX, Bernard M. W. Elegy and iambus: Theognis. EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.), op. cit., p. 95-105.

⁴⁴⁴ Poeta lírico grego do século VII que teria escrito cantos de guerra e elegias em dialeto jônico. Para breve comentário relativo ao poeta e suas composições ver: BARRON, J. P.; EASTERLING, Patricia E.. Elegy and iambus: Callinus, Tyrtaeus, Mimnermus. In: EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.), op. cit., p. 87-95.

⁴⁴⁵ Para ficar em apenas dois exemplos - inseridos em momentos diferentes no âmbito da tradição literária antiga – em que Helena é apontada como um exemplo de comportamento marcadamente negativo, ver: *Odisséia* Canto XXIII: 163-168 e versos 494, 1168-1170 e 1253 da tragédia *Ifigênia em Aulis*, de Eurípides.

⁴⁴⁶ *Ibid.*, p.183: “[...] *uses her own kind of imagery, which is perhaps derived from the similes of the epic but applied to a more subjective and more personal range of subjects.*” Para outra leitura neste sentido ver

Com relação à leitura que Bowra faz desse fragmento sáfico, portanto, interessamos, aqui, sublinhar o que parece ser um pressuposto que esse classista inglês assume de maneira bastante tranqüila: tratando-se Safo de uma mulher que compunha no âmbito de uma sociedade em que as mulheres – pelo menos as que pertenciam à aristocracia – não partilhavam de uma vida pública tal qual os homens, nada mais natural que as mesmas enunciem em seus veículos de expressão, possíveis, valores por elas partilhados, quando não, como Safo, seus anseios e opiniões pessoais mais íntimos. Portanto, para o autor, sendo Safo uma mulher, nada mais natural que tenha se dedicado a compor poesia lírica monódica de cunho amoroso.

Considerada esta perspectiva interpretativa, é interessante agora notar – de maneira análoga a que foi feita com relação ao primeiro fragmento aqui considerado – algumas leituras relativas ao fragmento 16, feitas no âmbito de outros tantos trabalhos que, como principal e fundamental diferença frente à perspectiva de leitura da qual parte o classicista inglês trazem: a não assimilação entre o eu-lírico e o eu daquele que compõe. Do que resulta que suas leituras com relação ao mesmo, de forma alguma, adquirem um formato que acaba por reduzir tal composto – salvo a preocupação em destacar sua excelência estética – a um gradativo e belamente construído conjunto de oposições entre valores sociais reconhecidamente aceitos e masculinos, frente a ideais femininos de forma a fazer, por fim, possível a enunciação de um valor meramente pessoal de sua compositora.

Não obstante, conforme já se fez notar aqui, se grande parte dos trabalhos com os quais se teve contato ao longo desta pesquisa fazem questão de condenar a supracitada assimilação, será apegando-se a um aspecto de ordem pessoal de Safo que os mesmos construirão suas argumentações: o seu sexo, mais precisamente a maneira como o fato de ser uma mulher, teria acabado por proporcionar a Safo, no âmbito da sociedade em que viveu – suposta no mais das vezes como em alguma medida segregacionista - a construção de valores e percepções de gênero, as quais ela fará enunciar através de suas composições. Percepções e valores femininos estes que, se para se concretizarem como enunciação oral precisam valer-se da linguagem e dos recursos estilísticos (masculinos) de forma a garantir a sua sobrevivência no âmbito cultural em que se encontram, o fazem de tal maneira que

também: SNELL, Bruno. O Despontar da Individualidade na Lírica Grega Arcaica. **A cultura grega e as origens do pensamento europeu**. Tradução Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 53-79.

torna possível, ao mesmo tempo, a manutenção de sua distinção – acabando por cunhar, portanto, um sistema lingüístico minoritário, outro, polissêmico, bilíngüe, feminino⁴⁴⁷.

É, de tal perspectiva que parte, por exemplo, a estudiosa Jane McIntosh Snyder, no seu já mencionado artigo “*Public occasion and private passion in the lyrics of Sappho of Lesbos*”, de forma a fazer possível que, paralelamente às considerações relativas ao fragmento 1, aqui mencionadas, com relação ao fragmento 16 esta autora afirme: “[...] O fragmento 16 [...] fornece ainda outro exemplo de um poema que é puramente convencional em sua forma exterior ainda que contenha uma variação de perspectiva que o torna singularmente sáfico no seu tratamento.”⁴⁴⁸ Como também o é de perspectiva semelhante que parte Lyn Hatherly Wilson no seu já também comentado, *Sappho’s sweetbitter songs*, de forma que ao fazer uma apreciação geral relativa ao fragmento 16 esta autora seja capaz de asseverar:

[...] No fr. 16 Safo usa o mesmo recurso que numerosos poetas do sexo masculino, e uma base mítica que é de conhecimento comum para exemplificar seu tema, mas finalmente sua apresentação parece ser bastante diferente. Certamente sua estratégia retórica é seletiva e distintiva. O movimento de uma proposição que insiste que o amor é extremamente importante, para um episódio de um mito paradigmático que prova não apenas sua proposição [...], mas outras premissas associadas, antes de focar em um emblema de amor contemporâneo, de fato parece um modo não usual de construção. [...] O poema desenvolve-se, gradualmente, até alcançar maturidade, climaticamente. Assim como seu raciocínio ‘feminino’, a técnica de Safo, sua compreensão lírica, parecem oblíquas. Este é um método singular de conter temas diversos (‘masculino/feminino’) dentro de um poema, e expandi-los aí sem perturbar o equilíbrio da construção.⁴⁴⁹

Isto posto, torna-se interessante, ainda, fazer notar com relação a estas leituras que, se por um lado propõem-se peremptoriamente a negar um pressuposto de base do qual

⁴⁴⁷ Cf. WINKLER, John J., op. cit.

⁴⁴⁸ SNYDER, Jane McIntosh, op. cit., p. 8: “*Fragment 16 [...] provides yet another example of a poem that is purely conventional in its outward shape yet contains a shift of perspective that renders it uniquely Sapphic in its treatment.*”

⁴⁴⁹ WILSON, Lyn Hatherly, op.cit., p. 52-53: “[...] *In fr. 16 Sappho uses the same device as numerous male poets, and a mythical basis that is common knowledge to exemplify her theme but her representation appears finally to be quite different. Certainly her rhetorical strategy is selective and distinctive. The movement from a proposition which insists that love is supremely important, to an episode of paradigmatic myth which prove not only this proposition [...] but other associated premises, before focusing on a contemporary emblem of love, does seem an unusual mode of construction.[...] The song develops swells, until it reaches maturity, climactically. As well as her ‘womanly’ reasoning, Sappho’s technique, her lyrical compression, seems oblique. This is a singular method of containing diverse (‘masculine/feminine’) themes within a song, and expanding on them without upsetting the balance of construction.*”

partilham estudiosos como Bowra e Bruno Snell⁴⁵⁰: da poesia lírica monódica lida como um modo de expressão poética a dar vazão à expressão dos sentimentos daquele que a compõe – e que, portanto conforme afirma Snell, dariam testemunho de um período da história grega antiga em que se processaria o despertar de uma consciência individualizada. Por outro lado, na medida em que ressaltam a maneira como Safo - valendo-se dos padrões de composição e da linguagem masculina - acabou por construir em cada uma de suas poesias um espaço de vazão a outros valores, perspectivas femininas, um modo de dizer feminino, estas supracitadas leituras parecem acabar por sugerir que a poesia de Safo possa servir como uma espécie de testemunho do despertar de uma consciência de gênero. Perspectiva que parece se sugerir nas palavras da estudiosa Elena Huber - no artigo em que se propõe a estudar justamente o fragmento 16 - ao afirmar que: “Safo [...] em muitos [...] fragmentos de sua obra põe em manifesto mecanismos de produção discursiva que evidenciam o surgimento e a consolidação da dimensão do gênero.”⁴⁵¹

Fato é que com relação ao fragmento 16, não é nada fácil fazer qualquer afirmação que se pretenda conclusiva. Dificuldade que, se também existia com relação ao fragmento 1 – ademais como, em alguma medida, coloca-se para qualquer fragmento de Safo, assim como para composições de autores antigos ou modernos - agrava-se em particular neste caso, uma vez que este texto apresenta comparativamente mais danos no que concerne ao seu conteúdo. Neste sentido, pode-se observar, em especial, as perdas relativas aos versos 12-16 (correspondentes ao último verso da terceira estrofe e à quarta estrofe inteira), assim como aquelas relativas aos versos 21-32 (correspondentes à sexta estrofe e o que seriam as duas outras que fariam parte do poema). Devendo-se mencionar, ainda, a existência de controvérsias relativas ao tamanho original de tal poema, que para alguns dos seus editores corresponderia a apenas cinco estrofes (vv. 1-20), enquanto para outros, a oito (vv. 1-32)⁴⁵². É interessante notar, ainda, que, diferentemente do fragmento 1 - para o qual a classificação como κλήτικος ὑμνους (*klētikós húmnos* (hino clético), embora repleta de ressalvas,

⁴⁵⁰ SNELL, Bruno. O Despertar da Individualidade na Lírica Grega Arcaica. **A cultura grega e as origens do pensamento europeu**. Tradução Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 53-79.

⁴⁵¹ HUBER, Helena. El espacio del género en la poesía de Safo (16 VOIGT). In: CABALLERO, Elisabeth; HUBER, Helena; RABAZA, Beatriz (comps.). **El discurso femenino em la literatura grecolatina**. Rosario: Homo Sapiens, 2001, p. 133: “[...]Safo [...]en muchos [...] otros fragmentos de su obra pone de manifiesto mecanismos de producción discursiva que evidencian el surgimento y la consolidación del género.”

⁴⁵² Para indicação de algumas destas divergências de edição cf. LOBEL, Edgar (ed.). ΣΑΠΦΟΥΣ ΜΕΛΗ, op.cit., p. 42-44. LOBEL, Edgar; PAGE, Denys (eds.), op. cit., p. 14-15.

ajuda a estabelecer parâmetros comparativos de composição – para o fragmento 16 é bastante difícil definir um tipo específico com o qual este se identificaria. Para ressaltar essa dificuldade basta destacar o fato de que o mesmo tem sido definido sem maiores problematizações como um “poema de amor”, no âmbito de trabalhos de autores que trazem preocupações e perspectivas marcadamente distintas como, por exemplo, Bowra⁴⁵³ e Wilson.⁴⁵⁴ A partir disto pode-se arriscar a dizer que, partindo das referências antigas relativas às composições da poetisa – apresentadas aqui no segundo capítulo - o mesmo poderia ser apontado em termos gregos como: ἐρωτικός (*erōtikos*)⁴⁵⁵. Classificação com relação à qual não se encontra a descrição de um padrão estrutural semelhante ao que se apontou aqui para o fragmento 1.

O que salta aos olhos com relação ao fragmento 16 – e, portanto, é reiterado em todas as leituras relativas ao mesmo, guardadas todas as diferenças de perspectiva - é que, para compô-lo Safo lançou mão de recursos formais e de conteúdo bastante correntes. O que no caso do *priamel* contido na primeira estrofe, atesta-se na medida em que se faz presente nos compostos de outros poetas antigos outros: Píndaro, Teógnis, Tirteu⁴⁵⁶; e no que se refere ao episódio mítico evocado: a partida de Helena para Tróia, de um evento mítico que se fazia presente já na épica homérica, muito possivelmente fazia-se presente nos compostos de outros poetas líricos - como, para além de Safo, sugere sua presença em dois compostos do contemporâneo poeta Alceu⁴⁵⁷ - e que se fará presente como tema ainda no âmbito do gênero poético dominante no Período Clássico: a tragédia.

Chamando atenção, ainda, o fato de que a poetisa constrói sua composição de forma magistralmente harmônica, na medida em que faz ecoar a temática amor/beleza // guerra - apresentada como seu mote na estrofe inicial - ao longo de todo o poema: na segunda e terceira estrofes, pela escolha dos personagens míticos que faz (inseridos que estão no contexto da mais evocada guerra antiga), assim como pela maneira como os descreve (ressaltando os caracteres de supremacia da beleza de Helena e de seu marido em tudo); nas duas (supostas) últimas estrofes, retomadas pela lembrança que esta atmosfera

⁴⁵³ BOWRA, Cecil M., op.cit.

⁴⁵⁴ WILSON, Lyn Hatherly, op. cit.

⁴⁵⁵ Philostr. *Vit. Appol.* 1.30, test. 21; Athenaeus, *Scholar at Dinner* 14.639 a, test. 39. In *ibid.*, p. 20-21, 36-37.

⁴⁵⁶ Citados como exemplos em comparação ao *priamel* encontrado em Safo por Bowra Cecil M., op.cit., p. 181-182. Assim como por: WILSON, Lyn Hatherly, op. cit., p. 48-49.

⁴⁵⁷ Frag. 42, 283. In: CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 332-333.

anteriormente evocada tem o poder de despertar no eu-poético: Anactória – que pode ser tomada como exemplo dado pela voz poética da personificação da “coisa mais bela”(κάλλιστον (*kálliston*)) para si, e portanto, a sua amada, um vez que sua presença (evocada pela memória de seu “adorável passo” (ἑρατόν βᾶμα (*heratón bāma*)) e “brilhante rosto” (λάμπρον προσώπω (*lámpron prosōpo*)) faz-se citada na quinta estrofe como mais desejável que os elementos equivalentes⁴⁵⁸ aos evocados no *priamel* que abre o poema.

Nesta perspectiva, no que se refere à primeira estrofe, torna-se pertinente chamar a atenção ainda, em detalhe, para: a presença, no seu segundo verso – como já aparecera no segundo verso da terceira estrofe do fragmento 1 - de uma convencional (suposta) expressão da tradição épico-homérica: γᾶν μέλαιναν (*gān mélainan* (terra negra)); assim como para a presença, no verso seguinte, do pronome sujeito da primeira pessoa do singular: ἐγώ (*ego*) – uma vez que, seu uso sendo quase sempre dispensável em grego, marca, sem dúvidas, uma preocupação por parte do compositor em ressaltar o sujeito do verbo. Elementos estes sempre ressaltados no âmbito dos trabalhos que se propõem a comentar este poema: 1- de um lado por aqueles que defendem a lírica sáfica como expressão de seu “próprio ideal feminino contra o ideal masculino”⁴⁵⁹ como: elementos que ressaltam a oposição pessoal e feminina de Safo aos valores masculinos veiculados, sobretudo, pela poesia épica⁴⁶⁰; 2- de outro, pelos que defendem a voz de Safo como uma voz feminina que se valeria de recursos discursivos masculinos de forma subversiva⁴⁶¹, como: elementos utilizados para enfatizar uma posição marcadamente enunciada de um “eu” (*persona* poética feminina) mas que, valendo-se de um recurso formal e de valores e expressões marcadamente masculinas, o faz de uma maneira que não se opõe

⁴⁵⁸ Ilja Pfeijffer chama a atenção para o fato de que, para Safo, a Lídia simbolizaria o centro da beleza e da elegância. Além do que, citando Rissman (RISSMAN, L., op. cit., p. 46), informa ainda que: “ ‘ *in Sappho’s time, Troy was part of the Lydian empire. Therefore [...] the Lydians were the contemporary equivalents of Homer’s army.* ’ ” (no tempo de Safo, Tróia era parte do império lídio. Assim [...] os lídios eram o equivalente contemporâneo dos exércitos de Homero). PFEIJFFER, Ilja Leonard. *Shifting Helen: an interpretation of Sappho*, Fragment 16 (Voigt). **The classical quarterly**, vol. 50, no. 1, 2000, p. 5 (nota 19). Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 14 mar. 2008.

⁴⁵⁹ BOWRA, Cecil. M., op.cit., p. 180-181: “[...] *own feminine ideal against the masculine ideal [...]*”.

⁴⁶⁰ Nesse sentido, cf.: SNELL, Bruno, op. cit., p. 59-60.

⁴⁶¹ Nesse sentido, cf.: SNYDER, Jane McIntosh. **Lesbian desire in the lyrics of Sappho**. New York: Columbia University Press, 1997, p. 64-71. WILSON, Lyn Hatherly, op. cit., p. 47-54. WINKLER, John J., op. cit., p. 176-178.

explicitamente aos mesmos, mas, integram-nos. De forma que a poetisa consiga construir uma ambigüidade, e não uma oposição semântica - sendo justamente isto o que faz ressaltar uma diferença (feminina). Notando que: no *priamel*, a poetisa não se refere a sujeitos determinados (masculinos e femininos) que se oporiam, mas a sujeitos indeterminados (οἱ μὲν [...] οἱ δὲ [...] οἱ δὲ (*oi mèn [...] oi dè [...] oi dè*) “Uns[...] outros [...] Outros) em oposição ao “eu” determinado. Indeterminação que não obstante a determinação do “eu”, reitera-se pela maneira com que este “eu” enuncia sua posição frente aos demais; pois, afirmando ser a “coisa mais bela”(κάλλιστον (*kálliston*)): “o que quer que alguém ame” (κῆν ὅττω τις ἔραται (*kēn hōttō tis ératái*)), vale-se ainda uma vez de indeterminações que não invalidam, necessariamente, as demais proposições listadas.

Aspectos quanto aos quais defende-se, aqui, que, se por sua parte, o reiterado uso da expressão γᾶν μέλαιναν (*gān mélainan* (terra negra)), no âmbito do conjunto de fragmentos de Safo a que hoje têm-se acesso, talvez explicitem apenas o compartilhamento de Safo com relação a expressões correntes no seu contexto de composição - ademais como qualquer outro poeta. Por outro lado, por sua vez, o uso do pronome de primeira pessoa, de fato, pode vir a tratar-se apenas de um reforço estilístico aí bastante coerente e pertinente, uma vez que a partir da quarta estrofe, a voz poética vem nos apresentar uma sua personalização do que seria a coisa mais bela sobre a terra negra.

Por fim, com relação ao fragmento 16, chamar-se-á atenção ainda para um último elemento – para o qual grande parte dos estudiosos que tratam do fragmento o fazem - a maneira com que o episódio mítico da partida de Helena pra Tróia é aí apresentado; dado que a conotação que o mesmo parece assumir no espaço deste poema: um exemplo positivo de priorização da mais bela coisa, o amor, por parte de Helena, contrasta com a maneira que tal atitude da personagem foi referenciada no âmbito do *corpus* poético grego antigo ao qual temos acesso. Diferença que, se de fato é interessante e singular, pode ser atenuada: seja ainda uma vez pela dificuldade de se mensurar o grau de representatividade do material poético antigo ao qual se tem acesso hoje; seja ainda pelo fato de que, encontrando-se este fragmento repleto de lacunas, alguns estudiosos aventam a possibilidade de que na verdade aí, Safo em seguida possa vir a condenar a atitude de Helena⁴⁶² – hipótese mais difícil de

⁴⁶² Neste sentido cf. Os comentários de WILSON, Lyn Hatherly, op. cit., p. 50-51.

ser aceita na medida em que parece sugerir uma desarmonia com o restante do conteúdo veiculado neste poema. Difícil se fazer qualquer afirmação peremptória. Mesmo porque existe ainda um outro “elemento” – cuja possibilidade de presença original neste composto é defendida por alguns estudiosos⁴⁶³ – a deusa Afrodite. E neste caso, ainda que a atitude de Helena seja positivamente julgada pela voz poética do fragmento 16, tratar-se-ia da aprovação relativa não a uma escolha pessoal e ativa de uma mulher, mas a algo inexorável: a atuação da deusa do amor. Possibilidade interessante, uma vez que remeteria, novamente, a uma presença e temática presentes no outro fragmento aqui considerado – isto sem considerar os demais fragmentos da poetisa em que a presença da deusa é efetiva ou muito provável.⁴⁶⁴

Dito tudo isto, e considerando forte presença do que comumente são postos como temas *aprioristicamente* homéricos – muito embora se deva considerar toda a discussão feita no âmbito do capítulo dois, a sugerir que talvez, as diferenças entre lírica e épica não sejam tão marcadas ou que a primeira não suceda a segunda, mas lhe seja concomitante; assim como o fato de que “[...] é difícil avaliar a influência de Homero sobre os líricos arcaicos, pois não sabemos até que ponto a *Ilíada* e a *Odisséia* que conheciam assemelhava-se aos textos que nos chegaram”⁴⁶⁵ –, presentes, sobretudo no fragmento 16, passo a considerar ainda um outro fragmento: o fragmento 44. Selecionado para ser traduzido e brevemente comentado no âmbito desta dissertação, em prol de dar mostras não apenas do reiterado compartilhamento de temas consagradamente homéricos que se fazem presentes em algumas das composições de Safo, assim como nas de outros tantos compositores, mas também, da versatilidade da poetisa como compositora de tipos de poemas diversos – aqui também já aludida no âmbito do segundo capítulo.

Considere-se:

⁴⁶³ Cf.: BOWRA, Cecil. M., op.cit., p. 180; GENTILI, Bruno. **Poesia y público en la Grecia Antigua**. Tradução Xavier Riu. Barcelona: Quaderns Crema, 1996. SNELL, Bruno, op. cit., p. 59. SNYDER, Jane McIntosh. **Lesbian desire in the lyrics of Sappho**, op. cit., p. 65.

⁴⁶⁴ Para um trabalho inteiramente dedicado ao estudo da presença da deusa Afrodite no âmbito dos fragmentos de Safo ver: RAGUSA, Giuliana, op. cit.. Afrodite é encontrada no âmbito dos fragmentos: 1, 2, 5, 15, 22, 33,73a, 86, 96, 102, 112, 133, 134, 140; e provavelmente encontrada nos fragmentos: 16, 35, 44 e 65.

⁴⁶⁵ CORRÊA, Paula da Cunha. **Armas e varões: a guerra na lírica de Arquíloco**. São Paulo: Unesp, 1998, p. 60. Apud RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 321.

Κυπρο. []ας
Κάρυξ ἤλθη θε[]ελε[. . .] . θεις
Ἰδαος ταδεκα . . . φ[. .] . ις τάχυς ἄγγελος

deest unus versus

τάς τ' ἄλλας Ἀσίας . [.]δε . αν κλέος ἄφθιτον·
Ἐκτωρ καὶ συνέταιρ[ο]ι ἄγοισ' ἐλικώπιδα
Θήβας ἐξ ἱέρας Πλακίας τ' ἀ[π' αἶ]ν ν ἄω
ἄβραν Ἀνδρομάχαν ἐνι ναῦσιν ἐπ' ἄλμυρον
πόντον· πόλλα δ' [ἐλί]γματα χρύσια κάμματα
πορφύρα[α] καταὔτ[με]να, ποίκιλ' ἀθύρματα,
ἀργύρα τ' ἀνάριθμα ποτήρια κἀλέφαις.
ὥς εἶπ' ὄτραλέως δ' ἀνόρουσε πάτ[η]ρ φίλος·
φάμα δ' ἤλθε κατὰ πτόλιν εὐρύχορον φίλοις·
αὐτικ' Ἰλιάδαι σατίναι[ς] ὑπ' ἐυτρόχοροις
ἄγον αἰμιόνος, ἐπ[έ]βαινε δὲ παῖς ὄχλος
γυναίκω τ' ἅμα παρθενίκα[ν] τ . . [. .]οσφύρων,
χῶρις δ' αὐ Περάμοιο θύγ[α]τρεις[
ἵππ[οις] δ' ἄνδρες ὑπαγον ὑπ' ἀρ[ματ-
π[]ες ἠίθεοι μεγάλω[σ]τι δ[
δ[] . ἀνίοχοι φ[. . . .] . [.]
π[]ξα.ο[

desunt aliquot versus

ἵκελοι θεοί[ς]
ἄγνον ἀολ[λε-
]νον ἐς Ἰλιο[ν,

αὔλος δ' ἀδυ[μ]έλες [κίθαρίς] τ' ὄνεμίγνυ[το
καὶ ψ[ό]φο[ς κ]ροτάλ[ων, λίγέ]ως δ' ἄρα πάρ[θενοι
ἄειδον μέλος ἄγν[ον, ἵκα]νε δ' ἐς αἴθερα
ἄχω θεσπεσία γελ[
πάνται δ' ἦς κατ' ὄδο[ις
κράτηρες φίαλαί τ' ὀ[. . .]υεδε[. .] . . εακ[.] . [.]
μύρρα καὶ κάσια λίβανος τ' ὄνεμείχνυτο·
γύναικες δ' ἐλέλυσδον ὅσαι προγενέτερα[ι,
πάντες δ' ἄνδρες ἐπήρατον ἵαχον ὄρθιον
Πάον' ὄνκαλέοντες ἐκάβολον εὐλύραν,
ὑμνον δ' Ἐκτορα κ' Ἀνδρομάχαν θεοεικέλο[ις].⁴⁶⁶

Chipre . []as.

⁴⁶⁶ CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 88,90.

“estrofe sáfica” utilizada no âmbito dos fragmentos 1 e 16⁴⁶⁷ – fato que explica, ainda, o seu pertencimento a um outro livro também da edição Alexandrina (livro 2) -, conseqüentemente apresenta tamanho e disposição distintos.

Partindo desta perspectiva, no que concerne a este fragmento, é interessante fazer observar, logo de início, ainda que, se o mesmo tem sido apresentado no âmbito de alguns comentadores como um exemplo de uma canção de casamento⁴⁶⁸; tipo de composição que em termos gregos aparece caracterizada mais comumente como *επιθαλάμιον* (*epithalámion*)⁴⁶⁹, embora possa parecer referida como *ὕμέναιος* (*huménaios*)⁴⁷⁰ – o que poderia levá-lo a ser colocado no âmbito do oitavo ou nono livro de Safo⁴⁷¹, o qual teria sido formado apenas por este tipo de composição (destacando assim a importância que tal formato teria tido no conjunto poético da poetisa⁴⁷²). Não obstante para outros autores⁴⁷³, como por exemplo, Bowra, tal fragmento é apontado como um exemplar de poesia narrativa mitológica com relação ao qual – sobretudo diante da suas inúmeras anômalas

⁴⁶⁷ Os poemas presentes no livro 1 teriam sido todos compostos em um padrão métrico que - uma vez que no âmbito de alguns comentadores antigos é apontado como comumente usado pela poetisa, em um destes ressaltando mesmo, que a poetisa o emprega mais que quem o teria inventado: Alceu – é conhecido, já na Antiguidade como: “estrofe sáfica” (*sapphicum metrum*). Assim referenciada pelo gramático Mário Vitorino (IV d.C.) (cf: test. 33. In: CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 32-33). Para outras referências antigas quanto aos metros correspondentes aos livros conforme editados na edição Alexandrina de Safo, assim como, especificamente, aos metros usados por ela ver: test.: 29-36. In: *ibid.*, p. 28-35. Disposição métrica que seria formada por três versos hendecassílabos e um adônio. Para considerações mais detalhadas a respeito dos metros que estariam presentes em cada um dos livros de Safo da edição supracitada ver: REINACH, Théodore ; PUECH, Aimé (ed. et trad.), op. cit.

⁴⁶⁸ SNYDER, Jane McIntosh. Public occasion and private passion in the lyrics of Sappho of Lesbos, op. cit., p. 2. WILSON, Lyn Hatherly, op. cit., p.142-157.

⁴⁶⁹ Servius on Virgil *Georg.* 1.31, frag. 116. In: CAMPBELL, David A. (ed.), op. cit., p. 138-139.

⁴⁷⁰ Demetrius, *On Style*, test. 45. In *ibid.*, p. 40-41. Assim referido por: SNELL, Bruno, op. cit., p. 72.

⁴⁷¹ Para uma indicação desta controvérsia ver: LOBEL, Edgar (ed.). **ΣΑΠΦΟΥΣ ΜΕΛΗ**, op.cit., p. XIV. Para uma extensa discussão desta questão ver: YATROMANOLAKIS, Dimitrios. *Alexandrian Sappho revisited. Harvard studies in classical philology*, vol. 99, 1999, p. 179-195. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 03 mar. 2008.

⁴⁷² Fränkel chega a dizer que os epitalâmios representariam “os mais famosos poemas de Safo”. FRÄNKEL, Hermann. **Early greek poetry and philosophy**. Translated M. Hadas; J. Willis. Oxford: Basil Blackwell, 1975, p. 172. Bowra, por sua vez, também dá a entender o seu destacado lugar no âmbito do conjunto poético de Safo, ao comentar que os mesmos teriam sido escritos em número suficientemente considerável de modo a terem ocupado mesmo um volume separado no âmbito da edição Alexandrina dos poemas de Safo. BOWRA, Cecil. M., op.cit., p. 214. Giuliana Ragusa, por sua, vez lembra que tais opiniões não seriam de modo algum consensuais: “Denys Page, em *Sappho and Alcaeus*, afirma: ‘Parece que o livro de Epitalâmios formava um pequeno e comparativamente apêndice da composição alexandrina da lírica de Safo. Este não é contudo o final da história. Há razão para crer que poemas de tipo epitalâmio foram incluídos em outros livros, se os seus metros assim o demandavam’ .”PAGE, Denys L. **Sappho and Alcaeus: an introduction to the study of ancient Lesbian poetry**. Oxford: Claredon Press, 1987, p. 125. Apud RAGUSA, Giuliana, p. 45.

⁴⁷³ Cf.: KIRKWOOD, G. M., op. cit., p. 142-147. RISSMAN, L., op. cit., 133.

características⁴⁷⁴ apresentadas quando comparadas a outros dos poemas de Safo, mas também pela presença em seu texto de formas gregas até mesmo áticas⁴⁷⁵ (forma dialetal grega característica do período clássico) – a autoria é atribuída, em meio a algumas controvérsias, à Safo⁴⁷⁶. Divergência interpretativa, com relação à qual a estudiosa Giuliana Ragusa, em trabalho recente, informa ser a segunda opção classificatória aqui supracitada, a que seria a mais aceita⁴⁷⁷.

De tal aceitamento, talvez dê testemunho o mais recente trabalho da estudiosa Jane McIntosh Snyder que será considerado no espaço desta dissertação: *Lesbian desire in the lyrics of Sappho*. Trabalho no âmbito do qual esta estudiosa, além de apresentar uma divergência interpretativa diferente da presente, no âmbito de um artigo anterior: *Public occasion and private passion in the lyrics of Sappho of Lesbos* - no qual apresenta o fragmento 44 de Safo, ao lado dos fragmentos 110a e 111, como um provável exemplo de epitalâmio⁴⁷⁸. A autora – ademais como Bowra -, apesar de considerar a existência de controvérsias relativas à autoria do mesmo, não só defende a sua atribuição à poetisa Safo de Lesbos, como propõe que o mesmo, muito provavelmente, não se trate de um epitalâmio, mas sim de uma poesia narrativa mitológica, mais precisamente, nas palavras da autora: de um “mini-épico”⁴⁷⁹.

De qualquer forma, ou seja, interpretado como um epitalâmio ou uma poesia narrativa mitológica, fato é que para tal poema, no âmbito dos trabalhos dos autores que o consideram, subsiste uma sua instigante caracterização comum que – ao lado das suas peculiaridades formais e de conteúdo aqui já aludidas – reforça ainda mais o estranhamento de seu persistente reconhecimento enquanto composto poético sáfico: como um poema cujo *status de performance* é consensualmente reconhecido como irrestritamente público. Tendo

⁴⁷⁴ BOWRA, Cecil. M., op.cit., p. 227: “*The poem is anomalous both in its language and its prosody.*” (O poema é anômalo em sua linguagem e em sua prosódia).

⁴⁷⁵ Idem: “*What is troubling is the presence of the forms πορφύρα and ἀργύρα in 9 and 10. As they stand, they are Attic, and nothing else, and we may well ask what they are doing in a lesbian poem.*” (O que é incômodo é a presença das formas πορφύρα e ἀργύρα nos versos 9 e 10. Como se colocam, eles são áticos, e nada mais, e bem podemos perguntar o que eles estão fazendo em um poemalésbio).

⁴⁷⁶ Ibid., p. 228: “*It has therefore been claimed that the work is suppositious, the work is not of Sappho but of na Athenian imitator.*” (Tem sido, portanto reclamado que o trabalho é suposto, o trabalho não seria de Safo mas de um imitador ateniense.)

⁴⁷⁷ RAGUSA, Giuliana, op. cit., p. 389.

⁴⁷⁸ SNYDER, Jane McIntosh. *Public occasion and private passion in the lyrics of Sappho of Lesbos*, op. cit., p. 2.

⁴⁷⁹ SNYDER, Jane McIntosh. *Lesbian desire in the lyrics of Sappho*, op. cit., p. 76.

em perspectiva que, com relação a Safo, ⁴⁸⁰ o pressuposto de uma sua certa segregação em meio a um grupo de mulheres é bastante forte.

Dentro de tal perspectiva, vale ressaltar, em particular que, para aqueles que o tomam como um epitalâmio, a lógica da existência de um grupo de virgens meninas ao redor de Safo - uma vez que elas poderiam estar aí inseridas apenas durante o período anterior aos seus casamentos - encaixa-se de forma ainda mais harmoniosa com o que seria visto como os seus excepcionais poemas públicos. Encaixe interpretativo harmonioso este, ao qual seriam adicionados, por sua vez, poemas cujo conteúdo representaria a enunciação dos lamentos das meninas dentro do grupo sáfico, logo após as bodas de uma delas - deste lamento pós-separação daria testemunho um composto tal como o fragmento 94 que segue:

τεθνάκην δ' ἀδόλως θέλω
ἄ με ψισδομένα κατελίμπανεν

πόλλα καὶ τόδ' ἔειπέ [μοι·
᾿ὠμ' ὡς δεῖνα πεπ[όνθ]αμεν,
Ψάπφ', ἧ μάν σ' ἀεκοῖσ' ἀπυλιμπάνω. '

τὰν δ' ἔγω τάδ' ἀμειβόμαν·
᾿χαίροσ' ἔρχεο κάμεθεν
μέμναισ', οἴσθα γὰρ ὡς σε πεδήπομεν·

αἰ δὲ μή, ἀλλά σ' ἔγω θέλω
᾿μναισαι [. . .] . [. . .] . . αι
. . [] καὶ κάλ' ἐπάσχομεν.

Πό[λλοις γὰρ στεφάν]οις ἴων
καὶ βρ[όδων κρο]κίων τ' ὕμοι
κα . . [] πὰρ ἔμοι περεθήκαο,

καὶ πό[λλαις ὑπα]θύμιδας
πλέκ[ταις ἀμφ' ἀπάλαι δέραι
ἀνθήων ἔ[βαλες] πεποημμέναις,

καὶ πολλωι[] . μύρωι
βρενθειῶι. [] ρυ[. .]ν

⁴⁸⁰ Outros exemplos seriam os fragmentos: 110 a e111.

macio pa. [] . . . *ōn*
satisfez o desejo [] . *nídōn*.

não havia[] nem
santuário []
de qualquer lugar que não estivéssemos

nem bosques sagrados . []coro
]som
] . . . *oidiai*

Ademais, falando de forma mais abrangente, é demasiado importante frisar que tal contexto público, consensualmente admitido para o fragmento 44, é que explica - tanto para aqueles que creditam Safo como compositora de lírica amorosa monódica e pessoal, como para os que a crêem como autêntica representante de uma voz feminina – algumas das “concessões” presentes nesta composição de Safo. E fato é que, para este fragmento de Safo, as concessões/anomalias – a maioria, até aqui, mencionada - não são poucas. Retomando: o emprego de um metro dactílico (que lhe proporciona uma disposição e ritmo bastante semelhantes aos épicos homéricos, estes compostos em hexâmetros dactílicos), a presença de vários epítetos comuns às epopéias de Homero, assim como de formas dialetais peculiares à linguagem presente na épica homérica e mais que isto, opostas ao dialeto eólico falado em Lesbos⁴⁸²; a narrativa é feita em terceira pessoa e além disto, seu tema concerne às núpcias de dois importantes personagens da legenda troiana: Heitor e Andrômaca⁴⁸³.

Não por acaso, Edgar Lobel, na sua edição para os poemas sáficos do ano de 1925, chega a supor a existência do que seriam poemas sáficos do tipo “anormal”. Composições que descreve como aquelas que, diferentemente de outras tantas, no âmbito das quais há normalmente o que chama de “epicismos” (*epicisms*), apresentariam: “[...] peculiaridades

⁴⁸² BOWRA, Cecil. M., op.cit., p. 227, enumera: οσα (ουσα), ιερας (ιρας), ενι (εν), κατá (κάτ), πόλιν (πόλιν), φίλοις (φίλοισι), ονκαλέοντες (ονκάλεντες). As formas entre parênteses correspondem ao que seriam as formas eólicas esperadas.

⁴⁸³ Para uma listagem de tais características valeu-se aqui das críticas ao fragmento presentes em: BOWRA, Cecil. M., op.cit., p. 227-232. SNYDER, Jane McIntosh. **Lesbian desire in the lyrics of Sappho**, op. cit., p. 72-77. WILSON, Lyn Hatherly, op. cit., p. 142-157.

épicas [...] não [apenas] reminiscências e imitações de versos, mas formas [...] e efeitos métricos peculiares.”⁴⁸⁴

Não obstante, Bowra – também conforme já se fez alusão aqui – ainda que, por um lado, reconheça características marcadas deste fragmento que o tornam “anômalo” dentro do conjunto dos fragmentos sáficos, dentre as quais destaca: o seu tom pouco pessoal. Por outro lado defende sua atribuição à poetisa visto que, se observado com maior cuidado, com relação também a este poder-se-ia observar que se trata de um:

[...] tipo de poema que poderíamos esperar que Safo teria escrito sobre tal assunto. Ele de fato não apenas narra uma história, como descreve uma situação, ou uma série de situações, a chegada de Heitor e Andrômaca em Tróia depois do casamento deles. [...] O toque feminino de Safo está presente nos adjetivos atribuídos à Andrômaca e na ausência deles com relação a Heitor. Seu, também, é o gosto por ricos e belos objetos, pela púrpura, por ouro, prata, marfim e pelo sentido da riqueza e da prosperidade que eles evocam.⁴⁸⁵

Por sua vez, para uma autora como Wilson, – para quem, diferentemente de Bowra, o composto tratar-se-ia de um epitalâmio – se por um lado as concessões presentes neste composto de Safo se explicam nas suas incomuns adequações, ao que a autora toma como os padrões épicos, pelo contexto social público do casamento em que seria performatizada, passando a requerer, portanto, a adequação a certas convenções mais rígidas⁴⁸⁶; Por outro, explica-se também pelo fato de que o amor aí representado é “heterossexual” – e a partir disto ela já divergiria da maior parte das demais composições da poetisa. Não obstante, tais ressalvas – paralelamente ao que se observou logo acima com relação a Bowra e sua perspectiva de que Safo expressa a si mesma por meio de seus compostos - deixam inabalável o argumento/perspectiva central defendida pela autora: de que os compostos de

⁴⁸⁴ LOBEL, Edgar (ed.). ΣΑΠΦΟΥΣ ΜΕΛΗ, op.cit., p. xxvi: “[...] epic peculiarities [...] not reminiscences of verse, but peculiar forms [...] and metrical effects.”

⁴⁸⁵ BOWRA, Cecil. M., op.cit., p. 229: “[...] kind of poem which we might expect Sappho to write on such a subject. It does not so much tell a story as describe a situation, or a series of situations, the arrival of Hector and Andromache at Troy after their wedding. [...] Sappho’s feminine touch is present in the adjectives given to Andromache and in the absence of them from Hector. Hers too is the taste for rich and beautiful objects, for purple and gold and silver and ivory and for the sense of wealth and prosperity which they evoke.”

⁴⁸⁶ WILSON, Lyn Hatherly, op. cit., p. 142: “[...] Sappho was well aware of the mixed character of such celebrations, and her wedding-songs diverge to some extent from her usual style, effected as they are by the conventions of a public genre, or by the rhythms of a heterosexual occasion.” (Safo estava bem consciente do caráter misto de tais celebrações, e suas canções de casamento divergem em alguma medida do seu estilo usual, afetadas que são pelas convenções de um gênero público, ou pelos ritmos de uma ocasião heterossexual).

Safo apresentam-se como um lugar de enunciação feminina. Uma vez que, Wilson faz questão de sublinhar que:

[...] a visão de Safo das cerimônias de casamento parece diferente. Suas canções de casamento são repletas de sons musicais, de pessoas interagindo, de belas noivas, e ritual.[...] ela está preocupada com a representação de relações primárias e pessoais. Seu foco está sobre interações entre as pessoas que tomam parte, cantando e alegrando-se em uma ocasião importante para todos, homens ou mulheres.⁴⁸⁷

Em perspectiva semelhante, ou seja, de defender a “feminilidade” da voz sáfica, chegando mesmo - mas que conforme aludido, compartilha da interpretação de Bowra quanto ao fato de ser este fragmento uma narrativa mítica – retomo por fim, ainda uma vez Snyder. Sobretudo porque esta autora coloca Safo como uma voz feminina que estaria - em particular, com uma composição tal como o fragmento 44 - ecoando a épica homérica de forma como nenhuma outra o faria, com o objetivo de desafiar o que seria uma velha e patriarcal tradição. Destacando, pois, paralelamente aos ecos homéricos, o que seriam as idiossincrasias sáficas com relação a tal tradição: o destaque que ela daria a detalhes domésticos, assim como relativos aos sentidos: visão, audição, olfato - por meio de uma riqueza de descrições aí presentes e sem equivalentes na épica homérica⁴⁸⁸ -, Snyder busca dar mostras do que entende como um ímpeto estético inovador, de orientação feminina, que estaria sendo sutil, mas marcadamente enunciado por parte das composições de Safo.

Tudo isto exposto, defende-se aqui, ainda para o fragmento 44, as dificuldades de endossar as afirmações conforme expostas nos trabalhos supracitados. Pois ainda uma vez, sugerem que – na medida em que se preocupam em demasia em alocar as diferenças presentes nos compostos de Safo pelo excepcional fato de tratar-se ela, como compositora, de uma mulher – mesmo quando se apresenta um fragmento, do qual, nem mesmo a voz poética é feminina, seus argumentos giram em torno de uma busca por traços diferentes e por ressaltá-los como femininos.

Criando uma oposição que chega a ponto de colocar Safo como a desafiar Homero em termos de ideais estéticos, quando o que se poderia ressaltar seria a versatilidade e a

⁴⁸⁷ Ibid., p. 144-145: “[...] *Sappho’s view of marriage ceremonies seems different. Her wedding songs are full of the sounds of music, of people interacting, of beautiful brides, and ritual. [...] she is preoccupied with the representation of primary and personal relationships. Her focus is upon interactions between the people who take part, singing and rejoicing at all-important, female/male occasion.*”

⁴⁸⁸ SNYDER, Jane McIntosh. **Lesbian desire in the lyrics of Sappho**, op. cit., p. 75.

excelência de Safo como poetisa a dialogar - e nisto, ao mesmo tempo, acabando por propor inovações poéticas – com a tradição na qual, inevitavelmente, interfere, por assim dizer, ao longo dos seus reiterados exercícios de compor, sobretudo no âmbito de uma cultura ainda eminentemente oral.

Reproduzo, por fim, portanto, um curioso testemunho que compara Safo a uma outra poetisa, cujo nome e a pouquíssimas das suas composições têm-se acesso hoje: Erina, informando que: “Na proporção que Safo supera Erina com relação aos seus cantos, Erina supera Safo com relação aos seus hexâmetros”.⁴⁸⁹

Como forma de instigar uma reflexão, não só em prol da excelência e versatilidade de Safo em termos que tentem levar em consideração toda a complexidade que tal tarefa necessariamente acarreta, mas de sugerir a existência de poetisas semelhantes e que não precisam se colocadas à parte/opostas ao que seria uma tradição masculina para serem avaliadas e, mesmo, singularizadas em sua excelência.

⁴⁸⁹ Anth. Pal. 9. 190. 7s (test. 35). In: CAMPBELL, D. A. (ed.), op. cit., p. 34-35.

Considerações Finais

Pode-se dizer que, no âmbito desta dissertação, o que acabou por se configurar como resultado foi uma reflexão em torno de alguns pressupostos que – conforme se objetivou explicitar e problematizar aqui - perpassam de forma determinante, não só especificamente as leituras relativas aos fragmentos sáficos, mas de diferentes formas, o trabalho dos historiadores no trato com tantos outros materiais com as quais se propõem a trabalhar: o pressuposto de que um aspecto identitário tão determinante quanto o sexo/gênero tenda a ser enunciado, e, portanto, também marcado na linguagem/discurso daqueles que fala.

Assim sendo, é possível dizer ainda que, embora o estudo da forma como tal inquietante pressuposto perpassou, em diferentes medidas, as leituras dos estudiosos que se propuseram a comentar os fragmentos da poetisa de Lesbos constituía-se como o objeto central desta dissertação: configurado aqui na forma de um breve exercício de tradução e de considerações relativas, efetivamente, a três, dentre os quatro fragmentos de Safo que foram apresentados. Entende-se que tal objetivo assim recortado só pôde ganhar sentido como objeto/ problema, na medida em que acompanhado por esforços reunidos em prol de: de um lado, problematizar como as idéias desenvolvidas no campo dos estudos que se ocuparam da linguagem imbricaram-se de maneira íntima com os pressupostos e as problemáticas teóricas sobre as quais a ciência histórica assenta-se – como, é claro, em diferentes medidas, as demais áreas o fazem umas com relações às outras -, e, com maiores detalhes, as implicações de todos estes pressupostos quando de seu encontro e/ou confronto com demandas outras mais específicas requeridas pela ampliação dos sujeitos e problemas os quais as ciências humanas propunham-se a considerar: falando-se aqui das mulheres e dos abalos que os movimentos e críticas de caráter feministas foram e continuam sendo capazes de provocar no âmbito das ciências humanas (Capítulo 1); de outro, de problematizar o corolário de implicações que, ao se tratar especificamente de Safo e do trato com seus fragmentos poéticos, acabaram por ser postos em movimento pelos estudiosos, no sentido de reforçar a defesa de uma especificidade feminina aí enunciada. Por isto, portanto, é que se deu espaço aqui, às considerações relativas aos inúmeros problemas relativos às especificidades no trato das composições poéticas antigas e, mais detalhadamente, às definições de um gênero lírico monódico – uma vez que este é o gênero

com o qual os compostos poéticos de Safo, desde a Antiguidade, vem sendo identificados. Assim, como à forte idéia que acabou se configurando de que, na Antiguidade, teria tido espaço a constituição de duas distintas tradições poéticas: uma tradição masculina e outra feminina (Capítulo 2).

Dadas as inúmeras e complexas questões resultantes desta discussão, foi que se sentiu a necessidade de se buscar uma perspectiva outra de leitura, que fosse capaz de não privilegiar qualquer aspecto relacionado ao autor - ou mesmo estritamente ao seu contexto histórico de produção - como determinantes daquilo que este produz. Perspectiva aqui pretensamente encontrada no conceito de “intertextualidade” - conforme cunhado pela estudiosa búlgara Julia Kristeva, com base nas reflexões desenvolvidas pelo russo Mikhail Bakhtin. Portanto, o conceito de intertextualidade conforme tomado aqui, não se trata propriamente de um instrumento analítico, mas antes de uma perspectiva de leitura que tem como pretensão levar em consideração a complexidade implicada no ato de criação poética – sobretudo quando ele se dá em um conteúdo eminentemente oral de produção que, portanto, demanda um grau de importância para ser preservado enquanto tal até ser grafado e editado, e para, finalmente, só assim ter a chance de chegar, ainda que em fragmentos, a ser descoberto mais de vinte séculos depois.

O objetivo não é, pois, negar a importância da quase singular existência de fragmentos de poemas atribuídos a uma poetisa - cuja excelência como poeta vem sendo amplamente reconhecida desde a Antiguidade. Mas antes, procurar entendê-la levando-se em conta todos os silêncios e mais que isto, a riqueza de diálogos invariavelmente postos em marcha, cada vez que uma composição é criada e recriada por cada intérprete, tradutor, ouvinte/leitor.

Bibliografia Consultada:

- Textos antigos – traduções e comentários

ABRÃO, BABY (trad.). Poética. In **Aristóteles**. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 33-75. (Os Pensadores).

BERNABÉ PAJARES, Alberto; RODRÍGUEZ SOMOLINOS, Helena. **Poetisas griegas**. Madrid: Ediciones Clásicas, 1994.

CAMPBELL, D. A. (ed.). **Greek lyric I - Sappho and Alceus**. 3rd ed. Cambridge: Harvard University Press, 1994. (The Loeb Classical Library).

CHAMBRY, Émile (ed. et trad.). **Platon. La République. Première partie, tome VI (livres I-III)**. Paris: Belles Lettres, 1996.

CHAMBRY, Émile (ed. et trad.). **Platon. La République. Deuxième partie, tome VII (livres VIII-X)**. Paris: Belles Lettres, 1996.

FONTES, Joaquim Brasil. **Variações sobre a lírica de Safo**. Texto grego e variações livres. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

_____ (trad.). **Poemas e Fragmentos de Safo de Lesbos**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

FREIRE, A. **Selecta grega**. Porto: Livraria Apostolado, 1961.

HARDY, J. (ed.). **Aristote, Poétique**. 2^{ème} ed. Paris: Les Belles Lettres, 1999.

LOBEL, Edgar (ed.). **ΣΑΠΦΟΥΣ ΜΕΛΗ**. The fragments of the lyrical poems of Sappho. Oxford: Claredon Press, 1925.

LOBEL, Edgar; PAGE, Denys (eds.). **Poetarum Lesbiorum Fragmenta**. Oxford: Claredon Press, 1955.

MAZON, Paul (ed. et trad.). **Hésiode : Théogonie, Les travaux e les jours, Le Bouclier**. Paris: Les Belles Lettres, 1944.

MURRAY, A.T.. (ed. trad.). **Homer. The Odyssey II**. Books XIII-XXIV. Cambridge : Harvard University Press, 1975. (The Lobel Classic Library).

_____. **Homer. The Odyssey I**. Books I-XII. Cambridge : Harvard University Press, 1976. (The Lobel Classic Library).

_____. **Homer. The Iliad I.** Books I-XII. Cambridge : Harvard University Press, 1988. (The Lobel Classic Library).

PAES, José Paulo (trad. e coment.). **Poemas da Antologia Grega ou Palatina, séculos VII a.C. a V d.C.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

REINACH, Théodore ; PUECH, Aimé (ed. et trad.). **Alcée, Sapho.** 5^{ème} ed. Paris: Belles Lettres, 1989.

WALTZ, Pierre. (ed.). **Anthologie Grecque. Première Partie - Antologie Palatine, tome IV (livre VII, épigr. 1-363).** Paris: Belles Lettres: 1957.

_____. **Anthologie Grecque. Première Partie - Antologie Palatine, tome VII (livre IX, épigr. 1-358).** Paris: Belles Lettres: 1957.

_____. **Anthologie Grecque. Première Partie - Antologie Palatine, tome VIII (livre IX, épigr. 359-827).** Paris: Belles Lettres: 1957.

- Obras de Referência

BAILLY, A. **Dictionnaire grec-français.** Paris: Hachette, 1952.

HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina.** Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1998.

HOEPNER, Lutz; KOLLERT, Ana Maria Cortes; WEBER, Antje. **Dicionário de bolso português Langenscheidt: Portugiesisch-Deutsch, Deutsch-Portugiesisch.** Berlin: Langenscheidt, 2001.

HOUAISS, Antônio *et al.* **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIDELL, H., SCOTT, R.; JONES, H. S. **Greek-English lexicon with a revised supplement.** 9th ed.. Oxford: Clarendon Press, 1996.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

REY, Alan; ROBERT, Paul; REY-DEBOVE, Josette. **Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française.** Paris: Le Robert, 2004.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga (ed.). **Dicionário do Latim essencial.** Belo Horizonte: Crisálida/Tessitura, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SIMPSON, J. A.; WEINER, E. S. C. **The Oxford English Dictionary**. 2nd ed. Oxford; New York: Clarendon; Oxford University, 1991.

STOPPELLI, Pasquale (coord.). **Garzanti: I grandi dizionari italiano**. Milano: Garzanti, 2005.

[vários autores]. **Gran diccionario: español-portugués portugués-español**. Madri: Espasa Calpi, 2001.

- Obras Modernas

ACHCAR, Francisco. **Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ALCOFF, Linda. Cultural feminism versus post-structuralism: the identity crisis in feminist theory. **Signs**, vol. 13, no. 3, 1988, p. 405-436. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 14 mar. 2008.

ANDRADE, Marta Mega de. **A ‘cidade das mulheres’: cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga (LHIA), UFRJ, 2001.

_____. A ‘cidade das mulheres’: a questão feminina e a *pólis* revisitada. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson, José da. (org.). **Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p.115-147.

ANDREADIS, Harriette. Sappho in early modern England: a study in sexual reputation. In: GREENE, Ellen (ed.). **Re-Reading Sappho: reception and transmission**. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 105-121.

BARRON, J. P.; EASTERLING, Patricia E.. Elegy and iambus: Callinus, Tyrtaeus, Mimnermus. In: EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.). **The Cambridge History of Classical Literature 1: Early Greek Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 87-95.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica: história externa das línguas**. São Paulo: Edusp, 2005.

BAYN, Nina, "The madwoman and her Languages: why I don't do feminist literary theory", **Tulsa Studies in Women's Literature**, vol. 3, no. 1/2, 1984, p. 45-59. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 14 mar. 2008.

BENNETT, Curtis. Concerning "Sappho schoolmistress". Transactions of the American Philological Association (TAPA), vol. 124, 1994, p. 345-347. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acessado em: 03 mar. 2008.

BLUNDEL, Sue. **Women in ancient Greece**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

BOWMAN, Laurel. The 'women's tradition' in Greek poetry. Phoenix, vol. 58, no. 1/2, 2004, p. 1-27. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 03 mar. 2008.

BOWRA, C. M.. **Greek lyric poetry: from Alcman to Simonides**. Oxford: Clarendon University Press, 2000.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

_____. **O que é História Cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURKE, Peter, ROY, Porter (org.). **Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem**. Tradução Álvaro Luiz Hattnher. São Paulo: Unesp, 1993.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminim and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

_____, Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo'. **Cadernos Pagu**, Unicamp, 11, 1998, p. 11-42. Tradução de Pedro Maia Soares do original inglês: "Contingent foundations: feminism and the question of 'postmodernism'", 1990.

CAMPBELL, David A. Monody. In: EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.). **The Cambridge History of Classical Literature 1: Early Greek Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 161-180.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1990.

COLE, Susan Guettel, Could greek women read and write?. In: FOLEY, Helene P. (ed.). **Reflections of Women in Antiquity**. Filadélfia: Gordon and Breach, 1992, p. 219-245.

COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília M. B. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (orgs.). **Mulher e relações de gênero**. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 81-114.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

DAVIS, Natalie Zemon. Las formas de la historia social. **Historia Social**, 10 (1991), p. 177-182.

DE CERTAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Tradução Maria Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 65-119.

DE LAURETIS, Tereza, A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Tradução Suzana Funck Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 206-242.

DELEUZE, Gilles, A vida como obra de arte. In: **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: **A Escritura e a Diferença**. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995, p. 229-252.

DETIENNE, Marcel. **Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque**. Paris: Maspero, 1977.

DEVERAUX, George. The nature of Sappho's seizure in Fr. 31 LP as evidence of her inversion. **The Classical Quarterly**, vol. 20, no. 1, 170, p. 17-31. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 03 abr. 2006.

DOSSE, François. **História do estruturalismo I: o campo do signo, 1954-1966**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Ensaio/ Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

_____. **História do estruturalismo II: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Ensaio/ Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

DOVER, Kenneth James. **A Homossexualidade na Grécia Antiga**. Tradução Luís S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

DRAINE, Betsy. Refusing the wisdom of solomom: some recent feminist literary theory. **Signs**, vol. 15, no. 1, 1989, p. 144-170. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 14 mar. 2008.

DUBY, Geoges. **Un nominaliste bien tempéré**. Paris: Flammarion, 1980.

DURANTI, Alessandro. Language as culture in U.S. anthropology. **Current anthropology**, Volume 44, Number 3, June 2003, p. 323-347.

EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.). **The Cambridge history of classical literature 1: Early Greek Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

FORREST, George. Greece: the history of the Archaic Period. In: BOARDMAN, John; GRIFFIN, Jaspin; MURRAY, Oswyn. **The Oxford History of the Classical World**. Oxford/New York: Oxford University Press, 1995, p. 19-49.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. Sobre a genealogia da ética. In DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense, 1995, p. 253-278.

_____, L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté [1984]. **Dits e écrits IV**. Paris: Gallimard, 1994, p. 708-729.

FRÄNKEL, Hermann. **Early greek poetry and philosophy**. Translated M. Hadas; J. Willis. Oxford: Basil Blackwell, 1975.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Antigüidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Unicamp, 1995.

_____. Filologia, Literatura e Lingüística e os debates historiográficos sobre a Antigüidade Clássica. **Boletim do CPA**, nº. 5/6, jan. /dez., 1998, p. 153-166.

_____. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson, José da (org.). **Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie, Existência ou inexistência de uma literatura especificamente feminina. **Boletim bibliográfico da biblioteca Mário de Andrade**, vol. 43, nº. 3/4, julho a dezembro de 1982. p. 7-14.

GENTILI, Bruno. **Poesia y público en la Grecia Antigua**. Tradução Xavier Riu. Barcelona: Quaderns Crema, 1996.

GOMES, José Roberto de Paiva. **Safo de Lesbos e os poetas masculinos: uma análise comparada da atividade ritual e do casamento na Grécia Arcaica**. 2004. 83 p. Dissertação (Mestre) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GREENE, Ellen. Apostrophe and women's erotics in the poetry of Sappho. **Transactions of the american philological association (TAPA)**, vol. 124, 1994, p. 41-56. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em 03 mar. 2008.

_____(ed.). **Reading Sappho: contemporary approaches**. Berkeley: University of California Press, 1996.

_____. **Re-reading Sappho: reception and transmission**. Berkeley: University of California Press, 1996.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 103-133.

HALLET, Judith P. Sappho and her social context: sense and sensuality [1979]. In: GREENE, Ellen (ed.). **Reading Sappho: contemporary approaches**. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 125-42.

_____. Response to Stigers. **Signs**, vol. 5, no. 2, 1979, p. 375-374. Disponível em <http://www.jstor.org>. (acessado em 17/02/2006).

_____. Feminist theory, historical periods, literary canons, and the study of the Greco-Roman antiquity. In: RABINOWITZ, Nancy S., RICHLIN, AMY (eds.). **Feminist theory and the classics**. New York: Routledge, 1993, p.44- 72.

HAVELOCK, Eric A.. **Prefácio a Platão**. Tradução Enid Abreu Dobránski. Campinas: Papirus, 1996.

_____. O oral e o escrito: uma reconsideração. In: **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais**. Tradução de Ordep José Serra. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 11-44.

_____. Os gregos antes da escrita. In: **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais**. Tradução de Ordep José Serra. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 187-217.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética**. Tradução Álvaro Ribeiro; Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

_____. **Vorlesungen über die Ästhetik**. http://www.textlog.de/hegel_aesthetik.html. Acesso em 26 jan. 2009.

HINGLEY, Richard. Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa. Tradução Renata Senna Garraffoni. FUNARI, Pedro Paulo A.(org.). **Repensando o mundo antigo**. Campinas: IFCH/Unicamp, n. 47, p. 27-62, março 2003. (Textos Didáticos).

HOBBSAWN, Eric J. A história de baixo para cima. **Sobre a História**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 216-231.

HUBER, Helena. El espacio del género en la poesía de Safo (16 VOIGT). In: CABALLERO, Elisabeth; HUBER, Helena; RABAZA, Beatriz (comps.). **El discurso femenino em la literatura grecolatina**. Rosario: Homo Sapiens, 2001, p. 133-145.

ILARI, Rodolfo. **Lingüística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

JAKOBSON, Roman. **Essais de linguistique générale**. Paris: Minuit, 1969.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2005.

KATZ, Marilyn A. Ideology and 'the status of women' in Ancient Greece. In: LEVICK, Barbara e HAWLEY, Richard (eds.). **Women in antiquity: new assessments**. London: New York Routledge, 1995, p. 21-43.

KENION, F. G. Greek papyri and classical literature. **Journal of Hellenic Studies**, 39, 1999, p. 1-15.

KIRKWOOD, G. M. **Early Greek Monody: the history of a poetic type**. Ithaca: Cornell University Press, 1974.

KNOX, Bernard M. W. Elegy and iambus: Theognis. In: EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.). **The Cambridge History of Classical Literature 1: Early Greek Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 95-105.

KRISTEVA, Julia, Le mot, le dialogue et le roman (1966). In: **Σημειωτική: recherches pour une sémanalyse**. Paris: Éditions du Seuil, 1969, p. 143-173.

_____, Pour une sémiologie des paragrammes (1966). In: **Σημειωτική: recherches pour une sémanalyse**. Paris: Éditions du Seuil, 1969, p.173-207.

_____, L'Expansion de la Sémiotique (1967). In : **Σημειωτική: recherches pour une sémanalyse**. Paris: Éditions du Seuil, 1969, p. 43-59.

LANATA, Giuliana. Sappho's Amatory Language. In: GREENE, Ellen (ed.). **Reading Sappho: contemporary approaches**. Translated by William Robins. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 11-25.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução Vera Whately Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2001.

LARDINOIS, André. Safo lésbica e Safo de Lesbos. In: BREMMER, Jan. **De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade**. Tradução Cid Knipel Moreira. Campinas: Papirus, 1995, p. 27-50.

_____. Subject and circumstance in Sappho's poetry. **Transactions of the american philological association (TAPA)**, vol. 124, 1994, p. 57-84. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 17 fev. 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Irene Ferreira; Bernardo Leitão; Suzana Ferreira Borges 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques *et al.* (org.). **A Nova História**. Tradução Eduardo Brandão. Lisboa: Edições 70, 1991.

LEFKOWITZ, Mary. **The lives of the greek poets**. Londres: Duckwort, 1981.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da modernidade**. Tradução Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 58-71.

LESKY, Albin. **História da Literatura Grega**. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

LESSA, Fábio de Souza. **Mulheres de Atenas: mélixa do gineceu à agora**. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga (LHIA), UFRJ, 2001.

LOPES, Fábio Henrique. A história em xeque: Michel Foucault e Hayden White. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (org.). **Narrar o passado, repensar a história**, Campinas: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000, p. 287-308. (Coleção Idéias 2).

MAZEL, Jacques. Safo ou o amor “rompedor de membros”. In: **As Metamorfoses de Eros: o amor na Grécia Antiga**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 139-151.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Usos e limites da categoria gênero. **Cadernos Pagu**, Unicamp, 11, 1998, p. 99-105.

MOSSÉ, Claude. **A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo (séculos VIII-VI a.C.)**. Tradução Emanuel Lourenço Godinho. Lisboa: Edições 70. Tradução Emanuel Lourenço Godinho.

_____. **La Femme dans la Grèce Antique**. Paris: Éditions Complexe, 1991.

MOST, Gleen W. Reflecting Sappho. In: GREENE, Ellen (ed.). **Re-Reading Sappho: reception and transmission**. Berkeley: University of California Press, 1996, p.11-35.

NAGY, Gregory. Early Greek views of poets and poetry. In: KENEDY, George A. (ed.). **The Cambridge History of Literary Criticism I**. Cambridge: Cambridge, 1989, p. 1-77.

NATRIELLI, Adriana. A crítica do discurso poético na *República* de Platão. **Boletim do CPA**, nº. 15, jan./jun., 2003, p. 7-14.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, nº. 10, Revista do Programa de Estudos pós-graduados em história e do departamento de história PUC/SP, dezembro/93. Tradução Yara Aun Houry, p. 7-28.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Considerações extemporâneas: da utilidade e desvantagem da história para a vida. In **Nietzsche**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 58-70. (Os Pensadores).

OLIVEIRA, Flávio Ribeiro de. Platão e o problema da lírica como gênero. **Boletim do CPA**, nº. 20/21, jul./jun., 2005/2006, p. 59-67.

PAGE, Denys L. **Sappho and Alcaeus: an introduction to the study of ancient Lesbian poetry**. Oxford: Clarendon Press, 1987.

PARKER, Holt N. Sappho Schoolmistress. In: GREENE, Ellen (ed.). **Re-Reading Sappho: reception and transmission**. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 146-183.

PERROT, Michelle (dir.). **Une histoire des femmes est-elle possible?** Paris: Rivages, 1984.

_____. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros.** Tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Minha história das mulheres.** Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle; DUBY, Georges. Escrever a história das mulheres. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (dir.). **História das Mulheres no Ocidente 1.** Tradução Tereza Joaquim. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 7-17.

PFEIJFFER, Ilja Leonard. Shifting Helen: an interpretation of Sappho, Fragment 16 (Voigt). **The classical quarterly**, vol. 50, no. 1, 2000, p. 1-6. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 14 mar. 2008.

POMEROY, Sarah B. **Diosas, rameras, esposas y esclavas: mujeres en la antigüedad clásica.** Tradução Ricardo Lezcano Escudero. Madrid: Akal, 1999.

RAGUSA, Giuliana. **Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo.** Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

RANKE, Leopold von. **Geschichte der romanischen und germanischen.** Berlim: 1924.

RICHARD, Nelly. **A Escrita tem sexo? Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política.** Tradução Romulo Monte Alto Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 127-141.

RISSMAN, L. **Love as war: Homeric allusions in the poetry of Sappho.** Könstein/Ts: Verlag Anton Hain, 1983, Beiträge zur Klassischen Philologie, Heft, 1983.

SAMARAN, C. (org.). **L'histoire et ses méthodes, XI.** Paris: Gallimard, 1961, p. XII. (Encyclopédie de la Pléiade).

SARIAN, Haiganuch. A escrita alfabética grega: uma invenção da *polis*? A contribuição da arqueologia. **Clássica 11-12**, 1998-1999, p. 159-177.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique générale.** Publié par Charles Bally et Albert Secheyne. 4^{ème} ed. Paris: Payot, 1978.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** Tradução Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992, p. 63-95.

_____. Gender: a useful category of historical analysis. In: **Gender and the politics of history.** New York: Columbia University Press, 1998, p. 28-50.

SEGAL, Charles. Choral Lyric in the fifth century: Pindar. In: EASTERLING, Patrícia E.; KNOX, Bernard M. W. (ed.). **The Cambridge History of Classical Literature 1: Early Greek Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 181-203.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Tradução Deise Amaral. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23-57.

SKINNER, Marilyn B. Woman and language in ancient Greece, or, why is Sappho a woman?. In: RABINOWITZ, Nancy S., RICHLIN, AMY (ed.). **Feminist theory and the classics**. New York: Routledge, 1993, p. 125-142.

SNELL, Bruno. O Despontar da Individualidade na Lírica Grega Arcaica. **A cultura grega e as origens do pensamento europeu**. Tradução Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 53-79.

SNYDER, Jane McIntosh. Public occasion and private passion in the lyrics of Sappho of Lesbos. In POMEROY, Sarah B. (ed.). **Women's history and ancient history**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1991.

_____. **Lesbian desire in the lyrics of Sappho**. New York: Columbia University Press, 1997.

STEHLE, E. Romantic sensuality, poetic sense: a response to Hallet on Sappho [1979]. In: GREENE, Ellen (ed.). **Reading Sappho: contemporary approaches**. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 143-49.

_____. Sappho's private world. In FOLEY, Helene P. (ed.). **Reflections of women in antiquity**. Filadélfia: Gordon and Breach, 1992, p. 45-61.

VASCONCELOS, José Antônio. História e pós-Estruturalismo. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000, p. 105-121. (Coleção Idéias 2).

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. **Trópicos do discurso. Ensaios sobre a crítica da cultura**. Tradução José Laurênio de. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994, p. 97-116.

WILLIS, W. H. A census of the literay papyri from Egypt. **Greek, Roman & Byzantine Studies**, 9, 1958, p. 205-241.

WILSON, Lyn Hatherly. **Sappho's sweetbitter songs. Configurations of female and male in ancient Greek lyric.** Londres: Routledge, 1996.

WINKLER, John J. Double Consciousness in Sappho's Lyrics. **The constraints of desire: the anthropology of sex and gender in ancient Greece.** Londres: Routledge, 1990, p.162-187.

YATROMANOLAKIS, Dimitrios. Alexandrian Sappho revisited. **Harvard studies in classical philology**, vol. 99, 1999, p. 179-195. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em: 03 mar. 2008.

_____. Visualizing poetry: an early representation of Sappho. **Classical philology**, vol. 96, no. 2, 2001, p. 159-168.

Anexo



Disponível em www.waibson.com.br/images/MundoGrego.jpg. Acesso em: 16 mar. 2009.